



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM PLANEJAMENTO E POLÍTICAS  
PÚBLICAS**

**SANDRA MARIA DE JESUS GONÇALVES**

**PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: NARRATIVAS  
FEMININAS DE TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE**

**FORTALEZA - CEARÁ**

**2022**

SANDRA MARIA DE JESUS GONÇALVES

PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: NARRATIVAS FEMININAS  
DE TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas do Centro de Estudos Sociais e Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Planejamento e Políticas Públicas. Área de Concentração: Planejamento e Políticas Públicas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Lia Machado Fiuza Fialho

FORTALEZA - CEARÁ

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Estadual do Ceará  
Sistema de Bibliotecas**

Goncalves, Sandra Maria de Jesus.

Professoras na educação profissional:  
narrativas femininas de trajetórias de formação e  
atuação docente [recurso eletrônico] / Sandra  
Maria de Jesus Goncalves. - 2022.  
190 f. : il.

Dissertação (MESTRADO PROFISSIONAL) -  
Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos  
Sociais Aplicados, Curso de Mestrado Profissional  
Em Planejamento E Políticas Públicas -  
Profissional, Macapá, 2022.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Lia Machado Fiuza  
Fialho.

1. Narrativas docentes. Educação Profissional.  
Mulher professora. Políticas Públicas. Educação de  
mulheres. I. Título.

---


SANDRA MARIA DE JESUS GONÇALVES

PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: NARRATIVAS  
FEMININAS DE TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Planejamento e Políticas Públicas. Área de concentração: Planejamento e Políticas Públicas.

Aprovada em: 04/10/2022

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 LIA MACHADO FIUZA FIALHO  
Data: 04/10/2022 14:38:44-0300  
Verifique em <https://verificador.itl.br>

---

Prof. Dr. Lia Machado Fiuza Fialho (Orientadora)  
Universidade Estadual do Ceará - UECE



---

Prof. Dr. Antônio Germano Magalhães Júnior  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Documento assinado digitalmente  
 FRANCIONE CHARAPA ALVES  
Data: 04/10/2022 15:54:04-0300  
Verifique em <https://verificador.itl.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francione Charapa Alves  
Universidade Federal do Cariri - UFCA

Às mulheres irredimidas desse planeta  
que jamais acreditaram que a vida pública  
não era para elas. Tanto foram  
incomodadas que lutaram e venceram,  
para que hoje estivéssemos aqui.

## AGRADECIMENTOS

Guardo em minha memória todo apoio recebido da mulher que se doa um pouco diariamente, minha mãe Edina, que sempre sem nunca me dizer um não, soma com a minha vida; às minhas irmãs Sirley, Ana, Neliusa e Andréia que com suas histórias de vida engrandecem a minha.

Recebendo a colaboração e o ensino das amigas Jamile Façanha, Janaina Damasceno, Cátia Vieira e Margareth Chermont e do amigo auditável Lord Moisés Campos, aprendi que o formar-se é uma construção partilhada.

Algumas pessoas marcam nossa trajetória vivida de maneira tão sobrenatural que até na eternidade serão lembradas como a professora Ivone Conceição, que na presidência do Conselho Estadual de Educação do Amapá, é uma mulher admirável. Aos meus queridos amigos do Conselho.

Todo o conhecimento construído nesse caminhar e crescimento alcançados, só foram possíveis porque cada professora e professor, com seus saberes específicos, despertaram em mim a vontade de ir além. A Prof.<sup>a</sup> Dra. Francione Charapa e o Prof. Dr. Germano Guimarães, dignos do exercício da docência.

Indiscutivelmente uma orientadora maravilhosa, uma mulher docente que ensina o que sabe com muita maestria: Prof.<sup>a</sup> Dra. Lia Machado Fiuza Fialho. Dádivas do Pai para a minha existência feliz nessa terra abençoada, meus filhos: Bruno e Luna. Meu esposo Leo: por toda a compreensão nos vários momentos de ausência.

A cada mulher docente, Nísia, Antonieta, Maria e Simone, que muito colaboraram nessa pesquisa para que essa história fosse narrada.

O Senhor. Se não fosse o Senhor eu não seria essa mulher. Foi Ele quem projetou histórias como esta que estou escrevendo agora. A ti, a honra.

“O homem não é nada além daquilo que a  
educação faz dele. ”

(Immanuel Kant)

## RESUMO

A pesquisa trata da trajetória educativa e da prática docente de mulheres professoras que lecionam na educação profissional. O objetivo central foi compreender como ocorre o processo de formação educacional e a atuação profissional de professoras dos cursos técnicos de nível médio de quatro centros de educação profissional do município de Macapá. Para alcançar esse escopo delineou-se 4 objetivos específicos: 1. Descrever os principais marcos da trajetória histórica da educação profissional no Brasil; 2. Contextualizar a educação profissional no município de Macapá; 3. Problematicar a educação feminina mediante os obstáculos estabelecidos pelos princípios da sociedade patriarcal, bem como o acesso ao mercado de trabalho por intermédio do magistério, salientando as possíveis desigualdades de gênero existentes e 4. Analisar as narrativas das mulheres professoras sobre como se processam as trajetórias acadêmicas e as atuações docentes na educação profissional. O estudo teve como suporte teórico principal os autores: Tardif (2021), Nóvoa (2017, 2019), Machado (2019, 2021), Chamon (2005), Josso (2012, 2020), Tanuri (2000), Meihy (2011, 2015), Bardin (2011), Portelli (1997). Utilizou-se da pesquisa do tipo qualitativa com intuito de enlaçar as subjetividades do objeto em estudo, as narrativas femininas, e os significados empregados pelas mulheres docentes às suas atuações, considerando suas formações e experiências, ancorada metodologicamente na História Oral Temática. A coleta de dados aconteceu por meio de entrevistas temáticas utilizando-se de roteiro semiestruturado, com quatro professoras que atuam em quatro Centros de Educação Profissional do município de Macapá. Para a análise das narrativas das mulheres docentes recorreremos à Análise de Conteúdo categorial. Oito marcos foram evidenciados na pesquisa sobre a educação profissional e mostram os caminhos percorridos para que essa modalidade se estabelecesse como política pública. A educação no município de Macapá na sua gênese foi caracterizada pelo reduzido número de escolas, falta de professores com formação adequada e recursos insuficientes para garantir educação de qualidade. Os relatos das professoras são fonte de impressão histórica, são indicativos para que mudanças ocorram nas implementações de políticas públicas educacionais direcionadas à formação e a atuação docente, cooperando para que o processo de formação para o exercício na educação profissional seja garantido. Com relação a serem mulheres na educação profissional, campo técnico majoritariamente frequentado por homens, as desigualdades de tratamento em virtude do sexo ainda existem e o reconhecimento é conquistado com esforço dobrado. As docentes escolheram atuar na educação profissional mesmo com outras possibilidades profissionais.

**Palavras-chave:** Narrativas docentes. Educação Profissional. Mulher professora. Políticas Públicas. Educação de mulheres.



## ABSTRACT

The research deals with the educational trajectory and the teaching practice of women teachers who teach in professional education. The central objective was to understand how the educational formation process occurs and the professional performance of female teachers of high school technical courses in four professional education centers in the city of Macapá. To reach this scope we delineated 4 specific objectives: 1. to describe the main landmarks of the historical trajectory of the professional education in Brazil; 2. to contextualize the professional education in the city of Macapá; 3. to problematize the feminine education through the obstacles established by the principles of the patriarchal society, as well as the access to the work market through the teaching profession, emphasizing the possible gender inequalities that exist and 4. To analyze the narratives of female teachers about the academic trajectories and the teaching activities in professional education. The study had as main theoretical support the authors: Tardif (2021), Nóvoa (2017, 2019), Machado (2019, 2021), Chamon (2005), Josso (2012, 2020), Tanuri (2000), Meihy (2011, 2015), Bardin (2011), Portelli (1997). Qualitative research was used in order to link the subjectivities of the object under study, the female narratives, and the meanings employed by female teachers to their performances, considering their training and experiences, methodologically anchored in the Thematic Oral History. The data collection took place through thematic interviews using a semi-structured script with four women teachers who work in four Professional Education Centers in the city of Macapá. For the analysis of the narratives of the female teachers we used the categorical Content Analysis. Eight milestones were evidenced in the research about professional education and show the paths taken for this modality to be established as public policy. The education in the municipality of Macapá in its genesis was characterized by the reduced number of schools, lack of adequately trained teachers and insufficient resources to ensure quality education. The reports of the female teachers are a source of historical impression, and are indicative so that changes may occur in the implementation of public educational policies directed to the formation and performance of teachers, cooperating so that the formation process for the exercise in professional education may be guaranteed. In relation to being women in professional education, a technical field mostly attended by men, the inequalities of treatment due to gender still exist, and the recognition is conquered with double effort. The female teachers chose to work in professional education even though there were other professional possibilities.

**Keywords:** Teachers' narratives. Professional education. Women teachers. Public policies. Women's education.

## LISTA DE FOTOS

|                                                                         |           |
|-------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Foto 1 – Escola Doméstica de Macapá – 1951 .....</b>                 | <b>35</b> |
| <b>Foto 2 – Grupo Escolar de Macapá Barão do Rio Branco – 194 .....</b> | <b>36</b> |
| <b>Foto 3 – Escola Estadual Barão do Rio Branco .....</b>               | <b>37</b> |
| <b>Foto 4 – Primeira turma – Escola Normal de Macapá – 1953 .....</b>   | <b>37</b> |
| <b>Foto 5 – Ginásio Amapaense – 1954 .....</b>                          | <b>38</b> |
| <b>Foto 6 – Inauguração da Escola Industrial de Macapá -1949 .....</b>  | <b>39</b> |
| <b>Foto 7 – Colégio Comercial do Amapá – 1960 a 1964 .....</b>          | <b>40</b> |
| <b>Foto 8 – CEP Graziela Reis de Souza atualmente .....</b>             | <b>41</b> |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                    |           |
|------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Quadro 1 – Primeiras Escolas do Território do Amapá .....</b>                   | <b>34</b> |
| <b>Quadro 2 – Matrículas – CEP – Cursos Técnicos -2021.....</b>                    | <b>48</b> |
| <b>Quadro 3 – Matrículas – CEP – Formação Inicial e Continuada – FIC-2021.....</b> | <b>48</b> |
| <b>Quadro 4 – Cursos Técnicos ofertados nos CEP/Eixo Tecnológico .....</b>         | <b>58</b> |
| <b>Quadro 5 - Docentes lotados nos CEP .....</b>                                   | <b>59</b> |
| <b>Quadro 6 – Formação da mulher docente .....</b>                                 | <b>82</b> |
| <b>Quadro 7 – Regime de trabalho e tempo de serviço .....</b>                      | <b>90</b> |
| <b>Quadro 8 – Informações Pessoais .....</b>                                       | <b>96</b> |

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                 |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Mapa 1 – Mapa estadual – Amapá .....</b>                                                                                     | <b>42</b> |
| <b>Mapa 2 - Distribuição dos centros nos municípios de Macapá e Santana .....</b>                                               | <b>53</b> |
| <b>Gráfico 1 – Escolas por dependência administrativa – Amapá – 2020 .....</b>                                                  | <b>43</b> |
| <b>Gráfico 2 - Número de escolas de Ensino Médio por rede (pública ou privada) –<br/>Amapá – 2016 – 2020 .....</b>              | <b>43</b> |
| <b>Gráfico 3 - Número de matrículas no Ensino Médio (total, integrado e não<br/>integrado à EP) - Amapá – 2016 – 2020 .....</b> | <b>44</b> |

## SUMÁRIO

|     |                                                                                                        |     |
|-----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1   | <b>INTRODUÇÃO</b> .....                                                                                | 14  |
| 1.1 | <b>Palavras iniciais: um pouquinho de mim</b> .....                                                    | 14  |
| 1.2 | <b>Apresentação da pesquisa: notas introdutórias</b> .....                                             | 17  |
| 2   | <b>A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL</b> .....                                                         | 22  |
| 2.1 | <b>Marcos da educação profissional</b> .....                                                           | 23  |
| 3   | <b>O CONTEXTO EDUCACIONAL NO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ</b> .....                                     | 33  |
| 3.1 | <b>A realidade educacional no TFA</b> .....                                                            | 33  |
| 3.2 | <b>O Amapá e os dados educacionais atuais</b> .....                                                    | 42  |
| 3.3 | <b>A educação profissional técnica no Amapá</b> .....                                                  | 45  |
| 3.4 | <b>Os centros de educação profissional do Amapá</b> .....                                              | 51  |
| 4.  | <b>A DOCÊNCIA FEMININA</b> .....                                                                       | 61  |
| 4.1 | <b>Percurso histórico da escolarização feminina</b> .....                                              | 61  |
| 4.2 | <b>Os caminhos da formação docente</b> .....                                                           | 67  |
| 5   | <b>TRAJETOS METODOLÓGICOS</b> .....                                                                    | 74  |
| 5.1 | <b>Caminhos metodológicos</b> .....                                                                    | 74  |
| 5.2 | <b>Locus da pesquisa</b> .....                                                                         | 75  |
| 5.3 | <b>Participantes da pesquisa</b> .....                                                                 | 76  |
| 5.4 | <b>Aspectos éticos</b> .....                                                                           | 77  |
| 5.5 | <b>Coleta de dados</b> .....                                                                           | 78  |
| 5.6 | <b>Estratégias de análise</b> .....                                                                    | 79  |
| 6   | <b>RESULTADOS E DISCUSSÕES: O QUE DIZEM AS NARRATIVAS DAS DOCENTES SOBRE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO?</b> ..... | 82  |
| 6.1 | <b>Formação educacional</b> .....                                                                      | 82  |
| 6.2 | <b>Atuação e experiência profissional</b> .....                                                        | 89  |
| 6.3 | <b>Docência feminina e a educação profissional</b> .....                                               | 95  |
| 7   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                                                      | 104 |
|     | <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                                                               | 110 |
|     | <b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL</b> .....                                             | 121 |
|     | <b>APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL</b> .....                                                    | 123 |
|     | <b>APÊNDICE C – TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS</b> .....                                                  | 124 |
|     | <b>APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO</b> .....                                                       | 125 |
|     | <b>APÊNDICE E – TERMO DE VALIDAÇÃO DAS ENTREVISTAS</b> .....                                           | 126 |

|                                                                       |            |
|-----------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>APÊNDICE F – ENTREVISTA COM A PROF.<sup>a</sup> NÍSIA .....</b>    | <b>127</b> |
| <b>APÊNDICE G – ENTREVISTA COM A PROF.<sup>a</sup> SIMONE.....</b>    | <b>147</b> |
| <b>APÊNDICE H – ENTREVISTA COM A PROF.<sup>a</sup> MARIA .....</b>    | <b>157</b> |
| <b>APÊNDICE I – ENTREVISTA COM A PROF.<sup>a</sup> ANTONIETA.....</b> | <b>170</b> |

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Palavras iniciais: um pouquinho de mim

A vida é um compartilhar de aprendizados e experiências. A sensação que tenho é que quanto mais dividimos o conhecimento apreendido, mais nos é acrescentado. Como se fosse uma lei da natureza nos ensinando sobre generosidade na trajetória de aprender com as experiências da vida. Isso é parte da essência do ser humano, aprender com o outro, com nossas próprias vivências.

Aprender, uma palavra despertadora ou libertadora. Assim é que me sinto diante dela. Em busca de alguém ou algo que me ensine a aprender o que pode somar comigo. É oportuno para esta pesquisa que versa sobre narrativas, contar alguns fatos significativos e que estão aqui presentes em minha memória. Nasci no interior do município de Afuá, no Pará. Ribeirinha desde o ventre materno, fui aprendendo desde bem pequena que viver em meio aos rios, igarapés, à floresta, não me oportunizariam acesso à educação. A família? Meu pai, cinco filhas e mais a minha mãe, seis mulheres e um homem sem saber ler nem escrever. Quando eu era criança ouvia minha mãe dizer a meu pai: “precisamos ir para a cidade, essas meninas precisam aprender a ler e escrever”. No meio da floresta, a gente mais parece bicho e, sem educação, vira assombração.

E assim chegamos na cidade para aprender. Eu já tinha nove anos. Meu pai e minha mãe não estudaram. Depois de alguns anos na cidade e de ter aprendido algumas letras, meu pai, antes de partir para Deus, dizia às pessoas: “tenho uma filha muito sabida”. Ele se referia a mim. Eu o deixava pensar assim. O que não faz a educação na vida de um ser humano, especialmente de uma mulher! Ela mudou a minha vida e continua mudando. Minha mãe fala até hoje: “estuda que é para ti”. No fundo, nosso saber educacional faz diferença também na vida dos que de alguma forma entram em contato conosco. É o partilhar.

Desde a adolescência, quando me descobri mais crítica, apesar de, às vezes, não me sentir gente em virtude das relações sociais discrepantes existentes que pareciam me inferiorizar, questionava-me com frequência, e ainda continuo me inquietando, sobre como era difícil ser mulher. Essa indagação constante existia em mim, não porque não gostasse de ser do sexo feminino, porém pela maneira excludente e diferenciadora com que a sociedade trata a mulher, especialmente se ela for negra e pobre.

Com a chegada da juventude, as limitações sociais e repressões psicológicas sentidas faziam-me acreditar que cursando Psicologia entenderia os porquês de comportamentos humanos tão desumanos. Entretanto, para cursar Psicologia em Belém,

ainda no ano de 1995, eu teria que atravessar o rio que separa o Amapá do Estado do Pará, como fazer isso se meus pais não tinham condições financeiras para tanto? A opção foi a Pedagogia, afinal, três semestres de Psicologia estariam garantidos, mesmo que o curso fosse outro. Não foi possível ser uma estudiosa do comportamento humano e suas relações, contudo, tive o privilégio de conhecer a Pedagogia e conseqüentemente os caminhos que conduzem à educação.

Em nosso país, ter acesso à educação superior, em pleno final do século XX, ainda era um privilégio para uma mulher da região Norte que não possuía boas condições financeiras. Sinto-me uma paraense, nortista, brasileira privilegiada, ainda que com muito custo tenha chegado ao Mestrado. Relembrando o que disse Freire (1996), a sociedade necessita da educação para que mudanças aconteçam e, a constituição brasileira enfatiza tal necessidade como um direito social, sendo, portanto, em uma sociedade democrática como a nossa, um elemento constituidor de diferença social e econômica na vida de cada cidadão.

Nessa trajetória de busca por conhecimento, acidentalmente entrei-me na Pedagogia e hoje, por opção, permaneço nela e ela em mim. No ano 2000, quando concluí a graduação, ingressei no quadro de servidores do Estado do Amapá como pedagoga. Há vinte e dois anos sou funcionária pública do Estado do Amapá, com vínculo pela Secretaria de Estado da Educação, assim desenvolvidos: dez anos atuando em escolas do Estado, três anos desenvolvi minhas atividades profissionais na Universidade do Estado do Amapá e atualmente são quase dez anos dedicados ao assessoramento de professores e equipes gestoras de cursos técnicos de nível médio, junto ao Conselho de Educação do Amapá.

Sou parte de uma instituição – Conselho Estadual de Educação do Amapá – através da Câmara de Educação Profissional, onde pratico o partilhar, o compartilhar dos saberes pedagógicos, da vida, e tenho aprendido a enxergar nas políticas regulatórias referentes à Educação Profissional, oportunidades de fazer com que direitos de pessoas sejam garantidos e acessados para que elas tenham formação educacional e vida profissional satisfatórias. E por estar integrada nesse ambiente que vive a educação profissional, vi nessa pesquisa de mestrado, o momento de experienciar minha atividade profissional de forma crítica. Inicialmente, o primeiro projeto de investigação tinha como objeto de pesquisa o gênero na educação profissional, destacando a mulher e suas escolhas, contudo, pela falta de orientador no primeiro ano do curso de Mestrado e, talvez, por não buscar o compartilhamento de aprendizado, eu não consegui elaborar um projeto como desejava.



Antes de fazer parte do programa de mestrado, em 2019, iniciei uma especialização *lato sensu* na área de estudos culturais e políticas públicas na Universidade Federal do Amapá, e a partir desse curso comecei a fazer leituras sobre a trajetória das mulheres, suas lutas para ter seus direitos respeitados, suas conquistas e o conhecimento da condição feminina despertaram em mim a vontade de estudar mais sobre as mulheres, especialmente seu ingresso na vida pública por intermédio do mercado de trabalho.

Diante desse interesse e por trabalhar em uma das Câmaras do Conselho Estadual de Educação do Amapá que trata da educação profissional, credenciando instituições e autorizando o funcionamento de cursos técnicos de nível médio, percebi que poderia aprofundar minhas leituras e conhecer melhor meu campo de atuação pesquisando sobre as mulheres docentes que desenvolvem suas atividades na educação profissional, já que estava inserida num mestrado profissional.

Assim que participei da primeira aula de mestrado na disciplina Produção Científica, uma das últimas do Mestrado, com a Prof. Dr.<sup>a</sup> Lia Machado Fiuza Fialho, após um ano de curso, ela mencionou pesquisar sobre narrativas de mulheres, e eu pensei: “é isso que quero para a minha vida, então logo pedi sua orientação”. Após fazer a leitura do projeto, ela sugeriu algumas alterações e concordamos que o objeto de investigação seriam as narrativas das mulheres professoras sobre formação e a atuação docente da educação profissional, como uma maneira de delimitar a temática e articular ao meu campo de trabalho.

Como eu me sinto inserida nesse contexto, foi uma honra concretizar esse trabalho, uma realização profissional. Acredito no potencial da educação profissional como política pública propiciadora de mudança no trajeto educacional dos amapaenses (minha cidade de residência é Macapá, no Amapá), e as docentes, por meio de suas narrativas, trouxeram para o conhecimento da sociedade, a práxis desse fazer, o currículo transposto didaticamente, os saberes indispensáveis para a composição de uma formação acadêmica sólida, salientando a experiência como aprendizado e as singularidades da mulher inserida na formação profissional.

Realizar essa pesquisa encheu minha vida profissional de perspectivas melhores, fiz reflexões antes não realizadas, ouvi de perto os dilemas de ser mulher docente, redimensionei minha prática porque o relato das professoras que colaboraram com esse estudo, partilhou comigo emoções e conhecimentos. A História Oral (método que será melhor explicado em seção posterior) permitiu explorar as memórias de quem tem muito o que falar, ensinar e aprender.

Eis o porquê de pesquisar as narrativas femininas sobre trajetórias de formação educacional e atuação docente, eu sou parte desse universo, é o lugar em que ocupo e ele me ocupa, inserir-me na análise do percurso profissional e até pessoal de mulheres docentes, na condição também de mulher docente, é entrelaçar-me na subjetividade delas, é compreender os significados atribuídos aos momentos, as experiências, aos fatos, ao exercício profissional feminino na docência.

## **1.2 Apresentação da pesquisa: notas introdutórias**

Ao longo da história do Brasil, a educação profissional, hoje, como modalidade da educação básica, tem sido elemento constituidor do processo produtivo ao procurar atender as necessidades do mercado de trabalho. No início dessa história ofertava-se um ensino profissional que alcançasse aqueles brasileiros marginalizados financeiramente, abandonados e desocupados, preparando-os para o mercado de trabalho em cargos pouco prestigiados. Uma estratégia assistencialista de instruir os desamparados sem pretensões de educá-los, nem formar com qualidade.

A Educação desenvolvida tinha como uma das características a dualidade, em que para uns poucos, havia o ensino de qualidade para o comando, e para o restante da população, instrução para “preparar” mão de obra ao trabalho que exigia pouco conhecimento. Hoje, o mundo do trabalho continua mais em evidência e o currículo destaca as competências e as habilidades que o futuro profissional deverá ter para o exercício do ofício, ficando para um plano secundário a preocupação com formação holística de um ser humano igualmente inteiro. Nesse processo de ensinar e aprender está o professor, no caso desta pesquisa, as professoras, as mulheres docentes da educação profissional do Amapá, que por mais de 400 anos conviveram com a negação de seu direito de ter formação educacional, o que levou a muitas a perceberem que o magistério era um dos poucos caminhos e o espaço para a vida pública.

Toda e qualquer modalidade de ensino exige uma formação consistente, que atenda com respaldo técnico, com domínio dos fundamentos teóricos e possibilite exercer a atividade profissional com competência, cientificidade e criticidade. Não diferiria com a educação profissional, que lida em um campo envolto em novidades tecnológicas e demandas por qualidade e eficiência no ambiente de trabalho. Perceber a realidade da sala de aula, a maneira de ensinar e aprender, tanto do aluno quanto da professora, entender os anseios, os sonhos e as realizações desses sujeitos, são nuances que poderão ser conhecidos por meio daquelas que vivenciam diariamente esse

universo, que podem relatar com propriedade acerca dos mecanismos necessários que assentam o fazer docente; são elas, as professoras, as mulheres docentes. Elas têm muita história para narrar, compartilhar, porque hoje já se pode falar, estudar e trabalhar fora de casa.

Muitas narrativas já nos contaram sobre essa história de mulher querer estudar e trabalhar fora de casa e a pesquisa intitulada: **professoras na educação profissional: narrativas femininas de trajetórias de formação e atuação docente**, continua esse relato ao trazer para o centro do debate esse tema que não se esgotou, já que a saga das mulheres inseridas na educação profissional continua permeada por preconceitos e enfrentamentos culturais para a igualdade de gênero. Após tomarmos conhecimento do percurso que envolveu a educação profissional brasileira e os obstáculos vivenciados para que a docência feminina se efetivasse, muitos questionamentos surgiram, tais como: Quais caminhos foram percorridos para que a educação profissional se estabelecesse como política pública educacional? Quem são as professoras que atuam nos centros de educação profissional? Quais são os fatores influenciando as escolhas e experiências profissionais das mulheres docentes? Quais fatores evidenciam a existência de práticas discriminatórias em relação às professoras que atuam nos centros e quais são elas? Como as professoras se sentem e enfrentam as desigualdades quanto ao campo de atuação profissional? Qual a extensão da atuação dos centros de educação profissional no estado do Amapá? De que forma se dá a trajetória acadêmica e profissional das professoras na educação profissional? Como constroem uma identidade profissional no exercício da docência? Quais as dificuldades enfrentadas no exercício da profissão? As mulheres docentes são atendidas por quais políticas públicas educacionais? O que revelam as narrativas das professoras que atuam nos centros de educação profissional do município de Macapá?

Diante dessas diversas inquietações e com o intuito de obter respostas, percebi que as narrativas das mulheres docentes permitiriam compreender a questão norteadora central desta pesquisa, assim descrita: **Como o ocorre o processo de formação educacional e a atuação profissional de professoras de cursos técnicos de nível médio dos centros de educação profissional do município de Macapá?** Através do conhecimento dessas trajetórias é possível fazer reflexões sobre os saberes definidos e empreendidos no exercício da docência, reflexões essas fundamentadas em Tardif (2021), Nóvoa (2017, 2019), Machado (2007, 2011, 2019, 2021), Chamon (2005), Josso (2006, 2007, 2012, 2020), Tanuri (2000), Meihy (2011, 2015), Portelli (1997, 1997), Almeida

(1998), Ferreira (1994), buscando estabelecer relações entre a formação obtida pelas mulheres docentes e as suas experiências profissionais.

Assim, diante da questão norteadora deste trabalho, os seguintes pressupostos vêm à memória e sendo destacados: 1) cada professora constrói seu caminho de aprendizagem e atua singularmente; 2) define saberes específicos para exercer a profissão; 3) a formação e a atuação profissional entrelaçam-se; 4) as narrativas constituem manancial de conhecimento e contribuem para o processo de formação. Tais pressupostos poderão ser confirmados ou refutados, quando alcançarmos o objetivo geral deste trabalho, o qual é: **compreender como ocorre o processo de formação educacional e a atuação profissional de professoras de cursos técnicos de nível médio de quatro centros de educação profissional do município de Macapá**. Para isso, traçamos os objetivos específicos que nortearam a pesquisa, elencados como: 1. Descrever os principais marcos da trajetória histórica da educação profissional no Brasil; 2. Contextualizar a educação profissional no município de Macapá; 3. Problematizar a educação feminina mediante os obstáculos estabelecidos pelos princípios da sociedade patriarcal, bem como o acesso ao mercado de trabalho por intermédio do magistério salientando as possíveis desigualdades de gênero existentes e 4. Analisar as narrativas das mulheres professoras sobre como se processam as trajetórias acadêmicas e as atuações docentes na educação profissional.

A presente pesquisa, com suporte na metodologia da História Oral Temática, elege como objeto de estudo as narrativas femininas de docentes sobre educação profissional, pois percebemos que a História Oral será o fundamento metodológico que possibilitará a impressão histórica, ao contribuir nesse processo de apreensão dos caminhos trilhados pelas mulheres para se chegar ao exercício do magistério.

Tornou-se relevante trazer ao debate fundamentações teóricas consolidadas e políticas públicas que favoreçam a formação de professores, de forma que se promova conhecimento científico considerando as narrativas de quem vive essa realidade. Nesse sentido, reflexões são aprofundadas, compartilhamento de experiências é viabilizado, as mudanças que emergem são salientadas e a concepção de que a formação do ser se transforma com o ser em formação é considerada (JOSSO, 2012).

Esta pesquisa concorrerá para que, através das narrativas das mulheres docentes, sejam localizados os conflitos enfrentados pelas professoras durante as suas trajetórias vividas, lançando luz aos saberes que foram necessários ao abraçar a profissão. Evidenciar essas narrativas femininas revisita a jornada profissional e

particular de cada mulher docente participante deste trabalho e, essa dinâmica descortina o que a professora considera fundamental na sua profissionalização, as carências sentidas, mostrando o que é de fato indispensável para que a docente construa sua formação e atue fundamentada em significados experienciais.

A relevância da pesquisa consiste no fato de que a realidade do fazer docente concebida a partir das análises e das autorreflexões instigam o amadurecimento e o crescimento profissional. Essa reflexão crítica para quem depõe, escreve a pesquisa e quem a lê permite ampliar conhecimentos com criticidade e sensibilidade, além de possibilitar, também, a compreensão de que políticas públicas como a de educação profissional, sejam revistas, analisadas e implementadas de maneira que os entraves sejam superados. Fazer um estudo mais pontual sobre a área da educação profissional, aliado aos relatos de mulheres docentes que desempenham seus ofícios diariamente, é fator que oportuniza conhecer com mais propriedade o campo de atuação feminino, neste caso, o campo educacional da formação profissional ao nível médio.

Pesquisar as narrativas de formação e a atuação das docentes é poder devolver o direito de lançar visibilidade às vozes das professoras, que por um longo período foram silenciadas e desvalorizadas, e compartilhar com outros professores e à sociedade, as competências desenvolvidas no percurso da formação sem jamais desvinculá-las da experiência profissional.

Por admitir o valor da narrativa, das subjetividades de cada humano e os significados conferidos nesse processo, optou-se pela pesquisa qualitativa utilizando-se da História Oral Temática como metodologia, e como procedimento técnico, entrevistas semiestruturadas, sendo três presenciais e uma de forma online (via *Google Meet*), em virtude do momento pandêmico vivido do Brasil e no mundo. Quanto ao trabalho com os dados coletados, foi definido a Análise de Conteúdo, configurando-se, assim, em uma Pesquisa de Campo, desenvolvida nos quatro Centros de Educação Profissional do Município de Macapá: Centro de Educação Profissional em Artes Visuais Cândido Portinari, Centro de Educação Profissional em Música Walkíria Lima, Centro de Educação Profissional Graziela Reis de Souza e Centro de Ensino Profissionalizante do Amapá Professora Josinete de Oliveira Barroso.

Seguindo uma estrutura organizacional, o texto desta dissertação está sistematizado em VII seções e XVII subseções, da seguinte maneira: na **Apresentação** discorremos sobre a temática e sua delimitação, explicitamos o objeto de estudo, o problema e os objetivos, bem como o contexto da formação e a aprendizagem experiencial da autora e a escolha do tema em estudo, na seção **Educação profissional**

**no Brasil** fez-se uma explanação de como foi se constituindo a educação profissional como política pública através de marcos importantes, no contexto brasileiro, voltada para a formação técnica profissional. No que se refere à **Educação profissional no Amapá**, foi inicialmente realizada uma contextualização do processo educacional no então Território Federal do Amapá, em seguida, o Amapá e os dados educacionais atuais, a educação profissional técnica no Amapá e o desenvolvimento da educação profissional nos centros de educação profissional no Estado; no capítulo voltado para **a Docência feminina**, buscou-se fazer uma explanação sobre as barreiras impostas pelo sistema patriarcal para a não escolarização feminina, associado ao processo vivido pelas mulheres que ancoraram a vida pública na educação. Já o **Trajeto metodológico** é descrito consoante o desenvolvimento da pesquisa e suas fases, classificando-a quanto a abordagem do estudo, qualitativa, ao tipo de estudo, empírico exploratório, ao método, história oral, e a exploração dos lócus da pesquisa, dos atores e da maneira com que a pesquisa foi desenvolvida. Quanto aos **resultados e discussões** foram apresentadas as narrativas das mulheres professoras referentes à formação e a atuação docente e a análise dessas narrativas e **as Considerações Finais** relacionadas ao aprendizado construído a partir das vozes percebidas das docentes da educação profissional.

## 2 A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL

O fato de, entre nós, terem sido índios e escravos os primeiros aprendizes de ofício marcou com estigma de servidão o início do ensino industrial no nosso país (FONSECA, 1961, p.18).

Quando tratamos de temas como as políticas educacionais brasileiras, especialmente no que diz respeito a educação profissional, é relevante considerar os fundamentos lançados para a instituição e o desenho político traçado em nosso país. Diante disso, não podemos esquecer em que conjuntura a sociedade movia-se e o processo de produção que dominava o contexto econômico, porque a partir de tais questões as políticas desenvolvidas pelo governo recebiam influências. Assim, sendo o trabalho componente constituidor desse processo e que se entrelaça com a educação, cabe, nesse sentido, a consonância ao que se cristalizou no Brasil, como o desprezo pelas atividades manuais (NÓBREGA; SOUZA, 2015).

Dessa maneira, implantou-se no Brasil uma educação dividida historicamente, gerando instituições educacionais que visavam instruir grande parte da população analfabeta para realizar trabalhos manuais, braçais, enquanto o conhecimento das ciências, do sistema produtivo e para o comando da nação era destinado a uma clientela diferenciada social e economicamente (NÓBREGA; SOUZA, 2015).

Nessa perspectiva, não havia possibilidade de aprender um ofício e receber uma educação propedêutica que garantisse um ensino mais completo posteriormente. Muitos eram preparados para ingressar prematuramente no mercado de trabalho, enquanto os poucos abastados financeiramente podiam dedicar-se exclusivamente aos estudos e prosseguir no ensino superior.

Com a educação transmitida nessa fase, produziu-se um demérito em relação às atividades e ao aprendizado de ofício, ficando sob a responsabilidade dos índios e escravos os trabalhos manuais e pesados. Desse modo, o ensino das atividades profissionais era dedicado aos considerados necessitados e órfãos. Uma ação meramente filantrópica e realizada fora da escola por não se enquadrar como educação. Diante de tal contexto, a aprendizagem profissional recebia a condição de um nível de ensino desonroso (CAMPELLO; FILHO, 2008).

Esse caráter instrumental para a execução de atividades simples, atribuído à educação profissional que atendesse as camadas menos favorecidas vivenciado por tantos brasileiros, ainda persiste no Brasil atual. Uma educação aligeirada e vaga continua sendo

ofertada aos alunos tidos como da classe popular, sem o devido compromisso com o aprendizado reflexivo (ARAÚJO, 2020).

O propósito desta seção é atender ao primeiro objetivo específico desta pesquisa que descreve os marcos significativos na trajetória histórica da educação profissional no Brasil, levando-nos a analisar os fundamentos históricos educacionais lançados ao povo brasileiro, bem como os caminhos percorridos para que a educação profissional se estabelecesse como política pública. E para que essa trajetória seja melhor compreendida definimos oito marcos que contribuíram para o delineamento da educação profissional que temos hoje. São eles: a) Lei de 15 de outubro de 1827, b) Escolas de Aprendizizes e Artífices, c) Lei n. 5.692/1971, d) Lei n. ° 9.394/1996, e) Decreto n. ° 2.208/1997 f), Decreto n. ° 5.154/2004, g) Lei n. ° 13.005/2014 e h) Lei n. ° 13.415/2017, e que serão trabalhados na próxima subseção, a saber:

## **2.1 Marcos da educação profissional**

Ao longo do trajeto histórico que a educação profissional tem se efetivada como política pública de educação, vemos que a formação dos cidadãos brasileiros tem sido realizada de forma dualizada, uma característica que marca o universo educacional e o social, fazendo-se distinções sociais com relação ao que cada membro desta nação exercerá a depender de suas condições financeiras. O mercado, a economia e o seu incremento deixaram sempre evidente o abismo existente entre o capital intelectual e a força de trabalho, já muito difundido pelos modelos de reprodução taylorismo-fordismo<sup>1</sup>, na certeza de que uns planejam e direcionam, enquanto outros apenas executam.

Diante desse contexto e seguindo uma linha histórica, ainda que compreendendo que a História não é linear, destacaremos os marcos que contribuíram para que essa modalidade de ensino alcançasse mudanças expressivas:

- a) Lei de 15 outubro de 1827, manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império;

Em 1827, é sancionada a Lei conhecida como 15 de outubro e, o art. 1º deixava expresso onde deveriam ser criadas as Escolas de Primeiras Letras, “Em todas as

---

<sup>1</sup> [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4920250/mod\\_resource/content/1/savianidermeval-escolaedemocracia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4920250/mod_resource/content/1/savianidermeval-escolaedemocracia.pdf)



idades, vilas e lugares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessárias” (CASTANHA, 2013, p. 68).

Através dessa Lei algumas importantes medidas foram estabelecidas como um currículo mínimo para todo o Brasil, as mulheres docentes sendo incluídas no texto da Lei, a entrada no magistério através de concurso público, os mesmos salários para professoras e professores e o governo deveria pagar um piso salarial por ano de 200 mil réis (CASTANHA, 2013).

Com o Decreto n. 52.682 de 1963, foi oficialmente instituído o Dia do Professor, 15 de outubro. A data referia-se à criação dos cursos primários, em todo o país, pelo imperador Dom Pedro I.

- b) Escolas de aprendizes e artífices - Decreto n. ° 7.566 em 23 de setembro de 1909, crêa nas capitães dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito;

Um dos acontecimentos relevantes para o ensino técnico brasileiro foi a aprovação em 1909 do Decreto n. ° 7.566 em 23 de setembro. O presidente Nilo Peçanha cria as 19 Escolas de Aprendizes e Artífices, subordinadas ao Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio e dos 20 estados existentes nesse ano, apenas no Rio Grande do Sul não foi contemplado com a criação desse tipo de escola. Uma política que pretendia tornar os ensinos primário e técnico gratuitos no país. Os Institutos Federais de Ciência e Tecnologia surgiram a partir dessa iniciativa (SILVA; CIASCA, 2021).

O Ministério da Educação e Saúde Pública que supervisionará as Escolas de Aprendizes Artífices foi criado em 1930 e, partir desse momento, a Inspeção do Ensino Profissional Técnico, é criada. Podemos enxergar a educação profissional recebendo a atenção como política pública.

Machado (1982), enfatiza que o período compreendido entre 1930 a 1945 contribuiu para que o contexto educacional profissional industrial que se tinha, sofresse inúmeras mudanças, importando em uma grande ampliação do número de matrículas para a modalidade de ensino e cita que “em 1935 as instituições de ensino industrial representavam 5,8% do total de unidades do ensino médio e em 1945, este percentual alcançou a taxa de 26,9%; o número de matrículas que, em 1935, era de 7,4% do total de alunos do ensino médio saltou para 14% em 1945” (OLIVEIRA; CÓSSIO, 2013, p. 1581).

- c) Lei n.º 5.692 de 11 de agosto de 1971, fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências;

Já em 1971, outro marco importante para a educação profissional, foi a promulgação da Lei n.º 5.692, que o ensino de segundo grau, hoje ensino médio, era enfatizado e traria ao concluinte dessa modalidade, uma habilitação profissional técnica ou permitiria ao aluno uma saída parcial, o auxiliar técnico. Essa lei alterou a estrutura, antes primário e secundário, para 1º e 2º graus. As escolas técnicas e politécnicas de ensino industrial e agrícola também começaram a ofertar o ensino médio profissionalizante (PORTO, 2018).

Para as escolas técnicas, as mudanças não foram significativas e a educação continuou dualizada e frágil, tendo em vista que, nem oferecia os conhecimentos técnicos necessários para o desempenho das profissões qualificadas, nem proporcionava o alicerce requerido para a formação de nível superior. Esses fatores colaboraram para que o currículo ganhasse aspecto de superficialidade, com formações aligeiradas.

Porto (2018) traz o seguinte quadro do ensino profissionalizante, a partir da Lei em discussão:

Nos estados que possuíam cursos técnicos, organizados em Ginásios Industriais, Comerciais e Agrícolas, haveria uma mudança significativa, pois teriam que assumir “uma formação geral básica” no 1º grau, e nos termos da nova lei, o ensino do 2º grau havia se transformado, da noite para o dia, em “profissionalizante”. Assim, o ensino de 2º grau teria sentido terminal de formação (PORTO, 2018, p. 45).

Por essa perspectiva, a Lei em questão alterou a realidade que já se tinha, todavia, permaneceu a separação nítida que gerava a velha dicotomia, de escolas de classes: uma para os que deveriam liderar e outra para os liderados. A dualidade instalada entre a educação profissional e o ensino propedêutico era mais nitidamente percebida.

Nesse sentido é que Bourdieu e Passeron (1975) enfatizam que o próprio sistema de ensino naturaliza e legitima o processo de dominação e a escola torna-se mecanismo validador quando dualiza a educação:

[...] O reconhecimento da legitimidade de uma dominação constitui sempre uma força (historicamente variável) que vem legitimar a relação de força estabelecida, porque, impedindo a apreensão das relações de força como tais, ele tende a impedir aos grupos ou classes dominadas a compreensão de toda a força que lhes daria a tomada de consciência de sua força. (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p.29).

Essa é a escola produtivista que fundamenta a diferenciação entre o ensino, buscando perpetuar um sistema de exclusão e alienação e, concedendo para uns poucos toda a prosperidade cultural, enquanto à maioria assegura-se toda sorte de desigualdades.

Cabe ressaltar que a obrigatoriedade da habilitação profissional no ensino de segundo grau, trazida pela Lei n. Lei n. 5.692/71, foi retirada pela Lei n. ° 7.044/82. Oliveira e Cóssio (2013) fazem referência citando o art. 4º da Lei: “à preparação para o trabalho, no ensino de 2º grau, poderá ensejar habilitação profissional, a critério do estabelecimento de ensino”. O que significou “o esvaziamento do ensino profissionalizante no 2º grau” (OLIVEIRA; CÓSSIO, 2013, p. 1582).

- d) Lei n. ° 9.394 de 20 de dezembro de 1996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional;

Nesse caminho de alterações e construções de legislações nacionais, é promulgada, em 1996, a segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – 9.394, de 20 de dezembro, que em seu Capítulo III, Título VI trata da educação profissional, dedicando espaço considerável especificamente a essa modalidade. Diante dessa Lei, a natureza assistencialista dada à educação profissional desaparece e um novo formato é desenhado, uma estrutura que visa promover o aspecto inclusivo e a materialização do reconhecimento profissional.

Apesar dessa modalidade estar contemplada na lei, sendo considerado um avanço para a área, os objetivos indicam qual caminho devem seguir os ingressantes nessa categoria de ensino, como cita o art. 40. “A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho”. (BRASIL, 1996).

Fazendo uma leitura em todo o texto da lei que trata do ensino médio, percebe-se uma clara divisão entre o ensino médio que conduz ao prosseguimento da formação do estudante e aquele destinado às profissões técnicas. O ensino médio dual apresenta-se mais uma vez destacado na LDB 9394/96, já que alunos das camadas mais abastadas podem dedicar-se exclusivamente aos estudos, não contando com formação profissional em ambiente profissional ou mesmo articulada ao ensino regular, enquanto aos mais pauperizados não conseguem educação regular de qualidade para subsidiar o ingresso na educação superior, tampouco uma formação qualificada para o ingresso no mercado de trabalho.

- e) Decreto n. ° 2.208 de 17 de abril de 1997, que regulamenta o §2º do art. 36 e os artigos 39 a 42 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional;

Com a promulgação do Decreto n. ° 2.208, (normatizou a educação profissional e criou o Programa de Expansão da Educação Profissional – PROEP) de 17 de abril de 1997, que regulamentou o § 2º do art. 36 e os artigos 39 a 42, da Lei n. ° 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (LDBEN), a divisão estrutural permaneceu. Mais uma vez, o ensino regular fica separado da formação técnica e entra em cena as competências para a modalidade educação profissional.

Segundo Ramos (2014), a partir do governo de Luís Inácio Lula da Silva houve uma preocupação com a valorização da educação profissional. As mudanças estruturais que estavam ocorrendo, voltadas para o que o texto da Constituição de 1988, não chegaram a fazer grandes alterações no contexto. Assim, muitas discussões e debates foram travados em meio a sociedade, envolvendo vários segmentos, com a intenção de revogar o Decreto n. 2.208, mas também existiam os que defendiam a permanência, querendo a sua manutenção. Existia a questão jurídica aliada ao aspecto político

De fato, o Decreto foi revogado em 23 de julho de 2004 e o anseio era de que a educação profissional estivesse articulada com a educação básica, que esse processo contemplasse princípios de uma política efetiva e eficaz, garantido direitos aos cidadãos.

Ramos (2014), assim se manifesta diante do contexto em que se deu a revogação do novo decreto:

Infelizmente, logo a seguir, a mobilização que se esperava da sociedade civil, a fim de que seu conteúdo ultrapassasse o aspecto jurídico, vindo a dar nova direção ético-política à formação da classe trabalhadora no Brasil não ocorreu. O que se viu, logo a seguir, foi o inverso. De uma política consistente de integração entre educação básica e profissional, articulando-se os sistemas de ensino federal e estaduais, passou-se à fragmentação iniciada internamente, no próprio Ministério da Educação. Uma sucinta análise das ações que expressaram essa fragmentação é exposta, com especial ênfase a certa omissão do poder executivo, que permitiu que a direção ideológica de segmentos conservadores fosse transposta para o plano jurídico, como foi o caso da adequação das diretrizes curriculares nacionais ao novo decreto (RAMOS, 2014, p. 67).

Esperava-se que com a aprovação do decreto n. ° 2208/1997 os anseios de que uma política pública de educação de fato se concretizasse, contudo, o que ficou claro com a aprovação desse decreto é que o ensino voltado a profissionalização foi transferido aos

empresários da educação, originando-se, assim, um subsistema paralelo ao sistema público e com respaldo legal (SANTOS, 2017).

- f) Decreto n.º 5.154 de 23 de julho de 2004, que regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências;

Dentre as diversas justificativas listadas pelos defensores da revogação do Decreto n.º 2208/1997 como problemas graves foram a falta de articulação entre o ensino médio normal e o técnico e uma formação acelerada, ratificando mais uma vez a dualidade basilar.

Em meio a esses debates, em 2004, o decreto n.º 5.154 foi sancionado, facultando às instituições a oferta da educação profissional. O referido Decreto especificou em seu texto a oferta de cursos técnicos de nível médio nas formas concomitante, subsequente, possibilitando a articulação e a integração dessa modalidade ao ensino médio.

Ramos (2014), faz uma observação importante referente ao currículo descrito pelo decreto n.º 5.154/04, citando o Parecer n.º 39/2004 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação e a Resolução n.º 01/2005, que atualizaram as diretrizes curriculares nacionais e ratifica mais uma vez a dicotomia factual no ensino ofertado.

Apesar de reconhecer a forma integrada como um curso único, com matrícula e conclusão únicas, o Parecer considera que os conteúdos do Ensino Médio e os da Educação Profissional de nível técnico são de “naturezas diversas”. Reestabelece-se, assim, internamente ao currículo, uma dicotomia entre as concepções educacionais de uma formação para a cidadania e outra para o mundo do trabalho, ou de um tipo de formação para o trabalho intelectual e de outro tipo para o trabalho técnico e profissional (RAMOS, 2014, p. 77).

Percebe-se que não basta estar escrito no texto da lei que o ensino será integrado quando o currículo está fragmentado e a formação desvinculada de um processo emancipador. Formações distintas, revelando que a educação ainda é dividida. Ao que disse Santos (2017):

Disso decorre que o chamado currículo integrado torna-se dicotômico ao ser organizado com base em concepções educacionais distintas, sejam elas de formação para a chamada cidadania, para o dito mundo do trabalho, para o exercício intelectual ou para a prática profissional de chão de fábrica, não resolvendo, portanto, a separação entre a formação geral e a almejada formação técnica, propalada por intermédio dos defensores do Decreto n.º 5.154/04 (SANTOS, 2017, p. 236).

Diante do exposto, continuamos a vislumbrar uma formação para os intelectuais e outra para os trabalhadores e o sistema educacional brasileiro reflete os embates das classes e como tem se organizado o trabalho socialmente. São fragilidades e contradições que, mesmo demarcando a estrutura dualista do ensino brasileiro, apontam para que as mudanças sejam conquistadas.

- g) Lei n.º 13.005 de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências;

Um ano referência para a educação brasileira foi o de 2014, que o Plano Nacional de Educação – PNE, foi sancionado. Em seu texto vislumbra-se o seguinte relato sobre a educação profissional: “oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional”. E, pretende “triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% (cinquenta por cento) da ampliação no segmento público” (BRASIL, 2014).

O referido PNE, instituído pela Lei n.º 13.005/2014, foi aprovada e sancionada em 25 de junho de 2014. O período de cobertura do PNE é de 2014 a 2024. Foram definidas 10 diretrizes que devem guiar a educação brasileira nesse decênio e estabeleceu 20 metas a serem cumpridas em sua vigência. Uma das metas que cabe destacar para esse estudo, é a 15, já que ratifica a formação acadêmica do professor e traz o seguinte texto:

Garantir em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no prazo de 1 (um) ano de vigência deste PNE, política nacional de formação dos profissionais da educação, de que tratam os incisos I, II e III do Caput do art. 61 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, assegurando que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam (BRASIL, 2014).

É relevante expor as diretrizes citadas no art. 2º,

I – erradicação do analfabetismo;

- II – universalização do atendimento escolar;
- III – superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;
- IV – melhoria da qualidade da educação;
- V – formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade;
- VI – promoção do princípio da gestão democrática da educação pública;
- VII – promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do país;
- VIII – estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do Produto Interno Bruto (PIB), que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade;
- IX – valorização dos(as) profissionais da educação;
- X – promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental (BRASIL, 2014).

Todas essas diretrizes, se efetivadas, colaborarão para que a educação profissional seja de fato política pública que contribuirá para que a condição educacional no país mude. A educação precisa ser levada a quem ainda não foi alfabetizado, o povo brasileiro necessita não só do acesso ao ensino, porém faz-se necessário dar condições de permanência na escola e posterior ingresso no mercado de trabalho. O trabalhador carece de respeito pelo trabalho que realiza, não importando a atividade laboral. O demérito lançado sobre o ensino técnico poderá ser minimizado através das estratégias propostas pelo PNE.

- h) Lei n.º 13415 de 16 de fevereiro de 2017, que altera as Leis n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto Lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto Lei n.º 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei n.º 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.

Fazendo referência ao itinerário formativo "Formação Técnica e Profissional" no ensino médio, a Lei n.º 13.415/2017 é conhecida como a reforma do ensino médio e em 16 de fevereiro de 2017 foi promulgada, trazendo alterações no texto da LDB (Lei n.º 9.394/1996).

Esse novo texto da Lei diz respeito aos critérios a serem adotados pelos sistemas de ensino com relação à oferta de ensino técnico e profissional, devendo atentar para “a inclusão de vivências práticas de trabalho no setor produtivo ou em ambientes de

simulação, estabelecendo parcerias e fazendo uso, quando aplicável, de instrumentos estabelecidos pela legislação sobre aprendizagem profissional”, bem como “a possibilidade de concessão de certificados intermediários de qualificação para o trabalho, quando a formação for estruturada e organizada em etapas com terminalidade” (BRASIL, 2017).

Silva e Ciasca (2021) contribuem com os debates sobre a Lei e relatam alguns aspectos importantes que aguçam as discussões entre educadores e a sociedade, principalmente no que diz respeito ao aspecto referente aos itinerários formativos:

Essas conjecturas sobre itinerários formativos por meio de arranjos curriculares, vislumbram o que se pontua na própria lei como sendo a construção de um “projeto de vida” por parte dos estudantes. Com esse pressuposto, a reforma flexibiliza e propõe o aumento da carga horária, faz uma redistribuição dos conteúdos, dando prioridade ao ensino de língua portuguesa e matemática ao tempo que firma o inglês como língua estrangeira obrigatória a partir do sexto ano do ensino fundamental, possibilita novos rumos para o ensino técnico e incentiva a ampliação de escolas em tempo integral (SILVA; CIASCA, 2021, p. 95).

Nesse processo de reformulação do ensino médio, muitas questões levam a diversos questionamentos sobre o que favorecerá de fato a aprendizagem do aluno em meio a esse universo de mudanças. As alterações no texto da LDBEN, como a redação nova do Caput do art. 36, inciso V e a inclusão de dois incisos no art. 61. A primeira alteração inclui as pessoas com notório saber no rol dos profissionais da educação e a segunda também, àquelas que tendo graduação apresentem complementação pedagógica.

Tais decisões afetam diretamente a condução da formação dos educadores e a vida escolar de milhares de estudantes brasileiros. Diante desse novo cenário, assim se manifestam Silva e Ciasca (2021),

A reforma do ensino médio parecia ser a solução dos problemas educacionais do país, todavia, ela desvaloriza as disciplinas relacionadas às ciências humanas, as quais são responsáveis pela construção do sujeito crítico reflexivo. Ademais, ao analisar a atual conjuntura da educação nacional, a questão curricular perpassa ao segundo plano, antecedida por problemas relacionados a estrutura e funcionamento, atrelados ao contínuo descredito e desvalorização do magistério (SILVA; CIASCA, 2021, p. 96).

Em busca da superação da dualidade histórica existente entre ensino técnico e o regular, as novas Diretrizes fazem um apanhado dos princípios que deverão estar inclusos em uma formação voltada para o exercício pleno da cidadania, que proporcione espaço para que o engajamento social e produtivo aconteça, conduzindo a uma educação continuada (KUENZER, 2006).



Quando se analisa mais detalhadamente a base legal que regulamenta toda a educação profissional no Brasil, nota-se a distância traçada entre a formação geral e a educação que prepara para o exercício profissional técnico. A Educação Profissional tomada como política pública não satisfaz no que concerne ao cumprimento dos objetivos de uma política que deveria sanar as demandas que envolvem o meio social. Diante dessa modalidade educativa, ratifica-se ainda mais o lugar daqueles brasileiros que executam e dos que pensam.

No texto da Constituição Federal de 5 de outubro de 1988 a educação profissional, adquire contornos quando se analisa dois Direitos Sociais do cidadão mencionados no Art. 6º: o Direito à Educação e o Direito ao Trabalho. Já o Art. 205 traz a seguinte redação: “A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988).

Nesse aspecto fica evidente o direito à profissionalização no texto da lei máxima da nação e que a responsabilidade de fazer cumprir direitos é a União. Percebe-se, assim, que os fundamentos foram lançados para que a base de políticas de igualdade constasse na pauta das políticas públicas, destacando a defesa ampla dos direitos “sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988, Art. 3).

Ao aluno matriculado na educação profissional cabe o trabalho, lugar explicitado pela Resolução CNE/CP n.º 1/2021, de 5 de janeiro de 2021, com fundamento no Parecer CNE/CP n.º 17/2020, que Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica e menciona em seu artigo 3º, inciso I, como o primeiro princípio a “articulação com o setor produtivo para a construção coerente de itinerários formativos, com vista ao preparo para o exercício das profissões operacionais, técnicas e tecnológicas, na perspectiva da inserção laboral dos estudantes” (BRASIL, 2021, art. 3º). O mercado de trabalho, no entanto, é o condutor, o direcionador das regras profissionais quando o assunto é empregabilidade.

Assim, a escola continua sendo o lugar oficial do encontro do ser humano com a construção do conhecimento, o território dos sonhos, das lutas e das emoções. Nesse lugar tão marcado pela diversidade de gente, de identidades, que crianças, jovens e adultos desvendam seus caminhos, despertam seus sonhos adormecidos, arquitetam a vida. Mas também é o lugar das contradições, das divergências, das imposições de poder,

seja pelo ser humano que vivencia o território escolar, seja pelo currículo experienciado nesse lugar.

### **3 O CONTEXTO EDUCACIONAL NO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ**

Esta seção objetiva contextualizar a educação profissional no município de Macapá, contudo, para que esse desígnio seja alcançado é fundamental fazer uma descrição da educação desenvolvida nas escolas existentes no Território Federal do Amapá – TFA a partir de 1943. Em seguida, trazemos um registro das primeiras instituições escolares que iniciaram a oferta do ensino técnico à população ainda no período territorial, evidenciamos os dados atualizados sobre o processo educativo e a implantação da educação profissional técnica no estado do Amapá, através da inauguração dos centros de educação profissional. Diante do cenário educacional vivido nas décadas anteriores, será possível compreender o panorama atual da educação profissional no município de Macapá.

#### **3.1 A realidade educacional no TFA**

O Amapá surge como Território Federal – TFA - a partir do Decreto-lei n.º 5.812/1943, evidenciando sua organização nos aspectos geográficos e administrativos, bem como a ênfase na salvaguarda da nação brasileira. O governador escolhido foi pelo presidente da república, Getúlio Vargas, objetivando a efetivação da interventoria. Uma concepção política de administrar o território nacional (SILVA, 2020).

O administrador nomeado para o Amapá foi o militar Janary Gentil Nunes com a missão de conduzir um vilarejo com pouco mais de 1.200 pessoas sem os serviços essenciais necessários ao dia a dia como a água tratada, energia elétrica e o esgoto. Com relação à educação, o povo só poderia estudar até o 3º ano do primário e somente conhecimentos básicos eram ofertados. Aprendia-se a ler, escrever e contar. A população dividia-se entre os analfabetos, os que tinham o nível médio em contabilidade e magistério e aqueles que apresentavam certo conhecimento apreendidos por conta própria (SANTOS, 1998).

Nesse momento histórico do Amapá existiam apenas 7 escolas sem estrutura e em locais alugados ou improvisados e que graças ao apoio da população, realizavam o trabalho indispensável para mantê-las funcionando. O quadro docente era composto por quatro professores leigos e quatro normalistas, em 1943. Com a posse do governador e,

diante do quadro educacional que se tinha, algumas providências foram tomadas, como a contratação de mais professores. Os profissionais admitidos como professores ou eram professores com nível médio pertencentes a outras localidades, ou eram pessoas que faziam parte do serviço público local, detentores do nível médio e raros com curso superior (SILVA, 2020).

Em 1945, inicia-se no Território do Amapá as primeiras escolas com foco na formação profissional, a Escola Profissional Masculina, voltada aos homens com o ensino da mecânica e, a Escola Doméstica Feminina, para as mulheres aprenderem a bordar, costurar e cozinhar, concomitante com um aprendizado básico de leitura e escrita, restrito ao necessário às tarefas do lar.

Com a criação e implementação de novas escolas, a educação profissional (doravante EP) no Território vai tornando-se referência e atraindo os jovens das regiões vizinhas, como os demais de outros municípios do Estado do Amapá e até de outros estados como Pará, incluindo os municípios de Afuá, Almeirim e moradores das regiões ribeirinhas. Em um território recém-criado, as pessoas recorriam com alegria à possibilidade de ter uma profissão através de uma formação profissionalizante. Assim, buscavam garantir seus estudos profissionalizantes nas seguintes instituições, conforme o quadro 1.

**Quadro 1 – Primeiras Escolas do Território do Amapá**

| <b>NOME</b>                                                 | <b>ANO DE CRIAÇÃO</b> | <b>LEGISLAÇÃO</b>                                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------|-----------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Escola Doméstica de Macapá                                  | 1944                  | Decreto-lei n. 13, de 29/05/1944<br>Portaria Ministerial n. 172 - 01/07/1965<br>(Ginásio Feminino de Macapá)                    |
| Grupo Escolar de Macapá                                     | 1944                  | Decreto n. 14 – GAB – 26/06/1944                                                                                                |
| Instituto de Educação do Território Federal do Amapá - IETA | 1946                  | Decreto n. 8.530/1946, Criação dos Cursos Normais.<br>Decreto n. 90-A/GAB – 25/01/1949, fundou o Curso Normal Regional no Amapá |
| Ginásio Amapaense                                           | 1947                  | Decreto n. 49 – 25/01/1947<br>Decreto n. 125 – 25/01/1952                                                                       |
| Escola Profissional Getúlio Vargas                          | 1949                  | Decreto n. 101-A/49-GAB<br>Decreto n. 02-GAB -19/01/1965 -<br>Ginásio de Macapá para o Trabalho -<br>GM)                        |

|                               |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|-------------------------------|------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Colégio Comercial do Amapá    | 1949 | Portaria MEC n. 1084/1949<br>Portaria n. 0630/82-SEEC (Escola Comercial Professor Gabriel de Almeida Café)                                                                                                                                                                     |
| Centro Interescolar de Macapá | 1979 | Decreto n. 004 – 07/03/1979<br>Portaria n. 276 – 27/06/1980 (Centro Interescolar Graziela Reis de Souza)<br>Portaria n. 1345/86-SEC (Escola de 2º grau Professora Graziela Reis de Souza)<br>Decreto n. 1708/1986-GEA (Centro de Educação Profissional Graziela Reis de Souza) |

Fonte: Elaborado pela autora

O quadro 1 faz referência ao ano, os decretos e as portarias de criação e mudança de denominação das sete primeiras escolas criadas no município de Macapá. Para complementar o quadro I, a seguir apresentamos mais informações sobre as instituições já citadas:

#### Escola Doméstica de Macapá

A escola foi fundada por um grupo de irmãs do Instituto das Irmãs de Caridade das Santas Capitanio e Gerosa, dentre as freiras estava a italiana Santina Rioli. O início das atividades é datado de 20 de julho de 1851 e o objetivo era matricular meninas em regime de internato e prepará-las para exercer com excelência a administração do lar, com os princípios de uma vivência com dignidade e utilidade. Mesmo que as atividades tenham iniciadas em 1951, consta que sua criação antecede a esse ano.

**Foto 1 – Escola Doméstica de Macapá – 1951**



Fonte: Porta-retrato-ap.blogspot.com.br

A foto 1 traz as alunas internas da Escola Doméstica de Macapá em sala de aula de corte e costura. Todas usando saias e blusas brancas, o uniforme que a instituição adotava na década de 1950.

As alunas deveriam estudar três anos para concluir o Curso Doméstico e obter o diploma em Artes Domésticas (OLIVEIRA, 2016). Atualmente denomina-se de Escola Estadual Irmã Santina Rioli em homenagem à freira que muito se destacou aos trabalhos realizados na educação do Amapá. Oferta o ensino fundamental e está localizada no mesmo endereço desde sua criação, na Rua Jovino Dinoá, n. 2732, bairro: trem.

### Grupo Escolar de Macapá

Localizada na Avenida FAB, n. 122, bairro Central, era conhecida como Grupo Escolar de Macapá. O prédio era alugado e os recursos advindos do poder público muito reduzidos. Sua clientela composta por alunos do Jardim de infância, da alfabetização e 1ª a 4ª séries primárias (SILVA, 2020).

### Foto 2 – Grupo Escolar de Macapá Barão do Rio Branco - 1947



Fonte: Cavalcante (2021)

A foto 2 mostra a primeira estrutura do prédio escolar um ano após sua inauguração. A primeira escola do território com estrutura em alvenaria, tendo um projeto moderno para o final do século XIX.

O que se ensinava baseava-se em leitura, escrita e matemática. Em 20 de abril de 1946, a escola ganha prédio próprio que é endereço atual. Somente em 13 de setembro de 1946 sua denominação foi alterada para Grupo Escolar Barão do Rio Branco.

**Foto 3 – Escola Estadual Barão do Rio Branco**



Fonte: Cavalcante (2021)

A foto 3 exhibe o trabalho recente de revitalização realizado no prédio da escola, preservando a fachada e a estrutura arquitetônica original. Atualmente chama-se Escola Estadual Barão do Rio Branco, foi totalmente reformada e oferta o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano.

#### Instituto de Educação do Território Federal do Amapá - IETA

A criação do Instituto estava alicerçada na Lei Orgânica do Ensino Normal. Em 1951, iniciou-se a construção do prédio da Escola Normal na Avenida Presidente Vargas, n. ° 650, bairro Central, mas somente no ano seguinte a obra foi concluída e entregue. A primeira turma de concluintes da Escola Normal de Macapá foi realizada nos dias 30 e 31 de janeiro de 1953, como mostra a Foto 4 (CARVALHO, 2012).

**Foto 4 – Primeira turma – Escola Normal de Macapá - 1953**



Fonte: Carvalho (2012)

A foto 4, tirada em frente à igreja São José de Macapá, revela a composição da primeira turma de formandos da Escola Normal, uniformizada com calça ou saia azul-marinho e camisa branca. Do total de concluintes, apenas 6 eram do sexo masculino, ratificando a maioria do sexo feminino integrando o magistério.

A partir de 1965, a Escola é transformada em Instituto de Educação do Território Federal do Amapá e a finalidade era proporcionar a comunidade amapaense a formação de professores primários, apesar de o curso normal continuar sendo ofertado até 1974. O IETA contava com três escolas de aplicação que eram: Escola Modelo Guanabara, Escola Pequeno Príncipe e Escola Princesa Isabel (CARVALHO, 2012).

Em 1993, o IETA recebe nova denominação, sendo Instituto de Educação do Estado do Amapá – IEEA. Em 18 de março de 2001 o Instituto recebe mudanças em sua estrutura física, funcionando a partir de então como Centro de Referência para o Desenvolvimento Sustentável – CRDS, utilizando o mesmo espaço só que com fins diferentes. Assim, o IEEA foi extinto e em 31 de março de 2006 foi criada a Universidade do Estado do Amapá – UEAP, que permanece até os dias atuais (SILVA, 2020).

### Ginásio Amapaense

As aulas do Ginásio Amapaense iniciaram nas instalações do Grupo Escolar Barão do Rio Branco e permaneceram até 1952, quando a obra do primeiro bloco do prédio, localizado na Avenida Iracema Carvão Nunes (endereço atual), foi concluída. A partir de 1952, ofereceria o curso ginásial, hoje Ensino Médio. Ofertava inicialmente 1ª e 2ª séries ginásiais. Posteriormente, surge o curso técnico em Enfermagem em parceria com o Hospital Escola São Camilo e São Luiz.

### Foto 5 – Ginásio Amapaense - 1952



Fonte: Lázaro (2010)

A foto 5 apresenta a finalização da construção do primeiro bloco do Ginásio, funcionando com nove salas de aula, em três turnos e iniciando no território do Amapá a inclusão do ensino secundário. A inauguração dessa instituição de ensino foi de tão grande relevância para os amapaenses, considerada de elite, que a primeira turma concluinte do ginásio foi apresentada à sociedade com cerimônias no dia 27 de março de 1947, já que suas aulas começaram em 1944, provisoriamente nas dependências do Grupo Escolar de Macapá.

Nos anos seguintes foram criados os cursos técnicos: estatística, secretariado, eletrotécnica, habilitação básica em saúde e agropecuária e em construção civil. Em 1982, 5ª a 8ª séries do 1º grau. O Ensino de 2º grau em Ciências Biológicas, Exatas e Humanas iniciou em 1986 (LÁZARO, 2010).

Atualmente o Colégio Amapaense oferta o Ensino Médio e integra o Programa Escolas do Novo Saber com educação em tempo integral.

#### Escola Profissional Getúlio Vargas

O currículo estudado continha Telegrafia e motores, física, topografia, eletricidade, trigonometria, marcenaria, geometria, álgebra, aritmética e português. Sua nomenclatura permaneceu como Escola Profissional Getúlio Vargas até 1950, quando foi alterado para Escola Industrial de Macapá e logo após, ofertaria o curso de habilitação básica em mecânica.

#### **Foto 6 – Inauguração da Escola Industrial de Macapá -1949**



Fonte: Porta-retrato-ap.blogspot.com.br



A foto 6 exibe a inauguração da Escola com a presença de autoridades locais. É importante ressaltar que diferente da escola de formação de professores, o Instituto, que a maioria era do sexo feminino, na Escola Industrial apenas alunos do sexo masculino eram matriculados. Somente em 1973, as matrículas de alunas foram autorizadas.

Em 1979, houve nova mudança de nome, tornando-se Escola Integrada de Macapá (GM), ministrando 1º e 2º graus. Desde 2007 teria nova denominação e permanece atualmente como Escola Estadual Antônio Cordeiro Pontes e está localizada na Avenida FAB, n. 264, bairro: central. Somente a partir de 1973 pessoas do sexo feminino puderam matricular-se nos cursos ofertados na instituição (IBGE, 2022).

### Colégio Comercial do Amapá

A Escola foi criada pela Associação Comercial do Amapá em 12 de setembro de 1949 e autorizada a funcionar pelo Ministério da Educação. Inicialmente a escola foi criada para ofertar o curso de contabilidade e até 1964 funcionou como instituição privada. Em 1961, denominou-se Colégio Comercial do Amapá e a partir de 10 de julho de 1971 instalou-se em seu prédio definitivo, localizada na Avenida FAB, n. 91, Centro.

### Foto 7 – Colégio Comercial do Amapá – 1960 a 1964



Fonte: Porta-retrato.ap.blogspot.com.br

A foto 7 mostra um antigo casarão no centro da cidade de Macapá onde eram ministradas as aulas provisoriamente até a inauguração do prédio próprio.

Os cursos ministrados eram o Ginásial (o antigo segmento 5ª a 8ª séries) e o Técnico em Contabilidade, com duração de 3 anos. Em 1978 são ofertados os cursos técnicos em Administração e Secretariado. Em 1993, a escola recebe nova nomenclatura, sendo a partir de então, Escola Estadual Professor Gabriel de Almeida Café. A educação

profissional integrada ao ensino médio seria ofertada em 2007 e o eixo tecnológico contemplado foi Gestão de Negócios (SILVA, 2020).

### Centro Interescolar de Macapá

O Centro Interescolar de Macapá trouxe para os amapaenses e os moradores das localidades vizinhas ensino profissionalizante, trabalhando em parceria com o Ginásio Amapaense, que ministrava as disciplinas básicas, e o Centro, as profissionalizantes. Ofertava-se a comunidade Agronomia, Saúde e Construção Civil. Segue a foto 8 com a estrutura atual do Centro.

**Foto 8 – CEP Graziela Reis de Souza atualmente**



Fonte: Cavalcante (2021)

A foto 8 em destaque mostra o nome atual do Centro e sua estrutura reformada. Em 1986, o nome da instituição mudou para CEP Graziela Reis de Souza. Após a inauguração do prédio, o funcionamento ocorreu sempre no mesmo endereço.

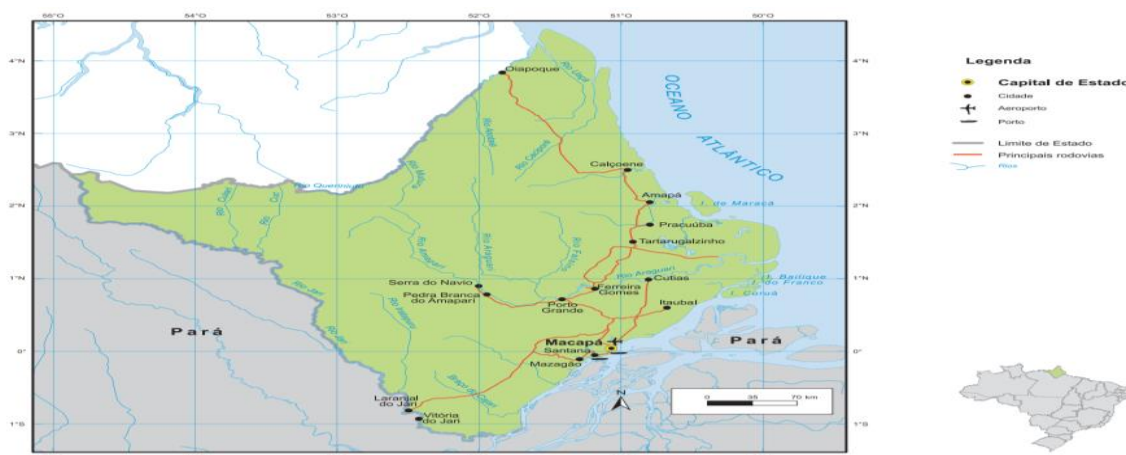
O nome Graziela Reis de Souza foi escolhido em homenagem à referida educadora pela relevância de seu trabalho na educação do TFA.

Inicialmente ofertava os cursos técnicos ofertados de Eletrotécnica, Nutrição e Dietética, Saneamento, Patologia Clínica e Enfermagem. Com a transformação da instituição em Centro de Educação Profissional, Graziela Reis de Souza ofertaria somente cursos da área da saúde. Atualmente o Centro oferta cursos do eixo tecnológico Ambiente e Saúde em cooperação com o Sistema Único de Saúde, Secretaria de Estado da Educação e Secretaria de Saúde (SILVA, 2020).

### 3.2 O Amapá e os dados educacionais atuais

O espaço territorial do Amapá corresponde a uma Área de 142.828 km<sup>2</sup> e está localizado ao nordeste da região Norte. Suas fronteiras limitam-se a norte com a Guiana francesa, a leste, com Oceano Atlântico, a sul e oeste, o Pará e a noroeste, Suriname. A floresta Amazônica tem sido preservada no Estado, já que seu território é contemplado com aproximadamente 90% dessa cobertura. O Estado é uma das 27 unidades federativas do Brasil e está dividida em 16 municípios: Macapá, Santana, Laranjal do Jari, Oiapoque, Mazagão, Porto Grande, Tartarugalzinho, Pedra Branca do Amapari, Vitória do Jari, Calçoene, Amapá, Ferreira Gomes, Cutias, Itaubal, Serra do Navio e Pracuúba. Em 1943, ano de sua criação, apenas 3 municípios existiam (Macapá, Mazagão e Amapá). O mapa 01 a seguir traz a divisão geográfica atual do Estado do Amapá.

**Mapa 1 – Mapa estadual - Amapá**

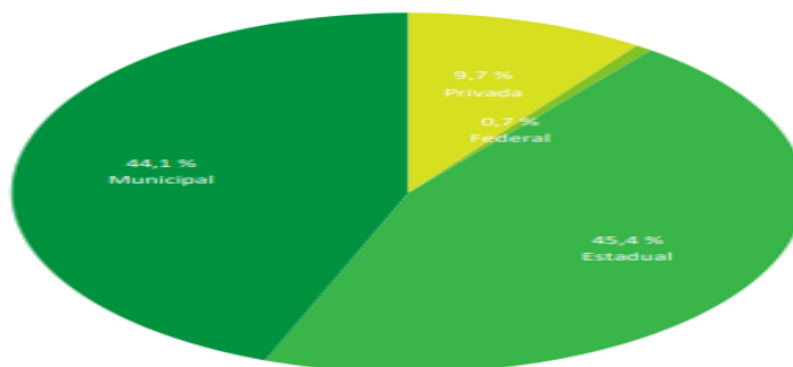


Fonte: Cidades/IBGE

Macapá é a capital estadual, com aproximadamente 560 mil habitantes e, é a cidade mais populosa do Amapá. Cerca de 89,8% dos habitantes do Estado residem em zonas urbanas, uma das maiores médias do Brasil<sup>2</sup>. E para atender esse quantitativo populacional, o Estado conta com 859 escolas (estaduais, federais, municipais e privadas), contemplando a educação básica e a educação profissional subsequente ao Ensino Médio como modalidade. Esses dados fazem referência ao número de matrículas efetuidas em todo o Estado do Amapá e registradas no Censo Escolar 2021(BRASIL, 2020), conforme mostra o gráfico 1.

<sup>2</sup> <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/aspectos-populacao-amapa.htm>

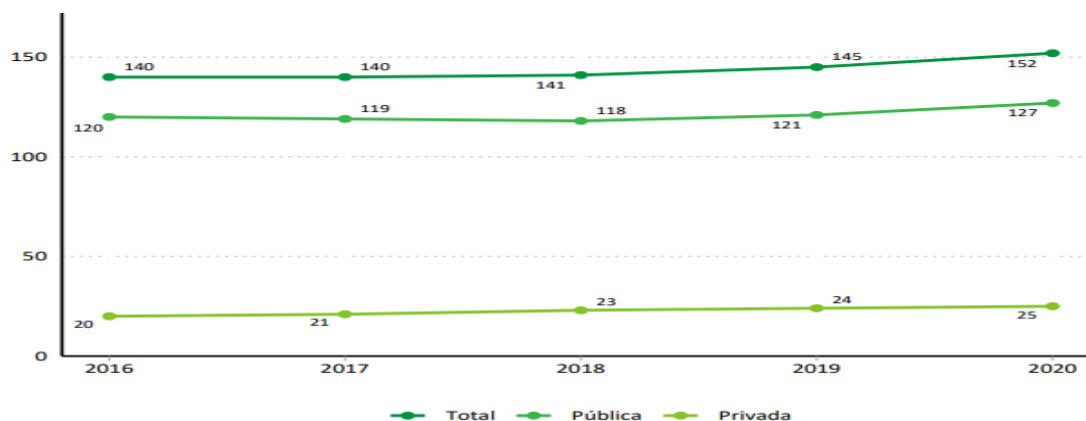
**Gráfico 1 – Escolas por dependência administrativa – Amapá – 2020**



Fonte: Deed/Inep/Censo da Educação Básica

Os dados representam 45,4% das escolas pertencentes a rede estadual e 44,1% dizem respeito aos dados da rede municipal. Do total de escolas, 152 ofertam o Ensino Médio, das quais 127 são estaduais e, 25 são particulares. Um aumento de 5,8% no ano de 2020 no número de escolas estaduais em relação a 2016, o que fica evidenciado no gráfico 2.

**Gráfico 2 - Número de escolas de Ensino Médio por rede (pública ou privada) – Amapá - 2016 - 2020**



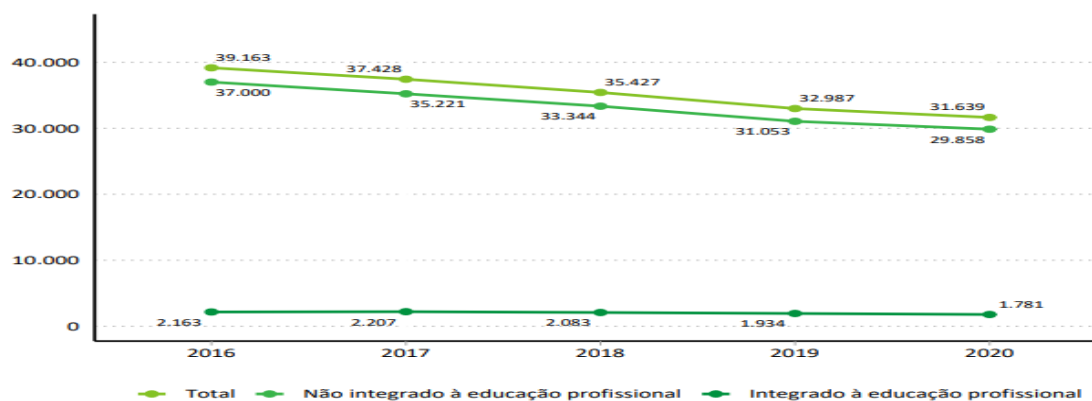
Fonte: Deed/Inep/Censo da Educação Básica

O gráfico 2 mostra que em 2016 o número de escolas privadas eram 20 e em 2020 passou para 25 instituições. Já as públicas passaram de 120 em 2016, para 127 em 2020.

Com relação às matrículas realizadas no ensino médio, segundo dados do Censo Escolar em 2020, foram contabilizadas 31.639. O ensino médio integrado e o não

integrado à educação profissional também estão inseridos nesse quantitativo. De 2016 a 2020, houve uma redução no número de matrículas nesse nível de ensino, representando 19,2%, como traz o gráfico 3.

**Gráfico 3 - Número de matrículas no Ensino Médio (total, integrado e não integrado à EP) - Amapá - 2016 – 2020**



Fonte: Deed/Inep/Censo da Educação Básica

Conforme o gráfico 3, o Ensino Médio não Integrado à EP teve 37.000 matrículas em 2016, enquanto em 2020 esse número foi de 29.858. Uma redução de 7.142 matrículas. Quanto ao Integrado, em 2016 foram 2.163 e em 2020, 1.781 matrículas. Fora 382 a menos nesse período. Uma queda perceptível de 19,2% no total de matriculados nas duas formas de oferta da EP.

Importa destacar que segundo estimativas de julho de 2019 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o Estado do Amapá apresenta uma população de 845.731 habitantes e 16,2% desse total têm suas residências situadas em áreas de ressaca, invasões, baixadas e outras formas de moradias análogas, sem usufruírem dos serviços básicos como energia elétrica, água tratada, coleta de lixo e esgoto.

Com relação a esse percentual de moradores, a pesquisa revela que as moradias são casas e barracos de madeira, construídas em áreas alagadas e periféricas e que se denominou de aglomerações subnormais. Essas habitações representam 21,5% em todo o estado, sendo o Amapá o 3º ao nível nacional com números de domicílios nessa condição. São classificadas como moradias irregulares tanto as que ficam em áreas de ressacas quanto os loteamentos e totalizam 36.835 (IBGE, 2019).

Carvalho (2021) comenta sobre o planejamento que o governo do estado tem realizado referente ao projeto de urbanização, incluindo as áreas de ressaca, uma vez que

as moradias nesses ambientes refletem diretamente na qualidade de vida dos moradores, e conseqüentemente, alterações ambientais:

Sua ocupação tem trazido conseqüências econômicas e sociais negativas, além de impactos ambientais graves. O processo de ocupação das áreas de ressaca na cidade de Macapá teve início por volta da década de 1950. No entanto, é a partir do final da década de 1980 e início da década de 1990 que este processo de ocupação se intensificou, fazendo com que a alteração na estrutura dessas áreas acontecesse de forma cada vez mais acelerada. O crescimento desordenado torna evidente os processos de exclusão social e as limitações do exercício da cidadania, que permitiria o verdadeiro direito à cidade por parte de seus habitantes (CARVALHO, 2021, p. 3).

Diante dessa realidade, a população deixa de usufruir direitos sociais básicos, convivendo com a precariedade de acesso ao local da moradia e aos demais lugares da cidade e com a falta de saneamento básico, abastecimento de água tratada, unidades básicas de saúde e escolas. Esse quadro de escassez gerou a maior taxa do país de infectados pelo coronavírus, chegando a 668,7 casos para cada 100 mil habitantes, enquanto a média nacional foi quatro vezes menor (VIDIGAL, 2020).

O Censo Demográfico 2020 realiza esse trabalho de levantamento das informações sobre moradias precárias, todavia, com a pandemia do coronavírus essa pesquisa foi suspensa. Entretanto, para que o poder público se manifestasse através políticas de combate à Covid-19, os resultados alcançados sobre as condições de moradia foram divulgados.

Diante desse quadro, veremos como ocorreu o desenvolvimento da educação profissional no Amapá, na subseção 3.2.

### **3.3 A educação profissional técnica no Amapá**

Até o ano 1944, existiam em todo o Território Federal do Amapá apenas sete escolas, segundo dados fornecidos por Otávio Mendonça, primeiro Diretor do Departamento de Educação. O cenário educacional no período era desanimador por diversos fatores como: as escolas funcionavam em casas e barracas em péssimo estado, o ensino ministrado não passava do 3º ano primário, não se considerava as faixas etárias para a organização das turmas nem a estrutura pedagógica, sem mencionar que o analfabetismo territorial suplantava alarmante, os números nacionais (SILVA, 2017).

No município de Macapá duas escolas funcionavam regularmente denominadas de Grupo Escolar de Macapá e a Escola Auxiliar de Macapá. O funcionamento era mantido com apoio da comunidade que providenciava a manutenção

e os reparos necessários. Ministrava-se um ensino rudimentar, sem estrutura física e pedagógica (SILVA, 2020).

Em 1944 foram inauguradas mais três escolas para atender a demanda da educação básica, entre elas estava a Cooperativa Agrícola Escolar, iniciando o curso ginásial no Amapá. A educação ministrada nessa instituição pretendia capacitar os alunos para o ingresso no mercado de trabalho através de conhecimentos sobre plantação de frutas, hortaliças e criação de aves (SILVA, 2020).

E a EP iniciou no Amapá com a criação em 1945 de duas escolas voltadas para o exercício técnico que foram a Escola Doméstica Feminina e a Escola Profissional Getúlio Vargas. Na escola destinada às mulheres, o ensino era dedicado a culinária e funcionava com o sistema de internato para as órfãs, e de externo para todas as mulheres que desejassem ter o curso doméstico. (SILVA, 2020).

Já na escola masculina visava-se o desenvolvimento da juventude através de conhecimentos que possibilitassem exercer profissões lucrativas. Aos alunos era ensinado português, aritmética, álgebra, geometria, elementos de trigonometria, eletricidade, topografia, física, telegrafia e motores. Após 1965, somado às Artes Industriais, também ofertava Técnicas Agrícolas e Comerciais e Administração para o lar. Até 1972, apenas estudantes do sexo masculino eram matriculados, entretanto, a partir de 1973 não houve mais impedimento para que o sexo feminino também pudesse ingressar nessa instituição de ensino.

Carvalho (2012) enumera as escolas existentes no período e cita como foi implantada a Escola Normal no TFA:

Nesse panorama, não é de estranhar que Janary Nunes, após criar a Escola Doméstica de Macapá (1944), que depois se tornou o Ginásio Feminino e hoje E.E. Santana Rioli; o Grupo Escolar Barão do Rio Branco (1945), hoje E.E. Barão do Rio Branco; o Ginásio Amapaense (1947), depois Colégio Amapaense, para os filhos das elites administrativas; a Escola Profissional Professor Getúlio Vargas (depois Escola Industrial de Macapá – Ginásio de Macapá – Escola Integrada de Macapá – hoje, E.E. Antônio Cordeiro Pontes), para os filhos dos operários, bem aos moldes da política educacional do Estado Novo, determinasse o funcionamento do Curso Normal Regional, a base sobre a qual seria criada a Escola Normal de Macapá, ainda que não existisse uma clientela natural, e que fosse preciso algum estímulo especial da então Divisão de Educação do TFA, para conseguir motivar alunos à matrícula nessa Escola Normal (CARVALHO, 2012, p. 65).

A Escola Normal foi criada em 2 de janeiro de 1946 pelo Decreto Lei n.º 8.530, no entanto, ela só foi implantada no TFA em 1949. Assim, o funcionamento do Curso Normal Regional iniciou sem as devidas condições até 1954, intitulada como Escola Normal de Macapá e sua atuação seguiu até 1965, quando foi transformada no

Instituto de Educação do Amapá - IETA. Ferreira (2016) faz referência ao que representou a existência do IETA para o contexto vivido:

A educação pelo exemplo foi a representação instituinte da cultura escolar do IETA, desde a fase do pioneirismo, decalcada da figura do escoteiro desbravador e da “mística do Amapá” do imaginário estadonovista de Janary Nunes, transmutada para o professor como um agente desses ideais, consolidada gradativamente com o sucesso na formação de professores e aumento do prestígio do IETA junto à comunidade, e que chega ao seu ápice nos anos oitenta, entra em crise em meados dos anos noventa, junto com a crise nacional de formação de professores para as séries iniciais do ensino fundamental em todo o Brasil. Essa representação que funcionava como uma regra não escrita, é que definia as práticas escolares no IETA e a formação de novos educadores em serviço, e era mantida viva em cada imagem comum, em cada significado embutida em cada palavra, vivificada quotidianamente na cultura, na linguagem, na fala daqueles que viviam o IETA, professores, alunos, técnicos, serventes, pais, se estendendo até para a comunidade, por meio das atividades da Associação de Pais e Mestres e pela atuação do IETA na interiorização do ensino e em atividades de seus professores e técnicos em outras escolas (FERREIRA, 2016, p. 110).

Apesar de o IETA não ser uma escola de educação profissional, ele foi criado para formar professores, capacitar os que já trabalhavam sem formação pedagógica, contribuindo para desenvolvimento local, profissionalizando aqueles que almejavam o magistério como profissão. Conforme Cordão e Moraes (2017) todo conhecimento após o ensino médio visa o exercício profissional, logo, o profissional do magistério também se encaixa nesse processo de educação profissional:

A rigor, todos os cursos realizados posteriormente à conclusão do ensino médio (etapa final da educação básica) destinam-se, de uma forma ou de outra, à educação profissional. Podem ser cursos técnicos que exigem o ensino médio como pré-requisito, cursos de graduação (licenciatura, bacharelado ou tecnologia), cursos sequenciais por campos do saber ou cursos e programas de pós-graduação (aperfeiçoamento, especialização, mestrado ou doutorado). Todos esses cursos ou programas têm a formação ou o desenvolvimento profissional com um de seus objetivos centrais. O que supostamente muda é o grau de sofisticação dos conteúdos estudados e das competências esperadas no perfil de conclusão, com variação correspondente na carga horária e nos anos de duração. Portanto, todos esses cursos ou programas devem ser considerados de educação profissional (CORDÃO; MORAES, 2017, p. 77).

Assim, após esse percurso histórico que trouxe para a sociedade amapaense educação como direito social, que atendesse às demandas de formação e modificasse a realidade de escassez que a população viveu em termos educacionais, a educação profissional hoje é uma possibilidade de participação ativa no mercado, através do trabalho e, também, o desenvolvimento intelectual com a continuidade da formação.

A partir desse cenário, conforme o Programa Profissionaliza Amapá (ProfAP), coordenado pelo Núcleo de Educação Profissional (NEP), através da Secretaria



de Estado da Educação – SEED, o número de matrículas, ofertadas pelo ProfAP e Novos Caminhos, no segundo semestre de 2021, envolvendo os cursos técnicos, foram de 1.746. Esse quantitativo representa apenas as matrículas efetivadas nos Centros de Educação Profissional (adiante CEP), como mostra o quadro 2.

**Quadro 2 – Matrículas – CEP – Cursos Técnicos -2021**

| <b>CENTRO</b>      | <b>ProfAP<br/>Cursos Técnicos</b> | <b>NOVOS CAMINHOS<br/>Cursos Técnicos</b> |
|--------------------|-----------------------------------|-------------------------------------------|
| <b>CEPMWL</b>      | <b>85</b>                         | <b>-</b>                                  |
| <b>CEPGRS</b>      | <b>460</b>                        | <b>70</b>                                 |
| <b>CEPAJOB</b>     | <b>290</b>                        | <b>-</b>                                  |
| <b>CCFA</b>        | <b>-</b>                          | <b>-</b>                                  |
| <b>CEPAVCP</b>     | <b>142</b>                        | <b>-</b>                                  |
| <b>CCLFDM</b>      | <b>-</b>                          | <b>-</b>                                  |
| <b>CIFPA</b>       | <b>39</b>                         | <b>30</b>                                 |
| <b>CEPSMSGs</b>    | <b>384</b>                        | <b>246</b>                                |
| <b>TOTAL</b>       | <b>1.400</b>                      | <b>346</b>                                |
| <b>Total Geral</b> | <b>1.746</b>                      |                                           |

Fonte: Adaptado pela autora com dados do NEP/SEED/AP

Conforme os dados de matrículas apresentados no quadro 2, apenas dois centros não ofertam cursos técnicos que são o Centro Estadual de Língua e Cultura Francesa Danielle Miterrand – CELCFDM e o Centro Cultural Franco Amapaense – CCFA, oferecem apenas cursos livres de capacitação e aperfeiçoamento. As matrículas através do ProfAP são realizadas nos demais 6 centros, enquanto pelo Programa Novos Caminhos, somente 3 centros disponibilizam vagas, representando 24,7% em relação ao total ofertado pelo ProfAP.

Quanto ao número de matrículas nos cursos FIC, totalizaram 2.315, considerando somente os centros de educação profissional. Esse quantitativo representa as matrículas através do ProfAP e Novos Caminhos, conforme quadro 3. As matrículas de cursos técnicos e FIC juntos, perfizeram um total de 4.061 alunos atendidos.

**Quadro 3 – Matrículas – CEP – Formação Inicial e Continuada – FIC-2021**

| <b>CENTRO</b>  | <b>ProfAP<br/>Cursos FIC</b> | <b>NOVOS CAMINHOS<br/>Cursos FIC</b> |
|----------------|------------------------------|--------------------------------------|
| <b>CEPMWL</b>  | <b>325</b>                   | <b>-</b>                             |
| <b>CEPGRS</b>  | <b>30</b>                    | <b>30</b>                            |
| <b>CEPAJOB</b> | <b>130</b>                   | <b>160</b>                           |
| <b>CCFA</b>    | <b>395</b>                   | <b>-</b>                             |
| <b>CEPAVCP</b> | <b>269</b>                   | <b>80</b>                            |
| <b>CCLFDM</b>  | <b>803</b>                   | <b>-</b>                             |

|                    |              |            |
|--------------------|--------------|------------|
| <b>CIFPA</b>       | <b>25</b>    | <b>-</b>   |
| <b>CEPSMSGs</b>    | <b>68</b>    | <b>-</b>   |
| <b>TOTAL</b>       | <b>2.045</b> | <b>270</b> |
| <b>Total Geral</b> | <b>2.315</b> |            |

Fonte: Adaptado pela autora com dados do NEP/SEED/AP

Com relação às matrículas nos cursos FIC, os números revelam que o ProfAP tem alcançado 86,8% da clientela que procura aperfeiçoamento profissional, já os Novos Caminhos somam com 13,2%.

Objetivando contribuir para o fortalecimento da educação básica e a educação profissional como modalidade e, alcançar a Meta 8, do Plano Estadual de Educação – PEE/AP, que traz: “triplicar as matrículas da Educação Profissional técnica de nível Médio, com pelo menos 50% (cinquenta por cento) da expansão no segmento público, assegurando a qualidade da oferta e a sustentabilidade ambiental”, regulamentado pela lei n. ° 1907/2015, a SEED/AP, através do NEP/AP, busca a aprovação do Programa Profissionaliza Amapá - ProfAP - em uma política pública de Estado para que os 14 municípios do Estado sejam contemplados com a oferta de Cursos Técnicos e de Formação Inicial e Continuada, usando a estratégia das escolas remotas.

Interessa destacar a existência da escola remota, uma estratégia já utilizada pela SEED/AP em parceria com os Centros de Educação Profissional, onde são ofertados cursos para os jovens e adultos, recorrendo à estrutura das escolas existentes nos municípios. O ProfAP não foi regulamentado pela Assembleia Legislativa do Estado, portanto, é um trabalho desenvolvido pela gestão educacional atual, que requer a transformação em lei para que se torne uma política de Estado e os recursos necessários sejam disponibilizados.

Corsetti e Vieira (2015), colaboram nesse debate voltado aos recursos destinados à EP, citando o PRONATEC vinculado a verba específica:

Os recursos repassados pela União ao sistema S a partir de 2011, na ação denominada “Apoio à Formação Profissional, Científica e Tecnológica”, que corresponde ao PRONATEC, confirma a opção desse sistema como o principal ofertante dos cursos de qualificação profissional e de cursos técnicos de nível médio, especialmente subsequente ao ensino médio. A partir de 2013, o governo anunciou a pretensão de estender tais benefícios ao conjunto dos estabelecimentos privados (CORSETTI; VIEIRA, 2015, p. 384).

No Estado do Amapá muitos cursos foram autorizados a funcionar com os recursos advindos do PRONATEC. E quando os valores deixaram de ser repassados, os cursos foram paralisados. O financiamento era endereçado às escolas e aos professores,

que poderiam ser contratados sem burocracia e de forma provisória, já que não havia profissionais habilitados no quadro das mantenedoras. E no caso do Sistema S, grande parte do recurso foi destinado ao SENAI e SENAC, onde a transferência de recursos públicos federais nos anos de 2011, 2012 e 2013, chegou a R\$ 2.094.076.902,00 e R\$ 1.168.700.686,50, respectivamente (CORSETTI, VIEIRA, 2015, p. 384).

A EP não conta com recursos do Estado destinados especificamente para tal modalidade, prejudicando a oferta e a conclusão dos cursos. Consoante o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos – CNCT, os cursos para serem disponibilizados para a comunidade, demandam materiais e laboratórios apropriados para a execução, sem falar na contratação de professores com formação específica, considerando os eixos tecnológicos que cada curso está inserido. Grande parte dos cursos para serem ofertados dependem da realização de estágio supervisionado, exigindo o seguro obrigatório para os estudantes e esse procedimento depende de recurso financeiro.

Nesse contexto, percebe-se que para atingir o objetivo 4 e a Meta 4.3 que faz referência à qualidade da educação, enfatizando que “até 2030, assegurar a igualdade de acesso para todos os homens e mulheres à educação técnica, profissional e superior de qualidade, a preços acessíveis, incluindo universidade” - Agenda 2030 da ONU - Dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, muitos obstáculos terão que ser ultrapassados para que a educação seja de fato acessível a todos. Esforços isolados não bastam quando a questão em pauta deve ser tratada como política pública que reclama por compromisso de Estado.

Assim, mesmo que sejam os imperativos legais, a grita pela maleabilidade na oferta da EP e que o mercado imponha suas demandas, para que a ampliação da oferta de vagas de cursos técnicos e formação inicial e continuada efetive-se, faz-se necessário maior aplicabilidade de recursos, fomentando aqueles cursos que já estão em execução e possibilitando a oferta de novos.

Novos Caminhos é um programa do governo federal que por meio do Ministério da Educação e, partindo de diversos estudos e análises referentes a Educação Profissional e Tecnológica, organizou uma série de medidas visando o fortalecimento da política Educacional Profissional e Tecnológica, na busca por dar o devido suporte às instituições de ensino, no que diz respeito aos procedimentos da oferta de cursos que atendam a economia de mercado e que acompanhem as transformações e inovações processuais nas quais estão inseridas as tecnológicas (BRASIL, 2021).

No Estado do Amapá, 6 (seis) municípios têm ofertado cursos através do Programa Novos Caminhos, envolvendo instituições das esferas estadual, privada e

federal. Segue os municípios parceiros e as matrículas efetivadas no ano de 2021: Macapá: 2.209, Laranjal do Jari: 820, Oiapoque: 179, Pedra Branca do Amapari: 86, Porto Grande: 383 e Santana: 954.

Segundo a coordenação do NEP, em alguns municípios do estado, o Programa é desenvolvido nas instalações das escolas estaduais, são as chamadas escolas remotas, e possibilita a realização dos seguintes cursos: no município de Oiapoque: Escola Estadual Duque de Caxias – Técnico em Administração; município de Tartarugalzinho: Escola Estadual Alzira de Lima Santos – Técnico em Comércio; município de Laranjal do Jari: Escola Estadual Mineko Hayashida – Técnico em Hospedagem e Imagem Pessoal; município de Mazagão: Escola Estadual Dom Pedro I – Técnico em Recursos Pesqueiros; município de Santana: Escola Estadual Igarapé da Fortaleza – Técnico em Recursos Humanos e Escola Estadual Ana Dias da Costa – Técnico em Portos; município de Macapá: CEPAJOB – Técnico em Vendas; CEPGRS - Técnico em Hospedagem e Massoterapia e a Escola Estadual Professor Antônio Munhoz Lopes – Técnico em Imagem Pessoal e Massoterapia.

Os Cursos de Formação Inicial e Continuada - FIC também são ofertados nesses municípios citados. Os demais municípios não mencionados ainda não são contemplados com a oferta da educação profissional, ficando uma lacuna na vida escolar e profissional de muitos jovens e adultos, tendo em vista que para o ingresso no mercado de trabalho serão necessários conhecimentos específicos e competências técnicas adquiridos formalmente.

### **3.4 Os centros de educação profissional do Amapá**

O Núcleo de Educação Profissional –NEP/SEED é responsável pela coordenação da Educação Profissional no Estado do Amapá e 08 (oito) centros específicos para a área estão sob sua gerência. Esses centros estão localizados apenas em 02 (dois) municípios, Macapá com 06 (seis) e Santana com 02 (dois). A oferta dos cursos segue o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, disponibilizando Cursos Técnicos de Nível Médio e/ou de Formação Inicial e Continuada – FIC.

Para que os cursos técnicos sejam ofertados necessitam de autorização de funcionamento do órgão regulamentador, no Estado do Amapá o responsável é o Conselho Estadual de Educação – CEE, através da Câmara de Educação Profissional e Educação Superior – CEPES. As instituições públicas encaminham os documentos referentes aos cursos que pretendem ofertar a sua mantenedora que é a Secretaria de

Estado da Educação – SEED, que logo após a análise e emissão de parecer técnico, endereça ao CEE/AP, que seja analisado e aprovado ou reprovado. Já instituições privadas, encaminham suas solicitações diretamente ao CEE/AP.

Caso a instituição não seja credenciada, o pedido deverá contemplar credenciamento institucional e autorização de funcionamento para o curso simultaneamente. O curso autorizado após a sua conclusão conduz a diplomação de técnico. Os cursos técnicos podem ser ofertados nas modalidades, concomitante<sup>3</sup> e subsequente<sup>4</sup> ao Ensino Médio

Os cursos FIC não necessitam de autorização para oferta e, os seus certificados devem trazer a especificação de que se trata de curso de atualização, capacitação ou qualificação e não carecem de comprovação de escolarização de nível médio, como acontece com os técnicos.

Vale ressaltar que as Instituições Privadas de Ensino Superior (IPES) também podem ofertar cursos de educação profissional técnica de nível médio desde que habilitadas e autorizadas, mediante proposta apresentada à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), junto ao Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica (SISTEC).

Os requisitos estabelecidos no artigo 4º da Portaria MEC nº 1.718, de 2019, devem ser atendidos, conforme o que prevê a Portaria nº 62, de 24 de janeiro de 2020. A Portaria em tela dispõe sobre os procedimentos associados à oferta de cursos técnicos de nível médio por instituições privadas de ensino superior - IPES de que trata a Portaria MEC n.º 1.718, de 2019.

Diante dessas novas formas de enxergar a educação e a escola e estabelecer políticas públicas que contemplem o mercado, Corsetti e Vieira (2015) comentam a entrada das instituições privadas nesse cenário.

No rumo das reformulações, ganha espaço a política de transferência de recursos públicos às instituições privadas, permitindo que essas passem a operar com desenvoltura na oferta dos cursos técnicos, em diferentes modalidades. Agem na perspectiva de atender às expectativas das novas formas de acumulação do capital, abrigando, no espaço dos serviços públicos, as atividades privadas (CORSETTI; VIEIRA, 2015, p. 376).

---

<sup>3</sup> O curso técnico subsequente está disponível para quem já concluiu o Ensino Médio. <https://www.pravaler.com.br/tecnico-integrado-subsequente-ou-concomitante-quais-as-diferencas/>

<sup>5</sup> Essa modalidade é indicada para alunos que ainda não finalizaram o Ensino Médio e não optaram pela forma integrada da formação técnica com a formação básica. Nesse caso, o estudante pode fazer a capacitação paralelamente ao ensino regular, no contraturno das aulas. <https://www.pravaler.com.br/tecnico-integrado-subsequente-ou-concomitante-quais-as-diferencas/>

O que fica latente com esse tipo de decisão política é que aquelas ações do período colonial e imperial continuam sendo praticadas em pleno século XXI no Brasil, onde a maneira assistencialista dedicada aos alunos matriculados na EP permanece como a distribuição de bolsas, os diversos tipos de auxílio, dentre eles o de alimentação, transporte e até valores adicionais aos professores recrutados para trabalharem em programas convenientes aos governos.

Cabe enumerar os Centros existentes no município de Macapá:

1. Centro de Educação Profissional Graziela Reis de Souza - CEPGRS
2. Centro de Educação Profissional em Artes Visuais Cândido Portinari - CEPAVCP
3. Centro de Ensino Profissionalizante do Amapá Prof.<sup>a</sup> Josinete Oliveira Barroso – CEPAJOB
4. Centro de Educação Profissional em Música Walkíria Lima - CEPMWL
5. Centro Estadual de Língua e Cultura Francesa Danielle Mitterrand - CELCFDM
6. Centro Cultural Franco-Amapaense - CCFA

Os centros pertencentes ao município de Santana são:

1. Centro de Educação Profissional de Santana Prof.<sup>a</sup> Maria Salomé Gomes Sares - CEPSPMGS
2. Centro Integrado de Formação Profissional em Pesca e Aquicultura do Amapá - CIFPA

Segundo a coordenação do ProfAP já está em fase de conclusão a construção de mais um Centro no município de Santana, denominado de Centro de Educação e Formação Profissional em Cultura e Artes – CEFPCA. Ao todo serão 3 (três) centros em Santana.

**Mapa 2 - Distribuição dos centros nos municípios de Macapá e Santana**



Fonte: Cidades/IBGE - adaptado pela autora

Os pontos destacados em vermelho no mapa representam os municípios de Macapá e Santana, com seis e dois centros de educação profissional, respectivamente. Nos demais municípios do Estado, 14 (quatorze), não existem centros com estrutura específica para a oferta dos cursos. Os cursos ofertados nos demais municípios são ministrados nas salas de aula das escolas estaduais, por meio de escolas remotas, do Programa Novos Caminhos e pelo Instituto Federal do Amapá – IFAP, que contribui com a educação no estado, ofertando cursos técnicos.

#### 1. Centro de Educação Profissional Graziela Reis de Souza - CEPGRS

O Centro de Educação Profissional Graziela Reis de Souza está localizado na Av. Duque de Caxias, 60, bairro Central, no Município de Macapá/AP. Tem como mantenedora a Secretaria de Estado da Educação - SEED, inscrita no CNPJ 00.919.000/0001-90. Sua fundação data de 7 de março de 1979, entretanto, funcionou somente em 6 de junho de 2006, por meio do Decreto n. 1708/06-GEA, objetivando atender uma clientela que ansiava por cursos técnicos no eixo tecnológico Ambiente e Saúde. O Centro trabalha em parceria com o Sistema Único de Saúde, qualificando os profissionais da área, por convênios entre a Secretaria de Estado da Educação – SEED e a Secretaria de Saúde.

#### 2. Centro de Educação Profissional em Artes Visuais Cândido Portinari - CEPAVCP

O CEPA/ PORTINARI tem como Mantenedora a Secretaria de Estado da Educação - SEED. Foi idealizado pelo artista plástico R. Peixe em 1973, que à época de sua criação, denominou a Instituição de Pablo Picasso, e, segundo o histórico institucional apresentado pelo Estabelecimento de Ensino, essa denominação não foi mantida, devido a sua criação ter ocorrido no período da Ditadura Militar. Dessa forma, quando da sua regularização pelo Governador do então Território Federal do Amapá, Comandante Lisboa Freire, através do Decreto n. ° 021/73-GAB, datado de 20 de junho de 1973, a Instituição em apreço foi chamada de Escola de Artes Cândido Portinari. Foi instituído como Centro de Educação Profissional em Artes Visuais Cândido Portinari por meio da Lei estadual n. ° 1189, de 22 de fevereiro de 2008.

Após ter sido sediada em diversos espaços cedidos para o seu funcionamento, em 1983, ocupou prédio próprio, situado à Rua Cândido Mendes, às proximidades do Rio Amazonas. Atualmente, funciona em espaço temporário, sito à Avenida Cônego

Domingos Maltês, n. 1776, no Bairro do Trem, devendo retornar à sua sede própria, após processo de modernização estrutural. O objetivo do Centro é proporcionar à sociedade formação artística, com uma visão voltada ao mercado local e a estética, uma vez que prima pelo produto regional amazônico, buscando a valorização histórica, cultural e social amapaense. O eixo tecnológico em destaque é Produção Cultural e Design.

### 3. Centro de Ensino Profissionalizante do Amapá Professora Josinete Oliveira Barroso - CEPAJOB

O Centro de Ensino Profissionalizante do Amapá Prof.<sup>a</sup> Josinete Oliveira Barroso, localizado na Av. Maria Quitéria, 316, bairro Buritizal, Macapá- AP, foi criado pelo Decreto n. 0987/2000, de 16 de março de 2000, e autorizado seu funcionamento através da Portaria n. 668/2001 – SEED, de 30 de julho de 2001, tendo como mantenedora a Secretaria de Estado da Educação.

Até o ano de 2007 a instituição era denominada de Centro de Educação profissional do Amapá e, para homenagear a valiosa contribuição da Professora Josinete à educação profissional amapaense, a nomenclatura foi alterada. Quanto aos eixos tecnológicos, o Centro oferta cursos em Turismo, Hospitalidade e Lazer, mas também outros eixos são contemplados como: Ambiente e Saúde, Informação e Comunicação, Gestão e Negócios e Desenvolvimento Educacional e Social.

O dilema encontrado nessa instituição é a falta de professores com formação específica, uma vez que os cursos ofertados são diversos e a SEED não tem em seu quadro profissionais concursados para disponibilizar que atenda a demanda. Os cursos FIC também fazem parte da oferta de acesso à comunidade.

### 4. Centro de Educação Profissional em Música Walkíria Lima – CEPMWL

Em 25 de janeiro de 1952 foi criado como Conservatório Amapaense de Música (CAM). Suas atividades de ensino da música iniciaram com as disciplinas de Canto Lírico, Violino e Piano, ministradas por 3 professores e 33 alunos estavam matriculados. A Portaria n. 0139/83, de 28 de março de 1983, alterou o nome da instituição para Escola de música Walkíria Lima, em homenagem à professora de solfejo que faleceu em 1979.

Após várias mudanças de endereço, hoje o Centro atende em prédio próprio que fica localizado na Rua Eliezer Levy, n. 63, no bairro Central. A nova estrutura possibilitou o aumento no número de atendimentos, contem auditório, estúdio, 44 salas



de aula utilizadas segundo os instrumentos em estudo, possui elevador e acessibilidade interna e externa. O novo prédio foi inaugurado em 5 de julho de 2018 (SILVA, 2020).

O Centro oferta os seguintes cursos técnicos: canto, regência e instrumento musical, pertencentes ao eixo tecnológico: Produção Cultural e Design.

#### 5. Centro Estadual de Língua e Cultura Francesa Danielle Mitterrand - CELCFDM

O Centro Estadual de Língua e Cultura Francesa Danielle Mitterrand – CELCFDM, foi criado por meio de decreto governamental, assinado pelo então governador João Capiberibe, no dia 20 de maio de 1998. No ano seguinte, em 29 de janeiro de 1999, o espaço físico foi inaugurado com a presença de autoridades brasileiras e francesas. É uma instituição especializada no ensino de francês e oferta cursos para a sociedade amapaense gratuitamente.

Desde o início de suas atividades, tem contribuído para a democratização do ensino da língua francesa em nosso Estado e para isso, desenvolveu e intermediou nestes 18 anos de existência importantes ações pautadas no Acordo de Cooperação Bilateral assinado entre o Brasil e a França (28/maio/1996) e na Declaração de Intenção Regional assinada entre o Amapá e a Guiana francesa (11/junho/1996).

O acesso aos cursos ofertados é por meio de Processo Seletivo anual, com chamadas no primeiro e no segundo semestre, além de parcerias para atendimento do funcionalismo público que necessitam do francês em suas atividades e outras categorias, como: comerciários, guias turísticos, garçons, funcionários da rede hoteleira, entre outros. São ofertados cursos de longa e de curta duração, que vão desde um a cinco semestres, tendo carga horária de 80 a 400 horas.

A sua criação foi decisiva para a implantação do francês na rede estadual de ensino, atuando na formação continuada de professores, bem como na capacitação linguística de categorias profissionais que necessitam do idioma no desenvolvimento de suas atividades, promovendo avanço turístico e econômico ao Estado do Amapá.

#### 6. Centro Cultural Franco-Amapaense - CCFA

O Centro Cultural Franco-Amapaense – CCFA, está localizado na Avenida General Gurjão, n. 32, Centro, município de Macapá-AP. Em 13 de agosto de 2009 foi inaugurado com a finalidade de divulgar a cultura francesa no Amapá. Os projetos voltados para a cultura e os cursos não tem custos aos matriculados. Apenas o curso

técnico em teatro foi autorizado pelo Conselho Estadual de Educação para funcionar, porém, não o curso não foi ofertado. Atualmente a instituição oferece apenas cursos FIC.

#### 7. Centro de Educação Profissional de Santana Professora Maria Salomé Gomes Sares – CEPSPMGS

O Centro de Educação Profissional de Santana Professora Maria Salomé Gomes Sares – CEPSPMGS, está localizado na Rodovia AP 010, s/n, no Distrito Industrial-Matapi, no Município de Santana/AP. Atendendo aos Eixos Tecnológicos: Infraestrutura (Edificações, Portos); Controle e Processos Industriais (Eletroeletrônica); Gestão e Negócios (Recursos Humanos); Segurança (Segurança do Trabalho); Ambiente e Saúde (Imagem Pessoal, Massoterapia); Informação e Comunicação (Manutenção e Suporte em Informática).

Através da formação propiciada no Centro, almeja-se contribuir com o desenvolvimento do estado, inserindo no mercado de trabalho profissionais especializados de nível técnico nas mais variadas áreas.

#### 8. Centro Integrado de Formação Profissional em Pesca e Aquicultura do Amapá – CIFPA

O Centro Integrado de Formação Profissional em Pesca e Aquicultura do Amapá, localizado na Rodovia -AP 010, S/N, distrito Industrial-Matapi, no Município de Santana/AP, foi criado pelo Decreto Governamental n. ° 3948, no ano de 2009, com a finalidade de ofertar cursos para a formação e qualificação profissional no Eixo Tecnológico: Recursos Naturais, promovendo a formação tecnológica para o setor pesqueiro do estado.

Um dos objetivos do Centro é possibilitar que o acesso ao conhecimento, às informações através das técnicas e tecnologia, alcance as comunidades que trabalham com a pesca, buscando conhecer o meio ambiente e agregando valor e reconhecendo na pesca artesanal, um meio que favorecerá o desenvolvimento da região. Intenta-se com os cursos ministrados no Centro encontrar práticas alternativas e sustentáveis de convívio com o meio ambiente. Dentre os cursos ofertados estão: técnico em pesca, agroecologia e Floresta.

A seguir são apresentados os cursos técnicos ofertados nos CEP e seus respectivos eixos tecnológicos, exposto no quadro 4.

**Quadro 4 – Cursos Técnicos ofertados nos CEP/Eixo Tecnológico**

| <b>EIXO TECNOLÓGICO</b>                 | <b>CURSO TÉCNICO</b>                |
|-----------------------------------------|-------------------------------------|
| <b>AMBIENTE E SAÚDE</b>                 | Enfermagem                          |
|                                         | Meio Ambiente                       |
|                                         | Saúde Bucal                         |
|                                         | Análises Clínicas                   |
|                                         | Massoterapia                        |
|                                         | Imagem Pessoal                      |
|                                         | Cozinha                             |
|                                         | Cuidados de Idosos                  |
|                                         | Reabilitação em Dependência Química |
|                                         | Patologia Clínica                   |
|                                         | Agente Comunitário de Saúde         |
| <b>INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO</b>         | Computação Gráfica                  |
|                                         | Manutenção e Suporte em Informática |
|                                         | Informática para Internet           |
|                                         | Informática                         |
|                                         | Rede de Computadores                |
| <b>PRODUÇÃO CULTURAL E DESIGN</b>       | Processos Fotográficos              |
|                                         | Artesanato                          |
|                                         | Design de Moveis                    |
|                                         | Teatro                              |
|                                         | Produção de Áudio e Vídeo           |
|                                         | Comunicação Visual                  |
|                                         | Instrumento Musical                 |
|                                         | Canto                               |
|                                         | Computação Gráfica                  |
|                                         | Artes Visuais                       |
|                                         | Regência                            |
| <b>SEGURANÇA</b>                        | Segurança do Trabalho               |
| <b>CONTROLE E PROCESSOS INDUSTRIAIS</b> | Eletroeletrônica                    |
|                                         | Recursos Humanos                    |
|                                         | Finanças                            |
|                                         | Administração                       |

|                                             |                                                               |
|---------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|
| <b>GESTÃO E NEGÓCIOS</b>                    | Marketing                                                     |
|                                             | Comércio                                                      |
|                                             | Serviços Jurídicos                                            |
| <b>RECURSOS NATURAIS</b>                    | Pesca                                                         |
|                                             | Agroecologia                                                  |
|                                             | Aquicultura                                                   |
|                                             | Controle Ambiental                                            |
|                                             | Florestas                                                     |
| <b>INFRAESTRUTURA</b>                       | Edificações                                                   |
|                                             | Portos                                                        |
| <b>TURISMO, HOSPITALIDADE E LAZER</b>       | Guia de Turismo                                               |
| <b>DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL E SOCIAL</b> | Tradução e Interpretação de Libras                            |
|                                             | Produção de Materiais Bilíngues em Libras e Língua Portuguesa |

Fonte: NEP/SEED/AP

Consoante o NEP, hoje o quadro de docentes que ministram aulas nos CEP é bem reduzido e conta com 246 professores e professoras, distribuídos nos Ambientes de Aprendizagem e nas Salas de Aula, como mostra o quadro 5.

**Quadro 5 - Docentes lotados nos CEP**

| Centro          | Ambiente de Aprendizagem |           | Sala de Aula |           | Total      |
|-----------------|--------------------------|-----------|--------------|-----------|------------|
|                 | Professora               | Professor | Professora   | Professor |            |
| <b>CEPMWL</b>   | 09                       | 11        | 18           | 18        | <b>56</b>  |
| <b>CEPGRS</b>   | 04                       | 1         | 18           | 09        | <b>32</b>  |
| <b>CEPAJOB</b>  | 06                       | -         | 17           | 09        | <b>32</b>  |
| <b>CCFA</b>     | -                        | 03        | 09           | 04        | <b>16</b>  |
| <b>CEPAVCP</b>  | 17                       | 10        | 09           | 02        | <b>38</b>  |
| <b>CCLFDM</b>   | 08                       | 01        | 12           | 06        | <b>27</b>  |
| <b>CIFPA</b>    | 08                       | 06        | 01           | -         | <b>15</b>  |
| <b>CEPSMSGs</b> | 07                       | 11        | 07           | 05        | <b>30</b>  |
| <b>Total</b>    | <b>59</b>                | <b>43</b> | <b>91</b>    | <b>53</b> | <b>246</b> |

Fonte: NEP/SEED/AP

A partir desses dados, observando o quantitativo de professoras e professores, o percentual de mulheres que estão atuando em sala de aula em todos os CEP, é de 63,2%,

já o percentual masculino representa 36,8%, evidenciando a maior feminização do ambiente escolar, diante de tais números.

## 4 A DOCÊNCIA FEMININA

Esta seção atende ao terceiro objetivo assim descrito: problematizar a educação feminina mediante os obstáculos estabelecidos pelos princípios da sociedade patriarcal, o acesso ao mercado de trabalho através do magistério e as possíveis desigualdades de gênero existentes, salientando o contexto educacional em que estavam à margem, integrando-o, o processo de implementação da escolarização feminina e como as mulheres chegaram à condição de professoras.

### 4.1 Percurso histórico da escolarização feminina

O Estado, por meio de políticas públicas, tem buscado atender reivindicações e superar as discriminações sofridas pelas mulheres. Todavia, percebe-se nesse universo de luta por inserção de direitos e garantia dos já alcançados, os contrassensos e o papel limitante do Estado, ao tratar de políticas afirmativas no que concerne, principalmente, aos direitos à educação. (VIANA; UNBEHAUM, 2004).

Em cada fase da vida produzida e reproduzida por homens e mulheres, os estereótipos são forjados e os papéis que os sexos desempenham também, desde a infância. Segundo Rapkiewicz (1998, p. 172), “as práticas no seio da família de origem permitem a construção de habilidades diferenciadas por sexo”.

Assim, as habilidades que os homens têm em relação à aprendizagem científica, é advinda das práticas realizadas em casa desde a infância. Nesse sentido, Bourdieu (2012) traz um relato de estereótipos ou valores que foram e que são disseminados em sociedade sobre o lugar de subjugação no mercado de trabalho onde a mulher deve ocupar:

Se as estruturas antigas da divisão sexual parecem ainda determinar a direção e a forma das mudanças, é porque, além de estarem objetivadas nos níveis, nas carreiras, nos cargos mais ou menos fortemente sexoados, elas atuam através de três princípios práticos que não só as mulheres, mas também seu próprio ambiente, põem em ação em suas escolhas: de acordo com o primeiro destes princípios, as funções que convêm às mulheres se situam no prolongamento das funções domésticas: ensino, cuidados, serviço; segundo, que uma mulher não pode ter autoridade sobre homens e tem, portanto, todas as possibilidades de, sendo todas as coisas em tudo iguais, ver-se preterida por um homem para uma posição de autoridade ou de ser relegada a funções subordinadas, de auxiliar; o terceiro confere ao homem o monopólio da manutenção dos objetos técnicos e das máquinas (BOURDIEU, 2012, p. 112-113).

Nesse universo social dividido sexualmente, a escola contribui para que os estereótipos sejam reforçados e a formação das mulheres torne-se uma construção ineficiente ou mesmo sem competência técnica para o mercado de trabalho. Rapkiewicz (1998, p. 173), frisou que “[...] assim, os próprios professores reproduzem o estereótipo de que “tecnologia é coisa de homem”.

Nesse processo de evolução histórica, científica e tecnológica, o viver das pessoas refletem seus interesses, carregados de significados de diferentes aspectos, é o que cita Silva (1998, p.10) “as mudanças científicas e tecnológicas envolvem interesses sociais, políticos e econômicos. Tais interesses incorporam uma cultura de gênero”.

É a história que ratifica e divulga a constituição de gênero através de organizações culturais elaboradas ao longo dos tempos. Sendo um saber que torna possível a apreensão crítica a partir da história, perceber como acontece a elaboração do gênero é oportuno. É importante pensar que a discussão sobre gênero necessita ser sempre reconsiderada, refazendo-se também a história da política e a política da história (SCOTT, 2007).

Vale frisar que mesmo diante de tão relevantes transformações mundiais, as mulheres ainda são destratadas, desvalorizadas e invisibilizadas em detrimento da figura masculina, simplesmente pelo fato de ser mulher. Fato esse confirmado por Pateman (2020) quando afirma que

Falar em gênero, em vez de falar em sexo, indica que a condição das mulheres não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção social e política. Realmente, o que os homens e as mulheres são, e como as relações entre eles estão estruturadas, depende muito da importância política atribuída à masculinidade e a feminilidade (PATEMAN, 2020, p. 345).

A localização social depende também do gênero. Diante desse processo, a mulher consegue perceber qual é o lugar que a sociedade espera para ela, onde ela deve estar inserida, especialmente no que diz respeito as mudanças refletidas no lar e os cuidados consigo. A sexualidade e fertilidade são aspectos agora sob o controle da tecnologia da reprodução e as intervenções científicas se respaldam em valores culturais e políticos, os quais o jurídico, assenta. O mercado de trabalho, através das mudanças tecnológicas, traz as transformações de acordo com quem executa a atividade laboral. Assim, as tarefas realizadas e o salário recebido consideram o gênero.

Refletir sobre o que diz a literatura acerca do tema em estudo, clarifica a compreensão a respeito de como acontece as desigualdades e as demais formas de desconsideração feminina e a maneira que se deve lutar pela participação e contribuição

de todos. Especialmente em um ambiente tão propenso ao exercício da cidadania como é o espaço escolar, principalmente, porque é apropriado lembrar que a escola também teve, tem e sempre terá uma importante função social, a de proporcionar ao ser humano, liberdade, igualdade e justiça social.

Mesmo sendo a escola um lugar de luta pelo rompimento com a desigualdade de gênero e pela liberdade de construção de identidades, ela acaba se configurando em uma instituição de manutenção de princípios de dominação, como é mencionado por Bourdieu (2012) em *A dominação masculina*. A escola, assim como o Estado e a família contribuem para que os comportamentos, os costumes, as diversas formas de relações sociais de gênero assimétricas sejam cristalizadas e perpetuadas sutil e por vezes até inconscientemente.

Assim, o discurso e a comunicação são utilizados como mecanismos de subjugação de um sexo pelo outro. É o que menciona Bourdieu (2012, p. 15), quando afirma que “como estamos incluídos, como homem ou mulher, no próprio objeto que nos esforçamos por apreender, incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina”.

Assim, por esse prisma, evidencia-se tão atroz o disparate existente entre o que se vivencia no público e no privado, onde seres humanos, porque são mulheres, têm em seu ambiente familiar – o privado – a subjugação e a submissão ao masculino e na escola – ambiente público – a instrumentalização para que a sociedade masculina impunha a dominação.

Diante de tal realidade, a dominação simbólica, muitas vezes, é assimilada pela mulher como natural e o seu comportamento em meio a esses lugares, converge para que a superioridade masculina prevaleça. Silva (1998, p.11) ratifica esse pensamento quando afirma que a “continuidade entre o que é científico e o que é político e social produz um saber que incorpora uma cultura de gênero onde as mulheres são concebidas como subordinadas”.

Nesse aspecto, Okin (2008) traz uma explanação sobre como a teoria política não aprofunda a discussão e muitas lacunas são geradas a respeito dos diversos sentidos atribuídos aos termos público/privado, o que a autora prefere denominar de público/doméstico, por compreender que existe o aspecto político no universo familiar e que por vezes, esse fator é esquecido ou ignorado, sendo uma das causas das assimetrias de gênero na vida doméstica.

Segundo Okin (2008), sem essa compreensão



Nós não podemos entender as esferas “públicas” – o estado do mundo do trabalho ou do mercado – sem levar em conta o fato de que são generificadas, o fato de que foram construídas sob a afirmação da superioridade e da dominação masculinas e de que elas pressupõem a responsabilidade feminina pela esfera doméstica (OKIN, 2008, p. 320).

Para Silva (1998) o particular e o privado mantêm uma relação muito estreita e o mercado de trabalho e o lar estão associados quando se remete aos papéis que se assumem. Nesse caso, contribuir com as mudanças não é só compreender as diferenças, mas trazer revisitado reflexões que tragam outras realidades, sem subjugação, sem desigualdades entre homens e mulheres.

Observando os registros históricos da educação brasileira, em meados do século XIX, fica evidente que às meninas, principalmente as da classe popular, não havia nenhum estímulo para que elas estudassem, já que as atividades que desempenhavam não “careciam” de conhecimentos advindos de instituição formal de ensino (CHAMON, 2005).

Assim, diante de tal contexto, é notório que o público se convertia em um espaço proibido às meninas., uma vez que as julgavam inaptas intelectualmente. Até mesmo os professores e as famílias não concordavam que mulheres frequentassem as escolas das primeiras letras (CHAMON, 2005).

Como elas iriam frequentar a escola, se a presença delas no ambiente de ensino era reprovada pela sociedade? Uma sociedade fortemente marcada pelos valores patriarcais que impôs à mulher brasileira um alijamento social desde a colonização.

Desse modo, a educação da mulher foi relegada e, sua vida submetida a um poder não escondido, massacrada pela dominação masculina e subjugada como ser humano feminino. A elas, cabia os trabalhos manuais e domésticos e ao marido, vida pública e o trabalho remunerado.

Sem acesso às escolas, quem iria ensinar as mulheres pobres, se as que detinham algum conhecimento, não lhes era permitido o trabalho fora de casa. Almeida (1998) relata-nos que

Durante décadas, o magistério primário havia sido desempenhado somente por homens e havia muitos professores lecionando nas escolas normais para moças e para rapazes. A primeira Escola Normal em São Paulo, criada pela Lei n.34 de 16 de março de 1846, foi destinada apenas ao sexo masculino, tendo sido instalada numa sala de um edifício na Praça da Sé. Não possuía regimento interno e apresentava relatório à Inspetoria Geral da Instrução Pública, à qual estava submetida. Era uma escola de um único professor, que acumulava também a função de diretor e acompanhava a turma de alunos até o final do curso (ALMEIDA, 1998, p. 58).

É nesse contexto de descaso com a educação da mulher que nasce o “sistema de instrução pública elementar no Brasil” (CHAMON, 2005), e que bem caracterizava o momento histórico em que se vivia, o império e, a economia propagava nas relações de trabalho, o modelo pré-capitalista (CHAMON, 2005). Um período marcado pelo descaso com o ensino e com o que ele poderia proporcionar à sociedade brasileira. “Esse ideário dominante, eivado de representações simbólicas, submete a mulher a um trabalho de socialização que tende a diminuí-la pela aprendizagem da resignação e do silêncio. E procura, ainda, excluí-las dos lugares públicos, onde se praticam as atividades consideradas as mais sérias da existência humana” (CHAMON, 2005, p. 42).

Segundo Chamon (2005, p. 47), “o sistema de educação pública brasileiro nasceu no abandono” e com ele, o afastamento das mulheres do conhecimento, do espaço público e do trabalho remunerado.

Havia um monopólio masculino em todas as atividades públicas, e o saber adquirido na escola fazia parte desse monopólio. Era, portanto, usual que a função de professor, nos vários graus de ensino, fosse executada, em sua grande maioria, por cidadãos do sexo masculino (CHAMON, 2005, p. 48).

Nesse momento da história da educação brasileira o professor leigo integra o cenário educativo, que era o profissional sem formação, mas que aprendera o ofício trabalhando ou realizando a função. Esses professores eram desvalorizados, mão de obra extra diante dos professores com formação.

A partir desse quadro de reserva de trabalhadores, a estabilidade do professor foi reduzida, podendo ser dispensado a qualquer momento e, pouca ou quase, nenhuma condição de trabalho era concedida. Tornando-se uma profissão de salários ínfimos, desprestigiada e vergonhosa. Os homens não poderiam se submeter a uma profissão desonrosa (CHAMON, 2005), e ela acabou a cargo das mulheres, como uma atividade extensiva ao lar.

Analisando o contexto social brasileiro, é possível elencar outras razões para que os homens deixassem o magistério, dentre elas cita-se o discurso oficial frisando serem as mulheres mais afinadas ao ofício; com o processo de industrialização, novos ramos de trabalho surgiram para os homens financeiramente mais vantajosos e que eram proibidos às mulheres, e ainda se acrescentava a tudo isso o demérito profissional e os poucos salários (ALMEIDA, 1998).

Não obstante, para as mulheres o ingresso no magistério foi a porta de entrada na vida pública e a possibilidade de trabalho remunerado, com a associação matrimonial e maternal para as que assim desejassem. Nesse processo de vencer os obstáculos e

desfazer um destino de negação à educação das mulheres traçado por outros, ainda assim, as conquistas foram alcançadas muitas vezes firmadas em muito sacrifício e resistência. Motta (2020) relata a persistência feminina em adquirir formação em uma sociedade que lhe impõe tantas barreiras.

As mulheres das classes mais favorecidas vão à escola – uma escassa minoria consegue ir além, até a universidade. Aprendem a ler e a escrever, e escrevem muito, atividade lúdica ou “respiro” particular; em alguns poucos casos, que vão aumentando com o tempo, discutem política, pleiteando ou afirmando direitos para as mulheres. Ao mesmo tempo são desencorajadas a estender o tempo de escolaridade e, mesmo formadas, a trabalhar fora de casa (MOTTA, 2020, p. 87).

Segundo Rosemberg (2020) nas últimas décadas muitas pesquisas têm sido realizadas sobre a condição feminina, o processo de inserção escolar, a contribuição das mulheres na economia e o acesso ao nível superior.

Nos anos 70, já se observava que mulheres eram maioria entre estudantes matriculados e concluintes do ensino médio. Nos anos 1990, tal situação foi observada no ensino superior de graduação. Na passagem para os anos 2000, foi a vez de pós-graduação ostentar maior proporção de mulheres que de homens no corpo discente (ROSEMBERG, 2020, p. 349).

Fora muitos anos de portas fechadas e de direitos negados às mulheres, um caminho marcado pela invisibilidade, porém todas as restrições e fortes segregações para impedir o acesso das mulheres à vida pública, não conseguiram paralisá-las. Os impedimentos e as barreiras forjadas paulatinamente têm sido transpostos e elas ocupam com muito esforço os espaços tão almejados. Os movimentos sociais que lutam para que as mulheres vivam seus direitos seguem avançando.

Nessa trajetória de abertura das escolas e de uma vida pública às mulheres, não tem significado garantias reais de paridades no que diz respeito as oportunidades, e esse acesso não abrange a todas as mulheres. Os sexos ainda dividem espaço entre currículos diferenciados, já que as heranças das assimetrias sexuais são difíceis de serem apagadas (ROSEMBERG, 2020).

Mesmo sendo as mulheres, maioria nas instituições escolares, em muitos outros ambientes continuam existindo abismos históricos entre mulheres e homens, como no caso do mercado de trabalho. Rabelo (2018) comenta que “muitas vezes a mulher busca uma maior qualificação educacional não só para a sua realização pessoal, mas para vencer as barreiras do mercado de trabalho, que geralmente favorece os homens” (RABELO, 2019, p. 45).

Sair do lugar de subalternidade não foi tarefa fácil, todavia, como afirma Soibet (2020), essa luta mudou a história das mulheres.

As mulheres passaram a ser pensadas – para além dos papéis familiares – como pessoas com capacidades profissionais, intelectuais e com possibilidades de eleger representantes e de ocupar elas mesmas cargos públicos. Como previam acertadamente os opositores desses movimentos, as mulheres brasileiras nunca mais seriam as mesmas (SOIBET, p. 234, 2020).

Apesar de ainda existirem desigualdades relativas ao sexo no Brasil, os avanços são vistos e vividos por cada mulher no momento em que são percebidas e respeitadas como seres de direito. Agora elas não são apenas vistas, mas existem no público e no privado legalmente.

#### **4.2 Os caminhos da formação docente**

Segundo Tanuri (2000), as discussões relativas à formação de professores têm sido constantes a partir da década de 1990, por diversos fatores, dentre eles citam os novos cursos de formação ao nível superior e a produção científica realizada pelos autores portugueses e espanhóis, sobre o que já se tem consolidado referente à formação docente. Esse debate ampliou-se ainda mais a partir da promulgação da LDB n.º 9.394/1996, trazendo para o centro dessa demanda o nível da formação que o professor deveria ter, “clarificando que o docente das séries iniciais passasse a ter nível superior, cursado em universidade e/ou Institutos Superiores de Educação, através das licenciaturas e/ou em cursos normais superiores” (TANURI, 2000, p. 61).

Ainda conforme a LDB, a formação mínima de nível médio, obtida através dos cursos normais, será admitida até o final da década da educação (BRASIL, 1994). Nesse âmbito, a importância da escola é debatida, a relevância da escola normal é acentuada, ascendida ao nível superior e, sua renovação é fortalecida, por meio de um currículo aperfeiçoado. Logo, com esse marco regulatório, além de estar em destaque em qual tipo de instituição alcançar a formação, também em qual currículo permeará essa formação, quais saberes serão construídos nesse processo formativo (TANURI, 2000).

Não obstante, após mais de três décadas, a preocupação em comento adicionou novos fatores como “os processos e práticas pedagógicas, [...] a profissionalização, as representações dos atores envolvidos no processo educativo, as questões de classe e de gênero na profissão docente” (TANURI, 2000, p. 62).

A construção da trajetória da história da educação das mulheres e mais especificamente das mulheres docentes, edificada muitas vezes sob alicerces de outros e sob a vontade alheia, demonstra que elas agarraram as poucas oportunidades concedidas e ocuparam espaços antes negados (CHAMON, 2005). Por esse viés, entendemos que, historicamente, participar da vida pública, ter uma vida produtiva através do desempenho de uma profissão e acessar o conhecimento, foram veementemente negados às mulheres. Direitos de uma estadia humana feminina nessa terra de homens, simplesmente desconsiderados.

Por um longo período, as mulheres foram submetidas à condição de reprodutora da espécie, acatando sua invisibilidade pública e tendo que se submeter ao processo de deturpação de contexto vivido e disseminado pelas ideologias masculinas. Compelidas por tantas questões como a cultural, até mesmo muitas mulheres já coadunaram com imposições do sexo oposto, sem quaisquer contestações. Vemos que o acesso ao saber está intrinsecamente atrelado ao poder, uma relação que mantém uma subjugação alicerçada no conhecimento. Assim, sem o saber fica mais fácil sustentar a dominação sobre o sexo oposto (ALMEIDA, 1998).

Todavia, sempre existiu e sempre existirão vontades e escolhas individuais no interior de cada feminino, que se sobrepujarão à tirania de outro humano. Ao que disse Marx (2011, p.25), “os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”.

A partir de tal pensamento e de circunstâncias históricas, que grande parte das conquistas das mulheres tem sido fruto de concessões, lutas ou de interesses econômicos. Chamon (2005) assim retratou a inserção da mulher no espaço público:

A força de trabalho das mulheres das classes menos privilegiadas economicamente passou a ser necessária aos interesses do capital. A produção e o lucro passaram a ser os indicadores mais fortes das relações de poder entre opressores e oprimidos. Isso demonstrou que não só o processo de atração da mulher para os espaços públicos bem como o processo de rejeição dela desses espaços e do trabalho assalariado eram, de fato, regulados pelas necessidades imperantes de um determinado contexto histórico em função dos interesses e necessidades do processo produtivo (CHAMON, 2005, p. 60).

O que se observa nesse contexto de mercado que impõe e dita as regras e, que participar da vida pública e produtiva para pessoas desprestigiadas financeiramente, em particular mulheres, geralmente se traduz pela submissão ou aceitação do que se ordena e de como será a contribuição em face de uma conjuntura econômica opressora.

Para Donatelli (2004), a escola, como lugar de formação, nasce como uma organização de natureza eminentemente burguesa, já que as populações camponesas que abandonavam suas casas e vinham para as grandes cidades necessitavam de trabalho e um trabalho que exigia uma escolarização mínima. Essa busca por emprego chegava até as indústrias manufatureiras que vão sendo implantadas com a Revolução Industrial. Ademais, não eram todos que podiam dispor de tempos de ócio para os estudos.

O trabalho no campo não exigia muitas habilidades, mas esse universo novo do trabalho trazia para o mercado as máquinas, ou seja, a industrialização, e isso requeria do trabalhador habilidades que não possuía antes, como, por exemplo, saber manusear os equipamentos e lidar com tantos instrumentos diferenciados dos que conheciam.

Gradualmente as máquinas, o trabalho fabril, foram tomando espaço e o campo com seu trabalho rudimentar vão perdendo espaço para a nova forma de estruturação econômica. A produção, agora solicitada para o momento econômico, é em larga escala e aos trabalhadores, determina-se que estejam preparados para produzir.

Diante desse contexto, Donatelli (2004, p. 109) diz que,

Escolarizar a população acabou se tornando uma necessidade imperiosa do mundo burguês na medida em que também a ciência cumpria o papel de servir para o avanço do capitalismo. Máquinas e técnicas de produção exigiam cada vez mais avanços no sentido de aprimorar os produtos e a distribuição, baixando custos e conferindo mais qualidade às mercadorias.

Assim, é perceptível que desde o surgimento da escola enquanto instituição formadora, ela já nasce com um papel definido, o de atender ao mercado, aos momentos econômicos e históricos vividos. Evidenciando uma educação disciplinadora, moralizadora e reprodutora dos princípios burgueses.

Louro (1997), ao tratar da escola como o espaço detentor da linguagem, das letras, signos e representações, diz que “para que possamos pensar em qualquer estratégia de intervenção é necessário, sem dúvida, reconhecer as formas de instituição das desigualdades sociais” (LOURO, 1997, p. 86). Nesse sentido, a escola é o espaço de segregação, ao mesmo tempo, em que discursa sobre a unidade.

Não havia a preocupação com uma formação que educasse para a aprendizagem e o conhecimento. E por um período bastante longo, a escola apenas se ajustava para ampliar os valores e princípios propagados limitadamente pela família. A manutenção dos mecanismos usados para dominar as classes era evidenciada através da estrutura curricular que se utilizava (DONATELLI, 2004).

Sair dessa escola de formação intransigente e opressora e atender ao considerável número de analfabetos da população, aliados do processo educativo, fez-se necessário deixar a lógica da dominação, as regras do patriarcado, a exclusão das mulheres, o ensino elitista e pensar numa formação capaz de transformar a escola em uma instituição de fato libertadora, que aproxima, humaniza os humanos, tornando-os seres reflexivos e construtores de sua trajetória.

Por isso, Nóvoa (2019, p. 3) ratifica que aquela escola do século XIX, fundamentada em convenções sociais e políticas, não cabe mais ao século XXI e requer transformações, visto que “já não se trata de melhorias ou de aperfeiçoamentos, ou mesmo de inovações, mas de uma verdadeira metamorfose da escola. Fazer esta afirmação é, também, reconhecer as mudanças que, inevitavelmente, atingem os professores e a sua formação”.

De acordo com Tardif (2014), em sua obra *Saberes docentes e formação profissional*, ensinar exige sumariamente que exista uma relação entre os envolvidos no processo de aprendizagem. E para que esse relacionamento se materialize, muitos fatores devem ser considerados pelo docente e muitas habilidades desenvolvidas precisam ser acionadas para que o ato de ensinar resulte em aprendizagem. Nessa interação, professor e aluno, demandam dispor-se mutuamente.

Nesse sentido, “o saber é um constructo social produzido pela racionalidade concreta dos atores, por suas deliberações, racionalizações e motivações que constituem a fonte de seus julgamentos, escolhas e decisões” (TARDIF, 2014, p. 223). Por esse olhar, compreendemos que o saber do professor é construído e aperfeiçoado a partir das análises reflexivas que tece sobre o desenvolver de sua prática, das ações diárias vivenciadas no ambiente de trabalho. Na reflexão de Nóvoa (2019, p. 9) sobre a trajetória profissional do docente, “a formação nunca está pronta e acabada, é um processo que continua ao longo da vida”.

São saberes desenvolvidos especificamente para serem utilizados também em circunstâncias diárias únicas, cabendo ao professor a incumbência fundamental no ambiente escolar que é a aprendizagem do aluno.

Diante de tal encargo, cabe enfatizar que as narrativas dos professores revelam os aspectos que impossibilitam a realização do objetivo primeiro desse processo, a aprendizagem do aluno, de igual modo evidenciam as histórias subjacentes vividas por cada professor. Isto posto, não é possível desvincular o conhecimento da prática, a experiência do conhecimento e o conhecimento da história de vida. Um trabalho que situa a experiência profissional como elemento constituidor do saber docente.

Para Tardif (2014) quando a subjetividade do professor tem relevância, e o ambiente de trabalho toma a devida importância, sendo também espaço de produção de saberes, conhecimento, valida-se assim, a sua competência enquanto sujeito que teoriza através de sua prática. “Um sujeito do conhecimento, um ator que desenvolve e possui sempre teorias, conhecimentos e saberes de sua própria ação” (TARDIF, 2014, p. 235).

Compreender que o professor em sua prática não aplica apenas uma teoria, mas que a sua prática é a própria produção do saber. Esse aspecto torna-se revelador e desmistificador quanto a formação e a atuação do professor, que deixando de ser um prático de teorias alheias, para se tornar prático de suas próprias produções, encerrando uma longa história de ser um profissional alienado do saber que ensina, “É preciso saber, porém, que todo trabalho humano, mesmo o mais simples e mais previsível, exige do trabalhador um saber e um saber-fazer” (TARDIF, 2014, p. 236).

No que concerne ao currículo de formação de professores, Tardif (2014) faz menção a importantes aspectos que devem ser considerados e que favorecem as mudanças quanto ao processo de formação docente, sendo a compreensão de que os professores são os sujeitos que arquitetam o conhecimento e que ouvir suas concepções sobre essa construção é um dever de quem implementa as políticas públicas.

Já há pesquisas recentes, publicadas em artigos científicos qualificados, que valorizam as narrativas de mulheres educadoras a exemplo da formação e atuação profissional de: Célia Goiana (FIALHO; CARVALHO, 2017), Maria Luiza Fontenelle (FIALHO; FREIRE, 2018); Henriqueta Galeno (FIALHO; SÁ, 2018); Neli Sobreira (FIALHO; QUEIROZ, 2018); Célia Goiana (FIALHO; CARVALHO, 2018); Aída Balaio (FIALHO; LIMA; QUEIROZ, 2019); Argentina Pereira Gomes (MENDES; FIALHO; MACHADO, 2019); Zelma Madeira (FIALHO; HERNÁNDEZ DÍAZ, 2020); Iolanda dos Santos Gomes (MENDES, *et al.*, 2020); Rosa Ribeiro (FIALHO; SOUSA; HERNÁNDEZ DIAZ, 2020); Raquel Dias (FIALHO; SANTOS; FREIRE, 2020); Maria Zuila Morais (LOPES; SOUSA; FIALHO, 2020); Josete Sales (FIALHO; SOUSA; NASCIMENTO, 2020); Maria Helena da Silva (FIALHO; CARVALHO; NASCIMENTO, 2021), Helena Potiguara (PEREIRA; SOUSA; FIALHO, 2021); Ana Carolina Costa Pereira (OLIVEIRA; SOUSA; FIALHO, 2021); Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (FIALHO *et. al.*, 2021); José Honorato Batista Neta (FIALHO; HERNÁNDEZ DÍAZ; FREIRE, 2021); Hilda Agnes Hübner Flores (FIALHO; BRANDENBURG; HERNÁNDEZ DÍAZ, 2021); irmã Maria Montenegro (CARVALHO; FIALHO; LIMA, 2021); Elisabeth Silveira (FIALHO; SOUSA, 2021) e Maria Margarete Sampaio de Carvalho Braga (FIALHO; COSTA; LEITE, 2022),



todavia, nenhuma delas centra ênfase nas narrativas de professoras que atuam na educação profissional.

Consta, contudo, que o exercício profissional mobiliza conhecimentos específicos de cada etapa e modalidade da educação que são provenientes do próprio fazer e que a reflexão dessa prática docente deve conduzir o ensino qualificado. Uma prática situada e crítica que parte do princípio de que a análise daquilo que compõe a história da educação e o dia a dia no tempo presente da docência pode gerar uma constante práxis reflexiva.

Nessa perspectiva, reconhecer e valorizar os professores da educação profissional como sujeitos e produtores de saberes é reconhecer a dimensão, o mérito assumido quanto as decisões que gerem as políticas públicas voltadas ao contexto educacional. Uma profissão que traz enraizada em sua trajetória uma desvalorização entre os seus, entre os professores atuando em diferentes níveis e modalidades da educação, poderá alcançar o reconhecimento quando o valor for creditado a cada docente, independentemente do nível em que exerça a profissão.

Como bem enfatiza Tardif (2014, p. 244) “diante do outro professor, seja ele do pré-escolar ou da universidade, nada tenho a mostrar ou a provar – mas posso aprender com ele como realizar melhor nosso ofício comum”. Uma formação e um aprendizado que não se constroem na solidão, sem pares ou isolados do mundo real, mas partilhados e com a convicção de que são nas unidades que se forma o todo e, assim, “precisamos dos outros para nos tornarmos professores” (NÓVOA, 2019, p. 10).

Com a oficialização da educação pública na contemporaneidade, fez-se necessário o assentamento de instituições que propiciassem a formação específica para professores, uma necessidade que se harmonizava com as concepções liberais, retirando o amparo religioso sobre o ensino e universalizando o ensino primário. Nessa conjuntura, o Estado chama para si a responsabilidade sobre as escolas normais, com os ideais propalados pela Revolução Francesa (TANURI, 2000).

Todavia, Machado (2015, p. 11) ressalta que apesar de o Estado ter assumido a tutela sobre a educação “a falta de concepções teóricas consistentes e de políticas públicas amplas e contínuas tem caracterizado, historicamente, as iniciativas de formação de docentes especificamente para a educação profissional, no Brasil”. Desse modo, entende-se que políticas públicas específicas para a formação de professores viabilizariam mudanças em campos educacionais que necessitam de definições claras no que se refere aos aspectos pedagógicos e didáticos.

Compreendendo a educação em um contexto sobremaneira masculino e um elemento subjugador de poder, as mulheres, em busca de visibilidade e reconhecimento social, já que estavam submersas à existência doméstica e promovendo a vida dos outros – os homens, encontraram uma profissão no magistério por suas necessidades. O trabalho que lhes era permitido, não sem relutâncias do sexo oposto, contudo, apropriado para quem ansiava por dignidade.

Segundo Almeida (1998, p. 77), “a história do magistério primário feminino brasileiro é, principalmente, uma história de mulheres, de uma força invisível que lutou consciente e espontaneamente em defesa de suas crenças e de sua vontade”. Assim sendo, não podemos desconsiderar as escolhas pessoais que cada mulher realizou. Existem os fatores históricos objetivos, contudo as subjetividades entrelaçam-se nesse processo, coadunando para que não somente as relações produtivas e econômicas sejam lembradas, mas também o querer de cada uma.

O fato de mulheres ter ocupado espaço na profissão magistério, tal questão não contribuiu para que o desprestígio salarial e social acontecesse, uma vez que o ofício nunca recebeu o reconhecimento que se faz jus (ALMEIDA, 1998). Diante da inserção feminina na educação, as circunstâncias começam a mudar, tendo em vista que o conhecimento envolve relações de poder, a dimensão afetiva também ganha relevância, sem deixar de lado a competência técnica para o exercício da profissão. Almeida (1998, p. 80) assim argumentou: “desde o princípio, a vontade feminina de exercer o magistério também incluiu o potencial da competência exigida para o aprimoramento docente fornecido pela prática e pela experiência. ”

Nesse sentido, Nóvoa (1992) reforça dizendo que

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (NÓVOA, 1992, p. 13).

Diante do exposto, é que ratificamos que para a jornada de construção da formação docente faz-se necessário não apenas o conhecimento advindo de cursos, mas também e tão importante quanto, são os significados que despertam as especificidades do ser docente entrelaçados nas experiências cotidianas de cada mestre.

## 5 TRAJETOS METODOLÓGICOS

Nesta seção serão expostas as etapas desta pesquisa, como cada fase foi fundamentada e desenvolvida metodologicamente, os centros de educação profissional pesquisados, as docentes participantes, os aspectos éticos relacionados, os dados coletados e as estratégias de análise.

### 5.1 Caminhos metodológicos

Diante desse contexto, de busca por respostas às reflexões acerca da realidade em estudo e associado ao anseio de uma aproximação mais eficaz com o objeto de pesquisa, de acordo com Goldenberg (2004), tornamo-nos cientistas sociais que, ao mesmo tempo é objeto e sujeito de sua pesquisa. Assim, quanto a natureza da pesquisa, optou-se por se desenvolver uma investigação qualitativa por tratar-se de relações sociais complexas que necessitam de uma interpretação a partir do momento em que se explora as informações contidas na pesquisa social.

Nesse sentido, Velho (1978) faz referência ao estranhamento do que seja considerado familiar, já que se possui mentalmente um esquema social que traz a proximidade aos contextos, ao cotidiano, nomeando coisas e definindo espaços e posições ocupados pelos indivíduos. “O processo de descoberta e análise do que é familiar pode, sem dúvida, envolver dificuldades diferentes do que em relação ao que é exótico” (VELHO, 1978, p. 7).

Assim, essa pesquisa é social por trabalhar com os relatos das mulheres docentes da EP, revelando significados, objetivos, revisitando memórias de um passado bem próximo, experiências sociais e históricas vividas e compartilhadas profissionalmente. Por esse caminho, descortinar o universo do outro humano possibilita enxergar uma identidade entre os envolvidos no processo de pesquisa. É a vivência do pesquisado fazendo sentido e sendo percebida, materializando, dessa forma, a consciência histórica citada por Minayo (2002).

Segundo Goldenberg (2004, p. 3), “na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc.”

Diante de tais fundamentos fica ainda mais evidente que a abordagem qualitativa favorece um detalhamento mais refinado do objeto pesquisado, como bem

esclarece Goldenberg (1978, p. 30) “Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações visando compreender os indivíduos em seus próprios termos.”

Por adentrar o universo das docentes da EP, considerando a subjetividade, as opiniões, seus sonhos, suas realizações, a construção de valores, compreender o aspecto pessoal com os acontecimentos falados, os saberes apreendidos ao longo da trajetória profissional das professoras participantes, a pesquisa salienta a dimensão qualitativa uma vez que se dispõe a estudar um fenômeno difícil de ser dimensionável numericamente. Assim, essa pesquisa envolve significados únicos e individuais, histórias faladas e escritas pelas próprias professoras através de suas narrativas. Considerar suas subjetividades é enxergar a realidade pelo prisma de mulheres que, envolvidas pela docência, tecem seus percursos formativos em busca de uma atuação com valor social. Diante disso, essa pesquisa alicerça o diálogo entre as narrativas de mulheres docentes e as experiências reais de vida.

Em virtude dos objetivos da pesquisa cabe classificá-la como explicativa, vez que trará relatos das mulheres professoras, narrativas sobre formação docente, memórias e subjetividades que esclarecerão fatores intrínsecos aos trajetos experienciais vividos pelas professoras participantes. Segundo Gil (2002, p. 42) a pesquisa explicativa tem como “preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.”

Esse tipo de pesquisa traz uma compreensão mais aprofundada da realidade, fator esse sendo alargador do conhecimento em questão, pelo fato de rememorar as motivações, explicações e os argumentos das professoras da educação profissional para a existência dos fenômenos. Assim, percebe-se que ao utilizar a pesquisa explicativa enfatiza o caráter esclarecedor e determinante quando da existência dos fenômenos e os fatores que influenciam a trajetória formativa e escolha profissional.

## **5.2 Lócus da pesquisa**

O Estado do Amapá tem oito centros de educação profissional, dos quais, seis encontram-se na capital, Macapá e dois estão localizados no município de Santana. Para melhor delimitação geográfica, foi definido que a realização da pesquisa efetivar-se-ia apenas no município de Macapá. Assim, dos seis centros existentes em Macapá, foram selecionados para a pesquisa apenas os quatro que ofertam cursos técnicos de nível médio. Os outros dois centros como ofertam somente cursos de Formação Inicial e Continuada – FIC não foram selecionados, por não serem o foco da pesquisa. Deste modo, as entrevistas

foram realizadas com quatro mulheres docentes dos quatro centros situados no município de Macapá, capital do Estado do Amapá. As participantes da pesquisa são professoras que atuam e ministram aulas nos Centros de Educação Profissional do município de Macapá, estado do Amapá.

Foram convidadas a participarem da pesquisa quatro professoras, uma de cada Centro Profissional do Município de Macapá/AP que ofertam cursos técnicos de nível médio. São eles: Centro de Educação Profissional em Música Walkiria Lima (CEPMWL), Centro de Educação Profissionalizante do Amapá Professora Josinete de Oliveira Barroso (CEPAJOB), Centro de Educação Profissional em Artes Visuais Cândido Portinari (CEPAVCP) e Centro de Educação Profissional Graziela Reis de Souza (CEPGRS).

### 5.3 Participantes da pesquisa

As quatro professoras participantes foram selecionadas considerando o maior tempo de atuação no respectivo centro em que desenvolvem suas atividades profissionais. Para garantir e preservar a identidade três participantes, foram-lhes atribuídos codinomes<sup>5</sup> escolhidos entre as mulheres educadoras brasileiras que lutaram pela educação como direito dos seres humanos. Uma das participantes, a professora Simone da Silva, autorizou sua identificação na pesquisa. Com base nas narrativas coletadas das quatro mulheres docentes, apresentamos uma biografia resumida de cada professora participante:

**Nísia:** 33 anos, solteira, licenciada em Artes Visuais/Bacharel em Administração Geral/Especialização em Gestão/Mestrado em Ciências da Educação. Atua desde 2013 na educação profissional e é funcionária do quadro do estado do Amapá, no regime estatutário e 40h/ semanal

---

<sup>5</sup>**Nísia Floresta** em sua obra *Direito das mulheres e injustiça dos homens* – trouxe avanços sobre a discussão da igualdade e liberdade tão desejadas pelas mulheres brasileiras. Acreditava que a subalternidade e a privação pública vividas pelas mulheres eram frutos da falta de educação e exerceu o magistério ministrando aulas para as mulheres (REZZUTTI, 2018).

**Maria Firmina dos Reis** foi a primeira escritora nacional a publicar livros no país e a primeira mulher a ser aprovada na prova Vila Guimarães, tornando-se professora primária no Maranhão e a fundadora da primeira escola que atendia negros e brancos (REZZUTTI, 2018).

**Antonietta de Barros** foi a primeira mulher negra a assumir um mandato no Brasil pelo Estado de Florianópolis. O dia 15 de outubro foi estabelecido como o Dia do Professor por meio da Lei n. 145, de 12 de outubro de 1948, de sua autoria. Lutou em favor da educação para a população brasileira e pela defesa da formação do professor (ROMÃO, 2021).

**Simone da Silva:** 49 anos, tem um filho de 24 anos, solteira, Licenciada Plena em Educação Artística com Habilitação em Música/Especialização em Metodologia do Ensino da Música/Curso Técnico em Piano – Universidade Federal do Pará. Trinta anos de serviço na educação profissional. Regime de trabalho: estatutária/concursada pelo estado do Amapá. Simone não aceitou o uso de pseudônimo e autorizou a divulgação de seu nome.

**Maria:** 74 anos, solteira, Enfermeira com Habilitação em Obstetrícia - Enfermeira parteira/Professora do Ensino Fundamental e Médio, com formação em Ciências da Matemática. Trinta e oito anos de serviço na educação profissional. Regime de trabalho: na educação tem 20h (quadro federal) e área da saúde, 30h – Estadual.

**Antonietta:** 62 anos, casada, tem dois filhos formados: um médico e um engenheiro. Formação: Administração/ MBA em Gestão de Pessoas; licenciada em Biologia/Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica/Mestrado em andamento. Tem 15 anos de serviço na educação profissional. Regime de trabalho: Estatutária com dois contratos: 40h/20h.

Os relatos das mulheres docentes participantes desta pesquisa evidenciam conexões realizadas entre as diversas habilidades desenvolvidas no exercício da docência e os saberes mobilizados para que cada atividade executada alcance seu objetivo e seja aperfeiçoada.

#### 5.4 Aspectos éticos

Em cumprimento às normas do Comitê de Ética relativas à participação de seres humanos em pesquisa, todos os preceitos foram seguidos conforme a Resolução n.º 196/96 – Conselho Nacional de Saúde que trata sobre pesquisas dessa natureza. Diante de tais orientações, ratificamos que a pesquisa realizada com as mulheres docentes seguiu todos os protocolos de forma que não ocasionasse danos, perigos, riscos à vida delas, nem problemas de ordem psicológica ou que as constrangessem moralmente (MANSO, 2004).

Assumimos o compromisso de manter a identificação das docentes participantes sob sigilo, através da apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a confirmação de participação na pesquisa.

E com relação aos aspectos patrimoniais de direitos de autor sobre depoimento oral, foi elaborado o Termo de Cessão de Direitos sobre Depoimento Oral, lido e assinado antes da efetivação das entrevistas. Esse procedimento visou assegurar a

aplicabilidade da legislação vigente, a Lei n.º 13.709 de 14/08/2018, que versa sobre a coleta, processamento e armazenamento de dados pessoais – LGPD (MANSO, 2004).

## 5.5 Coleta de dados

Para a coleta dos dados optou-se pela História Oral Temática realizada mediante entrevistas semiestruturadas, orientadas por anotações de interesse pelas quais o pesquisador conduz durante a entrevista. Segundo Meihy e Holanda (2015), “história oral como metodologia implica formular as entrevistas como um epicentro da pesquisa. Tudo giraria em torno delas, que atuariam como força centrífuga das preocupações” (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 72).

Para Meihy e Ribeiro (2011), a história oral temática é uma metodologia que considera a experiência como matéria-prima para o estudo, propondo-se à compreensão do universo pessoal a partir das narrativas que atravessam emoções e impressões, portanto, com reconhecimento e consideração às subjetividades.

Os roteiros foram utilizados e previamente elaborados, respaldando os dados obtidos e ratificando ou não os elementos investigados.

Segundo Manzini (2012)

A entrevista semiestruturada tem como característica um roteiro com perguntas abertas e é indicada para estudar um fenômeno com uma população específica: grupo de professores; grupo de alunos; grupo de enfermeiras, etc. Deve existir flexibilidade na sequência da apresentação das perguntas ao entrevistado e o entrevistador pode realizar perguntas complementares para entender melhor o fenômeno em pauta (MANZINI, 2012, p. 156).

As fontes orais como as entrevistas são envolvidas de emoções, já que sua materialização só é possível porque é o próprio participante da pesquisa quem lhes dá vida (FERREIRA, 1994). Nesse sentido, recorrer à entrevista possibilita o acesso à memória, de forma que se faça reflexões sobre a trajetória pessoal e profissional de cada mulher docente envolvida na docência da EP, expondo suas subjetividades e maneiras tão peculiares de enxergar as trajetórias de aprender e ensinar.

Por isso, de acordo com Portelli (1997) a memória apreendida como processo vivido pelo ser humano, torna-se elemento social em movimento, apesar de ser ferramenta exclusiva de quem relata, sendo socializada não perde seu fundamento.

O método de coleta de dados, por meio da História Oral, foi selecionado visando compreender as trajetórias individuais, as histórias de vida das docentes,

evidenciando suas memórias sociais, dando voz às oralidades por vezes esquecidas no contexto profissional.

Por essa perspectiva, leva-se em consideração o relato dos acontecimentos passado sem esquecer de revelar que se trata de um estudo do tempo presente, imbuído de particularidades e impressões emocionais, como argumentou Portelli (1997):

(...) mostram-se contraditórios, conforme a entonação conferida pelo relator, principalmente quando há observância rígida das regras e lógica gramaticais, sem se atentar para o teor emocional existente nos conteúdos das narrativas, quanto a velocidade, pausa, pontuação, intenção, mudanças de discursos e oscilações, que se desvelam mais pelo ato de ouvir, que de escrever" (PORTELLI, 1997, p. 28).

Nesse sentido, dar ênfase ao lugar de voz das professoras, escrevendo suas narrativas, favorece a construção da pesquisa qualitativa, uma vez que os anseios e angústias de uma parcela de um grupo social é coletivizado de forma sistematizada.

Assim, em virtude da pandemia do coronavírus vivenciada por todos, por motivo de segurança, uma das participantes solicitou fazer a entrevista online, via Google Meet, porque estava em quarentena. As demais, três, foram realizadas presencialmente.

É desta composição pessoal social que a história se faz conhecida e socializada:

Fazer uso da história oral como metodologia de pesquisa é dar voz àqueles que são impedidos de fazerem-se integrantes da história legitimada socialmente. "A classe hegemônica tem na escrita o seu marco essencial, o seu suporte para contar e interpretar a história, e não permite à classe não hegemônica as mesmas condições para desenvolver o dom da escrita e contar os percalços sobre sua vida (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004, p. 12).

## 5.6 Estratégias de análise

Visando realizar interpretações dos dados coletados de forma que se contemplasse o rigor científico, foi utilizado para a análise, a técnica de Análise de Conteúdo Categórica. Segundo Bardin (2011) a análise de conteúdo deixa transparecer os sentidos, retratando-os objetivamente, sistematizada e quantificando o conteúdo coletado através dos diálogos e o que significam.

Seguindo a organização da análise apresentada por Bardin (2011), a técnica subdivide-se em três etapas que são:

1) Pré-análise do material: essa é a fase em que todo o material é selecionado e organizado, objetivando a sua sistematização. Nessa etapa acontece a análise mais



minuciosa do material que será utilizado, conforme os fundamentos da pesquisa, índices e indicadores que se pretende elaborar e alcançar.

2) Exploração do material: é nessa etapa que a efetivação das decisões se materializa, os dados são isolados e agrupados, reunidos, divididos e o processo de codificação e categorização das unidades é realizado. É a classificação dos dados coletados.

3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Faz-se uma leitura detalhada do material identificando características específicas para que se chegue às inferências. As inferências objetivas e sistemáticas contribuirão para as interpretações.

Na análise categorial é verificada a frequência de características agrupadas anteriormente em categorias relevantes. Assim, a análise de conteúdo, segundo Bardin (2011) representa

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Essa estratégia de análise permite realizar inferências sobre relatos e leituras mais consistentes relativas ao objeto em estudo, destacando o seu caráter social, uma vez que partindo das narrativas coletadas, expressam realidades sociais de professoras que vivem de forma única e individualmente e, ao mesmo tempo, interligadas coletivamente (BARDIN, 2011).

Segundo Bauman (2003) algumas palavras conseguem revelar emoções quando cita que “as palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações” (2003, p. 7). Nesse sentido é que Bardin (2011) ao propor uma análise de conteúdo, destacando a importância da linguística e sua contribuição para a compreensão do uso da língua e como ela se processa, todavia, ressalta o que mais deve ser considerado em uma análise de dados, é o que está subjacente às palavras. É por esse enfoque que a técnica se adapta perfeitamente na presente pesquisa por tratar-se justamente de um trabalho de significados manifestos através das narrativas das docentes e suas essenciais interpretações.

Sendo as narrativas das mulheres docentes o foco da pesquisa, cabe analisar as mensagens relatadas, buscando compreender a realidade dita ou se existe uma não expressada com palavras. Por isso, a partir da análise dos dados, foi importante fazer um retorno aos referenciais teóricos, já que trazem a fundamentação à pesquisa, envolvem o

trabalho em um significado ímpar e a análise do que se coleta só se faz experienciar a partir do referencial que alicerça a pesquisa.

## **6 RESULTADOS E DISCUSSÕES: O QUE DIZEM AS NARRATIVAS DAS DOCENTES SOBRE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO?**

Referir-se a subseção anterior que trata das estratégias de análise, ratificamos que a Análise de Conteúdo Categórica Temática foi selecionada porque, fez-se necessário, a partir das entrevistas realizadas, definir categorias de análises, uma vez que nas falas das quatro participantes da pesquisa várias ideias núcleos se repetiam. Diante disso, a referida técnica pode contemplar o objetivo pretendido para a seção. Desse modo, não fazia sentido analisar uma narrativa de cada vez, já que seriam muitas as repetições de informações e análises.

Assim, ficou mais oportuno estabelecer as categorias em blocos temáticos partindo que do falaram as docentes. As grandes categorias recorrentes nas falas das professoras foram as seguintes: a) formação educacional, b) atuação e experiência profissional e c) docência feminina na educação profissional.

Esta seção tem como intenção atender ao quarto objetivo desta pesquisa que analisará as narrativas das mulheres professoras sobre como se processam as trajetórias acadêmicas e as atuações docentes na educação profissional. A formação educacional das mulheres professoras será narrada na subseção 6.1.

### **6.1 Formação educacional**

Desse modo, a formação docente tornou-se tema de muitas discussões e o debate permanece em aberto e questões do tipo como se processa essa trajetória formativa e que práticas, quais pedagogias seriam as mais indicadas para compor a formação dos professores brasileiros são algumas indagações recorrentes, bem como quais políticas públicas têm sido discutidas e desenvolvidas em sociedade para que o ato de ensinar seja de fato um processo de reinventar-se, reflexivo e elemento imperativo de mudança social. (NÓVOA, 2019).

As mulheres docentes participantes da pesquisa relataram suas formações mencionadas no quadro 6:

**Quadro 6 – Formação da mulher docente**

| <b>PROFESSORA</b> | <b>FORMAÇÃO BÁSICA</b> | <b>FORMAÇÃO SUPERIOR</b>      |
|-------------------|------------------------|-------------------------------|
|                   |                        | Licenciatura em Artes Visuais |

|                  |                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                          |
|------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Nísia</b>     | Escola Estadual Barão do Rio Branco - pública<br>Escola Estadual Deuzuite Maria Carvalho Cavalcante - pública<br>Colégio Amapaense - pública                                           | Bacharel em Administração Geral<br>Especialização em Gestão<br>Mestrado em Ciências da Educação                                                                                          |
| <b>Antonieta</b> | Escola Dr. ° Hermelino Herbster Gusmão - pública<br>Instituto do Amazonas - pública (Curso Normal)                                                                                     | Administração/ MBA em gestão de pessoas<br>Licenciada em Biologia<br>Especialização em Docência na educação profissional e tecnológica<br>Mestranda em Planejamento e Políticas Públicas |
| <b>Maria</b>     | Creche – pública<br>Patronato Santa Terezinha - escola religiosa que atendia meninas<br>Instituto de Educação do Amazonas - pública (Curso Normal)                                     | Professora do Ensino Fundamental e Médio, com formação em Ciências da Matemática<br>Enfermeira com Habilitação em Obstetrícia- Enfermeira parteira                                       |
| <b>Simone</b>    | Escola Municipal Roraima - pública<br>Escola Estadual Irmã Santina Rioli - pública<br>Colégio Amapaense - pública<br>Escola de Música Walkiria Lima (curso técnico em piano) - pública | Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Música<br>Especialização em Metodologia do Ensino da Música                                                                          |

Fonte: elaborado pela autora, a partir dos dados das entrevistas

Das quatro professoras entrevistadas, duas possuem o magistério, Antonieta e Maria, obtidos por meio do Curso Normal, Simone fez ensino médio normal e o curso técnico de nível médio em piano e Nísia com ensino médio normal. Todas as participantes têm formação superior, sendo que Nísia e Antonieta têm mais de uma graduação. Antonieta está com o mestrado em andamento e Nísia já concluiu. As trajetórias de formação inicial e continuada dessas mulheres docentes têm embricamento no exercício docente com o universo experiencial adquirido por elas ao longo das formações.

As quatro participantes da pesquisa tiveram a oportunidade de começar a escolarização bem cedo e seus pais colaboraram com esse momento porque eles tinham interesse na educação dessas mulheres. Um elemento recorrente nas falas das professoras é o início da alfabetização, um processo que começou mesmo antes de estar matriculada em uma escola, como mostra o relato de Nísia e Simone:

Com 5 anos eu já estava alfabetizada e eu ainda não estava na escola. [...] eu frequentei o pré-escolar I e II na Escola Barão do Rio Branco. Aí eu fui com 6 anos para a 1ª série. [...] e aí foi maravilha assim, a minha infância nesse sentido escolar, sempre gostei muito de estar no ambiente escolar, de estudar e essa curiosidade toda (NÍSIA).

Então, eu sou de um tempo que a infância era, hoje a gente acha até diferente, mas era comum, brincadeira, eu fui no tempo certo para a escola, comecei a ser alfabetizada aos seis anos (SIMONE).

Antonieta e Maria relatam esse período com muita emoção, revisitando o apoio que receberam dos pais nesse momento, fazendo da infância um tempo marcado pelo aprendizado:

Quem nos acompanhava era o papai, perguntava se fazia dever de casa, se não fazia. A tarde ele chagava, brincava com a gente, colocava corda, tudo o que a gente queria ele fazia, meu pai sabe, então, uma paixão muito grande. E assim, eu tive uma grande infância, ele sempre deu apoio, nesse sentido, de tudo o que a gente queria fazer, ele trazia, ele buscava sabe, nos ajudava em tudo, carnaval, festas mesmo, campeonato, ele dava maior apoio (ANTONIETA).

Na minha infância até os 7 anos, nós tivemos formação elementar em creche, na época do governo do Getúlio Vargas (MARIA).

Para as professoras o ambiente escolar e o universo do conhecimento revelavam não apenas o domínio da leitura e da escrita, porém era permeado de significações pessoais. É o que ratifica Ricardo (2021):

Aprender a escrever é um processo que ocorre dentro e fora da escola. Da mesma forma, a linguagem escrita constitui um objeto de conhecimento que está relacionado ao ambiente sociocultural em que é produzida. Conseqüentemente, aprender a escrever depende não só da orientação do professor nas atividades que meninos e meninas podem desenvolver, mas também do significado que têm para quem as realiza (RICARDO, 2021, p. 43).

Esse período inicial de escolarização das professoras era um momento da vida em que estudar constituía-se em parte da infância, esperado com ansiedade e que trazia satisfação. Ir para a escola era gratificante e quando a aprendizagem acontecia, logo o conhecimento era compartilhamento. Os trechos das falas das professoras Antonieta e Nísia confirmam essa relação:

/.../ eu gostava tanto de estudar que eu alfabetizei a minha irmã antes dela ir para a escola, ela já estava alfabetizada /.../ porque eu chegava em casa, tudo o que eu aprendia na escola, eu ia falava para ela, contava para ela. Papai fez uma sala em casa, colocou um quadro de giz, já atuava, já dava aula para ela (ANTONIETA).

*.../ paralelo a isso também, o interesse meu e das minhas irmãs, a gente sempre foi muito próximas, é, inclusive, a minha irmã mais velha também a gente brincava dela sendo a professora, me ensinava. (NÍSIA)*

A infância trouxe para o universo da alfabetização das professoras experiências reais de aprendizagens, traduzidas nas brincadeiras de ser professora. Enquanto se brincava, ensaiava-se o exercício da docência.

Das quatro participantes, uma cursou o pré-escolar até os seis anos, uma começou sua escolarização em creche e ficou até os sete anos na pré-escola e duas iniciaram os estudos aos seis anos já no primário. Todas residiam em área urbana no período da alfabetização, alunas de escolas públicas e fazem menção à qualidade do ensino construído:

*.../ a escola que eu frequentei era uma das melhores escolas do país que existia na época porque todos os professores, mesmo a gente sendo do Norte, os nossos professores tudo vinham do Sul do país, do Sul e Sudeste. .../ eu tive uma educação muito boa. .../ nós sempre tivemos dentro da escola, outras atividades para desenvolver, outras competências, nas artes, na área da parte esportiva, sempre a escola trabalhou dentro desse contexto (ANTONIETA).*

*.../ os professores do abc eram muito dedicados mesmo. Eu tenho uma memória incrível das professoras, inclusive, porque elas, como as pessoas dizem, faziam de um tudo, e quando tinham os eventos da escola eu adorava porque acho que foram as primeiras peças de teatro que eu assisti na vida ao vivo, eram as das minhas professoras, que eu achava a minha professora incrível, a melhor professora, a professora Nelma (NÍSIA).*

*.../ se a gente for pensar na educação da década de 70 para 80 era uma educação bastante tradicional, mas eu tive bons professores, tive muito bons professores, apesar do tradicional, porque acho nem tudo o que é tradicional é tão démodé, é tão fora de uma realidade, eu tive, eu fui muito bem-educada, falando em nível de conhecimento, não fui uma aluna de ter muitas dificuldades de aprendizagem não (SIMONE).*

É perceptível que essas mulheres ao serem inseridas no ambiente alfabetizador ainda crianças receberam o atendimento compatível com seus tempos, uma educação tradicional, no entanto, suas subjetividades foram estabelecidas à medida que eram respeitadas como sujeitos do próprio aprendizado. Farias e Salles (2012) dizem que

*Considerar a criança como sujeito é levar em conta, nas relações que com ela estabelecemos, que tem desejos, ideias, opiniões, capacidades de decidir, de inventar, que se manifestam, desde cedo, nos seus movimentos, nas suas expressões, no seu olhar, nas suas vocalizações, na sua fala. É considerar, portanto, que essas relações não devem ser unilaterais – do adulto para a criança –, mas relações dialógicas- entre adultos e criança –, possibilitando a constituição da subjetividade da criança como também contribuindo na contínua constituição do adulto como sujeito (FARIA; SALLES, 2012, p. 44).*

E quando o processo educacional ia alcançando outros níveis, as participantes da pesquisa deixam evidente que a formação escolar foi um caminho percorrido de maneira tão natural que as etapas da escolarização se interligavam sem interrupção.

*.../ E daí, continuei com a minha formação no Colégio Católico “Patronato Santa Terezinha” lá em Manaus, terminei o meu ensino fundamental, depois fui para o meu ensino médio no Instituto de Educação do Amazonas (MARIA).*

*Eu comecei a alfabetização foi na Escola Roraima, depois eu passei para o Santana Rioli e depois para o Colégio Amapaense. .../ comecei com seis, eu lembro que eu não fiz jardim de infância naquele tempo, eu já fui para a 1ª série com seis anos, e aí eu terminei o 2º grau com 18 anos (SIMONE).*

Maria cita o percurso da sua formação básica sem interrupções ou dificuldades que embaraçassem esse processo, concluindo cada fase no tempo devido, assim como Simone que apesar de não ter trilhado o jardim de infância, seguiu seu itinerário da educação básica normalmente.

As professoras Nísia e a Antonieta descrevem suas trajetórias na escola, destacando as atividades que a instituição oferecia, seus interesses em aproveitar tudo e como o envolvimento com as práticas escolares contribuiu para o processo formativo.

*.../ eu fui cria do Cândido Portinari, eu entrei lá com 9 anos de idade e só saí com 16, quando eu entrei para a UNIFAP, e lá dentro eu fiz os cursos de desenho, pintura, modelagem, oficina de teatro, e são coisas que me acompanham até hoje na minha vida adulta (NÍSIA).*

*Eu nadava na época também, além da questão de escola, eu tinha a parte de esporte, que eu nadava, tenho medalhas, tinha várias medalhas que eu ganhei na área de natação. Era atleta .../ eu nunca repeti série, sempre tive notas boas (ANTONIETA).*

Nísia cita todo o aprendizado que teve na infância e adolescência no Centro Portinari, instituição que lhe propiciou a base sobre o conhecimento da arte e que contribuem atualmente em sua atuação profissional. Hoje o Cândido Portinari é o ambiente que a professora Nísia exerce a docência em arte. A professora Antonieta relembra que associado as atividades de sala de aula, também participava daquelas voltadas ao esporte. Um incentivo a mais para que o aprendizado fosse efetivo.

É nesse sentido que Nóvoa (1992) refere-se que a formação como sendo construída por um processo de reflexão crítica sobre as práticas vividas e que a identidade pessoal se reconstrói constantemente, não sendo, portanto, objeto de um armazenamento de cursos.

Construções reais de vida realizadas dentro e fora do ambiente escolar que ancoraram parte dos saberes tecidos na formação de cada mulher docente, transformando o percurso acadêmico em acesso a novas experiências. É o que as falas das docentes manifestam:

*.../ e aí eu terminei o 2º grau com 18 anos .../ em seguida eu fui fazer o concurso para o Estado e aí fiquei 7 anos atuando como professora, depois eu fui para a faculdade e a faculdade foi só por uma questão de aprimoramento e de ter um diploma porque eu já atuava, já tinha bastante experiência. Então, não foi um período difícil, foi bem tranquilo, e aí voltei pra Macapá depois disso, porque eu fiz faculdade fora, voltei e dei seguimento no trabalho da escola de música. (SIMONE).*

Na formação do magistério como professora e após terminar o curso, eu também fiz o vestibular, naquele tempo era pago, e fiz empréstimo na Caixa Econômica para pagar a universidade. Eu trabalhava na Escola de Enfermagem de Manaus e também no comércio depois que eu terminei o meu ensino médio .../ passei no vestibular e comecei a trabalhar no Hospital da Beneficente Portuguesa, porque eu fiz uma formação de técnica de enfermagem. Depois retornei para Manaus e dali partir para terminar minha formação de Enfermeira. Terminei em 82 e depois também partir para a formação da graduação em Obstetrícia, no qual tínhamos o direito de escolher a especialidade que queria abraçar. (MARIA).

Simone começou a atuar muito cedo como docente na área de música e o curso superior veio alicerçar toda a experiência que a prática em sala de aula já havia lhe proporcionado. Já Maria combinou seu conhecimento obtido no magistério para ministrar suas aulas na área da saúde.

São trajetórias de vida marcadas pelo processo de formação que ficaram impressos na memória, constituindo-se a subjetividade de cada participante. (JOSSO, 2007). Assim, suas escolhas profissionais representam muito o que elas são enquanto ser humano:

*.../ e aí é isso, até chegar na UNIFAP foram muitos percursos de mergulho na arte mesmo, que me levaram a cursar na época, aqui não tinha na UNIFAP o curso de teatro, então, para eu não fugir do que eu gostaria inicialmente, foi que eu me inscrevi pra Artes Visuais, ciente de tudo e tal, mas é um curso que eu me apaixonei e a minha profissão que eu abracei de coração também, além da questão da Administração que eu cursei paralelo (NÍSIA).*

Então, a minha primeira formação de nível médio foi para professor. Só que eu não me formei no estado do Amapá, formei em Manaus, eu tive possibilidade de ir para Manaus terminar no Instituto de Educação, no caso do Amazonas, a minha formação foi lá que eu fiz .../ eu vou começar a fazer outro curso, comecei a fazer o curso de Administração no CEAP .../ eu fui fazer o concurso que o estado colocou .../ que fizeram um convênio com o estado com a UNIFAP, aí eu fiz Biologia (ANTONIETA).



Diante das falas das professoras Nísia e Antonieta fica evidente que elas associaram outros repertórios formativos e novas habilidades à docência, delineando para si suas próprias vias de construção de conhecimentos. Ao que Tardif (2014) salienta:

Os saberes profissionais dos professores parecem ser, portanto, plurais, compósitos, heterogêneos, pois trazem à tona, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser bastante diversificados e provenientes de fontes variadas, as quais podemos supor também que sejam de natureza diferente (TARDIF, 2014, p. 61)

Nessa trajetória formativa acontece essa fusão do ser humano, do profissional professor que ensina e que aprende, que se encontra em um constante processo de formação e de toda sua bagagem de saberes intrínsecos a si. Conforme disse Nóvoa:

Nas profissões do humano há uma ligação forte entre as dimensões pessoais e as dimensões profissionais. No caso da docência, entre aquilo que somos e a maneira como ensinamos. Aprender a ser professor exige um trabalho metódico, sistemático, de aprofundamento de três dimensões centrais (NÓVOA, 2017, p. 1121).

Perante as narrativas das professoras percebemos que algumas características são importantes nesse movimento de concepção do saber que são: tornar-se responsável por sua própria formação, necessário nessa caminhada ser um pesquisador constante e desenvolver o hábito da formação continuada, uma aprendizagem incessante:

A universidade não foi assim muito diferente, mas, a dinâmica da universidade também, para mim foi maravilhosa no sentido de eu realmente me sentir responsável pela minha formação. Porque a minha mãe sempre falou, olha independente de onde você estiver estudando, é você, não adianta ser a melhor escola do mundo, não adianta ser a melhor estrutura do universo se você não estiver lá disponível e não correr atrás e não for uma pessoa cientista, curiosa que vai lá, que procura, que não se contenta com o que o professor traz (NÍSIA).

Então, eu digo assim, o professor, ele não pode parar de estudar, ele tem que está estudando de maneira contínua (ANTONIETA).

Nísia e Antonieta destacam a importância da formação continuada. Em vista disso, é que a falta de professores com formação apropriada para trabalhar na educação profissional tem sido apontada como uma das dificuldades encontradas nessa modalidade de ensino para a sua não ampliação e desenvolvimento no Brasil. (MACHADO, 2007).

Vale ressaltar que apesar de a educação profissional ter suas especificidades, a formação das professoras que atuam nessa modalidade é a mesma dos demais

professores, ficando evidente que atuar nesse segmento requer também esforço especial. De acordo com Araújo (2008)

A educação profissional, como política pública, implica o comprometimento do Estado com o direito à educação da população, a instituição de um sistema nacional de educação profissional (ou um subsistema) e a definição de recursos capazes de assegurar o desenvolvimento das estratégias formativas independentemente das “variações de humor” dos governantes de plantão. Pressupõe, também, a definição de objetivos, metas, estratégias, ações e financiamento dos processos de formação inicial e continuada de professores para esta modalidade de ensino (ARAÚJO, 2008, p. 56).

Segundo as narrativas das professoras, para conhecer melhor seu campo de atuação e exercê-lo eficientemente, buscam cursos e capacitações por conta própria e trazem para o ensino técnico, aprendizagens obtidas em outras áreas. Uma maneira de aperfeiçoar o seu desempenho docente, tendo em vista que necessita ter conhecimentos técnicos e sem esquecer da formação pedagógica.

No que concerne as políticas públicas voltadas para a formação inicial de professores para atuar no ensino profissional, não há nada em específico no estado do Amapá que favoreça os docentes da educação profissional o recebimento de ações voltadas a esse preparo, ficando a formação sob a responsabilidade das licenciaturas, que tentam formar o professor com a devida qualidade para atuar no ensino regular, e também os profissionais que vão atuar no ensino técnico. Uma única formação para modalidades com objetivos e especificidades bem diferentes.

No dia 1 de maio de 2022 foi promulgada a Resolução CNE/CP n.º 1, de 6 de maio de 2022, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM-Formação), objetivando um alinhamento no corpo docente que atua nessa modalidade, porém, para que essa política seja implementada no Amapá muitas necessidades primeiras necessitam ser supridas, como a falta de recursos específicos, o investimento citado pelas professoras participantes dessa pesquisa que contribuirá para a sua valorização. A atuação e a experiência profissional das docentes serão relatadas na subseção 6.2.

## **6.2 Atuação e experiência profissional**

Diante de um novo contexto social e econômico vividos no estado brasileiro, os professores que atuam na educação profissional têm vivenciado demandas desafiadoras e novas relações profissionais exigem que transformações relacionadas às formas de organização laboral sejam efetivadas. Com as inovações tecnológicas, a

reorganização da lógica do trabalho atual, o atendimento às questões que envolvem aos princípios sociais, éticos, ambientais; a qualidade da formação obtida pelos profissionais formadores fica em evidência e a construção de conhecimento acentua-se como elemento de discussões, reflexões, análises e críticas. (MACHADO, 2007).

Consoante os dados obtidos através das entrevistas, as docentes descreveram o regime e a carga horária de trabalho e o tempo de exercício profissional, conforme exposto no quadro 7 a seguir:

**Quadro 7 – Regime de trabalho e tempo de serviço**

| <b>PROFESSORA</b> | <b>REGIME E CARGA HORÁRIA DE TRABALHO</b>                | <b>TEMPO DE ATUAÇÃO</b> |
|-------------------|----------------------------------------------------------|-------------------------|
| <b>Nísia</b>      | Estatutária - 40h                                        | Desde 2011 - 11 anos    |
| <b>Antonieta</b>  | Estatutária com duas matrículas - 40h/20h                | Desde 1998 - 24 anos    |
| <b>Maria</b>      | Na educação tem 20h - Federal<br>Na saúde 30h - Estadual | desde 1984 - 38 anos    |
| <b>Simone</b>     | Estatutária - 40h                                        | Desde 1992 - 30 anos    |

Fonte: elaborado pela autora, a partir dos dados das entrevistas

Segundo os dados fornecidos pelas docentes dos CEP, as quatro possuem vínculo empregatício com o governo do estado Amapá, por meio da Secretaria de Estado da Educação, com quarenta horas semanais dedicadas aos centros. Apenas a professora Maria que relatou ter vinte horas na educação, pelo governo federal. Com relação ao tempo de atuação, Nísia tem mais de onze anos de atuação, Antonieta está com vinte e quatro anos de docência, Maria trinta e oito anos de atuação profissional e Simone tem trinta anos de serviço.

Diante do exposto, um ponto fundamental ao exercício da docência é o tempo de atuação na profissão e a experiência adquirida nesse aprendizado. A experiência colabora para que os saberes experienciais sejam construídos e acessados eficazmente quando são necessários. Sobre o tempo de atuação, Nísia e Antonieta dizem:

2011, vai fazer 11 anos como professora mesmo /.../ foi por conta da minha vivência no Cândido Portinari. Hoje em dia é lá que eu atuo na educação profissional, no Centro de educação profissional. Porque antes ele era escola

de artes. Eu estudei ainda na escola de artes. E aí se for comparado tem mais de 40 anos do Portinari, ele está recente enquanto centro de educação profissional em artes visuais Cândido Portinari. Ele está a pouco tempo (NÍSIA).

Eu tenho quase 15 anos /.../ eu era professora do Estado e a minha irmã trabalhava na secretaria de uma escola da educação profissional e eles estavam com falta de professores na área ambiental, como eu dava aula no CEAP, sou Administradora e Bióloga, então, as cadeiras que tem na área ambiental, sou eu quem dá aula no CEAP. Então foi o primeiro curso no estado do Amapá a ter na sua matriz curricular a área ambiental, na área da administração geral e fui eu quem introduziu isso lá nos cursos. E ela sabendo dessa minha competência, perguntou: Antonieta tu não queres dar umas aulas para os alunos no CEPA? Porque não tem professor que trabalhe essa área ambiental junto com a questão das empresas, a parte de sustentabilidade, se me levarem para lá eu vou, e foi assim minha trajetória (ANTONIETA).

O tempo de atuação das professoras mostra como são desenvolvidas as práticas de cada uma. A experiência diferencia os saberes de cada profissional e traz para o exercício da docência a maturidade ao ato de ensinar.

Em 1992. Eu tinha acabado de fazer 19 anos. Eu trabalho no Centro de Educação Profissional Walkiria Lima há quase 30 anos. Vou fazer agora dia 08 de abril, faço 30 anos. Então, assim, para mim ainda é Escola de Música. A Escola de Música se tornou Centro de Educação Profissional em 2007. Então, de 2007 para cá são 15 anos, 15 anos que atuo no Centro Walkiria Lima (SIMONE).

Aqui no Amapá foi a partir de 84, mas em Manaus/fronteira da Colômbia e Peru, assumi o cargo de professora em março de 1980. Quando eu me formei como enfermeira, eu fiz a minha graduação em obstetrícia, aí eu vim pra Macapá para a “festa do Território” em 13 de setembro de 1984, fui contratada, pelo convênio do INAMPS e do FASESA, começou minha trajetória profissional como enfermeira e também já trabalhando no Hospital Escola São Camilo e São Luís como professora. /.../ 38 anos de trajetória profissional no Estado do Amapá (MARIA).

As professoras Simone e Nísia relatam que elas têm uma relação afetiva com o Centro em que trabalham que vai muito além dos laços profissionais, já que foram primeiramente alunas da instituição e hoje fazem parte do quadro docente. Demonstram em suas falas uma afinidade profissional com o campo escolhido de trabalho e esse traço entrelaça-se no desenvolvimento da profissão:

Como eu falei, a minha professora me ligou. Eu nem ia saber talvez que ia ter concurso, ela me ligou, já me alertando para que houvesse e houve sempre o apoio, dos meus pais, primeiro que eu estudei, que eu fui aluna da escola, já havia um incentivo nesse sentido, porque eu fui fazer aula de música. Na minha família ninguém mais é músico, assim, dessa forma. Então, fui estudar música e isso trouxe para minha profissão. O que começou como uma formação complementar, se tornou a minha profissão (SIMONE).

Eu sempre pensei se um dia eu tiver a oportunidade eu quero voltar para o Portinari como professora. É um lugar muito querido para mim, essa relação afetiva que eu tenho mesmo com as vivências que eu tive lá. Eu desfraldei lá (risos) (NÍSIA).

E um dos pontos comuns nas falas das mulheres professoras é a importância dada à formação adequada para atuar na educação profissional, tendo em vista que essa modalidade tem especificidades e requer que os professores tenham conhecimento de suas particularidades:

Então, quando eu vim pra Macapá, no outro dia eu fui visitar a escola e a Conceição Rosa Moita que era a diretora, aí ela me convidou para lecionar obstetrícia, devido à necessidade que havia de enfermeiros profissionais e professores no Território, porque até então, os professores que participavam da escola técnica, do São Camilo, eram médicos, o dr. Sebastião Rocha que lecionava obstetrícia e outros bioquímicos também lecionavam química, física para os alunos e estagiavam no laboratório do São Camilo. E você sabe que na parte da educação profissional, só pode lecionar enfermeiros especializados com docência e também não poderia o médico que não tivesse docência não teria direito para lecionar (MARIA).

Então, eu formei em curso técnico, eu tenho curso técnico em piano, e vim atuar. Eu atuo a 15 anos e eu tenho uma preocupação muito grande assim, eu atuo com disciplinas mais teóricas, porque a gente tem o núcleo de disciplinas teóricas e o núcleo de disciplinas práticas. Eu atuo sempre nas disciplinas teóricas pelo perfil profissional que a gente acaba adquirindo (SIMONE).

Nesses trechos das falas das professoras constatamos uma preocupação se o profissional que irá trabalhar com a educação profissional tem a formação necessária, se o perfil apresentado se encaixa nas disciplinas ministradas e se contempla os eixos tecnológicos estudados, ratificando assim, que a formação e atuação estão em uma inter-relação indissociável

Lá por ser ensino técnico, tem suas especificidades, então, a pessoa não precisa ser só formada em Licenciatura em Artes para atuar lá, ela tem que ter conhecimento prático mesmo, em termos de desenho, conhecimento técnico de desenho e pintura para poder ministrar disciplinas que são muito práticas (NÍSIA).

Quando eu estava na Coração de Jesus foi que me convidaram para eu ir para o CEPA /.../ só que eu não me contentei e fui fazer docência na educação profissional e tecnológica, eu fiz especialização na docência da educação profissional e tecnológica. Eu fiz com um convênio que teve do IFAP /.../ quando o IFAP começou os professores que eram do IFAP eram todos os bacharéis, engenheiros, etc., não tinham as competências profissionais de docência da educação tecnológica e profissional, aí o IFAP montou uma turma e chamou três professores de cada centro de ensino do estado e a diretora, na época, me indicou (ANTONIETA).

Desse modo, o ingresso das docentes na educação profissional aconteceu por opção, por identificação com a modalidade de ensino. A professora Nísia escolheu cursar licenciatura em Artes para atuar como docente no centro que estudou. A professora Antonieta recebeu um convite para trabalhar com educação profissional no CEPA e desde que começou, não saiu mais. Assim, a inserção das professoras nesse universo docente se deu por quererem atuar nesse campo profissional, desenvolvendo um perfil específico de atuação.

Diante desse fundamento é que Araújo (2008) argumenta que para a educação profissional não cabe um docente com seu perfil constituído à maneira apenas de um propagador de conteúdos estabelecidos por profissionais convencionais, contudo, que sua atuação associe o exercício docente com procedimentos que visem a intelectualidade, a problematização, que facilite o processo ensino-aprendizagem, fomente práticas referentes à liderança e favoreça o conhecimento técnico e social que a profissão requer.

Ao longo da vida a professora constrói conhecimentos conectados paralelamente à experiência adquirida nesse trajeto e nesse processo experiencial, novos saberes vão sendo incorporados e que farão com sua prática docente seja um ato satisfatório e motivo de realização para quem aprende e para quem ensina.

*.../ então, quando eu entro em sala de aula a minha atenção plena é ali, que é uma coisa que aprendi também na palhaçaria, por exemplo, que é o corpo presente, fique atenta, é aqui e agora, então não se prenda muito àquele roteirinho, fique de olhos abertos, ouvido atento e jogue, é o que a gente chama no teatro, o jogo, que é o bate bola. Eu acredito nesse tipo de formação viva que independente da pessoa seguir na carreira com aquele curso que ela escolheu como profissional, eu acredito que tem que ser um espaço gostoso da pessoa estar sabe, dela se sentir bem ali (NÍSIA).*

*Eu adoro, eu gosto muito da educação profissional. Eu dou aula na área de gestão e negócios, eu dou aula em todos os eixos que tem lá no CEPA. O eixo turismo, hospitalidade e lazer, de informação e comunicação, no também que vier aí (risos) (ANTONIETA).*

Por essa razão é que cada docente entrevistada descreveu à sua maneira de ser professora, os caminhos que encontrou para tornar o conhecimento acessível aos alunos. Sendo cada uma realizada em seu formato docente. Nóvoa (2017) confirma a singularidade desse fazer docente:

*Não há dois professores iguais. Cada um tem de encontrar a sua maneira própria de ser professor, a sua composição pedagógica. Esse processo faz-se com os outros e valoriza o conhecimento profissional docente, a que alguns chamam tacto pedagógico ou acção sensata ou outros nomes (NÓVOA, 2017, p. 1125).*

Nesse sentido, nas relações do exercício da docência imprime especificidades que cooperam para o crescimento de outros professores, acrescenta a docente Simone:

Porque eu acho que, cada professor, eu entendo assim, cada professor é um professor, é uma experiência, é uma vivência. Então, se eu, de repente, alguma coisa que eu tenho dificuldade se eu compartilho com o meu colega, de repente, ele não tem essa dificuldade e ele pode trazer para mim /.../ eu vejo que, de repente, na troca da minha conversa com o meu colega, seja ele homem ou mulher, eu vou ter de repente, uma informação que vai me ajudar com aquela dificuldade e eu vou levar uma informação a ele que vai ajudar com a dificuldade dele (SIMONE).

O tempo dedicado à docência por cada professora tem possibilitado acrescentar novos saberes, habilidades diferentes e o reconhecimento de que a experiência traz a maturidade profissional. Saberes experienciais que transformam a prática do ensinar, “daí o valor do conhecimento prático da atividade docente, do compartilhamento das experiências profissionais adquiridas, da entrada nas especificidades do mundo do trabalho e das particularidades da educação profissional” (BARBOSA *et al.*, 2020, p. 70).

Daí depreende-se que a atuação do professor reflete o desenvolvimento e a continuidade de sua formação, o tipo de formação inicial alcançada e o processo continuado de aprendizagem, fazendo com que esse caminho seja dinâmico e interativo (NÓVOA, 1992).

Conforme o relato da professora Maria, todo o conhecimento apreendido coopera para facilitar a aprendizagem dos alunos.

Então, eu não tive dificuldades porque de tudo um pouco eu sabia. Formada na escola do Sesi onde eram freiras e mesmo lá no Patronato Santa Terezinha, que era colégio de freira, nós tínhamos a parte da educação doméstica, aprender a cozinhar, fazer bolo, pão, docinhos, aprendi a tocar, também sou formada em música, tocava acordeom, violão, piano. Nós tínhamos formação na escola de música. Então, eu tenho formação de técnicas de músicas, através de instrumentos musicais, oficina musical. Eu não tive dificuldades, aí eu empregava tudo nas crianças. Mandava fazer balanços, desenvolver pracinha, bancos, balanço e quando na hora do lanche, eu via eles cantando lá, letra de música da abelhinha e dançando de lá para cá, ha ha a abelhinha quer cantar (risos) (MARIA).

Assim, a prática docente não é um ato que se efetiva sem a participação de outras pessoas. Os alunos fazem parte dessa dinâmica, portanto, o professor não executa sozinho essa atividade (TARDIF, 2014). Aos alunos promove-se a oportunidade de serem sujeitos da construção do próprio conhecimento.

Em resumo, as práticas educativas mais adotadas são as discussões em sala de aula, o diálogo sobre conteúdos e a realidade dos alunos, com aulas expositivas e, por

vezes, o professor é o centro no debate. Dessa maneira, a atuação profissional das professoras tenta se basear nas correntes pedagógicas sociointeracionista, que o aluno constrói conhecimento na interação com seus pares e com o meio onde vive.

Outra tendência de práticas de ensino que se coaduna com a citada anteriormente é a tradicional, já que nas falas das docentes fica evidente em alguns momentos, por exemplo, a referência de aulas expositivas, com foco na docente. Experiências essas advindas também das formações educativas recebidas.

A Secretaria de Estado da Educação realiza trabalho de aperfeiçoamento do quadro docente, formação continuada por meio do Centro de Valorização da Educação, entretanto, são capacitações que visam atender a formação dos licenciados de forma geral e através da Coordenadoria de Ensino que capacita também os professores do ensino fundamental.

A educação profissional requer capacitação e formação específica e para que esse trabalho seja realizado, faz-se necessário investimento próprio e a modalidade em estudo desenvolve suas atividades com recursos do ensino médio regular ou, se o curso ofertado estiver vinculado ao programa Novos Caminhos do governo federal, todavia, o financeiro é para a execução do curso e não para capacitar a profissional docente.

Sendo assim, não existe recurso específico para capacitar as professoras que atuam na educação profissional. Ainda não existe implementação de política pública de formação nessa área no estado do Amapá, portanto, as professoras não são atendidas nesse quesito, exceto se buscarem formação por conta própria. Na subseção seguinte, a prática da docência feminina na educação profissional será mais detalhada.

### **6.3 Docência feminina e a educação profissional**

Mulheres docentes ao longo da história da educação brasileira assumem a responsabilidade que lhes competem, enquanto agentes de transformação, ainda que por vezes silenciadas e relegadas à esfera doméstica. Algumas fazem da educação profissional um caminho para se profissionalizar e proporcionar aos alunos, que sonham com uma profissão, uma formação educacional voltada a esse fim com as marcas das reflexões estimuladas pelas docentes. A propósito, “Ser professor é conquistar uma posição no seio da profissão, mas é também tomar posição, publicamente, sobre os grandes temas educativos e participar na construção das políticas públicas. É aprender a intervir como professor” (NÓVOA, 2017, p. 1130).



Nessa perspectiva de avanços, houve conquistas e muitas lutas para que as mulheres ocupassem o espaço público, por uma profissão escolhida por elas, e o trabalho por opção e a permanência na educação profissional para realização pessoal foi a principal característica das mulheres que enveredaram por essa profissão. No entanto, cada mulher docente deve ser compreendida como ser completo, com suas especificidades, subjetividades, com a perspectiva pessoal entrelaçada ao ser profissional.

Com base nos relatos das participantes apresentamos algumas informações pessoais que auxiliaram esta análise. Segue no quadro 8.

**Quadro 8 – Informações Pessoais**

| <b>PROFESSORA</b> | <b>IDADE</b> | <b>ESTADO CIVIL</b> | <b>FILHOS</b> |
|-------------------|--------------|---------------------|---------------|
| Nísia             | 33           | solteira            | Não tem       |
| Antonieta         | 62           | Casada              | 2             |
| Maria             | 74           | Solteira            | Não tem       |
| Simone            | 49           | Solteira            | 1             |

Fonte: elaborado pela autora, a partir dos dados das entrevistas

Conforme as informações expostas no quadro 3, as quatro professoras têm mais de trinta anos, três são solteiras e uma é casada. A professora Antonieta tem dois filhos e a Simone apenas um filho. Todas as vivências dessas mulheres compõem as profissionais que hoje elas são.

A professora Nísia em sua entrevista afirma que ser professora é executar uma profissão transformadora, capaz de trazer para a vida do aluno possibilidades de mudanças:

Eu costumo dizer que a educação, que eu enquanto professora acredito muito na figura do professor, da professora não como aquela pessoa que tem aquele conhecimento para despejar, eu realmente acredito nas relações dentro de uma sala de aula, enquanto um laboratório vivo, que todas as pessoas ali são um universo, são variáveis que vão fazer a diferença (NÍSIA).

Já as professoras Antonieta e Simone acreditam que a educação profissional favorece oportunidade ao aluno de ter uma profissão:

Uma educação que transforma as pessoas, profissionais com competências e habilidades necessárias para atuar no mercado, para ter sucesso. Eu adoro estar em sala de aula (ANTONIETA).

Então, é um mix, é uma mistura, um momento a gente está lá triste, chateada, daqui a pouco você vê o aluno vencendo, se tornando um profissional, aí você vê que fez parte daquela formação, que você contribuiu, aí poxa, mas está valendo a pena ainda. Então, sabe é uma mistura de sentimento (SIMONE).

As professoras Antonieta e Simone afirmam que através da educação profissional os alunos adquirem conhecimento para fazer parte do mercado de trabalho, podem ser profissionais realizados e esse fator é motivo de realização para elas e a confirmação de que a docência tem compensação.

E foi a partir da conquista do espaço profissional que a docência feminina se reconfigurou, alcançou territórios antes negados, em virtude do crescimento da mulher e da sua emancipação das amarras do mundo masculino. Os campos educacionais são ocupados por um número expressivo de mulheres que buscam formação, o que tem proporcionado mudanças no comportamento feminino no mundo do trabalho (SOUSA; SALUSTIANO, 2018).

Os trechos das falas das professoras Nísia, Antonieta e Maria realçam a participação efetiva das mulheres no contexto educacional e a afirmação enquanto profissionais comprometidas com suas profissões:

Então, dentro dessa minha relação em sala de aula, é bem tranquila para mim hoje em dia, mas confesso que no início eu sofri um pouco porque eu pensava que eu teria que fazer uma capa, de professora séria, para poder me respeitarem porque é justamente isso que colocam na cabeça da gente /.../ porque isso é o tipo de coisa que não ensinam pra gente numa universidade, é na vivência, a gente aprende na universidade a fazer o planejamento, a estudar teoricamente e aquela parte do estágio que a gente passa por um negocinho assim, a gente não vai ter uma vivência a longo prazo com a turma, é um negócio assim, muito pontual. Então, não dá para a gente ter essa noção de construção de relação numa sala de aula, e aí, isso para mim, na época logo no início pesou um pouquinho, mas depois que eu me libertei dessas amarras do que esperariam de mim, enquanto professora mulher, foi que as coisas começaram a fluir para mim, conseqüentemente para as aulas e a turma (NÍSIA).

A mulher sempre esteve dentro desse contexto educacional, nós mulheres sempre estivemos, eu vejo até que tem mais mulheres hoje do que homens /.../ os que são dessa área, da área de alimentos, de cozinha é mais mulher, na área de turismo tem mais homens, mas na área de TI é mais homens também (ANTONIETA).

Nós mulheres precisamos da educação profissional porque tudo agora tem que se profissionalizar, para estar bem no mercado de trabalho. Se você não aderir a uma profissão, acho que você não é nada. E tem que ser profissional para fazer tudo o que o mercado oferece você faz (MARIA).

Nesses trechos das falas das docentes percebemos uma preocupação a mais que é a conquista do espaço de trabalho ou a sua afirmação enquanto mulher profissional,

com formação e que sabe conduzir e direcionar com propriedade as atividades da sala de aula e que, portanto, são dignas de reconhecimento.

No caso da relação do feminino com a educação profissional, observamos que as subjetividades das mulheres docentes se misturam com o desenvolvimento de suas práticas de ensinar, compondo, simultaneamente, trajetória pessoal e profissional:

Como eu falei isso tudo tem a ver desde a minha infância, porque para mim é uma certeza independente da área que fosse atuar que ela ia ter, haver com arte, isso eu tinha já uma coisa em mim que era a única certeza que eu tinha. Agora assim, onde, se era no teatro, na música e por incrível que pareça como professora eu pensei que fosse a última opção (risos...), mas eu me vi no meio do curso apaixonada pela docência, então, é por isso que eu fiz o concurso, eu fiz o concurso com essa paixão, de fazer a diferença enquanto professora de arte, arte educadora (NÍSIA).

Eu amo a docência, eu gosto da docência, não me vejo fora da docência. Eu já estive na secretaria de educação, passei um período, não gostei e vim embora (ANTONIETA).

Nesses fragmentos de fala constatamos a importância da docência na vida dessas mulheres professoras e a relação de afeto existente que traz o sentimento realização. Um vínculo acompanhado de identificação, uma afinidade com a educação profissional, ocasionando maior dedicação ao desempenho da profissão pelas mulheres docentes:

Porque como eu falei eu sou daquelas que, eu dedico todo o meu coração para uma aula, enfim é um lugar que realmente me sinto bem assim, de estar dentro dessa lógica de ensino, de contribuir nem que seja um pouquinho na vida de alguém, para mim isso é muito poderoso sabe, a gente tem essa ferramenta da educação, eu acredito como algo muito potente que muda realmente realidade, então, eu dou a devida importância para isso muito, independente das dificuldades (NÍSIA).

Tem momentos que a gente gostaria de estar fazendo outra coisa? Sim, mas é só momentos, porque é a natureza humana, a gente questionar aquilo que a gente tá vivendo, mas de forma geral eu gosto muito, eu aprendi muito na minha vida, como eu já falei, eu me tornei professora, mas o ato de me tornar professora, também me tornei um ser humano a cada dia, a cada experiência, a cada turma que eu dei aula, me trouxe uma experiência que me transformou como pessoa também, de alguma forma, alguma coisa, um gesto, uma palavra, alguma ação foi transformada com toda certeza (SIMONE).

Encontramos nas falas de Nísia e Simone um aspecto importante que é a mudança da realidade através da educação e essa transformação não acontece só na vida do aluno, à medida que as professoras exercem a docência com cada novo aluno, novas experiências, novos aprendizados vão sendo construídos. É notório em suas narrações que

a dedicação delas com o ensino torna-se uma ferramenta com possibilidades de alterar trajetórias e até a vida.

Quando foi perguntado às professoras sobre ser mulher docente e as possíveis desigualdades de gênero no ambiente de trabalho, ficou latente que mesmo diante de mudanças relevantes como ser reconhecida socialmente, a mulher ainda vive uma sobrecarga de cobranças e a necessidade de impor-se com frequência para sair da atmosfera de invisibilidade:

*.../ a gente sempre tem que estar provando que é capaz, esse é o peso que eu sinto, eu sempre tenho que está provando que eu dou conta, depois que o resultado sai, olha ela deu conta mesmo, parabéns! E homem é mais leve, ele só vai lá, já com aquela prerrogativa do social de que, tudo bem se der certo, se não der certo, tenta na próxima. Então, eu sinto assim, a minha percepção atual é essa hoje em dia, considerando as minhas vivências (NÍSIA).*

Nísia menciona que a mulher não tem a mesma credibilidade que os homens na educação profissional, o que lhe exige mais compromisso e dedicação. Rosa *et al.* (2012) destaca que “seja por motivos financeiros ou mudanças nos padrões culturais, ou até por realização pessoal, é fato que as mulheres têm entrado consistentemente no mercado de trabalho.” É o que afirma Sousa (2017) quanto ao silêncio feminino imposto pelo homem:

*Talvez esse medo dos “mistérios” femininos possa ajudar a entender a invisibilidade que o homem, nas mais diferentes sociedades e épocas, se esforçou para imprimir às mulheres seja escravizando-as, seja confinando-as à casa. A tarefa de silenciar-lhes foi tornada frutífera não apenas para aquietar os temores masculinos de sucumbir à sua astuciosa insídia (SOUSA, 2017, p. 16335).*

E nessa imersão, elas ultrapassam as barreiras que tentam limitar seu crescimento:

*Eu vejo assim, tem algumas coordenadoras pedagógicas que gostam de dar as disciplinas fáceis para os homens, a gente percebe isso entendeu, que não dá muito trabalho e tal, às vezes, o professor, ele tem outros empregos, mas ela sabe que eu também tenho outro (ANTONIETA).*

*.../ mas no meu caso pessoal, não tive essa vivência, então, mas eu acho que mulher nasce com uma resiliência muito peculiar, que apesar de todas as dificuldades de levar muitos não, de enfrentar muitas barreiras, ela não desiste fácil. Mulher por natureza não desiste fácil, nasceu resiliente, vai ser resiliente para sempre (SIMONE).*

Antonieta expõe sua percepção diante da diferença de tratamento dado pela coordenadora em relação ao seu colega de trabalho, realçando os privilégios masculinos

enquanto as mulheres professoras são desprestigiadas. Simone não consegue perceber que a mulher não nasce resiliente, é a sociedade que lhe obriga a desenvolver essa habilidade quando é invisibilizada e compreende que seus direitos são desrespeitados.

Apesar de a mulher se fazer representar em todas as áreas da atividade profissional e mesmo que seja a maioria em determinados campos, a sua voz ainda é, por vezes, subtraída, sonogada. Deixando manifesto que a condição de ser maioria, não garante o reconhecimento. A presença da mulher docente é acentuada no Brasil, enfatizando o lugar determinado a elas na educação básica, em que prevaleceu a feminização do magistério (SOUSA; SALUSTIANO, 2018).

Não obstante, na educação profissional, há desigualdade de tratamento em detrimento do gênero. Assim narrou a professora Nísia:

Inclusive, até em uma reunião no *MEET* que a gente teve aqui, teve que cinco professoras falarem a mesma coisa para contrapor o argumento de um homem que estava dando opinião, entende? Então, isso para mim, deixa muito claro que não é questão quantitativa, é questão de invisibilidade, isso aí não tem a ver com número, com essas questões mesmo de gênero que eles não fazem nem consciência do privilégio que eles têm, que para eles é muito fácil, chegar, falar e a gente é sempre, parece que tem que fazer um esforço duplo ali para a gente ser ouvida e é desgastante (NÍSIA).

Nísia descreve como as mulheres ainda precisam impor-se com esforço dobrado para se fazerem ouvir quando a presença masculina por si só demarca o espaço das relações sociais. Embora no ambiente de trabalho as mulheres sobressaíam-se em número, os resquícios das imposições patriarcais tentam silenciá-las.

Aspectos importantes citados pelas docentes Maria e Antonieta são a concretização da aprendizagem dos alunos, que tipo de profissional serão formados e a responsabilidade com a própria formação. São características das professoras entrevistadas e que elas anseiam que seus alunos as adquiram:

Porque eu estou com 74 anos e eu me sinto ainda preocupada, não me aposentei, com esses os alunos que precisam aprender a profissão (MARIA).

/.../ é muito difícil, porque não é só recursos que a gente precisa, a gente precisa de alunos que queiram estudar mesmo /.../ porque eles acham que a educação profissional só dizer o que ele vai fazer, só a parte prática, não tem a parte teórica que ele tem que conhecer. Eles não têm o compromisso também com a educação deles (ANTONIETA).

Nesse sentido, “a formação profissional não se esgota na conquista de um certificado ou diploma. A nova política estabelece a educação continuada, permanente,

para atualizar, especializar e aperfeiçoar jovens e adultos em seus conhecimentos tecnológicos” (ROSA *et al.*, 2012, p. 3).

Existe, assim, uma preocupação política das professoras com a empregabilidade do aluno e tal inquietação traz o esclarecimento de que a aprendizagem do estudante é foco da prática da docente. “O docente tem a função de conduzir a aprendizagem, logo, pode ser identificado como uma liderança cultural, e deve ser formado para este exercício. Seu papel, portanto, tem dimensões políticas e pedagógicas” (ARAÚJO, 2008, p. 58).

Com relação às narrativas de compartilhamento das trajetórias profissionais, as mulheres docentes acreditam que socializar suas experiências, trazer à memória todo o processo experiencial vivido em sala de aula, desenvolve o processo ação-reflexão, devolve a paixão pela docência e o entusiasmo dos primeiros anos é renovado, como é ratificado nas suas falas:

É sempre bom ter esses espaços porque, às vezes, a gente desanima, eu não vou dizer que eu não amo o que eu faço, mas as dificuldades, às vezes, deixam a gente esmorecida e aí eu olho para trás e ver a minha trajetória e poder compartilhar, falar sobre, parece que reacende aquela chama primeira de quando você se encantou pelo o que você faz. Então, é por isso que eu aceitei quando eu fui convidada porque eu acredito ser importantíssimo dar voz para esses tipos de relato sabe, é isso (NÍSIA).

Eu me sinto assim contribuindo com a educação profissional, principalmente aqui do estado, gostaria que ela realmente melhorasse, que se desenvolvesse, que fosse até referência, então, é dessa maneira que eu me sinto (ANTONIETA).

Ah! eu me sinto feliz, são 30 anos, (risos) eu converso muito com todos os meus alunos, sempre falo para que, como eu já falei, a profissão me escolheu, mas eu acho que foi a melhor escolha que ela fez na vida (risos) eu me sinto muito grata por tudo o que eu sou, como profissional, como pessoa, porque a profissão me moldou também como pessoa. Eu levei a minha forma de ser para a profissão, mas a profissão também me deu um jeito de ser como pessoa (SIMONE).

As professoras sentem-se motivadas, felizes em compartilhar o percurso profissional experienciado na docência. Para as docentes a felicidade reside no fato de que a educação não se faz sozinha, todavia, na possibilidade de promover a educação profissional com outras pessoas, alunos e outros professores:

A formação terá mais sentido se acolher a pessoa na pessoa do professor e da professora: compartilhar saberes e fazeres, ouvir e ser ouvido, estudar, ampliar olhares e possibilidades são desejos docentes que podem se converter em diretrizes para a formulação de propostas de formação continuada significativas” (REIS; OSTETTO, 2018, p. 16)

Dar voz às professoras é um mecanismo de acesso às políticas públicas, momento de expressar o valor da experiência e contribuir com outros docentes, deixando registrado suas narrativas de formação e atuação docente.

Conforme as narrativas das mulheres docentes sobre a atuação profissional, o exercício da docência feminina é um processo que, ao mesmo tempo torna-se apaixonante e árduo, que provoca desesperança e certezas, que carrega consigo as aflições do dia a dia, trazendo a plena convicção de terem cumprido o dever com muita maestria.

Desafiadora, não conformada também. Não tenho uma resposta pronta, mas eu acredito que a minha atuação seja dentro das minhas limitações, um lugar de empoderamento, não só meu, mas da turma que me acompanha. Porque eu faço eles verem também, pelo menos eu tento fazer com que eles vejam o meu lugar ali assim, nesse sentido de conquistas mesmo, olha sou mulher, eu me formei e agora eu estou ministrando aula aqui para vocês e não foi fácil chegar até aqui onde eu cheguei (NÍSIA).

Eu vejo assim que mais é, contribui no caso, essa questão de você está buscando se atualizar, dentro do panorama global, a parte de sustentabilidade, tudo isso a gente tem que está de olho. Eu digo assim, é um eterno aluno, a gente como professor é um eterno aluno, porque a gente tem que sempre estar buscando se capacitar, melhorar, estar a par do que está acontecendo no mundo, não só no nosso nível e que esse mundo vai interferir no nosso local, porque eu digo assim, pensar global e agir local (ANTONIETA).

Eu me sinto aliviada. E me sinto feliz também de contar essa minha trajetória de vida porque é uma vida, eu vim para cá novinha e agora eu estou na terceira idade, mas por assim dizer, o meu trabalho já foi feito, já está feito, estou satisfeita e esperando já a carreira da aposentaria que me absorveu tantos anos, mas que a vida continua porque eu sou uma multiprofissional (MARIA).

Nesses excertos das falas das professoras sentimos a emoção, a sensação de terem concretizado o trabalho até o momento com êxito, deixando o exemplo para os alunos de que são profissionais que ultrapassaram todas as barreiras e conquistaram o reconhecimento, especialmente por serem mulheres. Fizeram da docência uma plataforma de empoderamento.

Nesse processo, as experiências têm seus méritos, constituem-se em referências nos momentos de decisão e no desenvolvimento da prática profissional, entretanto, não poderão transformar-se em um ornamento da formação do docente. Devem cooperar para que novos saberes sejam construídos, as subjetividades consideradas, propiciando outros contornos formativos no percurso profissional do professor (REIS, OSTETTO, 2018). Inclusive, com o investimento de superar preconceitos de gênero.

Diante de toda essa trajetória na educação profissional marcada por realizações e muitos anseios, a professora Nísia narra sua convicção em estar atuando na profissão que lhe desperta a paixão, exercendo a docência com toda a sua arte no CEP que é parte de sua formação:

*/.../ eu sou um bebê na educação profissional, mas é um lugar como falei, que tenho assim uma certeza igual eu tive quando era criança que eu ia trabalhar com arte. Com relação a educação profissional, agora que eu já tenho sete, oito anos, daqui para eu me aposentar, eu vou estar com essa mesma paixão no que eu faço porque não é um lugar que eu quero abandonar e me vejo, pelo menos falando, eu Nísia de 2022, me vejo docente até depois de eu me aposentar, vou está fazendo inscrição em oficina, dando aula particular, alguma coisa, e é isso (NÍSIA).*

Trabalhar com cursos técnicos na educação profissional, segundo os relatos das professoras, não é um privilégio, é exercer a docência com gosto e dedicação em uma modalidade de ensino rica de possibilidades de mudança na vida dos alunos. É contribuir para que jovens e adultos se sintam inseridos na vida produtiva do país, sentindo-se úteis, vivendo os direitos sociais frequentemente negligenciados, no que diz respeito à educação e o trabalho.

Nesse sentido, as políticas públicas planejadas e implementadas, pelo estado, que visem valorizar a história das mulheres docentes da educação profissional, necessitam primeiramente reconhecer que existem de fato tratamento desiguais entre mulheres e homens, que os ambientes de trabalho são ocupados por pessoas diferentes e não por sexos oponentes. É indispensável ações afirmativas que acolham e possibilitem o direito a voz às mulheres quando a questão é o acesso ao trabalho e com respeito a que todo ser humano anseia, para saírem da condição de subordinadas em que muitas ainda estão.

Discutir a condição feminina nas profissões técnicas contribuirá para desconstruir as determinações sociais de papéis atribuídos para homens e mulheres, de forma que o mercado de trabalho seja ocupado também por mulheres com isonomia e que as oportunidades abriguem pessoas com o conhecimento devido. As assimetrias de gênero nas profissões técnicas serão minimizadas quando os direitos sociais forem vividos igualmente por meio de ações decisórias alicerçadas na realidade de quem pratica a docência, as professoras, ouvindo suas narrativas para detectar a não execução de políticas ou a ausências delas.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar neste momento da pesquisa foi um imenso desafio e apresentar a sua concretização é como se algo inacreditável estivesse acontecendo. A turma 21 de mestrado do Amapá começou a primeira disciplina Metodologia das Ciências Sociais em março de 2020 e, após uma semana, a pandemia da Covid-19 foi decretada. Muitas incertezas, muitas dores, muitas perdas (meu pai faleceu no início da pandemia, alguns amigos também e até a Sueli, aluna da turma de mestrado, foi vítima da Covid-19) e uma grande vontade de que todo o caos que tinha se instalado no país, tivesse um fim. Inúmeras indagações surgiram, dentre elas, como teríamos aula se o isolamento é certo? Como faríamos pesquisa sem o contato físico? Como viajaríamos do Amapá (local de moradia) para o Ceará (local do mestrado) com o *lockdown* instalado em todos os lugares?

A pandemia foi um dos maiores entraves para a realização desse curso, mas, também foi uma das maiores oportunidades que tivemos para vivermos, a partir dela, melhor e diferenciado, pelos aprendizados proporcionados que ultrapassam o desenvolvimento dessa pesquisa. Foi-nos nitidamente revelado que viver isolado é o melhor caminho de desaprender a viver, de sobreviver sem laços. O isolamento social ensinou-nos que precisamos partilhar a vida, as memórias, as vivências e até o sofrimento.

A vida em sociedade precisa ser compartilhada, dividida, contada, narrada para que a existência humana se perpetue, receba sentido, e ao final dessa trajetória, haja o sentimento de completude.

E é com esse sentimento que socializamos o resultado dessa pesquisa que tem como tema **Professoras na educação profissional: narrativas femininas de trajetórias de formação e atuação docente**, Assunto que possibilitou a ampliação do conhecimento sobre como se desenvolveu a educação profissional no meu estado, Amapá, trazendo para o debate, suas características, a exemplo de como se tornou sinônimo de ensino destinado aos mais pobres e desfavorecidos economicamente, uma educação vista como se fosse paralela ao sistema oficial de ensino e que oferecia um ensino aligeirado e fragmentado voltado para espaços menos prestigiados de trabalho.

No estado do Amapá a educação profissional técnica realiza-se nos oito centros de educação profissional, seis encontram-se no município de Macapá, a capital, e dois, no município de Santana. Os demais municípios, quatorze, não possuem instituição específica para essa modalidade, ainda que seja possível concluir um curso técnico por meio das escolas remotas, onde a estrutura das escolas de ensino médio é utilizada para a realização da educação profissional.

Esse estudo, mais especificamente, investigou o universo das mulheres professoras da educação profissional, que temporalmente vêm conseguindo sair da invisibilidade e ter seus direitos respeitados, mesmo ainda percebendo assimetria de gênero no tratamento recebido no espaço laboral. Uma jornada de luta que grita por mais liberdade do ser humano, mulher, em meio a um mundo masculino, muitas vezes, desumano.

Por longos e doloridos anos as mulheres eram destinadas ao lar, destituídas da vida pública e desconsideradas como ser sujeito de direitos constitucionais. O mundo masculino dizia que as mulheres não tinham capacidade para aprender, portanto, não havia necessidade de estudar. Todavia, a inserção pública fez-se efetiva na vida das mulheres, especialmente através do magistério, uma profissão digna e reconhecida pela sociedade, por muito tempo, como feminina. Foi por esse caminho que as mulheres assumiram essa profissão permitida, a de ensinar, por ser considerada uma extensão do lar. E hoje muitas atuam na educação não por permissão ou única oportunidade, contudo, por opção e identificação.

Diante desse histórico, a pesquisa viabilizou conhecer melhor a formação e a prática das mulheres docentes da educação profissional técnica no município de Macapá e buscou respostas para a questão central da pesquisa assim expressa: **Como ocorre o processo de formação educacional e a atuação profissional de professoras dos cursos técnicos de nível médio dos centros de educação profissional do município de Macapá?**

Foi possível obter respostas para o problema destacado por intermédio dos objetivos delineados para a pesquisa, sendo o geral: compreender como ocorre o processo de formação educacional e a atuação profissional de professoras de cursos técnicos de nível médio de quatro centros de educação profissional do município de Macapá.

E como objetivos específicos: 1. Descrever os principais marcos da trajetória histórica da educação profissional no Brasil; 2. Contextualizar a educação profissional no município de Macapá; 3. Problematizar a educação feminina mediante os obstáculos estabelecidos pelos princípios da sociedade patriarcal, o acesso ao mercado de trabalho através do magistério e as possíveis desigualdades de gênero existentes e 4. Analisar as narrativas das mulheres professoras sobre como se processam as trajetórias acadêmicas e as atuações docentes na educação profissional.

Para alcançarmos as respostas necessárias à pesquisa qualitativa optamos pela metodologia História Oral Temática, porque esse procedimento envolve as subjetividades

das pessoas, remete às histórias das pessoas entrelaçadas com suas memórias de infância, adolescência, adultas e o que foi vivido recentemente, tudo com o suporte das entrevistas e dos roteiros semiestruturados e para a análise dos dados definimos a Análise de Conteúdos Categorical, porque ideias centrais repetiam-se nos dados obtidos.

Ao realizarmos as entrevistas com as quatro mulheres docentes dos quatro CEP do município de Macapá e fazermos uma leitura minuciosa dos dados, separamos o material coletado por categorias, já que as ideias centrais eram recorrentes. Assim, organizamos a análise em três categorias: formação educacional, atuação e experiência profissional e docência feminina e a educação profissional.

Através da metodologia utilizada foi possível alcançar os objetivos da pesquisa, tendo acesso às mulheres docentes participantes. Em virtude do período pandêmico as entrevistas agendadas foram desmarcadas algumas vezes, todavia, conseguimos realizar três presenciais e uma utilizando o *Google meet*, totalizando quatro. Os diretores dos centros de educação profissional do município de Macapá contribuíram para que as professoras participassem das entrevistas.

Sobre os principais marcos da trajetória histórica da educação profissional, foi possível compreender que um valor inferior foi atribuído aos trabalhos manuais e técnicos no Brasil e que diante das decisões tomadas consoante aos momentos histórico e econômico vividos pela nação, enraizou-se na mentalidade da população o conceito de que se deve estudar para mandar e não para executar; percebemos a função da educação profissional nesse contexto e como suas atribuições foram sendo alteradas conforme a conjuntura, o poder que o mercado de trabalho e a economia exercem, conduzem e ditam as regras educacionais, contudo, como política educacional, tem cooperado para que jovens e adultos tenham acesso à educação e ao trabalho.

No que concerne a contextualização da educação profissional no estado do Amapá, apenas oito centros, dois no município de Santana e seis na capital, Macapá, tentam suprir a demanda de estudantes. No município de Macapá seis centros ofertam o ensino técnico, voltados para formação inicial e continuada e cursos técnicos de nível médio. Os centros procuram oferecer cursos que tragam conhecimento para os alunos, possibilitem a inserção deles no mercado de trabalho, todavia, não existe recurso específico destinado a essa modalidade, dificultando, assim, a conclusão dos cursos e até a oferta de novos.

No tocante aos obstáculos estabelecidos pelos princípios da sociedade patriarcal para a educação feminina, observou-se que as mulheres conseguiram inserir-se no espaço público, conquistaram o direito à educação e os demais que todos os homens

já usufruíam, entretanto, resquícios desse período ainda tentam se sobrepujar e obstáculos são colocados para que os direitos não sejam partilhados de forma igualitária, inclusive, no acesso ao mercado de trabalho e no exercício do magistério as professoras relataram sobre as possíveis desigualdades de gênero existentes, quais sejam: carga horária maior que a dos homens, maior número de turmas, tentativa de invisibilizá-las no ambiente de trabalho, direito de voz negado, descrédito quanto ao conhecimento adquirido e brincadeiras machistas depreciativas.

Na análise das narrativas das mulheres professoras acerca de como se processam as trajetórias acadêmicas e as atuações docentes na educação profissional, tomamos as categorias definidas para organizar a discussão, pois encontramos diversas respostas parecidas, que poderiam ser analisadas associadamente. Em relação à categoria **formação educacional**, verificamos que as professoras que atuam nos centros pesquisados não receberam formação específica voltada à educação profissional para desenvolverem atividades profissionais. Cada docente busca complementar sua formação isoladamente e por conta própria. As participantes da pesquisa associam outros cursos realizados à docência para que a prática seja mais eficiente, de maneira que possa atingir satisfatoriamente as competências e habilidades requeridas pela modalidade trabalhada.

Quando surge a oportunidade de cursos de capacitação ou especialização *lato sensu* na área profissional e tecnológica, as vagas são escassas e geralmente faz-se sorteio ou as professoras contempladas para participarem são indicadas pela direção do centro. Essa situação revela-nos que não existe formação para todas e que não há uma política pública de formação para as professoras que exercem a docência em uma modalidade de ensino que requer conhecimentos e saberes específicos, que está diretamente ligada às tecnologias.

A formação das professoras ainda consiste em conhecimentos comuns aos professores de modo geral que é o magistério ou as licenciaturas. Todas as docentes pesquisadas alicerçaram suas formações em conhecimentos técnicos adquiridos em cursos extras à graduação.

Sobre a categoria **atuação e experiência profissional**, é importante destacar que as quatro professoras relataram ter mais de dez anos de exercício docente em cursos técnicos de nível médio, trazendo para as suas atuações diárias, segurança em sala de aula, domínio e controle de possíveis indisciplinas, uma vez que comportamentos desse tipo podem ocorrer entre adolescentes e jovens. Elas mobilizam saberes variados utilizados para a construção de novos conhecimentos com os alunos, somados aos já trazidos de

outras experiências não vinculados à docência. São domínios acumulados ao longo da trajetória profissional.

Um dos entraves citado pelas mulheres docentes em suas narrativas que dificulta sobremaneira suas práticas docentes, é a falta de recurso material. A educação profissional não tem, no estado do Amapá, recurso próprio destinado às suas atividades de sala de aula, manutenção de laboratórios, aquisição de seguros aos alunos que necessitam de estágio, compra de insumos e até contratação de professores com formações específicas para eixos tecnológicos carentes de profissionais. O seu desenvolvimento dá-se com recursos provenientes do ensino médio comum ou daqueles advindos do governo federal por meio de programas, como no caso do mais recente intitulado Novos Caminhos.

Essa carência de verba própria definida em lei influencia, também, no que diz respeito à formação das professoras, que possuem dificuldade de realizar estudos voltados para as demandas específicas da educação profissional.

Atuar como docente em cursos de nível médio profissional exige uma preparação técnica atualizada em face das exigências do mercado. O desenvolvimento tecnológico busca profissionais que não apenas saibam executar comandos, mas que, sobretudo, sejam proativos, busquem a lógica da criticidade e o poder de decisão. São elementos-chave no processo de aprendizagem da educação profissional técnica para os quais não há formação docente.

Nesse contexto, cabe as professoras conduzir essa construção de conhecimentos cada vez mais direcionada à ocupação laboral por meio do autodidatismo.

A terceira categoria analisada, a **docência feminina e a educação profissional**, ressalta o território da educação como um campo ocupado por maioria mulheres.

De acordo os dados do Núcleo de Educação Profissional, as professoras lotadas nos centros somam 63, 2%, confirmando a maioria exercendo a docência na modalidade. Entretanto, apesar dessa superioridade numérica, as docentes entrevistadas narraram que ainda é preciso impor-se em algumas situações, que os números não garantem visibilidade, e que parece, às vezes, que o poder da fala de um homem vale por cinco mulheres.

Nesse aspecto, as subjetividades das mulheres docentes são realçadas e ganham contornos na efetividade da prática de sala de aula. As vivências do feminino entrecruzam-se no campo educacional, onde as relações de poder tentam pender para que um sexo se sobreponha ao outro. As professoras relatam em suas falas que a docência

feminina traz para a educação profissional o comprometimento com essa área e, mais ainda, com o aprendizado dos alunos que sonham com um exercício profissional.

Hoje, para as docentes, ser parte da vida pública e contemplar as mulheres nesse universo externo de trabalho, da vida social e produtiva, do processo educacional formativo, condutoras de suas próprias necessidades, é ver materializado objetivos e sonhos de muitas lutas de mulheres que na busca por direitos negados, marcaram a história da condição feminina no mundo.

As professoras participantes dessa pesquisa sentem-se realizadas pessoal e profissionalmente atuando na educação profissional técnica, percebem-se como sujeitos capazes de transformar vidas através da educação e reconhecem o relevante serviço que prestam à sociedade no exercício da docência. Narrar suas trajetórias formativas e de atuações é não renunciar, é dizer, através de suas experiências, que o planejamento e as implementações de políticas públicas educacionais deverão atender aos anseios daqueles que de fato vivem as decisões tomadas por quem governa, é lutar para que, no espaço político e social, reconheçam-nas como seres de direitos, aptas para conduzirem mudanças importantes no campo da intelectualidade e da profissionalização.

Desse modo, constatamos que a formação de uma professora acontece ao longo da vida, portanto, não se limita a uma etapa vivencial. A graduação é apenas a formação inicial e que a continuada, como o nome diz, segue em paralelo à atuação profissional e deve ser permanente. É um processo de vida e para a vida, pois a atuação docente depende muito do tipo de formação que a professora consegue construir e fomentar. Atuar na docência de maneira que atenda ao objetivo primeiro do ensino, o qual é a aprendizagem do estudante, é uma arte que requer a movimentação de um cabedal de saberes e que se emprega conforme a especificidade da prática e da competência de quem a desenvolve.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

AMAPA. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **RESOLUÇÃO Nº 64/2013-CEE/AP**. Fixa Normas para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio para o Sistema de Ensino do Estado do Amapá (alterada e republicada). Macapá, 2013. Disponível em: <https://cee.portal.ap.gov.br/publicacoes>. Acesso em: 16 fev. 2021.

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. Formação de docentes para a educação profissional e tecnológica: por uma pedagogia integradora da educação profissional. **Trabalho & Educação**, v.17, n. 2, mai. /ago. 2008.

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. A formação profissional no Brasil: aspectos históricos, opções políticas e metodológicas. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n.12, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/3075>. Acesso em: 24 jun. 2022.

AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**: introdução ao estudo da cultura do Brasil. 6.ed. Rio de Janeiro/Brasília: Editora da UFRJ/Editora da UnB, 1996.

Bardin, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARBOSA, Hedlin Braga; MACHADO, Lucília Regina de Souza; AFONSO, Maria Lúcia Miranda. Reflexões sobre a docência na educação profissional e tecnológica. **Revista Labor**, v.1, n. 24, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/labor/issue/view/882>. Acesso em: 3 jan. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, n.18, v.3, p. 265-274, set./dez. 2006. Disponível em: [http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista\\_odontologia/pdf/setembro\\_dezembro\\_2006/metodologia\\_pesquisa\\_bibliografica.pdf](http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf). Acesso em: 20 mai. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 160 p. 2012.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad.: Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: **Série Educação em Questão**. Francisco Alves Editora S/A, 1975.

BRASIL. IBGE. **Biblioteca**. Escola Industrial (Macapá). Disponível em: <https://biblioteca.ibgea.gov.br/biblioteca-catalogo>. Acesso em: 5 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 12.513**, de 26 de outubro de 2011. Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec); altera as Leis nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, que regula o Programa do Seguro-Desemprego, o Abono Salarial e institui o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), nº 8.212, de 24 de julho de 1991, que dispõe sobre a organização da Seguridade Social e institui Plano de Custeio, nº 10.260, de 12 de julho de 2001, que dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior, e nº 11.129, de 30 de junho de 2005, que institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem); e dá outras providências. Disponível em: [www.gov.br/mec](http://www.gov.br/mec). Acesso em: 17 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Novos Caminhos**. Disponível em: <http://novoscaminhos.mec.gov.br/conheca-o-programa>. Acesso em: 27 nov. 2021

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP nº 1, de 5 de janeiro de 2021**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em: 16 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos**. Disponível em: <http://cnct.mec.gov.br/>. Acesso em: 16 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. INEP. **Consulta matrícula**. Disponível em: <https://inepdata.inep.gov.br>. Acesso em: 11 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação a distância. **Ensino Médio Integrado à Educação Profissional**. Boletim 07, maio/jun./2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Histórico da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Escola Nacional de Administração Pública. **A Perspectiva de Gênero e as Políticas Públicas para as Mulheres**. 2017. Disponível em: [repositorio.enap.gov.br](https://repositorio.enap.gov.br). Acesso em: 09 fev.2021.

BRASIL. IBGE. **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br>. Acesso em: 16 mai. 2021

BRASIL. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Notas técnicas. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9127->



pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?=&t=o-que-e. Acesso em: 25 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 13.005/2014**, de 25 de junho. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br>. Acesso em: 18 fev. 2022.

BRASIL. IBGE. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação Profissional**. Disponível em: [www.gov.br/mec](http://www.gov.br/mec). Acesso em: 02 dez. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Disponível em: [www.gov.br/mec](http://www.gov.br/mec). Acesso em: 17 fev. 2022.

CABRAL NETO, Antônio (org.). **Política educacional: desafios e tendências**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

CAMPELLO, Ana Margarida de Mello Barreto; FILHO, Domingos Leite Lima. Educação Profissional. *In*: PEREIRA, Isabel Brasil; LIMA, Júlio César França (Org.). **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. 2.ed. rev. ampl. - Rio de Janeiro: EPSJV, 2008, p. 175-181.

CARVALHO, Bianca Moro de. Assentamentos populares na Amazônia setentrional: moradia popular em Macapá. **9º congresso luso-brasileiro para o planejamento urbano, regional, integrado e sustentável (PLURIS 2021)** - pequenas cidades, grandes desafios, múltiplas oportunidades. Águas de Lindóia – SP, 07, 08 e 09 de abril de 2021.

CARVALHO. João Wilson Savino. Instituto de Educação do Amapá: uma história de educação pelo exemplo. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 218p. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13637>. Acesso em: 25 mar. 2022

CARVALHO, S. O. C.; FIALHO, L. M. F.; LIMA, A. M. DA S. Irmã Maria Montenegro como gestora escolar: da escolarização elitista à educação dos pobres no Ceará (1969-1987). *Acta Scientiarum. Education*, v. 43, n. 1, p. e55406, 29 nov. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/55406>

CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **Biblos**: Rio Grande, n. 16, 2004, p. 7-24.

CASTANHA, André Paulo. **Edição crítica da legislação educacional primária do Brasil imperial: a legislação geral e complementar referente à Corte entre 1827 e 1889**. Navegando Publicações. Unioeste – Campus de Francisco Beltrão: Campinas, 2013, 345 p.

CAVALCANTE, Alcilene. Estratégia e comunicação visual. Escola da década de 40 e primeira do então território do Amapá, após obra de restauração, será entregue em julho. Disponível em: <https://www.alcilenevalcante.com.br/alcilene/escola-da-decada-de-40-e-primeira-do-entao-territorio-do-amapa-apos-obra-de-restauracao-sera-entregue-em-julho>. Acesso em: 6 abr. 2022.

CHAMON, Magda. **Trajetória de feminização do magistério**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ClAVATTA, Maria. SILVEIRA, Zuleide Simas da (Org). **Celso Surow da Fonseca**. Coleção Educadores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010, 164 p.

CORDÃO, Francisco Aparecido; MORAES, Francisco de. **Educação Profissional no Brasil: síntese histórica e perspectivas**. São Paulo: Ed. Senac, 2017.

CORSETTI, Berenice; VIEIRA, Lúcio Olímpio de Carvalho. Políticas públicas para a educação profissional técnica de nível médio (1996-2013). **RBP**, v. 31, n. 2, p. 371-390, mai./ago. 2015

CUNHA, Luiz Antônio. Aspectos sociais da aprendizagem de ofícios manufatureiros no Brasil colônia. **Forum**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 31-65, out./dez. 1978

CUNHA, Luiz Antônio. O ensino industrial-manufatureiro no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 14, mai./jun./jul./ago./2000.

DONATELLI, Dante. **Quem me educa?** A família e a escola diante da (in) disciplina. São Paulo, ARX, 2004.

FAVRETTO, J.; SCALABRIN, I. S. Educação profissional no Brasil: marcos da trajetória. **EDUCERE**. Passo Fundo, 2015, p.18521-18533.

FERREIRA, Andréa Tereza Brito. A mulher e o magistério: razões da supremacia feminina. **Tóp. Educ.** Recife. v. 6. n. 1-3. p. 11-61, 1998.

FERREIRA, **Aurélio Buarque de Holanda**. Novo dicionário da língua portuguesa. 5ª ed. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

FERREIRA, Norma-Iracema de Barros (org.). **Interfaces da Educação: história, política, saberes e práticas para além da fronteira amazônica**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2016.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; COSTA, Maria Aparecida Alves da; LEITE, Hugo de Oliveira. Maria Margarete Sampaio de Carvalho Braga: trajetória educativa e formação para a docência (1970-2015). *Momento - Diálogos em Educação*, [S. l.], v. 31, n. 01, p. 203–227, 2022. DOI: 10.14295/momento.v31i01.13775. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/13775>.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; HERNÁNDEZ DÍAZ, José María; FREIRE, Vitória Cherida Costa. História da Educação na biografia da transexual José Honorato Batista Neta. *Foro de Educación*, v. 19, n. 2, p. 289-293, dez. 2021. Disponível em: <https://www.forodeeducacion.com/ojs/index.php/fde/article/view/796>. doi:<https://doi.org/10.14516/fde.796>.

FIALHO, L. M. F.; BRANDENBURG, C.; HERNÁNDEZ DÍAZ, J. M. Hilda Agnes Hübner Flores: história da educação de uma interiorana descendente de boêmios (1939-1955). *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, v. 30, n. 63, p. 207-222, 29 set. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/10966>

FIALHO, L. M. F.; CARVALHO, S. O. C.; SANTOS, F. M. B. dos; PEREIRA, A. S. M. Formação profissional da educadora Maria Lília Imbiriba Sousa Colares. *Práxis Educacional*, [S. l.], v. 17, n. 48, p. 392-415, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9387. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9387>. Acesso em: 16 dez. 2021.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; NASCIMENTO, Lorena Brenda Santos memórias de Maria Helena da Silva: licenciatura em Pedagogia em tempos de ditadura (1966-1970). *Cadernos de Pesquisa*, v. 28, p. 335, 2021. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/14922>

FIALHO, L. M. F.; FREIRE, V. C. C. Educação formativa de uma líder política cearense: Maria Luiza Fontenele (1950-1965). *Cadernos de História da Educação*, v. 17, p. 343, 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/43290> Acesso em: 29 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; LIMA, A. M. S.; QUEIROZ, Z. F. Biografia de Aída Balaio: prestígio social de uma educadora negra. *Educação Unisinos*, v. 23, p. 48-67, 2019. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.231.04> Acesso em: 28 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; QUEIROZ, Z. F. Maria Neli Sobreira: história e memória da educação em Juazeiro do Norte. *Educar em Revista*, v. 34, p. 67-84, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0104-40602018000400067&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-40602018000400067&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 28 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; SA, E. C. V. Educadora Henriqueta Galeno: a biografia de uma literata e feminista (1887- 1964). *História da Educação*, v. 22, p. 169-188, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/75182> Acesso em: 29 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; SANTOS, H. F.; FREIRE, V. C. C. Biografia da Professora Raquel Dias Araújo: um olhar sobre a docência universitária e a militância política. *History of Education in Latin America - HistELA*, v. 3, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/20562/12765> Acesso em: 29 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; SOUSA, F. G. A.; NASCIMENTO, L. B. S. Biografia da educadora Josete Sales: reflexos da formação de professoras no Ceará. *Roteiro*, v. 45, 2020. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/23790> Acesso em: 29 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; SOUSA, N. M. C.; DIAZ, J. M. H. Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência. *Revista Cocar*, v. 8, p. 371-387, 2020. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/3083> Acesso em: 29 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; CARVALHO, S. O. C. História e memória do percurso educativo de Célia Goiana. *Série-Estudos, Campo Grande*, v. 22, p. 137-157, 2017. Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/992> Acesso em: 28 abr. 2021.

FIALHO, L.M. F.; CARVALHO, S. O. C.; NASCIMENTO, L. B. S. Memórias de Maria Helena da Silva: licenciatura em Pedagogia em tempos de ditadura (1966-1970). *Cadernos de Pesquisa*, v. 28, p. 335, 2021. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/14922> Acesso em: 28 abr. 2021.

FIALHO, L.M. F.; HERNÁNDEZ DÍAZ, J. M. Maria Zelma de Araújo Madeira: memórias de formação e resistências da docente universitária negra. *Revista Diálogo Educacional*, v. 20, p. 775-796, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/26441> Acesso em: 28 abr. 2021.

FIALHO, L.M. F.; SOUSA, F. G. A. de. Irmã Elisabeth Silveira e a educação feminina no Colégio da Imaculada Conceição, Fortaleza-CE. *Revista Diálogo Educacional*, v. 21, p. 191-316, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/27388>. Acesso em: 28 abr. 2021.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRAGA JUNIOR, Victor Ricardo De Sousa; MONTE, Raylane Sales; BRANDENBURG, Cristine. O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo*, v. 2, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3505>. Acesso em: 28 abr. 2021.

FONSECA, Celso Suckow da. **História do ensino industrial no Brasil**. Rio de Janeiro, 1961.

FONSECA, Celso Sucko da. **História do ensino industrial no Brasil**. 2ª. ed., 5 v. Rio de Janeiro: Senai/DN, 1986

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Adilso de Campos; DORSA, Arlinda Cantero; OLIVEIRA, Edilene Maria de; CASTILHO, Maria Augusta de. Educação profissional no Brasil: origem e trajetória. **Revista Vozes dos Vales**. UFVJM. Minas Gerais, n. 13, ano VII, mai./2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas S.A. 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

GROSSI, Yonne de Souza; FERREIRA, Amauri Carlos. Razão narrativa: significado e memória. Dossiê. In: **História Oral**. São Paulo, USP, n. 4, jun. 2001. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/33/27>. Acesso em: 7 abr. 2022.

KUENZER. Acácia Zeneida; GRABOWSKI, Gabriel. Educação Profissional: desafios para a construção de um projeto para os que vivem do trabalho. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 297-318, jan/jun. 2006.

LAMPE, Luís Roberto da Silva; BARONIO, Jonas; CASTAMAN, Ana Sara; VIEIRA, Josimar de Aparecido. Formação para a docência na educação profissional e tecnológica: desafios históricos e perspectivas. **Revista Thema**, v. 19, n. 3, 2021.

LÁZARO, João. Colégio Amapaense. Porta Retrato – Macapá/Amapá – Onze anos. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/04/colégio-amapaense.html>. Acesso em: 4 abr. 2022.

LOPES, T. M. R.; SOUSA, F. G. A.; FIALHO, L. M. F. Maria Zufla e Silva Morais: Pioneirismo e protagonismo na fundação da Apae de Juazeiro. *Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade*, v. 9, p. 89-108, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/35197> Acesso em: 29 abr. 2021.

LOURO, Lopes Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Rio de Janeiro. Vozes, 1997.

MACHADO, L. R. de S. Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação profissional. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 8–22, 2015. DOI: 10.15628/rbept.2008.2862. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/2862>. Acesso em: 8 out. 2022.

MANSO, Maria Elisa Gonzalez. A Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e o princípalismo bioético. **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 9, n. 457, 7 out. 2004. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/5781>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MANZINI, E. J. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percursos – NEMO**, Maringá, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012.

MAX, Karl. **O 18 brumário de Luiz Bonaparte**. Tradução: Nélio Schneider. São Paulo, Boitempo Editorial, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como ensinar**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzano L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. [S.l: s.n.], 2011.

MENDES, M. C. F.; COSTA, M. A. A.; BRANDENBURG, C.; FIALHO, L. M. F. Iolanda dos Santos Mendonça: a participação das mulheres em movimentos indígenas (1970-2000). *Cambios y Permanencias*, v. 11, p. 828-853, 2020. Disponível em: <https://revistas.uis.edu.co/index.php/revistacyp/article/view/11094> Acesso em: 29 abr. 2021.

MENDES, M. C. F.; FIALHO, L. M. F.; MACHADO, C. J. S. Argentina Pereira Gomes: disseminação de -inovações- didáticas na educação primária na década de 1930. *Revista Diálogo Educacional*, v. 19, p. 527-550, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/24959/23519>. Acesso em: 28 abr. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes; 2002

MOTTA, Alda Britto. Elas começam a aparecer... *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO; Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1. ed., São Paulo: Contexto, 2020.

NÓBREGA, Erickson Faustino da; SOUZA, Francisco das Chagas Silva. Educação profissional no Brasil: uma trajetória de dualidade e exclusão. **Revista Ensino ATEMAN Interdisciplinar**, v. 1, n. 03, dez. /2015, UERN, Mossoró, RN.

NÓVOA. Antônio. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, v. 47 n.166, p.1106-1133, out. /dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/WYkPDBFzMzrvnbsbYjmvCbd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31 jan. /2022.

NÓVOA. Antônio. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623684910> Acesso em: 21 fev. 2022.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissão docente: Consolidação da profissão docente: apontamentos históricos. **Repositório da Universidade de Lisboa**. Lisboa, 1992. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>. Acesso em: 29 jan. 2022.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n.16, v. 2, 440, mai./ago. 2008.

OLIVEIRA, Adriana Nogueira de; SOUSA, Francisca Genifer Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Protagonismo de Ana Carolina Costa Pereira no campo da educação matemática. *Revista Cocar*, v. 15, n. 33, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4912>

OLIVEIRA, Antônio Cardoso; CÓSSIO, Maria de Fátima. O atual cenário da educação profissional no Brasil. **XI Congresso Nacional de educação**. EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, de 23 a 26/09/2013.

OLIVEIRA, Tatiana Pantoja. Público/confessional, cultura escolar e formação de habitus: a Escola Doméstica de Macapá/AP (1951-1964). Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Macapá, 2016. Disponível em: <https://www2.unifap.br/ppgmdr/files/2016/03/DISSERTA%c3%87%c3%83O-DE-MESTRADO-TATIANA-PANTOJA-OLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Tradução Marta Avancini. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

PEREIRA, A. S. M.; SOUSA, A. C. B. de; FIALHO, L. M. F. . Helena Potiguara: biografia da educadora indígena (1954-2009). *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 16, n. esp.3, p. 1386–1403, 2021. DOI: 10.21723/riaee.v16iesp.3.15288. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15288>. Acesso em: 16 dez. 2021.

PORTELLI, Alexandre. O que faz a história oral ser diferente. Tradutora: Maria Terezinha Janine Ribeiro. **Proj. História**. São Paulo, v. 14, fev. 1997.

PORTELLI, Alexandre. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História oral. Conferências. **Proj. História**. São Paulo, v. 15, abr. 1997

PORTO, Eliane Quincozes. **Trajeto formativo e significações imaginárias: narrativas das professoras da EBTT**. 2018. 100 p. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS, 2018.

RABELO, Amanda Oliveira. O acesso e a ocupação do espaço docente pela mulher no “ensino primário” no Brasil e em Portugal. **Rev. Int. de Form. de Professores (RIFP)**, Itapetinga, v. 4, n.2, p. 11-75, abr./jun. 2019. Dossiê: Formação docente: história, atualidade e repercussões para o ensino.

RAMOS, Marise Nogueira. História e Política da Educação Profissional. **Coleção Formação Pedagógica**. 1ª. ed. v. 5. Curitiba, EAD, Instituto Federal do Paraná, 2014.

RAPKIEWICZ, Clevi Elena. Informática: domínio masculino. **Cadernos Pagu**, n. 10, 1998, pp.169-200.

REIS, Gabriela Alves de Souza Vasconcelos dos; OSTETTO, Luciana Esmeralda. Compartilhar, estudar, ampliar olhares: narrativas docentes sobre formação continuada. Seção: Artigos. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, e180983, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4KPrBhHg3dxGkN9hc5QFTJn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 jul. 2022.

REZZUTTI, Paulo. **Mulheres do Brasil**: a história não contada. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

RICARDO, Edna dos Reis. A alfabetização e as concepções de infância. **Revista Primeira Evolução**, Ano II, n. 16, mai. /2021. Disponível em: <https://primeiraevolucao.com.br/index.php/R1E/article/view/76/60>. Acesso em: 15 jun. 2022.

ROMÃO, Jeruse. Antonieta de Barros: professora, escritora, jornalista, primeira deputada catarinense e negra do Brasil. Florianópolis: ed. Cais, 2021.

ROSA, Denise Cristina Silva; ROSA, Elisângela Silva; TAVARES, Jorge Alberto Vieira. Educação profissional no Brasil e sua relação com a participação feminina na inserção ao mundo do trabalho. VI Colóquio Internacional. São Cristóvão - SE, 2012.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO; Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1. ed., São Paulo: Contexto, 2020.

SALLES, Fátima Regina de; FARIA, Vitória Líbia Barreto de. **Currículo na Educação Infantil**: diálogo com os elementos da proposta pedagógica. São Paulo: Scipione, 2012.

SCOTT, J. W. Prefácio à Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p. 11-27, 2007.

SANTOS, Fernando R. **História do Amapá**: da autonomia territorial ao fim do janarismo. Macapá: Fundecap/GEA, 1998.

SANTOS, José Deribaldo dos. A profissionalização imposta por decreto: notas sobre a reformulação neoliberal na educação dos trabalhadores brasileiros. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 9, n. 3, p. 230-240, dez./2017.

Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/20976/15292>. Acesso em: 02 ago. /2022.

SILVA, Agnaldo Figueira da Rocha. **Os avanços na educação profissional concomitante no Estado do Amapá**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

SILVA, B. Elizabeth. Des-construindo gênero em ciência e tecnologia. **Cadernos pagu**, n. 10, 1998: pp.7-20.

SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: do período colonial ao governo Michel Temer (1500-2018). **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 5, n° 1, 2021 – Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

SILVA, Maura Leal da. “O território imaginado”: Amapá, de Território à autonomia política (1943-1988). 2017. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História – PPGHIS, Universidade de Brasília. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23698/1/2017\\_MauraLealdaSilva.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23698/1/2017_MauraLealdaSilva.pdf). Acesso em: 25 mar. 2022.

SOIBET, Rachel. A conquista do espaço público. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO; Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1. ed., São Paulo: Contexto, 2020.

SOUSA, Mirtes Aparecida Almeida; SALUSTIANO, Dorivaldo Alves. Um olhar sobre a docência feminina e a diversidade. III Cintedi. Campina Grande: **Realize Editora**, 2018. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45092>>. Acesso em: 21/07/2022.



SOUSA, Vera Luísa de. As relações entre o feminino e o magistério no Brasil. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 20,n.1, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/12187/209209210687>. Acesso em: 5/10/2022.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**. Universidade Estadual de São Paulo: São Paulo, n. 14, mai./jun./jul./ago. 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

UNICEF. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 27 nov. 2021

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In*: NUNES, Edson de Oliveira – **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VIANA, Cláudia P; UNBEHUM, Sandra. O gênero nas políticas Públicas de educação no Brasil:1988-2002. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 77-104, jan. /abr. 2004.

VIDIGAL, Victor. Com maior taxa de incidência da covid-19 do país, AP tem 21,5% das moradias em situação precária. G1, Macapá, 23 mai. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2020/05/23/com-maior-taxa-de-incidencia-da-covid-19-do-pais-ap-tem-215percent-das-moradias-em-situacao-precaria.ghtml>. Acesso em: 24 mar. 2022

VIEIRA, Alboni Marisa Dudesque Pianovski; JUNIOR, Antonio de Souza. A educação profissional no Brasil. **Interacções**, [S. l.], v. 12, n. 40, 2017. DOI: 10.25755/int.10691. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/10691>. Acesso em: 20 fev. 2022.

## **APÊNDICE – A ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL COM AS PROFESSORAS DOS CENTROS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DO MUNICÍPIO DE MACAPÁ**

### **Identificação**

Nome:

Idade:

Estado civil:

Formação:

Tempo de serviço na educação profissional:

Regime de trabalho:

Data e local da entrevista:

Tempo da entrevista:

### **ENTREVISTA**

- 1) Seus pais são escolarizados? Até que nível?
- 2) Quais são as atividades profissionais de seus pais?
- 3) Possui irmãos? Quantos e em que trabalham?
- 4) De que maneira se deu sua infância e início da escolarização?
- 5) No período de sua escolarização, você morava na zona urbana ou rural?
- 6) Em quais escolas você estudou?
- 7) Como eram as práticas educativas dos professores?
- 8) Como foi esse processo inicial, da escolarização até a atuação como professora?
- 9) Quando você começou a atuar como docente? Quantos anos?
- 10) Como a educação profissional começou a fazer parte de sua trajetória profissional?
- 11) Quanto tempo de atuação no Centro?
- 12) Qual a sua relação com a educação profissional?
- 13) O que é a educação profissional para você?
- 14) Você exerce a docência em quais cursos?
- 15) Como ocorreu a escolha da sua profissão?
- 16) Houve incentivo dos pais, de familiares, professores, do meio social, cultural?
- 17) Pensou em atuar em outra área sem ser a docência?
- 18) Você atua em outra área ou profissão?

- 19) Em algum momento pensou em deixar a docência? Por quê?
- 20) Você encontrou dificuldades por ser mulher?
- 21) Como é ser professora na atualidade na educação profissional?
- 22) Como você se vê e se sente sendo professora de cursos técnicos de nível médio na educação profissional?
- 23) Qual a sua percepção diante da inserção das mulheres na docência na educação profissional?
- 24) Você consegue perceber se existem eixos tecnológicos trabalhados eminentemente por mulheres? Por quê?
- 25) O corpo docente do curso em que você trabalha é composto por maioria masculina ou feminina? Isso faz diferença para você?
- 26) No exercício da docência na educação profissional, quais dificuldades foram encontradas por você?
- 27) Em sua opinião, há diferença entre a docência feminina e masculina?
- 28) No ambiente de trabalho, você percebe ações ou atitudes discriminatórias em relação ao profissional do sexo feminino?
- 29) Essas ações ou atitudes, caso existam, lhes causam incômodo?
- 30) No exercício da docência na educação profissional, você já se sentiu discriminada por ser mulher?
- 31) Sendo professora da educação profissional, é importante para você contar como se dá o exercício da docência? Por quê?
- 32) Como você se sente ao contar sua história profissional?
- 33) Você já ouviu/leu sobre histórias de vida de professoras que exercem a docência na educação profissional?
- 34) De que maneira essas histórias de vida, pessoais ou profissionais, podem contribuir com o seu aperfeiçoamento profissional?
- 35) Como você descreve sua atuação profissional ao longo dessa jornada?

## APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Ilm. <sup>a</sup> (º) Sr. <sup>a</sup> (º) \_\_\_\_\_  
 Diretora (o) do Centro de Educação Profissional \_\_\_\_\_

Solicitamos a autorização institucional para a realização da pesquisa, **“PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: NARRATIVAS FEMININAS DE TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE”** pela estudante do Curso de Mestrado em Planejamento e Políticas Públicas (MPPPP/UECE) Sandra Maria de Jesus Gonçalves, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Lia Machado Fiuza Fialho (UECE/CE), nas dependências do Centro de Educação Profissional \_\_\_\_\_.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender como se desenvolvem a formação educacional e a atuação profissional das professoras dos cursos técnicos de nível médio dos Centros de Educação Profissional do Amapá, de forma que os dados sejam evidenciados através das narrativas das docentes. O estudo terá abordagem qualitativa e utilizará, com procedimento metodológico, a História Oral Temática, que consiste na realização de entrevistas semiestruturadas com os docentes. As informações, as opiniões expressas coletadas serão trabalhadas pela pesquisadora através da Análise de Conteúdo.

Os objetivos específicos são: 1. Contextualizar a educação profissional do Amapá; 2. Caracterizar quem são as professoras que atuam nos centros de educação profissional e as possíveis desigualdades de gênero existentes; 3. Analisar as narrativas das mulheres professoras de como se deu a trajetória acadêmica e atuação docente das professoras na Educação Profissional e 4. Verificar como as políticas educacionais voltadas à educação profissional e suas interfaces nas questões de gênero favorecem as assimetrias entre os mulheres e homens.

Vale ressaltar que as informações compiladas nas entrevistas com base nas narrativas das docentes, serão utilizadas somente para fins deste estudo e sua divulgação em eventos acadêmicos, livros, revistas científicas e/ou plataformas de depósito de trabalhos de mestrado.

Agradecemos antecipadamente a colaboração da Direção deste Centro de Educação profissional, estando à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Macapá-AP, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Lia Machado Fiuza Fialho  
 Orientadora da Pesquisa  
 E-mail: [lia\\_fialho@yahoo.com.br](mailto:lia_fialho@yahoo.com.br)

---

Sandra Maria de Jesus Gonçalves  
 Estudante do Curso de Mestrado em Planejamento e Políticas Públicas  
 e-mail: [sandracuriau@gmail.com](mailto:sandracuriau@gmail.com)

**APÊNDICE C – TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente instrumento, a senhora \_\_\_\_\_,  
RG: \_\_\_\_\_, residente e domiciliada à \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, na cidade de \_\_\_\_\_,  
cede e transfere gratuitamente em caráter universal e definitivo à Sandra Maria de Jesus Gonçalves, a totalidade patrimonial de seus direitos de autor sobre depoimento oral prestado no(s) dia(s) \_\_\_\_\_.

A Universidade Estadual do Ceará fica plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, em parte ou no todo, editado ou integral, inclusive cedendo direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Assinolo também a concordância sobre os procedimentos tomados em relação aos meus dados pessoais com fins exclusivos para esta pesquisa e sua divulgação científica, assegurando a aplicabilidade da legislação vigente, a Lei nº 13.709 de 14/08/2018, que versa sobre a coleta, processamento e armazenamento de dados pessoais - LGPD.

Macapá-AP, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

Ciente: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sra \_\_\_\_\_ foi selecionada e está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada: “**PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: NARRATIVAS FEMININAS DE TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE**”, que tem como objetivo compreender como se desenvolvem a formação educacional e a atuação profissional das professoras dos cursos técnicos de nível médio dos Centros de Educação Profissional do Amapá, de forma que os dados sejam evidenciados através das narrativas das docentes. O estudo terá abordagem qualitativa e utilizará, como procedimento metodológico, a História Oral Temática, que consiste na realização de entrevistas semiestruturadas com as docentes.

Sua participação na pesquisa consistirá em responder perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevistas. As respostas às entrevistas serão gravadas, transcritas, textualizadas e validadas por sua pessoa, isto é, em nenhum momento serão divulgadas informações sem o seu prévio consentimento. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode se recusar a responder perguntas ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo na relação com a pesquisadora.

A Senhora não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. A pesquisa, no entanto, poderá ser divulgada por meio de publicações – artigos, livros, capítulos ou conferências públicas - portanto, as informações prestadas não serão sigilosas, podendo ocorrer das mesmas serem utilizadas por outros pesquisadores ou demais interessados em estudos e análises futuras, inclusive, acrescentando ou questionando as suas informações, fator que foge ao controle da pesquisadora. A sua participação revelará dados que poderão propiciar análises e reflexões referentes a construção da formação acadêmica e a atuação profissional das mulheres docentes dos Centros de Educação Profissional do Amapá e, possibilitar novos estudos sobre o campo em referência.

Este documento está elaborado em duas vias, sendo uma cópia para a participante e outra para a pesquisadora. Você poderá entrar em contato com a pesquisadora, através do e-mail sandracuriau@gmail.com, pelo telefone (96) 99112 - 2925. O Comitê de Ética em Pesquisa poderá ser contatado pelo telefone (85) 3101.9890 e pelo e-mail: [cep@uece.br](mailto:cep@uece.br), para quaisquer dúvidas sobre o projeto.

---

Pesquisadora Sandra Maria de Jesus Gonçalves  
 Celular: (96) 99112 - 2925  
 E-mail: sandracuriau@gmail.com

-----  
 Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar da pesquisa proposta, “**PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: NARRATIVAS FEMININAS DE TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE**”, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Macapá-AP, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Informante: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Documento de identificação: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE E – TERMO DE VALIDAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Eu, \_\_\_\_\_ declaro ter lido a transcrição da entrevista realizada no dia \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ pela pesquisadora Sandra Maria de Jesus Gonçalves. Venho por meio deste, validar a transcrição da entrevista supracitada para utilização na pesquisa “**PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: NARRATIVAS FEMININAS DE TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE**”, desenvolvida pelo programa de **Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas – MPPPP**, da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e sua disseminação científica em eventos, livros e periódicos científicos. Atesto que estou ciente de que essa transcrição será preservada digitalmente em um repositório de dados aberto, ou seja, de acesso público e gratuito.

Macapá-AP, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

Entrevistada: \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_

Documento de Identificação: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA NÍSIA

### IDENTIFICAÇÃO

Nome: Nísia

Idade: 33 anos

Estado civil: solteira

Formação: Licenciatura em Artes Visuais/Bacharel em Administração Geral/Especialização em Gestão/Mestrado em Ciências da Educação

Tempo de serviço na educação profissional: desde 2013 – 9 anos

Regime de trabalho: estatutário com 40h

Data e local da entrevista: *Online* via *Google Meet* – dia 07/02/2022 – Macapá/AP

Tempo da entrevista: 1h 27min.

### ENTREVISTA

**Pesquisadora:** Seus pais são escolarizados? Até que nível?

**Nísia:** A minha mãe ela é pedagoga e tem especialização e o meu pai tem o técnico nível médio em Administração.

**Pesquisadora:** Quais são as atividades profissionais de seus pais?

**Nísia:** A minha mãe é professora do município e o meu pai ele é microempresário.

**Pesquisadora:** Possui irmãos? Quantos e em que trabalham?

**Nísia:** Eu tenho duas irmãs, as duas estão trabalhando, elas trabalham com arte também, só que na área de música. A mais velha também é publicitária. Trabalha na área também.

**Pesquisadora:** De que maneira se deu sua infância e início da escolarização?

**Nísia:** (risos) essa parte da história pode ser bem comprida, pode? É porque, assim, realmente eu tenho muitas memórias de infância, desde os meus 2 anos eu me lembro de muita coisa, dos meus 2 anos de idade. Eu lembro de ser uma criança muito curiosa, e eu sempre quis aprender a ler muito cedo. Então, a minha mãe também, nessa época ela ainda não era formada professora, mas aí ela sempre me incentivou muito, e aí com 5 anos eu já estava alfabetizada e eu ainda não estava na escola. E foi até um pouco difícil ela conseguir uma escola que me atendesse, mas aí a minha vida escolar toda foi em escola pública, eu frequentei o pré I e II na Escola Barão do Rio Branco, aí, só que assim, eu já



estava alfabetizada colando bolinha no A, colando bolinha de papel no A, aí eu chegava para a mamãe e perguntava quando é que eu vou copiar do quadro, a minha filha tem que ter paciência, ela que me passava atividade extra em casa pra eu não perder as coisas ou ficar entediada. E aí foi quando ela conseguiu uma vaga na 1ª série e eu não cursei o III ano, na época, do prezinho. Aí eu fui com 6 anos para a 1ª série, porque na época tinha vaga sobrando, aí a escola, o diretor na época, a mamãe falou com ele e aí ele fez uma entrevista comigo para saber se realmente eu sabia ler aí, ele me mostrou uns textinhos lá e tal, e aí, enfim, como eu não estava tirando a vaga de ninguém, consegui cursar a 1ª série com 6 anos, lá no Deuzuite Cavalcante. Na época, a gente morava no Perpétuo Socorro, e aí foi maravilha assim, a minha infância nesse sentido escolar, sempre gostei muito de estar no ambiente escolar, de estudar e essa curiosidade toda e, paralelo a isso também, o interesse meu e das minhas irmãs, a gente sempre foi muito próximas, é, inclusive, a minha irmã mais velha também a gente brincava, dela sendo a professora, me ensinava. Com relação a arte sempre foi desde que eu me lembro, a gente sempre gostou de várias vertentes da arte, de desenho e tudo e nossos pais sempre incentivaram muito também, tanto que todos os cursos que, oficinas, que eu fiz durante a infância e adolescência, de atividades paralelas à escola, foi por a gente gostar, quando eu falo a gente, eu e as minhas irmãs, por gostar disso e os nossos pais correrem atrás de onde é que tinha as possibilidades no Estado mesmo porque eles não poderiam pagar, então, por exemplo, eu fui cria do Cândido Portinari, eu entrei lá com 9 anos de idade e só saí com 16 quando eu entrei para a UNIFAP e lá dentro eu fiz os cursos de desenho, pintura, modelagem, oficina de teatro, e são coisas que me acompanham até hoje na minha vida adulta. Hoje eu também sou palhaça de profissão, já tenho 16 anos, vai fazer 17, então, está na minha vida, todas essas coisas. O curso de francês no Danielle Mitterrand também, é do Estado, eu consegui uma vaga por ser na época, fiz a primeira turma, eles foram nas escolas e por conta de minhas boas notas me chamaram, chamaram eu e a minha irmã mais velha e a minha irmã mais nova ainda não tinha nem idade para estar na escola, então, enfim, foi que eu cursei lá no Danielle Mitterrand com a minha irmã. Escolinha de vôlei no Avertino Ramos, então, tudo era por conta do Estado e paralelamente também nossos pais sempre foram claros nesse sentido, se não tiver atrapalhando a escola, vocês podem fazer o que vocês quiserem no horário extra, então, a gente fazia mesmo, (risos...), e aí é isso, até chegar na UNIFAP foram muitos percursos de mergulho na arte mesmo, que me levaram a cursar na época, aqui não tinha na UNIFAP o curso de teatro, então, pra eu não fugir do que eu gostaria inicialmente, foi que eu me inscrevi pra Artes Visuais, ciente de tudo e tal, mas é um curso que eu me apaixonei e a minha profissão que eu

abraçei de coração também, além da questão da Administração que eu cursei paralelo, assim ao mesmo tempo assim. Eu entrei para a Administração, na época, primeiro que na UNIFAP por conta de uma greve, mas depois os calendários se ajustaram e aí eu finalizei ao mesmo tempo as duas. Eu tive esse privilégio de só estudar, meus pais foram assim super parceiros, não minha filha você não se preocupa de querer trabalhar agora, deixa com a gente aqui, aí você foca nos estudos e foi o que eu fiz, para mim já era mais que obrigação já que eu estava ali para isso era estudar, era só o que eu fazia da vida na época da universidade, tanto que até meus projetos artísticos ficaram um pouquinho, assim, engavetados porque a minha vida era entre as duas universidades. Eu saía da UNIFAP e ia pra FAMAP, eu passava o dia fora e chegava em casa praticamente só para dormir ou fazer os trabalhos da Faculdade e foi, era essa a minha vida. Eu me formei, eu comecei os cursos em 2006 e me formei nas duas em 2009.

**Pesquisadora:** No período de sua escolarização, você morava na zona urbana ou rural?

**Nísia:** Na zona urbana. Foi no Perpétuo Socorro, ali já é área urbana, até os meus 10 anos, aí depois a gente mudou para a zona norte, no Pacoval.

**Pesquisadora:** Em quais escolas você estudou?

**Nísia:** O Ensino Médio foi no Colégio Amapaense. Eu fiz o pré I e o pré II no Barão do Rio Branco, o III eu não cheguei a fazer, já fui pra 1ª série no Deuzuite Cavalcante, no Perpétuo Socorro, e aí eu estudei lá a vida escolar do Fundamental inteiro até a 8ª série, até o III bimestre da 8ª série que foi quando me transferiram para o Colégio Amapaense. Aí eu finalizei lá.

**Pesquisadora:** Como eram as práticas educativas dos professores?

**Nísia:** No geral assim? Do pré assim eu não tenho muita lembrança, de detalhes, eu lembro porque, como já falei, como eu estava alfabetizada, já era um pouco mecânico pra mim ali, ter que ficar cobrindo letra, não me desafiava muito, então eu não guardo muitas lembranças desse período do pré, mas já do Fundamental tem umas coisas bem marcantes que eu achava assim, que eu acho até hoje bem marcantes, que eram os professores do, tinha uma nomenclatura, que era o abc, e nessa época a política era de que não podia reter o estudante até a 3ª série, eu lembro disso, mesmo se ele tivesse rendimento abaixo do esperado com relação a nota, ele não era retido, ele passava a 1ª, 2ª ele tinha a até a 3ª série pra ele se ajeitar entre aspas, se na 3ª série ele não conseguisse chegar no mínimo de alfabetização e tudo mais, na régua avaliativa, aí ele ficava retido, aí tinha isso. Os

professores do abc eram muito dedicados mesmo. Eu tenho uma memória incrível das professoras, inclusive porque elas, como as pessoas dizem, faziam de um tudo e quando tinham os eventos da escola, eu adorava porque acho que foram as primeiras peças de teatro que eu assisti na vida ao vivo, eram as das minhas professoras, que eu achava a minha professora incrível, a melhor professora, a professora Nelma e tal, aí juntava ela e as outras professoras, e tinha um professor só que eu me lembre, então elas faziam as peças teatrais. Eu lembro muito de uma peça da baratinha que eles faziam (risos), da dona baratinha que eles encenavam que era muito legal porque eles faziam toda uma produção de figurino e eu ficava encantada, que era o momento em que a gente via eles fora daquela sala de aula e saía daquele lugar de professor, pra mim era muito encantador. Também outra coisa que eu acredito que foi muito rico para mim no Fundamental no Deuzuite era a valorização folclórica, era bem forte lá, assim, lá que eu aprendi as origens do marabaixo, do batuque, de entender a lógica dos ladrões de marabaixo foi lá. Tinha uma semana que a gente ficava trabalhando antes do dia folclore que era a culminância, e todas essas temáticas, então dependendo da série, a gente tinha uma tarefa, então acho que as primeiras séries de gente menorzinha costumavam, a gente dançava o marabaixo. A escola tinha figurino, era bem bacana e envolvia a escola inteira nesse movimento cultural, nas raízes daqui, então, que eu descobri depois de grande que não era comum em todas as escolas. Então, eu acredito que fez muita diferença para mim, do que eu entendo da cultura local. Claro que depois que a gente cresce, a gente vai mais a fundo, procura pesquisar, principalmente a gente que trabalha como professora de arte, mas lá no Fundamental foi fundamental (risos), ter esse contato logo porque não gera estranheza, porque muita gente ainda hoje, tem um preconceito sobre as culturas nossas daqui, as origens desse nosso canto, do nosso batuque, enfim. Aí no Médio, sinceramente, Médio eu só queria que acabasse (risos...), eu realmente era muito focada, tudo o que eu fazia na escola era estudar, eu não tive muito aquela coisa de querer sair de lá cheia de amigos e tal, se tivesse beleza, agora se não rolasse também pra mim não ia fazer falta porque eu ficava mergulhada nos estudos, porque eu ficava muito focada em querer passar na universidade federal por todo meu histórico de vir de educação pública e eu saber que realmente ia ser um pouco mais difícil pra mim, então eu realmente ia ter que mergulhar nos estudos 100%, então, assim. Eu lembro de ter também lá feiras culturais, mas lá, ensino médio, não me conectei muito com a *vibe*. Mas, as feiras de ciências que eu achava bem interessante e, é o que eu me lembro assim de mais vivo na minha cabeça. Na universidade eu tive essas duas vivências de federal e particular. A particular inicialmente eu comecei cursando pelo PROUNI porque eu ganhei bolsa 100%, só que aí saiu o

resultado da UNIFAP, aí não pode ter dois vínculos, aí eu ia trancar de Administração só que por conta do semestre que já estava encerrando, a gestão da própria instituição me chamou pra conversar e como eu entrei na universidade eu ainda era menor de idade, eu entrei com 17, aí pra fazer toda essa parte burocrática, tinha que ter meu responsável, meus pais foram junto pra assinar as coisas lá. Eles perguntaram, o gestor perguntou, mas você não gostou do curso? Eu falei gostei, eu amei, eu adorei esse semestre, mas infelizmente eu não vou poder ficar por questões financeiras, eu vou cursar na UNIFAP e aí eu vou perder a bolsa do PROUNI. Aí ele ofereceu meia bolsa por conta da universidade mesmo, bolsa da universidade, fora a parte do PROUNI. E aí foi que deu para minha mãe segurar as pontas. Ela falou, não minha filha se você quer, acho que essa meia bolsa dá para segurar também. Aí foi assim que eu cursei as duas. Com relação as vivências, o curso na UNIFAP, durante os estudos, eu tive contato e conhecimento melhor dos acontecimentos e experimentações com relação a performance arte. Foi lá que eu tive meus primeiros experimentos e conhecimento a respeito, porque na minha vida escolar nunca vieram e me falaram, olha hoje a gente vai estudar performance, nunca. Então, não sei porque, porque no currículo tem, a gente precisa falar de arte contemporânea e tudo mais, mas enfim, depende da escola, do professor, do planejamento. E aí só na universidade que eu fui ter essa, tanto a experiência quanto o conhecimento a respeito, que inclusive eu achava que era uma vertente que eu não fosse usar depois e, nos anos depois eu me vi criando trabalhos performáticos, que para mim foi meio que natural. Foi isso, assim.

**Pesquisadora:** Como foi esse processo inicial, da escolarização até a atuação como professora?

**Nísia:** Como eu falei eu não tinha muita dificuldade assim, pontualmente em algumas áreas de exatas que eu precisava de um reforço aqui, acolá. Eu tentava estudar por fora, para eu manter um rendimento para mim mesma, porque não era ninguém que me cobrava, eu me autocobrei bastante. Quando eu chegava para falar para a mamãe que o negócio estava pegando é que o negócio estava difícil, aí a gente via o que fazia, se tinha um amigo que podia dar reforço, que pudesse ajustar e assim eu ia fazendo. A universidade não foi assim muito diferente, mas, a dinâmica da universidade também, para mim, foi maravilhosa, no sentido de eu realmente me sentir responsável pela minha formação. Porque a minha mãe sempre falou, olha independente de onde você estiver estudando, é você, não adianta ser a melhor escola do mundo, não adianta ser a melhor estrutura do universo se você não estiver lá disponível e não correr atrás e não for uma

peessoa cientista, curiosa que vai lá que procura, que não se contenta com o que o professor traz, o que o professor traz é só uma gota no oceano de possibilidades. Então, a partir do que ele te instiga, aí você corre atrás do restante. Então, eu realmente abracei essa causa, então eu dependendo da disciplina que eu me identificava mais, eu sempre procurava mais na biblioteca. Nessa época não tinha notebook, a internet eu acessava mais pelos computadores das universidades mesmo. Na FAMAP tinha um laboratório bacana, às vezes, eu fazia pesquisa da UNIFAP lá, então eu ficava nessa, assim. Quando eu saía mais cedo, quando não tinha aula e o professor faltava, aí eu ia para os laboratórios, e ficava entre laboratório e biblioteca, então, foi muito assim a minha formação. E vice-versa, às vezes os conteúdos de lá que eu estava estudando Administração me auxiliava em coisa que eu estava vendo aqui na UNIFAP, a pessoa, às vezes, falava não tem nada ver uma coisa com a outra, está tudo interligado no final das contas. E a minha área de interesse na gestão, era dentro de gestão cultural, então, para mim fazia todo sentido.

**Pesquisadora:** Quando você começou a atuar como docente? Quantos anos?

**Nísia:** Vai fazer 10 anos. 2011. Vai fazer 11 anos como professora mesmo.

**Pesquisadora:** Como a educação profissional começou a fazer parte de sua trajetória profissional?

**Nísia:** Foi por conta da minha vivência no Cândido Portinari. Hoje em dia é lá que eu atuo na educação profissional, no Centro de educação profissional. Porque antes ele era escola de artes, eu estudei ainda na escola de artes. E aí se for comparado tem mais de 40 anos do Portinari, ele está recente enquanto centro de educação profissional em artes visuais Cândido Portinari. Ele está a pouco tempo. Eu sempre pensei, se um dia eu tiver a oportunidade eu quero voltar para o Portinari como professora. É um lugar muito querido para mim, essa relação afetiva que eu tenho mesmo com as vivências que eu tive lá. Eu desfraldei lá (risos) aí hoje em dia, depois que eu passei no concurso de 2012, aí eu entrei em 2013 no Estado só que eu não fui direto para o Portinari, eu até tentei na hora falar com a senhora. Eu passei um ano trabalhando na Escola Rivanda Nazaré, lá no Novo Horizonte, um ano também de uma experiência super incrível também, dei aula para o ensino regular, eu dei aula para o ensino médio e fundamental também. Lá eles também tinham projetos paralelos que foi maravilhoso para mim também, que adoro inventar projeto e lá já tinham os espaços para projetos. E lá eu dei aula de, por exemplo, arte contemporânea, tinha uma disciplina que era de projeto de arte contemporânea e uma de cinema que eu cheguei a ministrar, então foi assim, maravilhoso, eu dizia até isso, se eu

for mudar dessa escola só se eu for para o Portinari e acabou que os caminhos foram me levando para lá. Lá por ser ensino técnico, tem suas especificidades, então, a pessoa não precisa ser só formada em Licenciatura em Artes para atuar lá, ela tem que ter conhecimento prático mesmo, em termos de desenho, conhecimento técnico de desenho e pintura para poder ministrar disciplinas que são muito práticas. Então, estava com falta de professor lá e eles normalmente faziam uns contratos, só que na época o Estado estava cortando os contratos e aí ficou algumas vagas lá, e aí eu fiquei sabendo e eu tentei fazer uma permuta e acabei conseguindo. Foi quando eu fui para lá em 2014. E estou lá até agora. Isso pelo Estado, porque eu cheguei nos anos antes ministrar aula por contrato também. Só que não foi curso técnico, foi dentro do Centro técnico, mas foi atuando em oficinas para as crianças.

**Pesquisadora:** Quanto tempo de atuação no Centro?

**Nísia:** Desde 2014 atuando no Centro.

**Pesquisadora:** Qual a sua relação com a educação profissional?

**Nísia:** No sentido subjetivo eu prezo para que o currículo, as disciplinas que eu ministro lá possam ser enxergadas pelos estudantes de uma forma com que aquilo não se feche só na sala de aula, para se ter uma visão de como aplicar aquilo, o que a gente chama de visão empreendedora, de olhar o lado bom, seja na aplicação do que a gente está aprendendo na sala de aula, como seja em algumas escalas com relação até o gerenciamento de carreira. É uma coisa que, às vezes, a pessoa acha que a arte é só *hobby*, de repente, ela vai lá só para isso realmente, mas, às vezes, a pessoa vai e descobre um nicho que pode seguir atuando profissionalmente. Então, eu gosto de instigar, de provocar essa sementinha, olha tem esse caminho aqui, se quiser ir por aqui, se você tiver afim de investir tem caminhos que você pode seguir. Eu costumo dizer que a educação, que eu enquanto professora, acredito muito na figura do professor, da professora não como aquela pessoa que tem aquele conhecimento pra despejar, eu realmente acredito nas relações dentro de uma sala de aula, enquanto um laboratório vivo, que todas as pessoas ali são um universo, são variáveis que vão fazer a diferença, então, por isso que eu não fico entediada, eu posso usar o mesmo planejamento com três turmas e nenhuma das três aulas vão ser iguais porque eu gosto de ouvir realmente as demandas. Eu não fecho meus planejamentos assim, a gente tem que fazer planejamento porque é necessário e até a própria instituição cobra, aqueles casos e protocolos de ver o que a gente está fazendo e tudo mais, mas os meus planejamentos costumam ser flexíveis nesse sentido. A gente

segue o conteúdo que precisa ser, mas a forma de se fazer aquele conteúdo, isso daí vai depender muito da turma porque eu realmente gosto de ouvir o que que vocês vieram fazer aqui, o que que vocês esperam dessa aula, quais os anseios, então, isso para mim na educação, seja ela, quando trabalhei no ensino regular, seja no ensino técnico, eu acredito que essa ponte é muito importante, eu estar como ponte e não como a detentora do conhecimento. Então, é o que eu acredito ser apaixonante da educação. Eu faço realmente com todo o meu coração, porque eu acredito que os afetos são importantes e isso não quer dizer que vai deixar assim todo mundo faz o que quer, porque a gente está lá justamente também para ajudar dá um pouquinho de ordem assim, na coisa toda para não se perder, porque até eu me perco, a gente não faz nosso planejamento de aula para não se perder? Aí não sabe como é que começa, como é que termina. Espera aí e agora, o que que era para fazer mesmo? Então, eu acredito que na aula é a mesma coisa, mas não desconsiderando as dificuldades e as demandas, inclusive, no ensino técnico eu particularmente costumo até tentar dar mais atenção pra quem realmente está com uma dificuldade maior, porque é um relato que eu ouço bastante dos estudantes: ah o professor só dá atenção para aquele que já sabe, fica lá toda hora e aquele que tá com dificuldade fica lá no canto, se sente até constrangido de ficar chamando, então, eu procuro, claro, com certeza, devo ter minhas falhas, mas eu sempre procuro estar atenta, então, quando eu entro em sala de aula a minha atenção plena é ali, que é uma coisa que aprendi também na palhaçaria, por exemplo, que é o corpo presente, fique atenta, é aqui e agora, então, não se prenda muito àquele roteirinho, fique de olhos abertos, ouvido atento e jogue, é o que a gente chama no teatro, o jogo, que é o bate bola. Eu acredito nesse tipo de formação viva que independente da pessoa seguir na carreira com naquele curso que ela escolheu como profissional, eu acredito que tem que ser um espaço gostoso da pessoa estar sabe, dela se sentir bem ali, o estado emocional dos estudantes, se ele tiver bem, ele reflete completamente no rendimento dele, se a gente quer um rendimento bacana da turma, do estudante, ele tem que estar se sentindo bem ali. Eu acredito que não é botando uma barreira ali, ah eu sou a professora, me ouçam, eu acredito que não é isso, essa não é a educação que eu acredito. Então, eu tento manter sempre uma relação, eu não digo, não sei uma palavra específica, porque amizade também fica, acontece, às vezes, porque eu ministro aula pra turmas de adultos, então, às vezes, acontece de depois ter uma coisa de amizade diferente, mas com relação a afetividade mesmo e, existem já estudos que comprovam, artigos que falam sobre a importância da efetividade dentro do ensino, inclusive, foi o tema do TCC da minha mãe em Pedagogia na universidade, essa questão da afetividade e quanto isso pode ser ou um entrave, dependendo da relação que o

professor tem com a turma ou pode ser um gatilho maravilhoso para que as coisas fluam bem. E ainda tem mais, quando a gente fala da realidade dos cursos técnicos no Brasil, dá até uma certa, a gente fica meio deprimida, porque, você já deva tá relendo essas coisas, também na época que eu precisei fazer um artigo, eu fiquei muito mal só de reler as dificuldades do ensino técnico de lá de 1934 que a gente vai ver, eu até me arrepio, é a mesma coisa, a mesma coisa até hoje e que é ligado diretamente às políticas públicas que não são feitas para esse público, pelo contrário, se quer que se permaneça essa lógica, e aí é difícil porque até, por exemplo, a Secretaria de Educação cobra quando acontece um número grande de evasão, a evasão, a evasão é porque o curso não é bom, é porque não sei o quê, então fica essa pressão em cima que historicamente é como se eles estivessem desconsiderando todo o aspecto social da problemática, porque é o que normalmente acontece, curso técnico manhã e tarde, principalmente, o estudante dos cursos técnicos é a partir dos 14, normalmente ele vai atrás de um curso desse pra ver se ele consegue se capacitar pra conseguir um emprego melhorzinho pra ajudar na família, em casa, uma pessoa de 14, 15 anos, então, se ele consegue um emprego, entre o emprego e o curso, ele, o que vai fazer, então, acaba escolhendo o emprego, e aí esse é um dos fatores, só que leva a uma grande evasão dos cursos técnicos no Brasil em geral e que normalmente é desconsiderado esse fator social que é desde as origens, desde quando se pensou em criar curso técnico no Brasil, que na verdade é isso, é mão de obra mais barata pra alimentar o sistema, e enfim. Com aquela ótica, com aquele discurso bonito de que, ah vamos dá emprego para os nossos jovens.

**Pesquisadora:** O que é a educação profissional para você?

**Nísia:** Depois desse apanhado histórico, a educação profissional, apesar de, de todas essas problemáticas envolvidas, eu acredito que ainda possa ser instrumento de auxílio para jovens que nunca vão conseguir chegar na universidade. Então, alguns não vão chegar depois disso por opção, que também tudo bem, mas alguns realmente não vão ter essa disponibilidade, seja por conta do que eu já falei, a questão de emprego, seja porque adquiriu família muito cedo, então tem as demandas também de filhos, que acabam adiando coisas na vida e aí na hora, sei lá, ensino superior não é nem cogitado, é pensar naquela lógica da sobrevivência, de ganhar o seu dinheiro e manter a família. Então, eu penso que apesar de tudo, ainda possa ser uma alternativa de capacitação rápida, a curto prazo para quem necessita de uma coisa mais imediata. E também alguns cursos realmente, porque tem técnico nível médio e tem técnico nível superior, e todos eles são muito importantes nesse sentido, de serem conhecimentos muito específicos. São coisas



que realmente não tem na universidade e, às vezes, até quem se forma numa universidade, depois faz um complemento num técnico porque é um curso muito específico, seja de engenharia, enfim, várias vertentes aí de técnicos que são necessários.

**Pesquisadora:** Você exerce a docência em quais cursos?

**Nísia:** No Centro Portinari é só no curso de, até então, só no curso técnico de Artes Visuais. Só nesse curso eu tenho várias disciplinas que vai destrinchando que eu ministro, algumas dessas disciplinas, ele é semestral e todo semestre é composto por seis disciplinas, então, dependendo do semestre eu atuo com duas ou três disciplinas naquela turma e assim vai.

**Pesquisadora:** Como ocorreu a escolha da sua profissão?

**Nísia:** Como eu falei isso tudo tem a ver desde a minha infância, porque para mim é uma certeza independente da área que fosse atuar que ela ia ter haver com arte, isso eu tinha já uma coisa dentro de mim que era a única certeza que eu tinha. Agora assim, onde, se era no teatro, na música e por incrível que pareça, como professora eu pensei que fosse a última opção (risos...), mas eu me vi no meio do curso apaixonada pela docência, então, é por isso que eu fiz o concurso, eu fiz o concurso com essa paixão, de fazer a diferença enquanto professora de arte, arte educadora. Então, os outros meus projetos paralelos eles continuam, como eu falei, ainda sou palhaça, estou trabalhando na música como cantora, instrumentista e continuo no teatro, então, paralelamente a minha vida é respirar arte mesmo e na docência mais ainda.

**Pesquisadora:** Houve incentivo dos pais, de familiares, professores, do meio social, cultural?

**Nísia:** Com relação a professora? Olha, em casa sim porque meus pais, a minha mãe é professora, então ela foi meu primeiro exemplo de professora que admiro foi minha mãe. Então, 100% assim de apoio em casa, minha avó paterna é professora aposentada do território. Eu cresci ouvindo as histórias dela e eu sempre soube que não era uma área fácil, eu sempre soube, eu acompanhei porque quando a mamãe fez pedagogia na UNIFAP, ela entrou eu tinha 10 anos, então, a universidade, a federal também não foi assim um deslumbre de novidades pra mim, quando eu passei, porque eu acompanhava a mamãe na universidade, às vezes, então eu ia, eu cheguei a assistir algumas aulas assim, eu participava porque a mamãe sempre foi de gostar de arte e as apresentações, ela também fazia peças e, às vezes, quando precisava eu fazia algumas participações especiais assim, (risos...), nas apresentações. Então, sempre fui muito privilegiada nesse

sentido de ter apoio em tudo, em qualquer escolha eu que fizesse. Meu pai que não tem formação superior e tudo mais, mas ele é muito sensível, então, ele sempre falou assim, olha minha filha o que você quiser escolher fazer da sua vida está tranquilo para mim, só faça bem feito, ele só falava assim, faça bem, tem meu apoio. Eu sou abençoada porque eu sei que não é em todo canto que a pessoa vai ter esse privilégio de só estudar, das pessoas realmente apostarem em você e dizer que você vai dar conta porque tem hora que a gente até duvida, porque se eu tivesse pensado muito, talvez eu não tivesse cursado duas faculdades porque meu Deus como é que é isso. Então, tendo o apoio é sempre mais fácil.

**Pesquisadora:** Pensou em atuar em outra área sem ser a docência? Você atua em outra área ou profissão?

**Nísia:** Paralelo eu faço isso como eu disse, paralelo eu faço sim (risos..) Mas, é também, dentro da área de arte, mas o meu sustento mesmo hoje financeiro é a docência, é o que paga os meus boletos na real é a docência. Agora os outros, eu também dou uma importância assim paralela, não é na coisa de ser melhor ou pior, mas hoje em dia eu já consigo os rendimentos das minhas outras artes, mas não é fixo, é bem sazonal. Então, o que me dá estabilidade financeira é a docência.

**Pesquisadora:** Em algum momento pensou em deixar a docência? Por quê?

**Nísia:** Depois que eu entrei não (risos). Não.

**Pesquisadora:** Você encontrou dificuldades por ser mulher?

**Nísia:** Olha com relação a isso, eu não posso dizer com certeza, eu vou dizer algumas sensações. Eu acredito que mais por eu ter me formado jovem, porque eu tenho, pelo menos pessoalmente, eu tenho cara de novinha. Eu tenho 33 anos, a pessoa fala e a pessoa se assusta quando me vê assim, pensei que tinha menos, menos quanto, aí, às vezes, o pessoal me dá vinte, vinte e poucos anos. Imagine isso eu formada em 2009, eu tinha vinte anos. Então, eu tinha cara de mais nova que vinte, eu tenho uma amiga que fala, parece que tu sempre teve dezessete, tens a cara eterna de dezessete desde que eu te conheço, ela fala. Então, quando eu fui me apresentar na Rivanda, que eu iria dar aula, que eu atuei no ensino médio, eu cheguei com a minha carta de apresentação para a diretora, ela não achava que eu era professora, ela achava que era alguma aluna que tinha ido resolver alguma coisa lá, eu falei, não professora eu vim me apresentar e tal. E aí o que aconteceu nesse primeiro bimestre, me lotaram no fundamental, na 7ª série, no 7º ano e no 1º e 2º anos do médio, não me deram o 3º ano. E aí, acharam que eu não iria

dar conta, sei lá. Porque eu sou assim, eu falo manso, na sala de aula é a mesma coisa, eu não invento uma persona para ir para a sala de aula, faz a capa não, como eu falei, justamente para humanizar o processo, eu sou eu, com as minhas atrapalhadas, porque, às vezes, eu sou meio desastrada, o negócio cai, então, eu sou eu ali no processo. Então, dentro dessa minha relação em sala de aula, é bem tranquila para mim hoje em dia, mas confesso que no início eu sofri um pouco porque eu pensava que eu teria que fazer uma capa, de professora séria, para poder me respeitarem porque é justamente isso que colocam na cabeça da gente. Eu já era jovem, mulher, entrando numa sala de aula para dar pra adolescente, ou sei lá, até pra criança eu ficava meio neurada, ah não gente tem que me respeitar, aí depois eu fiquei, eu vou parar com isso, o que é ser respeitada numa sala de aula? Ei mana, acorda pra vida, porque isso é o tipo de coisa que não ensinam pra gente numa universidade, é na vivência, a gente aprende na universidade a fazer o planejamento, a estudar teoricamente e aquela parte do estágio que a gente passa por um negócio assim, a gente não vai ter uma vivência a longo prazo com a turma, é um negócio assim, muito pontual, então, não dá pra gente ter essa noção de construção de relação numa sala de aula, e aí, isso pra mim, na época logo no início pesou um pouquinho, mas depois que eu me libertei dessas amarras, do que esperariam de mim, enquanto professora mulher, etc. e tal, aí foi que as coisas começaram a fluir pra mim, conseqüentemente para as aulas e a turma.

**Pesquisadora:** Como é ser professora na atualidade na educação profissional?

**Nísia:** Como eu falei, eu faço com muito gosto, é um lugar muito caro pra mim assim, inclusive, foi nesse período pandêmico eu sofri um bocadinho por ser ensino profissional e as nossas disciplinas serem muito práticas, a gente ter que ficar neste modelo remoto, foi bem difícil pra mim, não por questões de, ah o curso não foi pra ser assim, tá mas aconteceu, a gente vai tentando se adaptar, mas foi um período muito difícil porque a maioria dos estudantes não iam conseguir acompanhar e isso pra mim foi dolorido por N motivos, é porque não tem um celular, não tem internet, e aí a gente, nessa situação de não poder fazer nada sabe, me deixou numa angústia muito grande assim. Eu fiquei, eu tive crise de ansiedade nessa época, eu já estava tratando anteriormente, fazendo terapia e tudo mais mas, nesse período pandêmico que eu precisei trabalhar assim, só de eu pensar o planejamento pra mim, pra vir pra cá pra frente do computador, já me dava uma coisa horrível, foi bem difícil, essa parte, justamente porque eu sabia que a aula, ela não ia render o tanto que renderia presencialmente e isso me angustiava muito, porque como eu falei eu sou daquelas que, eu dedico todo o meu coração para uma aula. Enfim, é um lugar

que realmente me sinto bem assim, de estar dentro dessa lógica de ensino, de contribuir nem que seja um pouquinho na vida de alguém, pra mim isso é muito poderoso sabe, a gente tem essa ferramenta da educação, eu acredito como algo muito potente que muda realmente realidade, então, eu dou a devida importância pra isso muito, independente das dificuldades, mas, às vezes, é difícil, porque a gente nunca vai, eu tenho plena consciência de que não tem como, eu não tenho aquela ilusão de todo mundo vai gostar da minha aula e tal, não, eu sei que não, porque eu sou e já fui estudante, tem sempre aquele professor que a gente se identifica mais, tem disciplina que a gente gosta mais que outras mas, independente disso, eu dou o meu melhor e independente do que gostou ou não da minha aula, eu vou focar na questão do aprendizado ali, pelo menos eu contribuí um pouquinho assim, pra mim já é muito valioso.

**Pesquisadora:** Como você se vê e se sente sendo professora de cursos técnicos de nível médio na educação profissional?

**Nísia:** Diferenciado não, no sentido de ser técnico ou não, eu não me vejo com status diferenciado por conta disso, porque o meu compromisso, como eu sempre falei, é com a educação, independente se eu estou atuando no ensino técnico, se eu estou atuando no fundamental, se é médio eu prezo pela ferramenta da educação ali, é transformação, então, vai ser a mesma dedicação que eu vou dar em qualquer ambiente educacional que eu estiver, inclusive se eu for pra universidade também pra mim, vou me dedicar tanto quanto eu me dedicaria em qualquer espaço.

**Pesquisadora:** Qual a sua percepção diante da inserção das mulheres na docência na educação profissional?

**Nísia:** É curioso assim, o que eu percebo, vou falar do meu lugar, de onde eu trabalho que, por exemplo, lá no Portinari a maioria é mulher que atua, seja como professora, inclusive na parte técnica, parte pedagógica, são mulheres em peso. Quando a gente faz as reuniões, a gente conta no dedo os homens, mas é incrível como, tipo a atenção, eu digo assim, principalmente quando tem essas reuniões isso fica muito claro para mim, só que eu sei que não é todo mundo que percebe, que observa as sutilezas do sistema sabe, que é o que, quando um desses professores fala parece que todo mundo dá atenção, dá ouvidos, dá crédito. Agora, isso independente dele ser professor das antigas lá ou se ele é da nova geração que entrou também, parece que tem uma atenção diferente, eu vejo. Inclusive, até em uma reunião no *Meet* que a gente teve aqui, teve que cinco professoras falarem a mesma coisa para contrapor o argumento de um homem que estava dando

opinião, entende? Então, isso pra mim, deixa muito claro que não é questão quantitativa, é questão de invisibilidade, isso aí não tem a ver com número, com essas questões mesmo de gênero que eles não fazem nem consciência do privilégio que eles têm, que pra eles é muito fácil, chegar, falar e a gente é sempre, parece que tem que fazer um esforço duplo ali pra gente ser ouvida e é desgastante, nesse sentido sabe, mas eu sou daquelas que ali, tanto que nas reuniões sempre perguntam: a professora Nísia não quer falar alguma coisa? Porque são sempre as mesmas também, porque as outras também já estão num processo assim, cansadas, porque tem horas que parece que a gente está dando murro em ponta de faca. É desgastante é, mas quando eu sei que eu tenho razão, eu não abro mão de juntar meu clã e bora lá meninas, bora mulherada, bora, se não for a gente, não vai ser, não vai rolar esse negócio bacana. E, é isso assim, essas sutilezas, como eu falei não é uma coisa consciente do coletivo de onde eu trabalho, inclusive, isso já foi pauta de conversa interna entre as mulheres, da gente, só que a gente ainda não conseguiu, apesar do desejo, fazer uma coisa mais organizada para tentar modificar esses discursos e esses comportamentos lá dentro do nosso ambiente de trabalho, porque a gente sabe também que tem que partir da gente. Então, a gente chegou a criar um grupo no WhatsApp e tudo mais, por conta, inclusive, é só um estopim de questão de, sabe aquelas brincadeiras sem graça, que rolou na reunião em público, que ficou todo mundo ouvindo, na hora todas as mulheres ficaram tipo uma olhando para cara da outra pensando, “isso aconteceu mesmo?” Mas aí na hora, às vezes, a gente paralisa e depois em conversas paralelas a gente vê que ficou todo mundo mal, as mulheres com a situação e aí, a gente foi dar apoio pra colega, aí ela falou, não eu fiquei realmente chateada, fiquei triste, enfim, tipo não acontece nada, ninguém fala nada, mas assim, só da gente ter dado apoio uma a outra nos bastidores já foi alguma coisa, pelo menos. Mas como eu falei, como tem que partir da gente. É um processo lento, muita coisa já aconteceu de lá para cá também.

**Pesquisadora:** Você consegue perceber se existem eixos tecnológicos trabalhados eminentemente por mulheres? Por quê?

**Nísia:** Com relação a isso, não tem muito essa divisão porque, na verdade não existe essa divisão, porque é mais por necessidade mesmo, porque a gente tem falta de alguns profissionais pra atuarem em alguns componentes curriculares, por exemplo, eu não atuo em todos também, todos os componentes curriculares do curso técnico, por exemplo, as áreas de digital eu não atuo nessa parte aí, de desenho digital e tudo mais, programação, então, eles chamam o professor que está disponível naquela carga horária, aí ele vem, que pode ser um professor ou uma professora, vai depender realmente da demanda do

trabalho, do semestre, no caso. Mas já aconteceu, teve um episódio, inclusive, foi pra justiça essa professora, eu não sei nem se eu posso tá falando porque não foi comigo, mas aí eu não vou citar os nomes, que aí ela foi ministrar, finalizar uma disciplina de uma turma, porque a gente teve algumas problemáticas físicas mesmo de ambiente, foi a reforma do prédio que era ali na Cândido Mendes, aí foi alugado, aí foi um semestre sem ter aula até conseguir um prédio alugado pra escola funcionar, aí quando voltou a funcionar tinha uma turma que precisava formar e ela estava faltando essa parte de laboratório. Eu lembrei disso porque eu acabei de comentar sobre essa parte de desenho digital, e aí uma professora que tem conhecimento na área, que já atuou em diagramação de revista da cultura aqui e tudo mais, foi chamada para finalizar essa disciplina que era de um professor anteriormente, que aí depois, tipo já entra a questão do assédio moral, ele passou a atuar na parte de gestão, isso já faz uns anos aí. A criatura do nada entrou na sala dela e começou a fazer uma sabatina de pergunta para a turma, tipo foi altamente desrespeitoso com a professora nesse sentido, invadindo a sala dela e com os estudantes, ficou todo mundo um olhando para cara do outro assim, o que está acontecendo, porque era como se ele achasse que ela não era competente para finalizar a disciplina, inclusive, depois disso deram um jeito e tiraram ela da turma, então, foi um episódio lamentável assim. Depois disso e por questões acumuladas de gênero, ela foi para a justiça. Mas, felizmente hoje em dia o ambiente é, apesar dessas coisas que eu citei anteriormente de uma piadinha sem graça ou outra com relação a gênero, está bem mais tranquilo de trabalhar. Nessa época aí era bem mais sufocante.

**Pesquisadora:** O corpo docente do curso em que você trabalha é composto por maioria masculina ou feminina? Isso faz diferença para você?

**Nísia:** Feminina. Como eu falei faz, mas, aí a gente ainda não usa todo esse poder (risos).

**Pesquisadora:** No exercício da docência na educação profissional, quais dificuldades foram encontradas por você?

**Nísia:** No geral as dificuldades maiores são com relação a material para os estudantes mesmo sabe, porque como é uma instituição pública, então, a inscrição não paga nada e tudo mais, mas os materiais de arte costumam ser caros, é tipo o dobro do material de uma escola convencional, comum, tem materiais muito específicos e eu tenho consciência de que é salgado. A escola, o Centro sempre procura ao máximo ter uma reservinha para atender alguns estudantes, às vezes, a gente, enquanto professor, acaba fazendo aquela vaquinha, às vezes, comprando, às vezes, coisas no coletivo para dá uma barateada. Mas, pra mim atualmente, a maior dificuldade lá do Centro Portinari para as disciplinas que eu

ministro, além dessa questão do espaço físico não ser o ideal porque o prédio é alugado, então, é só, a gente faz adaptações, mas não é o espaço ideal pra gente, as cadeiras são desconfortáveis, não tem nem janela, só os cobogós lá em cima, então tudo isso, são alguns entraves, mas que não, como sempre professor (risos...) vai atuando, vai dando o seu melhor conforme os recursos que tem e até os que não tem, porque quando não tem, ele vai lá e acaba comprando.

**Pesquisadora:** Em sua opinião, há diferença entre a docência feminina e masculina?

**Nísia:** Olha, é que é assim, faz um tempo que eu não fico nessa condição de estudante assim, com esse olhar de que eu tenho hoje porque anteriormente, eu tive muitos professores, professoras, mas essa consciência de que, desse lugar, que tem olhares diferentes, como eu falei, eu sinto isso lá na escola, a gente sempre tem que tá provando que é capaz, esse é o peso que eu sinto, eu sempre tenho que tá provando que eu dou conta, aí depois que o resultado sai, ah olha ela deu conta mesmo, parabéns! E o homem é mais leve, ele só vai lá, já com aquela prerrogativa do social de que, tudo bem se der certo, se não der certo, tenta na próxima. Então, eu sinto assim, a minha percepção atual é essa hoje em dia, considerando as minhas vivências.

**Pesquisadora:** No ambiente de trabalho, você percebe ações ou atitudes discriminatórias em relação ao profissional do sexo feminino?

**Nísia:** Sim, como eu falei é vítima de piadinha e ridicularização em reuniões internas.

**Pesquisadora:** Essas ações ou atitudes, caso existam, lhes causam incômodo?

**Nísia:** Com certeza. Eu fico muito incomodada e não só eu, como eu falei tem um grupo de professoras que realmente não leva na esportiva, porque não é para levar mesmo. Eu acredito que para começar uma mudança, mas aí, para mim me incomoda bastante. Só que eu sempre tive sorte de nunca ter acontecido isso diretamente comigo. Nunca me ocorreu, talvez não sei, aí já são suposições, querendo ou não sou uma mulher branca, cisgênero, então, é outro peso, eu sei que tem outro peso essas coisas. O pessoal parece que me poupa, eu não sei, também é só uma coisa minha assim. É uma leitura subjetiva que eu faço, mas de resto assim, eu acredito que exista mesmo esse diferente, com relação a nossa competência.

**Pesquisadora:** No exercício da docência na educação profissional, você já se sentiu discriminada por ser mulher?

**Nísia:** Sim, como eu falei com aquela sensaçõzinha de que ah eu acho que ela não vai dá conta. Logo que eu entrei era bem mais pesado isso que eu sentia, mas aí, com o passar dos anos, já estou a 7, fazer 8, então é, hoje em dia é bem mais tranquilo. Não sinto mais tanto isso. Mas já pensou a pessoa durante tantos anos tendo que, tendo que ter esse desgaste a mais, para sei lá, ser ouvida. Ter a minha opinião levada em consideração.

**Pesquisadora:** Sendo professora da educação profissional, é importante para você contar como se dá o exercício da docência? Por quê?

**Nísia:** Ah sim, eu faço questão inclusive, seja para minha turma no primeiro dia de aula, eu faço questão, sempre que possível e eu compartilho mesmo sabe, porque alguns professores ainda, não sei parece que tem medo de compartilhar os seus processos sabe, ah vão me copiar ou sei lá o que, acontece, inclusive, já até me aconteceu ano passado de eu compartilhar meus métodos, minhas coisas e aí vai lá e o outro copia, assim tipo na cara dura, *control c control v* e não dá nem o crédito para ti. Aí isso, isso me deixou, mas depois passou, assim eu estou levando muito para o ego, crédito é bom, mas já fez a tua diferença assim, enfim.

**Pesquisadora:** Como você se sente ao contar sua história profissional?

**Nísia:** É sempre bom ter esses espaços como eu falei porque, às vezes, a gente desanima, eu vou dizer que, eu amo o que eu faço, mas as dificuldades às vezes deixam a gente esmorecida e aí eu olhar para trás e ver a minha trajetória e poder compartilhar, falar sobre, parece que reacende né, aquela chama primeira de quando você se encantou pelo o que você faz. Então, é por isso que eu aceitei também quando eu fui convidada porque eu acredito ser importantíssimo dar voz para esses tipos de relato sabe, é isso.

**Pesquisadora:** Você já ouviu/leu sobre histórias de vida de professoras que exercem a docência na educação profissional?

**Nísia:** De colegas de trabalho sim, porque é assim lá tem um corpo docente relativamente grande né, mas aí eu não tenho contato assim tão próximos com muitas, mas algumas eu tive a oportunidade de estar mais próxima, de conversar, tanto das professoras mais antigas que tem lá mais de 15 anos trabalhando né, quanto de amigas da minha geração lá, ganhando suas experiências nesse processo, então, sim eu tive. Com relação a artigo, aí foi mais reduzido, tem uma professora que compartilhou comigo alguns artigos, mas já faz tempo também. Mas cheguei a ter contato também com artigos sobre essas questões de ensino técnico.



**Pesquisadora:** De que maneira essas histórias de vida, pessoais ou profissionais, podem contribuir com o seu aperfeiçoamento profissional?

**Nísia:** Os relatos pessoais eu acredito que eles ajudam a gente ter uma dimensão de que o problema que eu estou passando não é só meu, que é justamente uma causa social, coletiva, que precisa ser olhada e isso acaba refletindo no nosso fazer enquanto posicionamento sabe. Posicionamento político no sentido de que eu faço na minha aula para fortalecer a docência feminina ou as referências de mulheres na arte. Eu acho que no meu caso vai muito por essa via também. É os textos que eu levo ser escrito por mulheres, as referências artísticas serem mulheres importantes entende, então, eu acredito que isso ajuda a gente a se afirmar, inclusive usando trabalho de artistas professoras e mostrando, olha essa aqui é professora aqui do Centro, ela fez esse trabalho aqui, então, eu acredito que isso impacta diretamente no meu fazer, nesse sentido de valorização da trajetória dessas professoras artistas docentes que me acompanham hoje em dia.

**Pesquisadora:** Como você descreve sua atuação profissional ao longo dessa jornada?

**Nísia:** Desafiadora, não conformada também. Não tenho uma resposta pronta, mas eu acredito que a minha atuação seja dentro das minhas limitações, um lugar de empoderamento, não só meu, mas da turma que me acompanha. Porque eu faço eles verem também, pelo menos eu tento, fazer com que eles vejam o meu lugar ali assim, nesse sentido de conquistas mesmo, olha sou mulher, eu me formei e agora eu estou ministrando aula aqui pra vocês e não foi fácil chegar até aqui onde eu cheguei, mas claro que isso eu não vou despejando assim, olha só, também não é assim esse discurso de vitimização também não, mas é conforme a relação vai se construindo eu vou também vou chegando, eu me sinto à vontade pra compartilhar meus relatos pessoais nesse sentido, não é aquela parada de aula pra contar fofoca, é aquela conversa que vai fluindo justamente nesse sentido de dedicação e desse olhar de gênero, sempre que possível eu gosto de comentar, porque principalmente quando tem homem na sala. Não vejo que seja um conhecimento que só as mulheres precisam ter, mas que os homens pelo menos se toquem de que eles têm realmente privilégios que eles não enxergam. Então, eu gosto sempre que possível, não dizer dar alfinetadas, mas de jogar um pouco de realidade na cara assim, sabe. Tem dias que é necessário, principalmente dependendo do comentário que surge na sala eu falo mesmo, vamos conversar sobre isso e aí vai.

Acho que tem um episódio que eu posso compartilhar antes de finalizar que é com relação a questão, por exemplo, da objetificação do corpo que a gente trabalha no Centro profissional de artes. Então, naturalmente tem estudos anatômicos, é muito comum assim

desenhos de nus femininos e tudo mais, só que houve um episódio em específico que aí um estudante um fez nu masculino que nem era assim nada explícito, inclusive era um nu masculino de costas assim, inclusive, muito bem executado tecnicamente assim uma coisa maravilhosa, e aí ele não foi selecionado para uma mostra pedagógica que a gente ia fazer, e aí, uma equipe de curadoria que estava fazendo na época, não teve uma justificativa assim plausível para o ocorrido e assim, isso traz muitas discussões que ainda não tivemos oportunidade de aprofundar com o corpo docente, caso isso venha acontecer novamente, no caso pra isso não acontecer novamente. Porque nus femininos frontais pode, tipo qual é o critério que foi usado, ainda assim até hoje esse é um lugar questionável sabe, que acaba reforçando essas questões de que a mulher, ela serve para se estar enquanto representação ali, o homem ele é o produtor, ele é o artista, ele não precisa ser a representação ali do belo. Essas questões aí também que eu acredito que já deveriam ter sido superadas, mas a gente ainda tem muita coisa histórica que pesam em cima dessas decisões do que que é, do que que não é, do que é válido, do que que não é, mesmo o corpo docente sendo maioria mulher, mas aí, entram também questões de tabu, entram questões religiosas, um monte de coisa. Essas coisas ainda, infelizmente ainda acontecem, espero que não se repita, mas aí tem dessa, porque, inclusive, teve uma oficina que tentado fazer num evento, oficina de nu artístico e nem os professores praticamente se inscreveram, porque.... Enfim. Tem essas controvérsias aí ligadas a gênero e eu também acredito que nessa questão da oficina, por quem estava proporcionando esse momento que era uma equipe só de mulheres também. Inclusive eu estava nessa equipe por isso que eu estou comentando. Foi o que eu senti, não houve adesão porque parece que, eu senti como se fosse um boicote, porque a gente fez toda uma preocupação, porque a gente sabe que lá no Centro não tem só maior de idade, mas a gente fez todos uns protocolos de inscrição, de não ter registro de terceiros por celular ou vídeos, a gente teve todo um trabalho realmente e aí na época, não rolou. No final do evento lá foi todo mundo embora e a gente ficou olhando um para a cara do outro assim. Foi bem desagradável. Depois disso morreu essa... deixa eu ver. No mais é só agradecer. Já estou me sentindo bem contemplada com o que eu falei dessa minha trajetória que não é também muito enorme né assim, eu sou um bebê na educação profissional, mas é um lugar, como eu falei, que eu tenho assim uma certeza igual eu tive quando eu era criança que eu ia trabalhar com arte, com relação a educação profissional, agora que eu já tenho sete, oito anos, daqui pra eu me aposentar, eu vou estar com essa mesma paixão pelo que eu faço porque não é um lugar que eu quero abandonar e eu me vejo, pelo menos falando, eu Nísia de 2022, me

vejo docente por, até depois de eu me aposentar, vou está fazendo inscrição em oficina, dando aula particular, alguma coisa, e é isso.

## **APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA SIMONE DA SILVA**

### **IDENTIFICAÇÃO**

Nome: Simone da Silva

Idade: 49 anos

Tem um filho: 24 anos

Estado civil: Solteira

Formação: Licenciada Plena em Educação Artística com Habilitação em Música/Especialização em Metodologia do Ensino da Música/Curso Técnico em Piano – Universidade Federal do Pará.

Tempo de serviço na educação profissional: 30 anos

Regime de trabalho: estatutária/concursada

Data e local da entrevista: 14/02/2022 - Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP/Macapá-AP

Tempo da entrevista: 40 minutos

### **ENTREVISTA**

**Pesquisadora:** Seus pais são escolarizados? Até que nível?

**Simone:** Minha mãe já é falecida, tanto ela quanto meu pai fizeram o que a gente chama hoje de Fundamental I, 4ª série, então são escolarizados dentro desse segmento.

**Pesquisadora:** Quais são as atividades profissionais de seus pais?

**Simone:** Minha mãe é falecida como eu já falei, todos os dois foram funcionários públicos. O meu pai é aposentado. Quando a minha mãe faleceu, ela também já era aposentada.

**Pesquisadora:** Possui irmãos? Quantos e em que trabalham?

**Simone:** Eu possuo dois irmãos, o meu irmão ele é funcionário público e a minha irmã ela atua, ela trabalha numa produtora né, trabalha com produção de vídeo, comerciais, então ela atua nessa área.

**Pesquisadora:** De que maneira se deu sua infância e início da escolarização?

**Simone:** Então, eu sou de um tempo que a infância era hoje a gente acha até diferente, mas era comum, brincadeira, eu fui no tempo certo para a escola, comecei a ser

alfabetizada aos seis anos, fiz até o 2º grau, depois eu comecei a atuar, porque eu comecei a trabalhar, em 2000 eu fui para a faculdade para formar e fazer pós-graduação. Então, foi uma infância, diria normal, para o tempo, para o meu tempo foi normal.

**Pesquisadora:** No período de sua escolarização, você morava na zona urbana ou rural?

**Simone:** Eu sempre morei na cidade, sempre.

**Pesquisadora:** Em quais escolas você estudou?

**Simone:** Eu comecei a alfabetização foi na Escola Roraima, depois eu passei para o Santana Rioli e depois para o Colégio Amapaense.

**Pesquisadora:** Como eram as práticas educativas dos professores?

**Simone:** Olha em relação ao que a gente faz hoje eram bem tradicionais, eu fui estudar numa escola que era gerenciada por freiras, o Santana Rioli, no tempo que eu estudei lá, eram as freiras que tomavam de conta, inclusive, nossa aula de ensino religioso era feita com a irmã Odete. Então, eram comparadas ao que é hoje, se a gente for pensar na educação da década de 70, de 70 para 80 era uma educação bastante tradicional, mas eu tive bons professores, tive muito bons professores, apesar do tradicional, porque acho nem tudo o que é tradicional é tão démodée, é tão fora de uma realidade, eu tive, eu fui muito bem-educada, falando em nível de conhecimento, não fui uma aluna de ter muitas dificuldades de aprendizagem não.

**Pesquisadora:** Como foi esse processo inicial, da escolarização até a atuação como professora?

**Simone:** Foi longo né (risos...), foi longo, comecei com seis, eu lembro que eu não fiz jardim de infância naquele tempo, eu já fui para a 1ª série com seis anos, e aí eu terminei o 2º grau com 18 anos, depois eu fiz logo o concurso, em seguida eu fui fazer o concurso para o Estado e aí fiquei 7 anos atuando como professora. Depois eu fui para a faculdade e a faculdade foi só por uma questão de aprimoramento e de ter um diploma porque eu já atuava, já tinha bastante experiência, então, não foi um período difícil, foi bem tranquilo e aí voltei pra Macapá depois disso, porque eu fiz faculdade fora, voltei e dei seguimento no trabalho da escola de música. Como eu falei, eu estou lá a 30 anos, então, sempre atuei lá, acompanhei esse processo de criação do curso técnico lá, participei disso, dessa implantação, desse fortalecimento e hoje ele está passando por um processo de

reformulação, estou acompanhando também, então, é um processo construído dia a dia, mas de muitos anos.

**Pesquisadora:** Quando você começou a atuar como docente? Quantos anos?

**Simone:** Em 1992. Eu tinha acabado de fazer 19 anos.

**Pesquisadora:** Como a educação profissional começou a fazer parte de sua trajetória profissional?

**Simone:** Então, a escola de música vinha passando por um processo de renovação porque em 92 quando nós fizemos o concurso, o quadro de professores da escola tinha uma saída muito grande de professores se aposentando. Então, a escola começou a precisar de professores novos e chegou a fazer o concurso em 92, uma reformulação. Entramos, sei lá, uns 10 professores que tinham sido alunos da instituição, a maioria e, estavam fazendo concurso para ingressar como professor. E, a escola de música na sua essência, ela traz uma tradição de conservatório, que é uma escola que surge lá na França pra pessoas dotadas, tem aquela coisa de ter talento, só vai estudar música lá quem tem talento, então, tem essa herança sabe e, até então, antes de 2007 quando foi implantado os cursos técnicos, ainda tinha muito essa visão, na verdade ela ainda existe, já não tem tanta força como tinha antes, mas ainda existe. O curso de música não é para todos, no sentido de talento, mas em 2007 com a criação do centro e a implantação dos cursos técnicos, a gente percebeu que esse fazer musical, ele se tornou muito maior, muito mais amplo, qualquer pessoa pode se tornar um músico, é uma questão de vontade, claro que você precisa ter algumas habilidades, você precisa desenvolver algumas habilidades para que você possa se tornar músico, mas isso vai depender muito da escolha pessoal. Então, o curso técnico na escola de música, música na verdade é um processo diferenciado da educação profissional de forma geral né, porque não se forma, por exemplo, um profissional de música em 3 anos, que é o tempo que tem o curso técnico, não se forma sabe assim, não dá, porque é como se você tivesse aprendendo uma outra linguagem e você está aprendendo uma outra linguagem. Então, música como educação profissional, ela é muito difícil de administrar, de pensar em estratégias, de pensar em público alvo, de pensar em mercado de trabalho porque a educação profissional visa o mercado de trabalho, e aí a gente tem muitas dificuldades nesse sentido.

**Pesquisadora:** Quanto tempo de atuação no Centro?

**Simone:** Eu estou lá a 30 anos, vou fazer agora em abril.

Eu trabalho no Centro de Educacional Profissional Walkíria Lima há quase trinta anos. Vou fazer agora dia 08 de abril, faço trinta anos. Então, assim, para mim ainda é Escola de Música. A escola de música se tornou centro de educação profissional em 2007, então, de 2007 para cá são 15 anos, 15 anos que atuo no Centro Walkíria Lima.

**Pesquisadora:** Qual a sua relação com a educação profissional?

**Simone:** Então, eu formei em curso técnico, eu tenho curso técnico em piano, e vim atuar. Eu atuo a 15 anos e eu tenho uma preocupação muito grande assim, eu atuo com disciplinas mais teóricas, porque a gente tem o núcleo de disciplinas teóricas e o núcleo de disciplinas práticas. Eu atuo sempre nas disciplinas teóricas pelo perfil né profissional que a gente acaba adquirindo. E a minha relação, é uma relação muito tranquila, mas ao mesmo tempo muito preocupante porque eu vejo que a gente forma os alunos, mas em vias de regra, a gente não tem um mercado que absorva esse aluno, e eles são muito bem formados. Porque a gente tem alunos nossos que foram estudar para fora de Macapá que estão muito bem, que se destacaram pela habilidade e eu sei que essa habilidade é pelo mérito pessoal, mas também é pela formação sólida que eles tiveram na instituição. Então, eu vejo com muita cautela sabe, preocupação no sentido de que a gente busca uma formação de qualidade, mas a gente não vê um mercado de trabalho que realmente absorva toda essa mão de obra.

**Pesquisadora:** O que é a educação profissional para você?

**Simone:** Boa pergunta. Formar um profissional. É formar mão de obra para o mercado de trabalho.

**Pesquisadora:** Você exerce a docência em quais cursos?

**Simone:** É, lá nós temos três cursos: curso técnico de piano, desculpa, curso técnico em instrumento musical, curso técnico em canto e curso técnico em regência. Esses três cursos, eles têm disciplinas comuns, que é exatamente esse núcleo teórico, então, eu acabo que atuo nos três cursos, porque eu trabalho com as disciplinas teóricas.

**Pesquisadora:** Como ocorreu a escolha da sua profissão?

**Simone:** Olha foi meio que o destino assim. Eu tinha terminado o 2º grau, e aí, ia haver o concurso e a professora que estava saindo, que estava se aposentando, me ligou um dia e me informou que ia ter concurso para a escola de música, te prepara que vai ter concurso.

E aí, quando abriu inscrição, fui lá, me inscrevi e fiz. Na verdade, eu não escolhi a profissão, a profissão que me escolheu.

**Pesquisadora:** Houve incentivo dos pais, de familiares, professores, do meio social, cultural?

**Simone:** Sim. Como eu falei, a minha professora me ligou. Eu nem ia saber talvez que ia ter concurso, ela me ligou, já me alertando para que houvesse e houve. Sempre o apoio né, dos meus pais, primeiro que eu estudei que eu fui aluna da escola, já havia um incentivo nesse sentido, porque eu fui fazer aula de música. Na minha família ninguém mais é músico assim, dessa forma, então, fui estudar música e isso trouxe para minha profissão. O que começou como uma formação complementar se tornou a minha profissão.

**Pesquisadora:** Pensou em atuar em outra área sem ser a docência?

**Simone:** Não. Muito pelo contrário, só expandi, porque eu já estou na graduação, está atuando na graduação. Formando professores agora.

**Pesquisadora:** Você atua em outra área ou profissão?

**Simone:** Não. Só a docência.

**Pesquisadora:** Em algum momento pensou em deixar a docência? Por quê?

**Simone:** Não. Estou me preparando para me aposentar porque é natural, mas nunca pensei assim, quando eu fiz o ensino médio, que naquele tempo era 2º grau, eu não tinha a intenção de ser professora, como eu falei, a profissão me escolheu. Eu ia estudar para a engenharia, mas o destino quis que eu me tornasse professora e eu não me arrependo não. Estou muito feliz com isso. Me realizo muito.

**Pesquisadora:** Você encontrou dificuldades por ser mulher?

**Simone:** Olha, eu não sei, sinceramente eu nunca pensei nisso. Nunca pensei. Pelo menos dentro da minha atuação lá no Walkiria Lima, nunca senti essa dificuldade assim, nunca senti esse preconceito, apesar de que meu ensino médio eu estudava numa turma que tinha muitos homens, mas nós nunca fomos desestimuladas sabe assim, por isso que eu digo que tive bons professores. Tanto que eu tenho muitas amigas, colegas de sala que se tornaram engenheiras, porque a gente fez curso de ciências exatas e muitas se tornaram engenheiras e aqueles que a gente achava que seriam engenheiros não são, são os



meninos, não se tornaram. Eu não sinto assim, eu nunca senti, nunca vivenciei essa coisa de dificuldade, nunca.

**Pesquisadora:** Como é ser professora na atualidade na educação profissional?

**Simone:** É difícil, é muito difícil porque a gente, a educação profissional ao mesmo tempo que ela te, que foca para o mercado de trabalho, ela exige um incentivo financeiro muito grande da sua mantenedora. Porque as profissões elas vão se modificando, o mundo do trabalho não é mais como ele era há 10 anos atrás, hoje a gente precisa de outros profissionais, mesmo, por exemplo, na área de música, que é o meu *métier*. O músico hoje, não é mais o mesmo músico que era, sei lá, quando eu me formei atrás em 2000. Há necessidades de novas habilidades, de novas competências, mas essa formação ela precisa de incentivo financeiro e eu vejo que é muito difícil no nosso Estado, pelo menos, é difícil esse incentivo, esse investimento financeiro da mantenedora das instituições de educação profissional que eu conheço, que é mantenedora do Estado, eu acho, tem, falta isso sabe, de apoiar mais, de estimular mais, de aplicar recurso financeiro mesmo, de investir recurso financeiro pra que isso possa ir se modernizando, não é a palavra porque a gente não é antigo, não tá atrasado, mas é se atualizando mesmo, conforme o mercado vai mudando.

**Pesquisadora:** Como você se vê e se sente sendo professora de cursos técnicos de nível médio na educação profissional?

**Simone:** Como eu me vejo, me sinto, olha vou falar por mim, me vejo muito bem, eu me sinto muito realizada, apesar de todas essas dificuldades que a gente tem, eu vejo que falta muito para a gente chegar lá, mas eu acho que a gente não pode perder a fé. Então assim, em alguns momentos eu me vejo desmotivada por conta da falta desses incentivos, mas quando eu vejo meu aluno vencendo, conquistando, apesar de tudo, eu me sinto realizada. Então, é um mix, é uma mistura, um momento a gente está lá triste, chateada, daqui a pouco você o aluno vencendo, se tornando um profissional, aí você vê que fez parte daquela formação, que você contribuiu, aí poxa, mas está valendo a pena ainda. Então, sabe é uma mistura de sentimento.

**Pesquisadora:** Qual a sua percepção diante da inserção das mulheres na docência na educação profissional?

**Simone:** Ah, ainda é pequena, vejo muitos homens. Não sei se uma questão de oportunidades, mas hoje a gente tem mais, mas eu vejo que ainda é, ainda está aquém do

que a gente merece, do que a gente pode produzir. Vejo assim, eu, eu pessoalmente não sofri isso, mas eu vejo que colegas sofrem, têm uma certa dificuldade, que também tem a questão que mulher casa, é, tem filhos, aí ela abre mão por causa dos filhos e o homem é muito difícil abrir mão, então, eu vejo que assim, eu trabalho com mais homens do que com mulheres por exemplo, apesar de que as mulheres com quem eu trabalho, são empoderadas, mas eu vejo que aquelas que são, por exemplo, casadas, as que têm filhos, tem mais dificuldades de atuar muito diretamente na educação profissional, de atuar mais na frente de trabalho, elas estão sempre na retaguarda. Eu vejo isso assim, ainda é um campo que precisa de mais mulheres. A gente arrasa.

**Pesquisadora:** Você consegue perceber se existem eixos tecnológicos trabalhados eminentemente por mulheres? Por quê?

**Simone:** Não. Dentro do eu faço não. É bem assim, porque é assim, como eu trabalho dentro de um eixo muito específico né, uma coisa muito específica, o que eu vejo é que eu tenho um número maior de colegas, de homens, de colegas homens do que de colegas mulheres, mas eu não vejo que tenha, por exemplo, que o eixo que a gente trabalha tenha mais domínio de homem, no que eu atuo está mais ou menos equilibrado, apesar de ter ainda mais homens, tipo 60/40 sabe. Não é um disparate, mas como eu não conheço tanto, não convivo com outros centros de educação profissional, eu não consigo perceber isso não. Mas deve ter né porque, por exemplo, o eixo das engenharias, das ciências exatas, com certeza deve ter mais homens, escola de pesca, Salomé, deve ser mais homens do que mulheres.

**Pesquisadora:** O corpo docente do curso em que você trabalha é composto por maioria masculina ou feminina? Isso faz diferença para você?

**Simone:** Masculina. Não, porque não me sinto nem um pouco aquém deles. Muito pelo contrário, me considero do mesmo nível que eles, às vezes, eles até vêm falar comigo me perguntar as coisas, então, para mim não faz diferença.

**Pesquisadora:** No exercício da docência na educação profissional, quais dificuldades foram encontradas por você?

**Simone:** Então, foi aquilo que eu falei recursos materiais, que falta investimento financeiro né, a gente trabalha sempre, é muito esforço para fazer uma coisa que não precisaria de tanto esforço, porque a gente não tem material para trabalhar, porque a gente não tem, se bem que hoje a escola de música já tem um espaço mais adequado, mas a

gente já sofreu muito com a questão de espaço físico, recurso material, até recursos humanos de apoio sabe. A gente já sofreu muito.

**Pesquisadora:** Em sua opinião, há diferença entre a docência feminina e masculina?

**Simone:** Há. Eu acho que em vias de regra, as professoras, elas têm um pouco mais de empatia, não sei se porque tem o senso, o espírito materno né, não sei, mas eu vejo que, às vezes, os alunos têm mais facilidade de conversar, de trazer alguma coisa, de problematizar alguma coisa com as professoras do que com os professores, porque são muito mais racionais, os meninos, pelo menos com os colegas com quem eu trabalho, que eu trabalho a muitos anos, eu conheço já, eu vejo que eles racionalizam muito, e eu vejo que as professoras racionalizam quando precisam, mas tem o lado emocional que precisa, em alguns momentos está ali, a empatia precisa fazer parte sabe, desse processo. E aí eu vejo que as mulheres têm mais empatia do que os meninos.

**Pesquisadora:** No ambiente de trabalho, você percebe ações ou atitudes discriminatórias em relação ao profissional do sexo feminino?

**Simone:** No meu local não. Não. É uma luta que a gente conquistou ali dentro, não tem, eu não vejo preconceito em relação a ser feminina, pelo menos no meu local de trabalho.

**Pesquisadora:** Essas ações ou atitudes, caso existam, lhes causam incômodo?

**Simone:** Sim. Porque eu não acredito que por ser mulher eu tenho menos capacidade que ninguém. Me causaria se convivesse com isso, com toda certeza.

**Pesquisadora:** No exercício da docência na educação profissional, você já se sentiu discriminada por ser mulher?

**Simone:** Não. Nunca.

**Pesquisadora:** Sendo professora da educação profissional, é importante para você contar como se dá o exercício da docência? Por quê?

**Simone:** Acho que sim, acho não, tenho certeza. Porque eu acho que, cada professor, eu entendo assim, cada professor é um professor, é uma experiência, é uma vivência, então, se eu, de repente, alguma coisa que eu tenho dificuldade se eu compartilho com o meu colega, de repente, ele não tem essa dificuldade e ele pode trazer pra mim, contar que você falar, é, falar sobre, então, eu vejo que, de repente, na troca da minha conversa com o meu colega, seja ele homem ou mulher, eu vou ter, de repente, uma informação que vai

me ajudar com aquela dificuldade e eu vou levar uma informação a ele que vai ajudar com a dificuldade dele. Então, eu acho que essa troca, essa fala sobre como se dá é importante porque, às vezes, a gente contribui com o outro.

**Pesquisadora:** Como você se sente ao contar sua história profissional?

**Simone:** Ah eu me sinto feliz, são 30 anos, (risos), Eu converso muito com todos os meus alunos, sempre falo pra que, como eu já falei, a profissão me escolheu, mas eu acho que foi a melhor escolha que ela fez na vida (risos). Eu me sinto muito grata por tudo o que eu sou, como profissional, como pessoa, porque a profissão me moldou também como pessoa. Eu levei a minha forma de ser para a profissão, mas a profissão também me deu um jeito de ser como pessoa.

**Pesquisadora:** Você já ouviu/leu sobre histórias de vida de professoras que exercem a docência na educação profissional?

**Simone:** Já, algumas. Os meus próprios professores né me contam sabe, me falam, relatam as dificuldades, as necessidades, as conquistas.

**Pesquisadora:** De que maneira essas histórias de vida, pessoais ou profissionais, podem contribuir com o seu aperfeiçoamento profissional?

**Simone:** Olha de forma muito direta porque, veja bem, porque eu ouço uma história, aquilo que eu falei antes, quando a gente troca, mesmo que a história seja eu lendo alguma coisa sobre, é, ela vai me trazer algumas reflexões né, de repente, é um ato que tenho que eu achava comum, que eu achava, de repente, uma forma correta de ter, de ser dentro da sala de aula, e aí quando eu ouço o outro falando que isso foi difícil, que isso teve um impacto na vida dele, aquilo vai me trazer uma reflexão, eu sempre faço esses exercícios de reflexão. Será que eu estou agindo certo, será que eu estou fazendo certo, será que eu devo ir por esse caminho, e aí quando eu escuto alguém, quando eu vejo alguma história, quando eu ouço, quando eu leio sobre alguém que já vivenciou, que já passou por isso, isso vem trazer para mim um estalo assim sabe, não, acho que, de repente, se eu pudesse mudar quem sabe se favoreceria a minha prática né.

**Pesquisadora:** Como você descreve sua atuação profissional ao longo dessa jornada?

**Simone:** Com muita dificuldade, dificuldades de todas as formas. Mas, eu acho que eu enfrentei todas pensando assim, isso vai passar, essa dificuldade hoje vai passar, essa necessidade amanhã vai ser suprida, eu acho que eu sempre pensei assim. De forma geral,

eu falei tudo o que precisava, assim, é, a minha experiência como docente tem sido muito tranquila, como eu falei, não sinto, eu não sentia essa coisa de ser, em nenhum momento eu senti preconceito por ser mulher, graças a Deus nunca vivi isso, mas eu sei que isso acontece, eu sei que isso é comum, às vezes, para umas até bastante sofrida, mas no meu caso pessoal, não tive essa vivência. Então, mas eu acho que mulher nasce com uma resiliência muito peculiar né, que apesar de todas as dificuldades de levar muitos não, de enfrentar muitas barreiras, ela, ela não desiste fácil. Mulher por natureza não desiste fácil, nasceu resiliente, vai ser resiliente para sempre.

**Pesquisadora: Caso queira narrar algo a mais, fique à vontade.**

**Simone:** Então, eu vejo que a minha experiência pessoal é muito boa né, foi boa para mim, eu sempre levo isso para os meus alunos, então, de forma geral, eu sou muito feliz com a profissão que escolhi. Tem dias que não são tão felizes? Tem. Tem momentos que a gente gostaria de estar fazendo outra coisa? Sim, mas é só momentos, porque é a natureza humana, a gente questionar aquilo que a gente tá vivendo, mas de forma geral eu gosto muito, eu aprendi muito na minha vida, como eu já falei, eu me tornei professora, mas o ato de me tornar professora, mas também me tornei um ser humano a cada dia, a cada experiência, a cada turma que eu dei aula, me trouxe uma experiência que me transformou como pessoa também, de alguma forma, alguma coisa, um gesto, uma palavra, alguma ação foi transformada com toda certeza.

## **APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARIA**

### **IDENTIFICAÇÃO**

Nome: Maria

Idade: 74 anos

Estado civil: Solteira

Formação: Enfermeira com Habilitação em Obstetrícia- Enfermeira parteira/professora do Ensino Fundamental e Médio, com formação em Ciências da Matemática

Tempo de serviço na educação profissional: desde 1984

Regime de trabalho: na educação tem 20h – Federal/Na saúde 30h – Estadual.

Data e local da entrevista: 26/03/2022 – Centro de Educação Profissional Graziela Reis de Souza – Macapá/AP

Tempo da entrevista: 1h17min.

### **ENTREVISTA**

**Pesquisadora:** Seus pais são escolarizados? Até que nível?

**Maria:** Sim. Naquele tempo de 48 quando eu nasci, era nível fundamental os dois.

**Pesquisadora:** Quais são as atividades profissionais de seus pais?

**Maria:** A minha mãe era costureira e o meu pai era trabalhador marceneiro.

**Pesquisadora:** Possui irmãos? Quantos e em que trabalham?

**Maria:** Sim. Eu tenho 4 irmãs. Três irmãs terminaram o ensino médio, eu e mais as três, porque tem uma falecida recente, então, eu fui mais além para a formação profissional.

**Pesquisadora:** De que maneira se deu sua infância e início da escolarização?

**Maria:** Na minha infância até os 7 anos, nós tivemos formação elementar em creche, na época do governo do Getúlio Vargas. Então, ele pagava as creches sociais para as pessoas de baixa renda, então, tinham que levar as crianças para as creches, no início de segunda a sexta-feira e voltava para casa dos pais sábado e domingo. Eu sei que quando eu saí da creche ou da escola aonde nós estávamos sendo formadas, eu saí de lá com 7 anos quando vim para a casa dos meus pais, porque Getúlio Vargas quando faleceu, as diretoras que eram responsáveis por essas creches ou casa de ensino, elas chamaram os pais e

informaram sobre a morte de Getúlio Vargas e dali em diante não poderia mais dar a sustentabilidade que tinha no país e dar creche pra ajudar as mães. E foi quando eu voltei para minha casa com 7 anos. A minha mãe já tinha separado do meu pai, mas eu tinha contato com os dois, eu fiquei com a minha mãe, as minhas irmãs também e o meu pai, ele ficou na assistência e visitas, depois ele casou de novo, teve filhos pra lá e nós tínhamos contato, só de visitas, sábado, domingo, aniversário, participação social, etc., E daí, continuei com a minha formação no Colégio Católico “Patronato Santa Terezinha” lá em Manaus, terminei o meu ensino fundamental, depois fui para o meu ensino médio no Instituto de Educação do Amazonas. Na formação do magistério como professora e após terminar o curso, eu também fiz o vestibular, naquele tempo era pago, e fiz empréstimo na Caixa Econômica para pagar a universidade. Eu trabalhava na Escola de Enfermagem de Manaus e também no comércio depois que eu terminei o meu ensino médio. Passei no vestibular e comecei a trabalhar no Hospital da Beneficente Portuguesa, porque eu fiz uma formação de técnica de enfermagem e fiquei trabalhando lá para poder ter a sustentabilidade da minha formação de Enfermeira, que ficava o dia todo na faculdade e a noite eu ia pra escola da formação de professor. Depois, a partir daí me formei, terminei a formação de professor e fiz uma parada no ensino profissional de Enfermagem e, fui trabalhar nas fronteiras da Colômbia e do Peru como professora no 2º CEF, que é da Amazônia com sede em Manaus, “2º Pelotão Especial de Fronteira na Selva”. Um ano depois trabalhando como professora, foi muito gratificante, muito legal, desenvolvi o que eu tinha adquirido na minha formação como profissional, depois retornei para Manaus e dali partir para terminar minha formação de Enfermeira. Terminei em 82 e depois também partir para a formação da graduação em Obstetrícia, no qual tínhamos o direito de escolher a especialidade que queria abraçar. A partir daí, comecei a trabalhar na área da saúde, trabalhando no Hospital da Beneficente Portuguesa e depois da pós-graduação eu fui convidada para vir aqui para o Amapá em férias para ver os festejos das festas do Território, no dia 13 de setembro. Então, vindo para o Amapá, eu gostei muito deste lugar, era muito propício, praças, bem agradáveis, na gestão do governador Comandante Barcellos. E passando a festividade, eu fui visitar a área hospitalar, maternidade, hospital geral, Hospital de Emergência. E essa escola daqui de enfermagem Graziela, ela funcionava no Hospital Escola São Camilo e São Luís, então, era um convênio com a secretaria de educação de ensino, como querendo dizer, o Departamento de Educação que era a SEED, que pagava o São Camilo para utilizar os departamentos do São Camilo para funcionar a escola técnica profissional de enfermagem daqui do Graziela. Mas só que, os alunos quando terminavam eles faziam estágio no São

Camilo. Esse ensino médio era assim, a formação técnica ficava nas salas do São Camilo, que era alugada e, a parte do ensino médio, fazia no Colégio Amapaense. Era pela parte da manhã no São Camilo, pela parte da tarde no Colégio Amapaense. Então, quando eu vim pra Macapá, no outro dia eu fui visitar a escola e a Conceição Rosa Moita que era a diretora, aí ela me convidou para lecionar obstetrícia, devido à necessidade que havia de enfermeiros profissionais e professores no Território, porque até então, os professores que participavam da escola técnica, do São Camilo, eram médicos, o dr. Sebastião Rocha que lecionava obstetrícia e outros bioquímicos também lecionavam química, física para os alunos e estagiavam no laboratório do São Camilo. E você sabe que na parte da educação profissional, só pode lecionar enfermeiros especializados com docência e também não poderia o médico que não tivesse docência não teria direito para lecionar. Então eu fiquei, desde 83 até os dias de hoje. Depois o governo terminou com o convênio, com o convênio lá do São Camilo e nós passamos para o prédio do governo que era então o Centro Interescolar de Ensino Fundamental Graziela, na gestão do professor Guilherme que era o diretor naquela época. E eu trabalhando como diretora, anos após passei a direção pra enfermeira Edna Maria Oliveira, e quando ela do São Camilo para as dependências do Graziela já veio como diretora. A partir da Enfermeira Edna, muitas diretoras passaram por esse Centro de Formação Profissional Graziela Reis de Souza.

**Pesquisadora:** No período de sua escolarização, você morava na zona urbana ou rural?

**Maria:** Na zona urbana. Eu nasci na capital, em Manaus.

**Pesquisadora:** Em quais escolas você estudou?

**Maria:** Escola religiosa Patronato Santa Terezinha, em Manaus, escola religiosa, e o Instituto de Educação do Amazonas, que é a de formação de professores (do magistério).

**Pesquisadora:** Como eram as práticas educativas dos professores?

**Maria:** Presenciais, explanativas, desenvolvimento de perguntas e respostas, sínteses de leituras e nós fazíamos também sabatinas na sexta-feira, no caso de matemática, fazíamos também amostra educativa nas escolas, dos estudos de matemática, química, física e chamava a população para prestigiar, fazíamos festa, danças, músicas, educação para o lar, então, era uma formação de educação completa. Também, depois de formada tínhamos estágio também nas escolas públicas. E nós ganhávamos bolsa de valores para estágio, mas, estava na carteira de trabalho registrada os ganhos como estagiárias da educação. Aqui no Território, por exemplo, na formação profissional de técnico de



enfermagem, o Hospital São Camilo vinha da Itália um recurso para ajudar os alunos nessa formação, de materiais e também um recurso financeiro para os alunos pagarem seu transporte e lanche. O São Camilo contratava os formados com experiência e pagava meio salário. E depois com o desenvolvimento dos profissionais, já trabalhando na área hospitalar, aí passava para o salário integral, como profissional técnico na carteira profissional.

**Pesquisadora:** Como foi esse processo inicial, da escolarização até a atuação como professora?

**Maria:** Bom, eu não tive muita dificuldade porque a minha família era comerciante, então, eu fazia essa tramitação na área da matemática, de imposto de renda, processos de negociações comerciais, então, eu já tinha assim uma facilidade nesse trabalho comercial. E depois eu fui trabalhar no comércio que era a CrediAlves, loja de eletrodomésticos. Ele tinha 5 lojas espalhadas pela cidade de Manaus e eu trabalhava como caixa na loja do bairro e depois eu fui para a parte central da loja, trabalhava como caixa geral das 5 lojas. E também estudava a noite após o trabalho. Depois, quando saí do comércio, aí fiz o curso de formação de técnico, uma etapa rápida e fui trabalhar no Hospital Beneficente Portuguesa, porque a escola de enfermagem era de tempo integral. E a partir daí eu não tive essa dificuldade em questões financeiras como eu vejo hoje, eu me pergunto hoje, a maioria das famílias dos alunos que se desempenham para fazer cursos técnicos, muitos não têm recursos para fazerem faculdade, eu fiz empréstimo na caixa econômica e fui pagando aos poucos até terminar e me formar. Quer dizer, dificuldade a gente tem, mas vai dando-se o jeito em tudo, como eu vejo as pessoas que não têm condições, que os pais trabalham, mas o dinheiro aperta, não tem de onde sair, tirar mesmo, para beneficiar os seus filhos. Para mim não foi difícil porque eu já tinha as duas formações, então eu só fiz acoplar a primeira de professora com a segunda, da parte da área da enfermagem. E na área da saúde, tínhamos estudo, pesquisas e depois desenvolver o que aprendeu, a prática, quer dizer, para mim não foi difícil. Mas para alguns colegas que não tiveram essa formação, e que ainda estavam trabalhando e estudando por necessidade, eu acho que foi difícil. Mas, depois a secretaria de educação resolveu isso, implantou o Esquema I para quem não tinha formação de professor para o direito de lecionar no Centro de Ensino Técnico Graziela Reis de Souza.

**Pesquisadora:** Quando você começou a atuar como docente? Quantos anos?

**Maria:** Aqui no Amapá foi a partir de 84, mas em Manaus/fronteira da Colômbia e Peru, assumi o cargo de professora em março de 1980.

**Pesquisadora:** Como a educação profissional começou a fazer parte de sua trajetória profissional?

**Maria:** Quando eu me formei como enfermeira, eu fiz a minha graduação em obstetrícia, aí eu vim pra Macapá para a “festa do Território” em 13 de setembro de 1984, fui contratada, pelo convênio do INAMPS e do FASESA, começou minha trajetória profissional como enfermeira e também já trabalhando no Hospital Escola São Camilo e São Luís como professora.

**Pesquisadora:** Quanto tempo de atuação no Centro?

**Maria:** Na Escola Graziela desde 1984, no Governo do Estado na área da saúde e educação. Eu trabalho atualmente no Hospital de Emergência, mas já trabalhei em toda área hospitalar, Hospital Geral Alberto Lima, Maternidade Mãe Luzia, Hospital da Criança e do Adolescente e ultimamente agora no Hospital de Emergências – HE. Então, tem uma trajetória de educação e saúde assim, corrida. 38 anos de trajetória profissional no Estado do Amapá.

**Pesquisadora:** Qual a sua relação com a educação profissional?

**Maria:** A educação profissional é a minha formação de enfermeira e licenciada como professora.

**Pesquisadora:** O que é a educação profissional para você?

**Maria:** A educação profissional, tudo o que você adquiriu de ensinamentos técnicos na faculdade, aí eu tenho que fazer esse repasse para os conhecimentos que eu adquiri para os profissionais da área do 2º grau que são os nossos alunos. E alguns desenvolvimentos tecnológicos que a ciência vem avançando e também vamos acompanhando, quer dizer, não ficou só no passado. As fabricações de materiais, insumos pra trabalhar na área da saúde, estamos acompanhando, desenvolvendo e participando desses conhecimentos com os alunos na leitura científica, parte teórica e a prática, desenvolvendo e utilizando materiais que a indústria nos fornece. E também dos conhecimentos teóricos na área da saúde.

**Pesquisadora:** Você exerce a docência em quais cursos?

**Maria:** É agora é só na parte da área da enfermagem. Atuo na área da saúde pública e também na área da obstetrícia. Na área de estágio, eu atuo na pediatria, na área do Hospital Geral, urgência e emergência no HE, hoje Emergência. Então, os alunos se sentem seguros e confiantes dentro da área hospitalar e as exigências e as condutas dos hospitais.

**Pesquisadora:** Como ocorreu a escolha da sua profissão?

**Maria:** A escolha foi aquela que você escolheu na sua formação. Eu quero ser, por exemplo, enfermeiro obstetra, enfermeiro da área da psiquiatria, da área da criança e do adolescente na área da saúde pública, ou em outras áreas da saúde, a enfermagem tem um leque muito grande de conhecimentos profissionais. Já existia a vontade de ser parteira, quer dizer, eu queria sim fazer um trabalho como parteira, eu ouvia falar nas parteiras e também quando eu passava de ônibus via um clínico no laboratório, de manhã tinham as enfermeiras dentro do ônibus na frente do laboratório de chapeuzinho na cabeça, elas desciam do ônibus entrando para o laboratório, e eu olhava no ônibus, aquelas enfermeiras tudo de chapeuzinho na cabeça, eu achava muito lindo e dentro do meu pensamento, dizia: tenho uma vontade, de um dia andar nesse ônibus e ir com essas enfermeiras, minha curiosidade, era saber o que que elas vão faziam no laboratório. O ônibus ficava parado lá, era *schoolbacks*, era o ônibus da escola de *nurses*. Tinham duas paixões. De ensinar as crianças, ensinar os alunos aquilo que eu aprendi, eu desenhava, eu me empreguei no exército e fui para as fronteiras lecionar, então, aquela minha curiosidade, aquela minha vontade de estar em sala de aula com os alunos. Peguei uns alunos de 2º ano escolar e saia fumaça na sala de aula, porque os alunos eram inquietos, depois eu não tinha ainda nenhum manejo de sala de aula com as crianças e eu tinha mais que conversar. Fiz um púlpito para as crianças para a leitura, eu dividia a leitura em partes, como se fosse um verso, decoravam, liam, reliam até eles aprenderem, lendo em voz alta para que os outros fizessem silêncio e ouvissem o que ele estava lendo. Fazia fila, porque tinha alunos curiosos que queriam falar lá na frente. Na hora da matemática nós fazíamos cadeiras em círculo pra não ver ninguém cutucando na costa do outro, fazia círculo e começava a matemática, era decorar a tabuada, mais uma decoração, cântico, nós cantávamos música da matemática. E também da parte da leitura, eu fazia estrofe de verso para eles lerem, decorar, então, eu achava que aqueles meus alunos, eram os mais sábios que os das outras salas, eles eram super sapecas, peraltas, curiosos, mas, aí depois eu fui me entrosando, ganhando a confiança e eles foram excelentes, cantaram e contavam histórias, faziam versículos, contava história para mim e depois dizer lá na frente, cada um contando a sua história da sua vida. Eu já tinha estudado numa escola de formação desde pequena, pra mim já estava na minha cabeça todo aquele desenvolvimento do que a criança precisava saber. Hoje, eu coloco assim, as crianças precisam saber respeitar, entender, ler, escrever e contar. Na leitura e na matemática e brincar com aquilo que ele está aprendendo. Que eu achei desse meu aproveitamento que a criança gosta muito de brincar, então vamos cantar, fazer versos, observar a natureza, das coisas que eles querem. Eu não ficava

impondo, eu tirava da cabeça de cada um o que eles gostariam de ser, o que gostam de fazer, até porque dessa minha trajetória profissional, eu sou artista plástica, faço quadros em madeiras, faço bijuterias de materiais biológicos, de sementes e também, como parteira, eu conversava com aquelas parteiras antigas, os medicamentos que poderiam aproveitar como as plantas medicinais. Então, eu não tive dificuldades porque de tudo um pouco eu sabia. Formada na escola do Sesi aonde eram freiras e mesmo lá no Patronato Santa Terezinha, que era colégio de freira, nós tínhamos a parte da educação doméstica, aprender a cozinhar, fazer bolo, pão, docinhos, aprendi a tocar, também sou formada em música, tocava acordeom, violão, piano, nós tínhamos formação na escola de música. Então, eu tenho formação de técnicas de músicas, através de instrumentos musicais, oficina musical. Eu não tive dificuldades, aí eu empregava tudo nas crianças. Mandava fazer balanços, desenvolver pracinha, bancos, balanço e quando na hora do lanche, eu via eles cantando lá, letra de música da abelhinha e dançando de lá para cá, ha ha a abelhinha quer cantar (risos).

**Pesquisadora:** Houve incentivo dos pais, de familiares, professores, do meio social, cultural?

**Maria:** Sim.

**Pesquisadora:** Pensou em atuar em outra área sem ser a docência?

**Maria:** A docência em enfermagem, as duas facilitou a minha vida.

**Pesquisadora:** Você atua em outra área ou profissão?

**Maria:** A enfermagem.

**Pesquisadora:** Em algum momento pensou em deixar a docência? Por quê?

**Maria:** Não, porque eu estou com 74 anos e eu me sinto ainda preocupada, não me aposentei, com esses os alunos que precisam aprender a profissão. Eu acho que eles ainda têm dificuldades em desenvolver a profissão, eles se esforçam também para poder fazer porque a facilidade do vínculo empregatício, do trabalho é na área da saúde e a educação. Apesar de outras formações que a tecnologia agora avançada exige que os jovens aprendam. Tivemos alunos que tiveram que deixar a parte da área da saúde e foram para a área de ciências exatas, professor de matemática, educação física, etc., nós não podemos impedir o sonho do aluno, ele precisa ter um trabalho mais rápido, pra o ganho financeiro, “o seu ganha pão”. Não temos culpa também de eles serem mal-amados, bem-amados, se

está com seu mau humor, muitas vezes, ouvimos reclamações na área da saúde de pessoas mal atendidas, etc. Até entender, por exemplo, uma pessoa rude, grosseira, mas que precisa do trabalho, até ela sair daquele trabalho e ir para outro trabalho que ela gosta ou ouvir, se você não gosta de fazer esse trabalho, então, não fique ocupando o lugar de quem gosta. Mas, aí também tem que ver a trajetória dele, como é que ele quer levar isso. Porque nesse mundo tem o certo e o errado, tem o bem e o mal. Nós não podemos recusar nenhum dos dois, não são regidos por nós, nós somos apenas instrumentos da fé. Nesse caso da fé não tem ninguém em cima do muro, ou você é ou você não é. Ou vai ou fica.

**Pesquisadora:** Você encontrou dificuldades por ser mulher?

**Maria:** Não. Eu tinha assim, problema menstrual, eu orava muito para que, naquele tempo, que Deus me tirasse essa menstruação mensal (risos), é uma preocupação e alegria pra mulheres a menstruação. Então aí, eu não gostava, até que eu fui castigada com um mioma e depois eu operei e pronto, não menstruei mais. Para mim foi uma felicidade (risos) e tristeza porque não tive filhos.

**Pesquisadora:** Como é ser professora na atualidade na educação profissional?

**Maria:** Agora é uma preocupação. Eu fico muito preocupada com os alunos técnicos, porque eles obrigam a fazer o que, às vezes, não gostam de fazer, mas que seja passageiro para não ficar fazendo também sofrer outras pessoas que precisam dessa área da saúde. Profissionais bem formados, bem inteirados de todas as situações que a saúde precisa.

**Pesquisadora:** Como você se vê e se sente sendo professora de cursos técnicos de nível médio na educação profissional?

**Maria:** Eu me vejo com uma necessidade muito grande de ficar aqui ainda lecionando e repassando o que aprendi, uma pedra fundamental. É um amparo para os que estão inseguros na área. Eu vejo que eles começam nessa área da saúde e terminam em outras áreas. Aqui nós temos alunos que saíram da escola e hoje são neurocirurgiões, pediatras, cirurgiões, oncologistas, laboratoristas, dentistas, bons trabalhadores e pesquisadores de meio ambiente. Nós temos alunos com mestrado, com doutorado, políticos, críticos, dentro da área da saúde, que são advogados, desembargadores, etc.

**Pesquisadora:** Qual a sua percepção diante da inserção das mulheres na docência na educação profissional?

**Maria:** Nós mulheres precisamos da educação profissional porque tudo agora tem que se profissionalizar, para estar bem no mercado de trabalho. Se você não aderir a uma profissão, acho que você não é nada. E tem que ser profissional para fazer tudo o que o mercado oferece você faz, bolo, os doces, bijoias, costura, música, dança, tem que ter o gosto de se profissionalizar em alguma coisa na sociedade. E a sociedade não precisa só de trabalho, também, de diversão, pela parte de sua psique e que precisa tirar muitas pessoas que não acreditaram em si mesmas e deixaram se envolver para voltar ao fundo do poço. O mundo precisa de profissionais especializados para retirar esses jovens do fundo do poço, que a sociedade exclui como os fumantes, os drogados, que são frágeis e fracos, que se deixam levar pela sociedade consumidora.

**Pesquisadora:** Você consegue perceber se existem eixos tecnológicos trabalhados eminentemente por mulheres? Por quê?

**Maria:** As mulheres estão se unindo mais para poder desenvolverem mais e se profissionalizarem mais para competir no mundo do trabalho, até para elevar o seu eu psicológico, o seu eu interior. Isso é muito importante. Tem que ter homens e também mulheres, com trabalhos mais leves e precisa de homens para serviço pesado.

**Pesquisadora:** O corpo docente do curso em que você trabalha é composto por maioria masculina ou feminina? Isso faz diferença para você?

**Maria:** É misto, homens e mulheres. Não.

**Pesquisadora:** No exercício da docência na educação profissional, quais dificuldades foram encontradas por você?

**Maria:** Por exemplo, dificuldades que eu tenho observado é o emocional ou falta de prática, em certas técnicas, por exemplo, uma sala de aula tem 35 alunos, aqueles que ficam na frente aprendem mais, aqueles que ficam lá no paredão e que, às vezes, ficam mexendo no celular, sem terem preocupação com nada, será que vão absorver os conhecimentos que eu estou falando, que ele está interessado, depois ele vai sentir dificuldades quando ele entrar na área de trabalho. Porque ele não aderiu a informação, não gravou, não teve o interesse, o desempenho de verificar como é que se faz, quando chegar na área, sente essa dificuldade. Então, ele precisa ter segurança naquilo que ele vai fazer, aí como ele vai acompanhar o grupo aqui na escola, grupo de estagiário de 5 alunos, então ali ele vai sentir dificuldade. A dificuldade vai ser para ele e vai ser para o professor no desempenho de ficar na orientação e na observação com o grupo. Enquanto

eu vou acompanhar os 5 alunos, aí eu tenho que estar atenta para aquele que está em dúvida ou fazendo errado, que não atinou em prestar atenção às aulas, quer dizer, por distrações, por interesse ou porque deu mais prioridade ao celular do que às aulas. Então, nesse caso, gostaria que aquele aluno retornasse para a sala de aula, no laboratório, pra repetir tudo o que ele deixou de absorver, nós, eu recebo alunos no estágio e que alguns me perguntam, me atrapalham, tem dificuldade, me pergunta, porque as perguntas dele deveriam ser na sala de aula, no treinamento. São essas as dificuldades que eu sinto na área do meu trabalho.

**Pesquisadora:** Em sua opinião, há diferença entre a docência feminina e masculina?

**Maria:** Sim, eu sinto essa dificuldade porque nós mulheres, nós temos estruturas complexas, que a gente não gostaria de dividir com os homens, apesar dos homens terem conhecimento, mas de visualização é meio constrangedor, tanto mulheres em se expor quanto homens. Por exemplo, dentro da área hospitalar, os doentes, eles não estão acostumados, eu acho que eles ainda se sentem constrangidos na questão do banho de leito, tanto homem como mulher, eu sinto isso como pessoa e como doente em áreas específicas, órgãos genitais, na casa deles, eles não deixam nem as mulheres deles darem banho neles e nem o marido dá banho na mulher, a não ser que esteja doente. Cada professor desenvolve uma técnica pra poder chamar a atenção, pra que os alunos tenham interesse em aprender, dá um minuto de distração, com música, porque você ficar sentado na sala de aula e outro ficar só no blá blá blá, isso dá sonolência, cansaço, às vezes, quando nossos alunos que trabalham, eles se viram nos 30, aí já chegam cansados, principalmente aqueles da noite que sai do comércio e vem pra cá, porque realmente ele quer abraçar aquela profissão, quer ser um profissional, e talvez, mas pra ganhar o seu *bitcoin* e sobreviver porque educação e saúde é o vínculo mais empregatício que temos aqui, ou ser soldado, bombeiro, professor, enfermeiro, na área da saúde em geral. E o professor, também olhando na sala e vendo a estrutura dos seus alunos, ele tem que desenvolver técnica, uma forma para que eles relaxem e não sintam cansados e repassar os conhecimentos para que os alunos possam absorver de uma forma mais prática, mais rápida, mais alegre. Eu não vou ler uma apostila toda, você vai ler tudo, colocar os alunos que na leitura não são muito habituados a leitura, são mais habituados ao celular, para ler vão tropeçando nas letras e os conhecimentos que ainda vêm pela frente ali, porque é uma dificuldade, o assunto é novo para eles profissionalmente, tenho que trabalhar com a mente para como atingir a mente, despertar a memória do sono, para a aula ser mais produtiva. E essa nossa técnica de grupinho, por exemplo, no laboratório com 5 alunos,

eu tenho mais aproveitamento do que eu trazer os 35 alunos, eu vou ter mais trabalho, vou ter mais barulho e menos aproveitamento. Se tem 5 alunos querendo aprender, tem 5 lá querendo fazer outras coisas, o celular é uma faca de dois gumes, ele ensina, tem interesse, aprende, se distrai até demais, distrai com coisas que não interessa, ele não é repórter, nem é político, nem polícia, ele vai absorvendo coisas e esquece de fazer o que ele tem que fazer, as pesquisas da profissão dele.

**Pesquisadora:** No ambiente de trabalho, você percebe ações ou atitudes discriminatórias em relação ao profissional do sexo feminino?

**Maria:** Sim, às vezes é vice-versa.

**Pesquisadora:** Essas ações ou atitudes, caso existam, lhes causam incômodo?

**Maria:** Não, quando eu encontro uma situação dessa eu tento colocar a pessoa no lugar daquela situação. Então, eu faço eles entenderem que o mundo desde que é mundo, já existiam essas coisas. E naquele tempo, como se dizia, se era castigo de Deus ou não, mas eram o entrave da sociedade, desde o início do ser humano, da formação do ser humano.

**Pesquisadora:** No exercício da docência na educação profissional, você já se sentiu discriminada por ser mulher?

**Maria:** Não.

**Pesquisadora:** Sendo professora da educação profissional, é importante para você contar como se dá o exercício da docência? Por quê?

**Maria:** O exercício da docência é um ponto crucial de responsabilidade. Eu me sinto tão responsável quando um aluno fracassa, então, eu não quero isso para mim. Eu tento falar com eles na seriedade quando eles querem ser profissionais. Antigamente era a cabeça que pegava todo o castigo, o jurídico, hoje em dia eu transmito isso para a cabeça de cada um. Eu digo hoje em dia, se você errar, é você que vai responder pelo seu ato, eu que sou responsável por vocês, eu também vou sofrer uma sanção de responsabilidade sobre o treinador. Quem foi o professor? Se eu conheço o professor anterior deles, querendo aderir ou não, se eu conheço o professor, sei que ele jamais passou errado para o aluno que eu estou recebendo. E a responsabilidade é muito grande, quando eu estou no estágio com os alunos, eu me sinto no lugar deles, eu me sinto no lugar do enfermeiro que está trabalhando, que é responsável por aquela enfermaria dos doentes, tu és responsável pela enfermaria e eu sou responsável pelos alunos no trabalho que eles vão desenvolver com



os teus pacientes. Olha lá, uma responsabilidade tríplica não é, porque o enfermeiro é responsável pela enfermaria, sou eu responsável pelos alunos e tem que está com os dois olhos responsáveis pelo o que vão fazer com cada paciente, medicações diferentes, tratá-los diferentes, ter curativo, estar com a perna quebrada, outros com uma ferida grande, outro com AVC, precisa de banho, de cuidados, de limpeza. Então, grande responsabilidade, quando terminar vou ter que fazer aquele repasse de tudo para o profissional técnico que é responsável pela enfermaria, o que foi feito e o que não foi feito. Tudo e acompanhando de perto. É muito grande, é muita responsabilidade, se cada um fizer alguma coisa que não agrada, vai responder, eu vou assim, responder agora é a fulana, sicrana em particular com a justiça.

**Pesquisadora:** Como você se sente ao contar sua história profissional?

**Maria:** Eu me sinto aliviada. E me sinto feliz também de contar essa minha trajetória de vida porque é uma vida, eu vim para cá novinha e agora eu estou na terceira idade, mas por assim dizer, o meu trabalho já foi feito, já está feito, estou satisfeita e esperando já a carreira da aposentaria que me absorveu tantos anos, mas que a vida continua porque eu sou uma multiprofissional. Tenho várias coisas ainda a desenvolver e ensinar à sociedade, como costurar, pintar, fazer biojoias. Um dia desses eu estava com uma vontade de trabalhar com joias, ser ourives, queria fabricar joias, para eu fazer as joias que eu gosto com flores, vazado, entremeado, joias especiais para as mulheres. Toda mulher merece uma joia.

**Pesquisadora:** Você já ouviu/leu sobre histórias de vida de professoras que exercem a docência na educação profissional?

**Maria:** Eu só ouço algumas trajetórias de vida de professores pela televisão e professores do Amapá que já faleceram, porque não sei a trajetória do povo daqui, mas que elas ajudaram muito para o desenvolvimento desse povo daqui que são profissionais, são políticos, são juízes, etc.

**Pesquisadora:** De que maneira essas histórias de vida, pessoais ou profissionais, podem contribuir com o seu aperfeiçoamento profissional?

**Maria:** Sim, contribuiu. Como professora e como enfermeira.

**Pesquisadora:** Como você descreve sua atuação profissional ao longo dessa jornada?

**Maria:** Eu me sinto realizada. Os conhecimentos que eu adquiri eu já repassei e eu fico muito feliz quando vejo meu aluno no pódio como profissional, que já abraçou outras áreas e ainda estão contribuindo para a sociedade, o psicólogo, os enfermeiros, meus colegas, dentista, políticos, advogados. Eu nunca tive assim, o meu semblante de vergonha, de preocupação, como professora foi satisfatória, tiveram êxito, se o aluno tem êxito, é sinal que o professor foi bom. Até hoje não ouvi ninguém dizer que eu sou uma professora ou profissional insatisfeita.

**Pesquisadora:** Caso queira narrar algo a mais, fique à vontade.

**Maria:** Quanto a aposentaria que eu acho que eu fico lutando e ainda em dificuldade para fechar, para me aposentar, que até agora que eu acho que já estou no tempo de fazer um repouso e ter um sossego, ainda um preparo para a minha velhice, até para a velhice a pessoa tem que se preparar (risos).

## APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA ANTONIETA

### IDENTIFICAÇÃO

Nome: Antonieta

Idade: 62 anos

Estado civil: casada

Tem dois filhos formados: um médico e um engenheiro

Formação: Administração/ MBA em gestão de pessoas; licenciada em Biologia/Docência na Educação Profissional e Tecnológica

Tempo de serviço na educação profissional: quase 15 anos

Regime de trabalho: Estadual- 2 matrículas: 40h/20h

Data e local da entrevista: dia 08/04/2022 – Conselho Estadual de Educação do Amapá/Macapá-AP

Tempo da entrevista: 1h 16min.

### ENTREVISTA

**Pesquisadora:** Seus pais são escolarizados? Até que nível?

**Antonieta:** Meu pai, aliás, meu pai e minha mãe, eles estudaram muito pouco né, naquela época, a minha mãe hoje está com 93 anos, então, ela sabe o básico, assinar o nome, fazer algumas leituras mas, pra escola mesmo, ela não foi porque ela teve filho muito cedo e meu pai, não, meu pai já estudou mais, já lia, mas não tinha como comprovar, porque ele veio, o meu pai era paraense, ele veio das ilhas do currelino né pra cá pro estado do Amapá, aí começou a trabalhar na ICOMI, ele veio de lá, foi garimpeiro, aí trabalhou em obras e depois ele foi, tanto meu pai como a minha mãe, eles foram trabalhar na implantação da Icomi, em Serra do Navio, quando ainda era, quando pra fazer a vila de lá de operários. Então, praticamente a minha criação foi toda lá na ICOMI, eu nasci na década de 60, mas, muito antes meus pais já moravam lá, eles moravam não na vila porque ainda estavam em construção, eles vieram morar do lado do rio, do outro lado do rio. Eu nasci em Serra do Navio, eu sou serrana, aí a minha formação toda foi em Serra do Navio, a parte do ensino básico todinho, quando eu terminei o ensino básico, quando não tinha mais, o que a gente chamava de ginásio, era o ensino médio, era outro nome que dava, não lembro como é que era, e aí eu vim pra Macapá, aí eu comecei com formação de professores. Então, a minha primeira formação de nível médio foi para professor. Só que

eu não me formei no estado do Amapá, eu formei em Manaus, porque quando eu morava aqui no estado, e aí eu tive possibilidade de ir para Manaus terminar no Instituto, de Educação, no caso do Amazonas, a minha formação foi lá que eu fiz. Aí depois eu vim pra cá, aí fiz, concluí, aí fui chamada pra ser professora lá em Serra do Navio ainda, mas eu não queria ser professora ainda, eu queria estudar mais, aí houve uma oportunidade naquele período que começaram a fazer os núcleos, de formação superior aqui no estado do Amapá, que foi germe da UNIFAP, e aí eu fiz uma, uma, um concurso né pra entrar, eu passei na época na área de educação artística, mas, não gostei, aí fiz ao mesmo tempo pra outro concurso que teve, para ir pro Rio de Janeiro né, aí eu fui passei, passei pra Economia Doméstica, que era lá na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, eu ainda fui passei dois anos e meio, mas eu não concluí porque era muita greve naquele período, era muita greve, levava um ano a greve, dois anos, isso foi me chateando, depois eu resolvi casar e fui embora. Aí pedi minha transferência e comecei a fazer Assistente Social em São Luís. Quando eu casei meu marido foi para lá no projeto grande Carajás, na implantação de uma indústria de alumínio e eu continuei lá, só que meu marido depois teve que, foi transferido pra Minas Gerais, aí eu não concluí Serviço Social, faltava um ano e meio. E nós fomos embora para Mato Grosso do Sul para uma outra empresa, que ele sempre trabalhou em multinacional e eu tinha que acompanhá-lo, mas eu nunca parei de estudar. Aí quando eu fui para o Mato Grosso do Sul eu passei também no vestibular do Mato Grosso do Sul e eu fiz pedagogia. Aí quando eu já estava terminando de formar em pedagogia no Mato Grosso do Sul, o meu marido veio embora para o Amapá pra ANCEL, para trabalhar na antiga ANCEL. Aí eu tentei transferir, transferir, mas não consegui aqui no estado do Amapá transferir, aí eu comecei tudo de novo, eu vou começar a fazer outro curso, eu comecei a fazer o curso de Administração no CEAP, foi uma das primeiras turmas que se formou. Quando eu terminei do CEAP já me convidaram para ser professora do CEAP, desde aí eu fiquei na educação na área de administração. No estado eu também fiz concurso público né, fiz primeiro aquele curso de suficiência, na área de ciências, aí passei, aí depois fiz o concurso na prefeitura, passei, não me chamaram, foi uma das primeiras não me chamaram, por problema político, como não sou política, nem corri atrás, e depois eu fiz o concurso do estado, que foi aquele concurso que nós tínhamos, do Instituto, do EX-IPESAP, eu também fui classificada naquele concurso, fiz o concurso, passei fui chamada, fui lotada e depois eu fiz, teve a questão da lei que mudou que exigia de nós termos, aqueles que eram considerados professor classe B tinha que ter classe C, a questão da licenciatura na formação, e eu fui fazer o concurso que o estado colocou que era até a governadora D....., que fizeram um convênio com o

estado com a UNIFAP, aí eu fiz Biologia. Aí eu passei, fui primeiro lugar geral, no primeiro lugar na área de Biologia. E aí eu fiz o curso e terminei e continuei. Aí essa é a minha formação. Aí depois fazer as minhas pós-graduação, as especializações, mas muito lento devido a questão de ter dois filhos. A minha prioridade era os meus filhos primeiro, eu queria colocá-los né e graças a Deus os dois fizeram a federal, um é médico, o outro é engenheiro, o engenheiro já fez até doutorado no Instituto Militar de Engenharia, então entre a, minha primeira prioridade eram eles. E é isso.

**Pesquisadora:** Quais são as atividades profissionais de seus pais?

**Antonietta:** O meu pai era encarregado, no caso que ele trabalhava na vila, ele era encarregado de manutenção da vila, da ICOMI. E a minha mãe foi empreendedora na área de alimentos que foi a primeira, a única lanchonete que tinha lá na Serra do Navio. Ela começou a vender as coisas em casa e depois ela foi, aliás, ela começou a vender, eu até participei de uma *live* com ela, que queriam saber sobre a vida dela lá na Serra do Navio, como é que foi, se tu quiseres eu passo o link depois tu assistes. Eu com ela lá falando sobre a vida empreendedora dela, como é que começou, etc., eu tenho esse material, e aí ela começou a fazer, trabalhar com alimentos, lanches, almoço, as coisas assim para as pessoas que não tinham acesso ao restaurante lá da ICOMI e ela fazia isso.

**Pesquisadora:** Seu pai ainda é vivo?

**Antonietta:** Não, meu pai morreu faz dois anos, pouco antes da pandemia, ele faleceu. Foi. Faleceu com 93 anos. Mas assim, foi uns 10 anos só de cama, já sabe. Ele adoeceu, ficou muito debilitado e agora é a mamãe que está assim. A mamãe já está bem debilitada também, teve uma, ela teve um desconforto com o P.... e pronto desde aí a mamãe entrou numa depressão terrível que não voltou e a gente está lutando. Desconforto com o P...., ele queria fazer umas coisas e ela disse que não deixava e nem ia deixar mesmo dos irmãos, aí ele disse que não precisava mais contar com ela para nada nem para ver os netos dela. E foi embora e isso acabou com ela, entrou num estado de depressão, foi o R...., o P..... E desde aí entrou nesse estado de depressão, agora que ela está recuperando, mas assim mesmo está muito frágil, porque ela perdeu muita massa muscular e o corpo ficou muito frágil sabe, ela emagreceu muito rápido. E ela está na fisioterapia, está, e assim, só eu e mais a minha irmã que cuidamos dela e até isso está atrapalhando o meu trabalho é isso também. Tem que tirar fim de semana, a gente tem que ir dá apoio, tem que ir estar com ela, conversando, então, é muito complicado sabe, principalmente nessa época de pandemia que ela se sentia muito sozinha, ela morava, depois que o papai faleceu, o papai faleceu seis meses antes da pandemia, e aí por isso que ela, durante a

pandemia ela foi bem legal, depois para o final, ele aprontou aí pronto. Aí é complicado. Mas é isso aí.

**Pesquisadora:** Possui irmãos? Quantos e em que trabalham?

**Antonieta:** Ah meus irmãos, eu tenho, são 9 irmãos, que são de pais separados, são diferentes. Com meu pai mesmo nós somos 5 irmãos, aí eu tenho mais 3 irmãs, 4 irmãs aliás, que era da outra, uma já faleceu. Essa estudou muito pouco, ela casou muito cedo, teve 9 filhos também; a outra formou em enfermagem, foi até professora na universidade de, no Fundão lá, lá no Rio de Janeiro, depois que ela formou, fez que nem eu também, foi daqui, foi pra Belém fez a faculdade em enfermagem e depois ela formou e foi fazer especialização pro Rio de Janeiro e já ficou no Rio de Janeiro, começou trabalhar, depois ela também fez pra ser professora lá do Fundão do Rio de Janeiro e foi, depois ela casou né e depois voltou pro estado do Amapá e, depois teve problema de saúde né, um AVC que ela teve, teve aneurisma e ela tá debilitada. Uma outra minha irmã também, ela casou, trabalhou muito cedo, foi caixa de supermercado, estudou até o, toda a formação, até o ginásial, mas não quis mais não, casou, até hoje é casada, é dona de casa. As outras minhas duas irmãs que eu tenho, uma é funcionária pública, também o ensino médio, não quis fazer nível superior, não quis sair do estado porque, que na época não tinha, ela é assistente administrativo na SEAD, está aposentando agora. Aí eu tenho a minha irmã mais nova, que é mais nova do que eu, que ela também foi comigo pra Universidade Federal Rural, ela terminou faculdade lá, veio para o estado, e entrou no quadro do estado, depois ela fez pedagogia pela UNIFAP e hoje ela já é aposentada. Ela formou, foi diretora de escola aqui, sempre trabalhou, teve cargo na secretaria, etc., Os meus irmãos, eu tenho dois irmãos, um é engenheiro, eletricitista, também formou, trabalhou muitos anos aí na CEA, é funcionário federal também, tanto ele como a C....., aliás as três, são tudo federal e eu não, sou estadual, formou em Belém, engenharia eletricitista, ele é engenheiro eletricitista, trabalhou muitos anos na CEA, até hoje ainda trabalha, também professor do estado, ele dá aula na área nessa parte de matemática, eletricitista, ele também tem dois contratos e, praticamente ele está quase aposentando. Ele trabalhou nesse estado todo, levando energia elétrica, etc., muito bom meu irmão, também tem várias formações, na área de segurança do trabalho, ele tem especialização em outras áreas, assim que ele sempre se sai bem.

**Pesquisadora:** Como é o nome dele?

**Antonieta:** L...., L.... D.... E aí eu tenho, além dele eu tenho, o R.... que é o Punga, ele não quis saber de estudar, chegou a ir pra Belém para fazer curso técnico, chegou lá e

disse que não queria, queria vida muito boa né, queria o dinheiro, estava acostumado a pegar dinheiro que a minha mãe trabalhava em lanchonete né e foi isso. Aí ele não quis estudar, até hoje está aí pensando, diz que empresa pública não presta que não sei o que, e não sei, a vida é dele está para lá e aí eu tenho o mais novo que é o C...., que ele também tem formação, ele é advogado, mas também é, ele trabalha mais com essa questão, é autônomo. Trabalhou muito tempo também no estado, na época de plantação de TI, ele sempre foi muito, fez cursos de TI, porque na época que eu morava em Manaus, em São Luís, ele morou comigo, pedi pra ele ir morar comigo porque ele andava fazendo coisa errada por aqui pra Macapá, minha mãe mandou e eu coloquei ele na faculdade lá onde eu fazia e ele começou no núcleo de TI de lá sabe, Tecnologias, ele praticamente ele dominava muito, ele sabe muito sobre isso né, essa questão de internet, etc., aí depois ele veio para o estado, começo a trabalhar na Junta Comercial, vários órgãos aí, não lembro. Aí depois ele parou e ficou mesmo autônomo, trabalho autônomo, e tal. E é isso aí.

**Pesquisadora:** De que maneira se deu sua infância e início da escolarização?

**Antonieta:** Eu digo assim que foi um processo bem normal porque na época, Serra do Navio, todo mundo era, ou você estudava ou praticamente, os pais eram obrigados a colocar os filhos na escola. E não só colocar, fazer o acompanhamento dos filhos também, então, para mim foi uma coisa natural isso aí, eu não digo que seja forçado porque eu sempre gostei de estudar né, eu gostava tanto de estudar que eu alfabetizei a minha irmã antes dela ir para a escola, ela já estava alfabetizada, a C..... Então, quando ela foi para a escola, ela já sabia ler, ela sabia as numerações, porque, porque eu chegava em casa né, tudo o que eu aprendia na escola, eu ia falava para ela, contava para ela, papai fez uma sala em casa, um quadro, colocou um quadro de giz, já atuava, ajudava, já dava aula para ela o que eu aprendia eu dava, porque a minha mãe nunca foi de dá, ficar nos acompanhando que ela trabalhava. Então, a nossa obrigação ela dizia, olha vocês têm que fazer isso, isso e isso. E não esqueçam de estudar porque eu vou cobrar. Se me chamarem na escola que não estão estudando, vocês vão levar. Quem nos acompanhava era o papai, o papai sempre nos acompanhava, perguntava se fazia dever de casa, se não fazia, a tarde ele chagava, brincava com a gente, colocava corda, tudo o que a gente queria ele fazia meu pai sabe, então, uma paixão muito grande, e assim, eu tive uma grande infância, ele sempre deu apoio, e nesse sentido de tudo o que a gente queria fazer, ele trazia, ele fazia, ele buscava sabe, nos ajudava em tudo, carnaval, festas mesmo, campeonato, ele dava maior apoio. Eu nadava na época também, além da questão de escola, eu tinha a parte de esporte, que eu nadava, tenho medalhas, tinha várias medalhas que eu ganhei na área de

natação. É atleta. Ele sempre incentivou também essa área. Então, foi normal assim, eu nunca repeti série, sempre tive notas boas, até hoje tem um amigo meu que é o Paranhos, ele coloca, minha amiga né que a gente competia, ele dizia, a gente competia nota (risos...) eu nunca pensei nisso, mas ele competia nota comigo (risos) ai, ai, então foi normal, sempre gostei de estudar, até hoje eu gosto de estudar. Se tem uma coisa que eu gosto é de ficar em casa, lendo, buscando material, pesquisando. Isso para mim é um lazer até. Não gosto de praia, não gosto de estar em bebedeira, é rápido, eu posso ir, me convidar eu vou lá, brinco, tal, venho embora, mas essa parte de lazer. Até quando se reúne em casa não goste que se prolonga muito tempo não, sabe. E saio muito pouco assim para os lugares, não tenho quase amizades de pessoas de frequentar casa, essas coisas não. Eu sou muito caseira, eu sou muito família, onde eu vou é para a casa da minha mãe, das minhas irmãs. E é isso.

**Pesquisadora:** No período de sua escolarização, você morava na zona urbana ou rural?

**Antonieta:** Na ICOMI. Foi na cidade da Icomi. É cidade, é urbano. Era uma Estados Unidos. A escola que eu frequentei era uma escola melhores do país que existia na época porque todos os professores, mesmo a gente sendo do Norte, os nossos professores tudo vinham do Sul do país, do Sul e Sudeste. Minhas professoras eram mineiras, era professora de São Paulo, era professora do Rio de Janeiro, eram desses três núcleos que vinham nossos professores, era tudo formado. A maioria delas eram casadas com médicos, engenheiros, etc., e elas eram nossas professoras. Foram muito pouco as professoras, já muito depois que começaram a contratar professora do Pará, muito tempo depois, mas no início era todos os professores eram de fora. Para fazer a questão pedagógica, a professora M..... que foi uma das pioneiras também aqui no estado, nas universidades, foi, ela veio para trabalhar na Icomi na época, trabalhou muito anos, hoje ela é até diretora, vice-diretora do CEAP, a professora M....., e outras e outras professoras que vieram da época. Então, eu digo assim, eu tive uma educação muito boa, aqueles que conseguiram, a maioria dos meus colegas, a maioria deles formou, estudou, outros não, formaram, mas, voltaram para trabalhar na ICOMI, como técnico, etc., mas muitos deles fizeram outros cursos. Muitos amigos meus fizeram na área de administração, na área de engenharia, muitos deles na área médica, M..... B....., e outros, como é o, nem lembro o nome dele mais, ele é até médico daqui do estado também, são vários, o D..... é lá da Serra do Navio, o como é o dele? Chamam de toco, ele é anestesista, ele fez até uma cirurgia do pai, ele que estava lá, ele também é médico, o irmão dele também é engenheiro, tem outro que é delegado federal aí do Pará, se não me engano.



Então, todos assim que saíram de lá, todos assim, conseguiram fazer cursos bons e tiveram uma carreira profissional muito boa. Eu não cheguei a fazer isso porque me casei (risos), mas estou aqui, estou satisfeita assim, com a minha educação, então foi tranquilo. Sempre a gente teve, além dessa parte, que a gente chama de núcleo básico, nós sempre tivemos dentro da escola, outras atividades, para desenvolver, outras competências, nas artes, na área da parte de esportiva, sempre a escola trabalhou dentro desse contexto, e aí quando eu saí de lá e vim pra Macapá para o Instituto de Educação do Amapá, que era o IETA.

**Pesquisadora:** Em quais escolas você estudou?

**Antonieta:** Na escola da ICOMI, no IETA, no Instituto do Amazonas, que eu concluí lá no Instituto do Amazonas e depois concluí na UNIFAP e concluí no CEAP.

**Pesquisadora:** Como eram as práticas educativas dos professores?

**Antonieta:** A maior parte das práticas educativas ainda era aquele modelo bem conservador. Eu tive assim muitas aulas mais práticas lá na ICOMI que a gente tinha laboratório que gente ia, fazia muitas atividades, fora, de visitar áreas, área de Biologia para ver como é que funcionava. Já quando eu saí de lá pra cá, eu já não tinha mais isso, por exemplo, quando eu fui para as universidades tanto do Mato Grosso do Sul que eu fiz pedagogia, quanto que eu fui para o Instituto do Amazonas, no caso lá, e depois eu fui pra fazer na Universidade Federal do Maranhão, que eu fiz serviço social, já serviço social quando eu fiz lá, era mais prático, a gente saía muito pra fazer visita, pra essas casas de repouso, pra fazer essas visitas, pra fazer entrevistas, então eu tive esse lado prático. Já no Instituto quando eu fiz para professora, eu não tinha muita prática, a não ser aquela prática obrigatória que era aquele estágio que a gente tinha que ter na escola, mas no contexto das aulas não, era mais a parte de teórica. Quando eu já fui pra Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, lá não, era muita prática. Além da gente trabalhar a parte de conteúdo, a gente tinha a parte prática, que era a parte de cozinha, porque a gente fazia nutrição que era uma disciplina, que era obrigatória e além da gente fazer a parte teórica, que pegava toda a parte de cardápios, etc., composição de cardápio, mas antes, eu fiz Biologia, bioquímica, todas essas disciplinas, física, para poder entrar nos laboratórios. Lá na Universidade Rural a gente tinha muito laboratório, muita aula prática. Já quando eu vim para o estado, onde eu fiz Biologia, nós tivemos também algumas aulas práticas no laboratório, mas não foi tanto quanto eu tive nas outras faculdades, porque era início da Universidade Federal aqui e aí entrava esse dinheiro que fizeram esse convênio tanto com o estado como a Universidade, parte desse dinheiro de convênio era pra formação de

laboratório, então quando eu entrei ainda estava formando os laboratórios, isso não significa que não tivemos prática, fizemos várias práticas sim, também. Mas, claro, existe aqueles professores que é teoria. Mas, sem deixar.

**Pesquisadora:** Como foi esse processo inicial, da escolarização até a atuação como professora?

**Antonieta:** Eu já entrei direto, eu formei e já entrei. Não tive dificuldade. No início a gente tem um receio, será que eu vou dar conta? Aí depois você vai ver que não tem nada de bicho de sete cabeça, aliás, a gente tinha que estudar mais, se aprofundar mais nos conteúdos, que, às vezes, na universidade você sabe que você vê muito superficialmente, você não aprofunda, aí você vai estudar para dar aula, você precisa estudar, você precisa saber tudo aquilo, sobre aquele assunto que você vai dá para poder você ter êxito. Então, eu digo assim, o professor, ele não pode parar de estudar, ele tem que está estudando de maneira contínua, por exemplo, para cada semestre que inicia eu já tenho até determinado material, mas eu procuro ver se existe ainda coisas novas, tentar, às vezes, aquilo que está naqueles livros mais antigos trazer mais próximos da realidade, para poder contextualizar. E sempre assim, por exemplo, nas aulas minhas que eu tenho de teoria geral da administração, é só teoria, é o início, da administração, como é que eu vou trabalhar isso, eu coloco conteúdo teórico e depois eu vou fazendo os links para trás, como é que vai se dá, como que é que você tem que adaptar e assim a gente vai desenvolvendo.

**Pesquisadora:** Quando você começou a atuar como docente? Quantos anos?

**Antonieta:** No CEAP eu comecei, já vai fazer 17 anos agora no nível superior, mas no estado eu comecei em 98. Não lembro, deixa eu fazer minhas contas, eu estava com trinta anos.

**Pesquisadora:** Como a educação profissional começou a fazer parte de sua trajetória profissional?

**Antonieta:** Pois é, ela entrou no seguinte, eu era professora do estado, e a minha irmã, a minha irmã ela era, trabalhava na secretaria de uma escola da educação profissional e eles estavam com falta de professores, estavam com falta de professores na área ambiental, como eu dava aula no CEAP, eu sou Administradora e sou Bióloga, então, as cadeiras que tem na área ambiental, sou eu que dou aula no CEAP. Então foi o primeiro, digamos a assim, curso no estado do Amapá a ter na sua matriz curricular a área ambiental, na área da administração geral, e eu fui, eu que introduzi isso lá nos cursos e, ela sabendo dessa

minha competência, ela perguntou, Nazaré tu não queres dá umas aulas para os alunos lá no CEPA porque não tem professor que trabalhe essa área ambiental junto com a questão das empresas, a parte de sustentabilidade não sei o que, aí eu disse, se me levarem pra lá eu vou, e foi assim minha trajetória. Eu trabalhava no Coração de Jesus, não, primeiro eu trabalhei na zona rural, trabalhei três meses na zona rural quando eu entrei, que foi no Santo Antônio da Pedreira, ainda não era educação profissional. Aí depois eu dava aula de ciências, depois passei três meses, depois eu vim para aquela escola Augusto Antunes em Santana, depois eu fui para o Colégio Amapaense, depois eu fui para a Escola Coaracy Nunes e depois eu fui para essa Coração de Jesus, aquela Coração que tinha ali no canto. Quando eu estava na Coração de Jesus foi que me convidaram para eu ir para o CEPA, aí eu fui, só que quando eu cheguei não era só ambiental que tinha, eram outras disciplinas na área de administração, muito voltado para a administração. Como eu já dava aula no CEPA na área de administração, aí eles pediram para mim, aí eu digo mais eu não posso, não, não tem problema não, aí que foram ver que eu poderia ter dado aula, aqueles professores que tinham as competências poderiam dar aula e foi quando eu entrei. Só que eu não me contentei e fui fazer docência na educação profissional e tecnológica, eu fiz especialização na docência da educação profissional e tecnológica.

**Pesquisadora:** Por sua conta?

**Antonietta:** Não. Eu fiz com um convênio que teve do IFAP, porque foi o seguinte, o IFAP, começou o IFAP, quando o IFAP começou os professores que eram do IFAP eram todos os bacharéis, engenheiros, etc., não tinham as competências profissionais de docência da educação tecnológica e profissional, aí o IFAP montou uma turma e chamou três professores de cada centro de ensino do estado, e a diretora na época me indicou, foi até uma brigalhada lá dentro depois que souberam né porque ela me indicou, ela disse eu vou indicar porque a professora Antonietta vai ser multiplicadora, ela é coordenadora de curso aqui, ela precisa disso, na época eu era coordenadora de curso. E eu digo assim, se tivesse indicado outra pessoa não teria formado porque as pessoas eu vejo lá no CEPA que eles não tem compromisso profissional com os cursos que são de graça, eu digo assim, que várias vezes o IFAP já colocou à disposição docência na educação profissional e são poucos que fizeram, mesmo depois que eu fiz nem fizeram, se inscreveram, tal, mas não concluíram, então, aí eu fiz, concluí, dois anos, aí pronto, eu fiquei mesmo na educação e eu gosto da educação profissional tecnológica sabe, tanto é que tudo o que tem curso na área tecnológica eu estou, tanto é que eu falei pra secretária, a secretária esteve na nossa, no CEPA, é minha amiga de infância, ela diz que ela é minha amiga, nós nos conhecemos

em Serra do Navio, mas assim, quando ela esteve lá, ela me viu, tal, Nazaré eu preciso conversar contigo, eu falei, ela me chamou pra uma conversa, eu digo, olha o que tá faltando na educação tecnológica é vocês investirem, aqui nós temos um dos nossos eixos tecnológicos em informação e comunicação, nós não temos professores, como é que nós vamos, você quer transformar isso aqui em um núcleo, tudo bem, tecnológico, mas a gente precisa de recursos pra isso, não é só, como eu digo assim, no planejamento, tem que executar né. Ela tentou, porque ela queria formar, porque ela tinha interesse financeiro, interesse de trazer recurso para o estado, por isso que ela queria, transformar o CEPA num centro de tecnologia na área de professores, para formar professores, para formar aluno, para formar não sei o que e como o NTE, porque o espaço do NTE era muito pequeno, o NTE também não tinha uma estrutura boa para receber, então, como não deu certo esse projeto, não foi aceito.

**Pesquisadora:** Faltou recurso?

**Antonieta:** Não, porque tinha que apresentar um projeto, era dinheiro é federal que tinha que vim e não sei, também nem entrei em detalhes mais porque depois abandonaram a ideia né. Quando ela disse que tinha que fazer isso, foi quando o NTE nos colocou à disposição de vários cursos para cursos fazer, tanto para professor na área tecnológica como para gestor. Eu fiz os dois, tanto para professor como para gestor na época.

**Pesquisadora:** Quanto tempo de atuação no Centro?

**Antonieta:** Eu tenho quase 15 anos.

**Pesquisadora:** Qual a sua relação com a educação profissional?

**Antonieta:** Eu adoro, eu gosto muito da educação profissional, eu dou aula na área de gestão e negócios, todos os eixos, eu dou aula em todos os eixos que tem lá no CEPA. O eixo turismo, hospitalidade e lazer, no eixo de informação e comunicação, no eixo agora de gestão e negócios e no eixo também que vier aí (risos).

**Pesquisadora:** O que é a educação profissional para você?

**Antonieta:** A educação profissional? Ah, é uma educação que transforma as pessoas, profissionais com competências e habilidades necessárias para atuar no mercado, para ter sucesso, é isso que é. Eu adoro está em sala de aula, eu não gosto disso aqui, eu não gosto dessa parte administrativa, de pedagógica, gosto de pedagógica só para contribuir se for uma reunião pedagógica, se for para falar sobre educação, sobre aprendizagem, eu gosto,

mas de estar lá parada não, eu gosto de estar em sala de aula. Eu gosto de ver meu aluno transformado, eu gosto de ver os olhinhos dele brilhar, entendeu? Eu amo quando eu chego nos lugares e diz assim, “professora a senhora me conhece? A senhora lembrando de mim professora? Olha como a senhora está tão bonita! ” De onde é mesmo que eu conheço você? (risos), “a senhora foi minha professora, a senhora não lembra? Eu agora estou empregado, sabe aquela entrevista que eu fiz, eu levei tudo aquilo que a senhora ensinou, como é que faz entrevista”. É assim que eu gosto, eu gosto de formar pessoas, eu gosto de mudar o comportamento das pessoas, para ela poder conseguir algo, ser transformado, mas eu gosto que elas percebam que elas precisam mudar, não sou eu que vou dizer.

**Pesquisadora:** Você exerce a docência em quais cursos?

**Antonieta:** Aonde no CEPA? Quase em todos os cursos. Eu só não estou na área de, ainda, que não entrei foi na área jurídica, que agora tem curso técnico em serviços jurídicos, prática jurídica, no caso de informática, o que que eu trabalho na área de informática, eu trabalho segurança e higiene do trabalho, trabalho a parte de empreendedorismo, pelo menos essas duas eu trabalho com eles, se tem alguma coisa de gestão eu estou lá com eles. Na área de hospitalidade e lazer, que é a parte de cozinha né, técnico em cozinha, eu trabalho técnico em cozinha, relações interpessoais, trabalho a parte de é gestão de estoque, trabalho com eles a parte de, como é nome, da disciplina meu Deus, é pra eles desenvolverem projetos de empreendedorismo, trabalho empreendedorismo, quando você faz um plano de negócios né na área, trabalho a parte de gestão de eventos, é, a gente chama gastronômicos, então eu navego em todas as áreas assim e na área de RH é a área que eu mais me identifico mesmo, que eu trabalho a introdução da teoria geral, fundamentos da administração, a parte de gestão de desempenho, a parte de qualidade de vida e higiene do trabalho, práticas também administrativas na área de pessoal, práticas que eu trabalho também, a parte, agora eu terminei uma disciplina com eles que é cultura, clima e comportamento organizacional, então são várias disciplinas e todos os cursos, todos os cursos.

**Pesquisadora:** Como ocorreu a escolha da sua profissão?

**Antonieta:** Eu não escolhi, elas me escolheram.

**Pesquisadora:** Houve incentivo dos pais, de familiares, professores, do meio social, cultural?

**Antonieta:** Não houve. Foi por necessidade, necessidade que me deu, por exemplo, eu na área de Biologia, é a área que eu amo, eu gosto de Biologia, eu gostava, sempre gostei de ciências, então essa minha formação de Bióloga é na área de ciências mesmo que eu gostava de ciências, eu sempre gostei. Queria fazer medicina aí depois eu não quis mais porque eu casei, aí eu fiz Biologia, aliás é na área das ciências que eu gosto física, química, biologia, mas eu fiz mais a parte de Biologia. Como a administração entrou na minha vida, quando eu cheguei no estado do Amapá eu fui convidada para trabalhar com um político, aí eu comecei a trabalhar com político, aliás, eu entrei na educação e trabalhava com esse político e, aí ele tinha uma clínica e ele pediu para dá uma organizada na clínica dele, aí foi que a administração entrou na minha vida. Aí eu disse, vou fazer administração e vou organizar isso aqui, aí foi que eu comecei a fazer administração. Aí comecei a amar administração e casar administração com a parte da Biologia, de ambiental, eu sou uma defensora ambiental.

**Pesquisadora:** Pensou em atuar em outra área sem ser a docência?

**Antonieta:** Nunca. Nunca. Eu amo a docência, eu gosto de docência, não me vejo fora da docência. Eu já estive na secretaria de educação, passei um período e não gostei e vim embora, foi na época que a professora, aliás, já foi convidada várias vezes, já fui convidada até para trabalhar aqui, a professora, como é o nome dela, aí meu Deus do céu, E...., na época da E..... Ela me convidou para vim trabalhar aqui no Conselho, eu que não quis. Já me convidaram três vezes para ser diretora do CEPA, eu não quis, já me convidaram para ser é, gerente lá da área de recursos humanos lá da SEED, eu não quis. Eu fui pra SEED para trabalhar em cima de uns recursos de uns programas que tinha tanto federal, com recursos de emenda parlamentar que nós ganhamos para o CEPA e eu fui para gerir esses projetos para fazer licitação de materiais, então, eu passei dois anos lá, consegui. Quando eu terminei eu disse me devolva para a escola. Mas, mesmo eu lá na secretaria, eu vinha dá aula no CEPA, geralmente a tarde eu vinha para dar aula no CEPA. Eu nunca me desvinculei dele porque sempre faltava professor, professora a senhora dá um jeitinho, dá uma aula aqui? Aí eu vinha, eu ia, mesmo dentro da secretaria, então eu fiz a gestão desses projetos lá junto com a professora, como é que é o nome dela, não estou lembrada agora não, que ela me levou, e aí a R...., como é que é o nome dela, meu Deus, fugiu agora, R.... estava com problema de saúde, trabalhava com a professora, como é o nome dela meu Deus, fala aí uma que foi da educação profissional, que foi lá da educação profissional, aquela morena o esposo dela faleceu a pouco tempo, eu também estou esquecida o nome dela, é a morena, a vista dela tá aqui, esqueci, e aí ela foi lá no

CEPA me convidou, professora eu estou precisando da senhora e o que é que a senhora quer? Eu queria que a senhora fosse dar umas aulas, aliás, formar professores pra mim é na parte de avaliação, queria que a senhora fosse dá umas oficinas, umas aulas, aí eu saí do CEPA e fui também fazer isso porque a R... estava doente, estava com problema de saúde, trabalhava junto com ela, que estava fazendo isso, aí cheguei aí fazer em várias escolas, fazer como é que fazia avaliação de alunos, os processos que a gente podia utilizar pra avaliação, fiz capacitação em várias escolas, vários centros daqui, foi uma atividade que eu desenvolvi assim fora da sala de aula lá do CEPA, mas que eu fui pra sala de aula de outros, fui pela secretaria de educação, geralmente era feito esses cursos dia de sábado, eu fazia essa capacitação pra ela e, assim, aonde me chamam eu vou, tal. Mas eu gosto de estar em sala de aula mesmo.

**Pesquisadora:** Você atua em outra área ou profissão?

**Antonieta:** Não, só de professora.

**Pesquisadora:** Em algum momento pensou em deixar a docência? Por quê?

**Antonieta:** Não. Eu quero diminuir agora. A minha vontade agora é sair do ensino superior entendeu, eu estou esperando me mandarem embora porque eu não posso pedir pra ir embora, senão eu vou perder todos os meus direitos, então, eu estou esperando me mandarem embora, agora com essa pandemia, tiveram uma redução muito grande lá no CEAP, foram mais de vinte professores que foram demitidos, mas eu ainda fiquei por lá e a minha vontade é terminar, eles me deixarem, me demitirem, e eu quero ficar só na parte do estado pra me dedicar mais e fazer um doutorado que eu ainda quero fazer. Mas, eu só vou poder fazer esse doutorado se eu sair de lá porque se não é todo tempo, é coisas, eu não consigo fazer muitas coisas, muitas, muitas ao mesmo tempo porque o corpo já não dá mais, eu estou com 62 anos e a gente precisa se cuidar, eu preciso fazer ginástica, eu preciso, essa parte de corporal, física, a gente precisa cuidar porque a mente só está boa quando o corpo também tá funcionando bem, então, eu já tive muitos problemas de saúde, tanto é que eu falei pra vocês que eu dei uma parada aí no mestrado, na minha dissertação, que eu não peguei mais no meu projeto tá lá fora porque, durante meu mestrado eu comecei a ter problema na minha visão, eu já não enxergava mais, fui para o médico, fiz exames, professora só fazendo cirurgia da catarata agora porque mesmo eu passando óculos pra senhora, a senhora não vai melhorar, porque fiquei praticamente 24 horas no computador. Então, eu dei uma parada e quando foi agora em fevereiro eu ia fazer pelo meu plano de saúde minha cirurgia, cheguei a fazer todos os exames e quando

chegou na hora, o médico disse que não podia porque eu tinha mudado de plano, eu já estava no SULAMÉRICA, ele não fazia, aí tinha que começar tudo de novo com outros os médicos, aí o tempo estava passando aí eu digo não, eu tenho que resolver minha vida. Aí eu fui naquele programa mais visão, aí eu fiz as duas cirurgias, em um mês eu fiz as duas cirurgias e agora eu estou em processo de recuperação, quando eu sair agora eu vou fazer a limpeza das lentes que eu não estou enxergando legal. Então, a partir daí eu estou pensando em colocar os óculos e me afinar com o professor H... também (risos), que ele disse professora trata-se primeiro não tenha problema porque a senhora tem até o final do ano para fazer isso, primeiro a saúde e ele também adoeceu, ficou muito doente, ele disse, aí agora vou nesse final de semana começar a sentar, ver o meu projeto, é só encaminhamento mesmo porque ele já está mais para lá do que para cá.

**Pesquisadora:** Você encontrou dificuldades por ser mulher?

**Antonieta:** Eu nunca tive problema, eu sempre me impus quando falavam, não é bem assim não, pra você é assim pra mim não é, já consigo fazer isso, consigo fazer aquilo sabe, eu sinto assim barreiras nas instituições que eu chagava, eu sentia barreira no sentido que, às vezes, eu queria mudar aí o cara falava ah mas tu não vai conseguir fazer nada disso que tu tá querendo, barreiras pra não colocar em prática aquilo que a gente sabe, que a gente quer contribuir pra mudar, eu sinto muitas barreiras, o pessoal que tá muito acomodado, por exemplo, agora esse momento de pandemia lá no CEPA foi terrível, os professores não queriam não queriam dar aula pelo *Google Meet* foi terrível, eu digo, negativo, vamos fazer isso no *Google Meet*, eu não vou sair de casa pra me arriscar. E eu sei que a minha ideia foi, fluiu, tanto é que todos os professores fizeram uma capacitação lá e a gente conseguiu com as aulas, mas a gente sente sim muita resistência quando quer implantar alguma coisa. Com relação ao núcleo que a G... queria implantar, nossa foi uma resistência muito grande, eu não, eu disse, tem que caminhar isso aqui, isso aqui não pode ficar parado.

**Pesquisadora:** Como é ser professora na atualidade na educação profissional?

**Antonieta:** É muito difícil porque não é só recursos que a gente precisa, a gente precisa de muito recurso, a gente não tem, a gente precisa de alunos que queiram estudar mesmo, o que que acontece, é muito difícil que a gente encontra geralmente quem vai buscar, quer alguma coisa muito rápida, os alunos hoje querem coisa rápida, resposta rápida e é uma das coisas que eu sempre falo, tem alunos que eles acham que já sabem tudo e quando chega lá não sabe quase nada, ele não quer estudar, eles têm preguiça de estudar, porque



eles acham que a educação profissional só dizer o que ele vai fazer, só a parte prática, não tem a parte teórica que ele tem que conhecer, e a gente tem alunos que você sabe que eles são analfabetos funcionais, a maioria dos alunos são analfabetos funcionais, eles leem e não sabem o que eles estão lendo, você fala e eles não sabem o que você tá falando, então, é muito difícil ser professora de educação profissional dentro desse contexto, então, além dessa dificuldade que a gente tem, não ter, não saber o básico, que é português, matemática, a parte de ciências, o nome já está dizendo o básico, se tu não sabes o básico, porque essas disciplinas elas não são separadas, elas estão juntas, na educação profissional é isso, se tu estás formando alguém para o mercado, você quer o quê, pessoas que vai trabalhar dentro de qualquer tipo de órgão, ele vai ter que fazer conta, ele vai ter que planejar, ele vai ter que usar as tecnologias novas que tem e, não tem nem acesso, por exemplo, agora na época da pandemia, a maioria que se inscreveu não conseguiu continuar com o curso por falta de internet que não tinham, aí você vai pra dentro da sala de aula e tem aqueles que dizem, a professora tive vale, eu não tenho dinheiro pra pegar ônibus, a minha família tá não sei o quê, quer dizer, são pessoas com muitos problemas, eles querem se formar, mas eles têm muito problema, não é que a escola não dê condições pra eles, a gente dá condições, mas eles são muito problemáticos. Não sei se é a juventude, tem que fazer um estudo, eu até andei pesquisando pra aquele último artigo da professora né, que eu fiz a comparação a nível nacional com o CEPA, entrevistei as coordenadoras de lá pra saber o que fez a evasão escolar, e a maioria da evasão é a falta de recursos que ele não têm pra chegar até a escola, e, às vezes, quando você tem aquele recurso, aqueles programas do governo federal que dá bolsa pra eles estudarem, eles vão que, às vezes, eles são obrigados porque os pais mandam, ainda tem isso, e outros se matriculam porque são obrigados a fazer alguma coisa, pra sair de casa. É muito problema, a gente enfrenta muito problema na educação profissional.

**Pesquisadora:** Como você se vê e se sente sendo professora de cursos técnicos de nível médio na educação profissional?

**Antonieta:** Como é que eu vejo, eu me vejo assim dentro de um contexto muito tumultuado porque a gente tem, eu digo assim, eu tenho compromisso político com esses alunos, de tirar eles dessa situação onde eles se encontram, só que, às vezes, a gente se predispõe a isso, a fazer tudo o que a gente pode pra ajudar esses alunos, mas, às vezes, eles não estão abertos a isso, eles não estão abertos a realmente vir pra aula, pra fazer, pra permanecer em sala de aula, etc., porque parece assim que eles têm uma preguiça de pensar, eles querem que o professor pense por eles sabe, é muito complicado, e isso não

é só na educação profissional, nível superior é assim mesmo, não é diferente não. Então, o que é que a gente tenta fazer pra fazer com que esse aluno fique com a gente, é fazer coisas mais práticas com eles, desenvolver mais atividades práticas dentro de sala de aula pra aprender pra mandá-los fazer, pra eles trazerem, mas assim mesmo eles faltam, eles não têm o compromisso também com a educação deles, aí eu vejo assim, às vezes, são pessoas que tão desestruturado, famílias, às vezes, desestruturada, mãe, problema, é pai, às vezes, a maioria, eu já tive alunos com filhos dentro da sala de aula, que amamenta, que traz filho, que chora, que não sei o quê, mas pra ajudar eu ainda abro mão, às vezes, deles estarem junto com os filhos pra trazer pra amamentar, mas é, eu não vou desanimar, a gente não pode desanimar, porque a gente vê que vai depender desses jovens no futuro aí pra garantir as atividades, do nosso país, infelizmente. Parece que colocaram na cabeça desses alunos que o que vale é o nível superior, eu vejo assim sabe, tem uns que acham que nível superior que vale, eu digo, não meu filho o que está valendo o nível técnico hoje, voltado para as atividades do dia a dia das empresas. Quanto mais, mas professora vai demorar, é dois anos, eu digo sim, mas esses dois anos você vai formar, você com certeza vai para o mercado de trabalho, você vai conseguir, às vezes, você faz quatro anos numa universidade e você não vai conseguir.

**Pesquisadora:** Qual a sua percepção diante da inserção das mulheres na docência na educação profissional?

**Antonieta:** Da mulher? Eu acho assim, a mulher sempre esteve, ela sempre esteve dentro desse contexto educacional, nós mulheres sempre estivemos, eu vejo até que tem mais mulheres hoje do que homens, eu vejo assim os homens assim, muito com aquela mentalidade muito conservadora ainda, a gente percebe, a mentalidade, aqueles que estão em sala de aula são muito conservadores na área de mudar a metodologia, na hora de mudar, quer me ensinar alguma coisa, eu digo sim, mas a gente tem que mudar a maneira da gente ensinar, porque esses alunos não querem nada, sim professor, mas você tem que buscar meios pra fazer com que esse aluno, ele perceba a necessidade disso aí, só o conteúdo não vai valer, mas assim, lá aonde eu trabalho, pelo menos, a gente já quebrou muitas barreiras sabe, em relação a se impor perante as observações masculinas, que eles fazem tal, de querer assim não mudar, mudar a metodologia, mudar cursos, etc. mas, eu só sei falar lá do CEPA pra você. Em relação ao nível superior, eu não vejo assim muitas barreiras, não vejo entre homem e mulher, eu vejo que a mulher está sempre na frente.

**Pesquisadora:** Você consegue perceber se existem eixos tecnológicos trabalhados eminentemente por mulheres? Por quê?

**Antonietta:** Não, eu vejo pra homem na área de tecnologia, a maioria é homem, a maioria, mas existe mulheres também, não sei se é por falta dessa formação, das mulheres não querer a matemática, não querer, acha que tecnologia é algo diferente, mas, no geral, por exemplo, nós temos a S..., a S... é engenheira no CEPA, dá aula de eletricidade, dá aula na área de, eu vejo assim, é conforme a sua formação, elas dão aula as mulheres, se elas formam em área de exatas, elas dão essa aula, eu não vejo nenhuma discriminação, claro que a gente ver hoje, antes a gente não via tantas mulheres nessa área de exatas, nessa área mais tecnológica, mas hoje a gente já vê esses horizontes para as mulheres, na área de TI, tínhamos professoras excelentes na área de TI, a professora S... era uma delas, fazia sempre coisas novas e eu também não vejo nenhuma barreira em mim pra ir pra essa área, eu preciso só me dedicar pra estudar pra chegar lá, mas em geral, o que que a gente percebe, os homens mais na área de legislativa, nas áreas das leis, do Direito, lá no CEPA poucos são da área de exatas, mas eu não vejo assim muita diferença, de acordo com a formação a professora dá aula lá.

**Pesquisadora:** O corpo docente do curso em que você trabalha é composto por maioria masculina ou feminina? Isso faz diferença para você?

**Antonietta:** Mais por mulheres. Não. Porque lá é o seguinte quando a gente vai propor os cursos a gente se reúne, todo mundo, vai trabalhar os cursos, a matriz curricular, agora tem muita briga quando a gente vai pra isso, porque, às vezes, não porque tem que ser assim, tem que ser assado, tal, tal, porque tem que justificar, etc., mas não vejo essa diferença, a gente consegue, por exemplo, nós temos práticas que, na área de turismo que vai eu, vai outros professores juntos, eles puxam, às vezes, a disciplina é deles, nos convidam pra ir com eles e nós vamos. Agora assim, faltam muitos recursos, pra fazer mais prática entendeu, mas eles também não são parados, os professores de turismo não são parados, eles são altamente dinâmicos, os que são dessa área, da área de alimentos, de cozinha é mais mulher, é bem mulher, na área de cozinha, na área de turismo tem mais homens, mas na área de cozinha é mais mulher, na área de TI é mais homens também, é que a maioria das disciplinas elas são de TI, e você sabe que a maioria são os homens que estão na frente, a gente não tem muitas professoras no estado na área de TI, vai fazer uma seleção, como eu já participei da seleção de professores para os centros, eu já até participei dessas comissões, mas a maioria nessa área é homem, não é que não dê oportunidade para

as mulheres, é que realmente são poucas as mulheres, eu vejo aqui no estado, nessa área de tecnologia. E até nos cursos mesmo são mais homens do que mulheres.

**Pesquisadora:** No exercício da docência na educação profissional, quais dificuldades foram encontradas por você?

**Antonietta:** Várias dificuldades. Primeira, às vezes, a coordenação pedagógica não sabe o que é educação profissional, aí começa por aí, problema de selecionar professores com as competências e as habilidades adequadas pra aquelas disciplinas e as dificuldades de recursos materiais, de recursos pedagógicos que a gente tem dificuldades pra isso na educação profissional, até mesmo de livros a gente não tem, então, a gente utiliza aquilo que a gente tem, se não tiver, aí é que é ruim porque o professor fica professora a senhora tem alguma coisa, professora a senhora sabe, quando quer dar a disciplina, a senhora já deu uma disciplina sobre isso e tal, e eu vejo assim, o gargalo da educação profissional lá no meu centro são os diretores, porque é uma mudança de diretor, que cada um vem com uma ideia diferente, não dá uma continuidade nas coisas, muda tudo, desviam recursos, às vezes, que é pra educação profissional, pra outras coisas que não tem nada a ver, por exemplo, nessa emenda parlamentar que eu fiz a gestão, pra trazer recurso, nós trouxemos não sei quantos notebooks, não sei quantos saíram dali e foram pra secretaria de educação, o diretor de lá mandou, quer dizer, agora na época da pandemia, tinha muitos professores que não tinham computador, e aí foi embora pra secretaria, foi para o NTE, foi não sei pra onde, foi não sei pra onde os recursos, eu vejo assim que não tem assim uma direção, agora, por exemplo, com essa nossa nova diretora quando ela chegou, pelo menos, ela se empenhou a estruturar essa parte de educação no ensino remoto né, fazer plataforma, ela criou plataforma para os alunos né, capacitou os professores, ela mesmo contratou pessoas pra fazer capacitação, tanto dos professores como dos alunos pra trabalhar em cima da plataforma tá, então, eu vi assim, na área tecnológica com o esforço dela, a gente avançou em relação aos outros centros, porque o nosso centro serviu de modelo para os outros centros. Mas, por quê? Devido essa insistência que a gente dizia tem que continuar, tem que continuar, tem que continuar, aí fomos para os cadernos, para os cadernos de atividade, tivemos que fazer os cadernos, depois fizemos a parte de dar aula pelo *WhatsApp*, até pouco tempo estava dando aula e depois a gente entrou no *Meet* e hoje a gente tem uma plataforma, lá onde a gente coloca os conteúdos pros alunos, coloca a atividade pra ele resolver, então, eu acho assim, que essa última gestão a gente caminhou mais rápido do que todas as outras, na área dessa parte tecnológica.

**Pesquisadora:** Em sua opinião, há diferença entre a docência feminina e masculina?

**Antonieta:** Eu não vejo muito não, não vejo. Porque, por exemplo, os professores de TI, quando a gente tinha o curso de TI, nossa a gente se comunicava muito, trocava muitas ideias, pedia ajuda, eu, por exemplo, tenho hoje o professor C..... que ele me ajuda muito na área de TI, por exemplo, a pouco tempo eu pedi pra ele ajudar, ele estava dando informática aplicada para RH e eu disse professor, então eu vou passar uma pesquisa para as alunas e o senhor vai ajudar as alunas a criar essa pesquisa e fazer essa pesquisa e me dá o resultado de pesquisa em gráfico, quer dizer, muito aberto entendeu, hoje eu vejo os professores mais abertos que eles sabem que eles só têm a aprender, tanto nós com eles e eles com nós, então, não tem que ter essa barreira eu vejo assim que, lá no CEPA a gente já quebrou essa barreira, entre homem ser homem ou mulher que tá na frente, tanto é que eles dizem, a professora Antonieta falou tem que fazer, tem um que fala pra mim (risos), porque, porque eu convenço, convenço ele que tem que mudar (risos), entendeu?

**Pesquisadora:** No ambiente de trabalho, você percebe ações ou atitudes discriminatórias em relação ao profissional do sexo feminino?

**Antonieta:** Não vejo. O que eu vejo dentro da administração pública, lá, não só, é em todo lugar, não na privada eu vejo na pública, essa questão quando muda a gestão vem um monte de gente de fora, que não sabe nada da educação profissional e isso só atrapalha, muda tudo e traz um monte de, teve um diretor que trouxe um monte de gente que encheu o CEPA, para dar aula, mas aula em que? Que não estavam preparados pra dar aula na educação profissional, então, esse era um dos problemas que a gente tinha, que agora a gente já não tá mais tendo, reduziu muito o quadro dos professores, muitos professores tiveram que sair do CEPA, hoje a gente tem falta de professores lá dentro do CEPA, temos falta, alguns professores faleceram, outros professores adoeceram, tiveram que se retirar, e aí, a gente sente falta nesse sentido, antes não, antes era, digamos assim, era um cabide mesmo, hoje já não, por exemplo, teve uma época que eu tive que dá aula pra mais de 40 horas de aula por dia eu dava para o centro não fechar, para não parar. Em compensação tinha uns 300 lá que não faziam nada, porque não tem as competências e as habilidades, tinha não sei quantas pessoas em projeto, não sei o que, não sei o que, que nunca funcionou esse projeto, então, acho que por isso que a J.... mandou eu vim falar contigo porque (risos) ela sabe que eu meto o pau mesmo (risos) eu não tenho medo.

**Pesquisadora:** Não, é porque o critério é assim: a professora que atua a mais tempo no centro, existia um professor mais antigo, mas como eu não vou pesquisar os homens e sim as mulheres, aí a senhora se encaixa.

**Antonieta:** Não, mas tinha a K.... para vir, a K.... também é da mesma época que eu, ela é professora, ela é nutricionista.

**Pesquisadora:** Ela é mais jovem que a senhora?

**Antonieta:** É mais jovem que eu.

**Pesquisadora:** Então, era a senhora mesmo.

**Pesquisadora:** Essas ações ou atitudes, caso existam, lhes causam incômodo?

**Antonieta:** Não, não existem.

**Pesquisadora:** No exercício da docência na educação profissional, você já se sentiu discriminada por ser mulher?

**Antonieta:** Não. Não me senti discriminada porque se não me colocarem não vai ter mesmo, então, (risos), eu vejo assim tem algumas coordenadoras pedagógicas que gostam dá as disciplinas fáceis, não sei o que para os homens, a gente percebe isso entendeu.

**Pesquisadora:** Isso é uma discriminação.

**Antonieta:** Que não dá muito trabalho e tal, às vezes, o professor, ele, é, tem outros empregos, mas ela sabe que eu também tenho outro. Tinham professores lá dentro do CEPA que tinham 60 horas, 80 horas que só trabalhavam à noite e nunca trabalhou de dia, aí foi quando eu soube, que história é essa, não, não vou dar aula a tarde, manda o professor dar noite dar aula a tarde também, ele tem o mesmo que eu, aí começaram a mover assim muito delicadamente isso aí, mas até hoje esse professor só tá à noite, infelizmente tá, então, é uma forma de discriminação, porque ele dá dinheiro para os programas, porque ele vai não sei o quê, sabe essas histórias? Eu faço até cara de paisagem.

**Pesquisadora:** Sendo professora da educação profissional, é importante para você contar como se dá o exercício da docência? Por quê?

**Antonieta:** Com certeza é importante para melhorar. Tem pessoas sabendo como é que é, e ela pode ajudar nessa mudança também.

**Pesquisadora:** Como você se sente ao contar sua história profissional?

**Antonieta:** Eu me sinto assim contribuindo com a educação profissional, principalmente aqui do estado, gostaria que ela realmente ela melhorasse, que ela se desenvolvesse que ela fosse até referência, então, é dessa maneira que eu me sinto.

**Pesquisadora:** Você já ouviu/leu sobre histórias de vida de professoras que exercem a docência na educação profissional?

**Antonieta:** História, história não, mas assim no dia a dia a gente fala muito quando a gente se encontra, como é que está certo, mas não em livros nem em algum tipo de material impresso, mas é, tanto é que o nome da nossa Escola mudou, Josinete de Oliveira Barroso, quando eu fui pesquisar sobre ela, não tem muita contribuição na educação profissional, foi só um título político.

**Pesquisadora:** De que maneira essas histórias de vida, pessoais ou profissionais, podem contribuir com o seu aperfeiçoamento profissional?

**Antonieta:** Nada, eu não vejo assim.

**Pesquisadora:** Como você descreve sua atuação profissional ao longo dessa jornada?

**Antonieta:** De muito percalço, de muito percalço, de recomeço, sempre recomeçando, porque com a própria legislação vem mudando, as leis nos levam a mudar, essas políticas públicas, de mudança, de metodologias ativas, isso eu já conhecia, a questão das metodologias ativas, já fiz curso, etc., eu sempre briguei por isso, mas eu vejo assim que mais é, contribui no caso, essa questão de você está buscando se atualizar, dentro do panorama global, a parte de sustentabilidade, tudo isso a gente tem que tá de olho. Eu digo assim, é um eterno aluno, a gente como professor é um eterno aluno porque a gente tem que sempre estar buscando se capacitar, melhorar, estar a par do que está acontecendo no mundo, não só no nosso nível e que esse mundo vai interferir no nosso local, porque eu digo assim, pensar global e agir local.